



Novos paradigmas comunicacionais junto de públicos com Perturbações Neuro Cognitivas em Museus

Três estórias de obras de arte em Símbolos Pictográficos da Comunicação

Dissertação de Mestrado

Virgínia da Assunção Morais Gomes

Trabalho realizado sob a orientação de

Professora Doutora Célia Sousa, ESECS – IPLeiria

Leiria, Setembro de 2016

Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo-motor | 2014 – 2016

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

Para

Cris, Maria Rita e Nena

Uma tarde, o pai saiu para um passeio com as duas filhas, uma de oito e a outra de quatro anos. Em determinado momento da caminhada, a filha mais nova pediu ao pai que a carregasse, pois estava muito cansada para continuar a andar. O pai respondeu que também estava exausto. Perante a resposta, a garotinha começou a choramingar e a fazer o corpo mole. Sem dizer uma palavra, o pai limitou-se a cortar um galho comprido de uma árvore. Depois, entregou-o à filha, dizendo:

- Olhe aqui um cavalinho para você montar, filha! Ele irá ajudá-la a seguir em frente.

A menina parou de chorar e pôs-se a cavalgar o galho tão depressa que chegou a casa antes dos outros. Ficou tão encantada com seu cavalo de pau que foi difícil fazê-la parar de galopar. A irmã mais velha ficou intrigada com o que viu e perguntou ao pai como entender a atitude da irmã. O pai sorriu e respondeu:

- Assim é a vida, minha filha. Às vezes estamos física e mentalmente cansados, certos de que é impossível continuar. Mas então encontramos um "cavalinho" qualquer que nos dá ânimo outra vez. Esse cavalinho pode ser um novo desafio, uma nova oportunidade no trabalho... O importante é nunca nos deixarmos levar pela preguiça ou pelo desânimo.

Adaptado a partir de Rangel, A. (2003). Novos desafios renovam nosso ânimo. In *O que podemos aprender com os gansos*, vol. I, pp. 79-80

Agradecimentos

Em primeiro lugar, à minha orientadora, Professora Doutora Célia Sousa, cúmplice deste estudo, por ter acreditado e pelo apoio incondicional mas sábio com que apontou caminhos de investigação, e pela alegria constante com que premiava as conquistas alcançadas.

Em segundo lugar, ao Luís Vicente, ‘formiguinha do CRID’, por tudo o que fez para tornar este trabalho possível e pelo seu sorriso constante, apesar dos obstáculos.

Ao Museu Nacional de Machado de Castro, motor de toda a minha demanda para comunicar e gerar nos outros o gosto e a identificação com o legado cultural que se faz (re)viver num Museu.

À Diretora do MNMC, Dra. Ana Alcoforado, por acreditar em mim e por ter disponibilizado todos os meios e tempos necessários à concretização deste estudo.

À Professora Doutora Isabel Santana, coordenadora científica do *EU no musEU*, membro da Alzheimer Portugal e sua representante neste projeto de inclusão, por o divulgar e promover, por nos dar alento renovado com a sua sabedoria, profissionalismo e muita persistência, a cada ano que passa.

A toda a equipa do projeto *EU no musEU*, participantes, cuidadores informais – atuais e ausentes, por motivos diversos – colegas de trabalho, voluntários – e são tantos! – dinamizadores das sessões, investigadores, especialistas, consultores, entre muitas ‘almas’ que conosco colaboram, que nos apoiam e desafiam diariamente a questionar e a buscar novos caminhos e estratégias de estimulação cognitiva, entre outras. E já lá vão cinco anos!

Aos cuidadores informais dos quatro participantes neste estudo, benevolentes, pacientes, que se esforçaram para que tudo corresse muito bem apesar dos horários pouco habituais a que tiveram que levar o companheiro ou as mães, ao Museu.

Aos incansáveis quatro participantes que, sempre a sorrir, aceitaram incondicional e altruisticamente este desafio; partilharam as suas alegrias, histórias, convicções, crenças e ainda se divertiram entretanto.

À Virgínia Rocha, pela presença no projeto e pelo apoio incondicional e proactivo nos bastidores, durante a aplicação deste estudo e nos tempos de reflexão.

À Ivone Tavares que, com sabedoria e paciência, esteve sempre alerta e a lembrar prazos e tarefas, do trabalho e deste estudo.

À Mafalda(inha) Francisco, amiga do curso. Obrigada por tudo.

À Mafalda Almeida, companheira e amiga, que conseguiu estar presente através de um tímido e intermitente *skype*...

Ao Duarte Freitas, que mesmo à distância de um telefonema, esteve presente nas horas de apuro e de dúvidas, com a ‘caixinha’ cheia de documentos e ideias prontos a usar.

Ao Raul Mendes, pela presença vigilante, pelas dúvidas discutidas e por zelar para que as páginas escritas fizessem sentido e correspondessem ao trabalho realizado.

À Margarida Braga, que soube quando era pertinente apoiar e o fez da melhor maneira, tratando de números.

À Vera Lopes, companheira de escritas e de ideais, que acredita e partilha a minha paixão por cativar públicos ditos especiais para o Museu, por se manter operante e vigilante na fase final.

À Paula Sousa, por me escutar, orientar e indicar metodologias de trabalho.

À Lídia Catarino, pelo suporte e persistência no apoio à decisão de estudar de novo; pela presença firme e sábia ao longo deste percurso e sempre que aciono o ‘alerta’.

À Maria Olímpia Braga, ‘irmã’ presente com as suas questões que reorientam.

Ao Dr. Jorge Ribeiro, que me inspira, motiva e desafia. À Maria Helena, que me proponho seguir no amor e compreensão pelos outros, e pelo tanto que me deu e ensinou em tão pouco tempo mensurável.

À Maria Rita, minha filha, a quem devo a paciência de esperar, apoiando sempre e, a sabedoria de amar, mesmo nas horas de mau humor, ou de desalento.

Ao Cristiano, meu marido e companheiro, constante, disponível e eficaz no apoio às tarefas diárias, quando o assunto que me movia era a investigação. Ele, que me ensina a importância dos gestos simples.

Àqueles, todos, Amigos, Colegas, Professores, que não refiro mas a quem devo o que sou e o que dou hoje.

O meu reconhecido Obrigada!

Resumo

Tornar acessível a oferta cultural de um museu é premissa essencial numa sociedade que se quer global e integradora de todos os públicos.

No que concerne ao público sénior, com necessidades especiais, nomeadamente com perturbações neuro cognitivas (PNC), a preocupação de tornar acessível a abordagem da obra de arte passa pelo conhecimento prévio das características específicas dessas doenças degenerativas.

Uma das competências a registar comprometimento mais ou menos acentuado é a comunicação verbal. Assim, a comunicação aumentativa revela-se de especial interesse como mecanismo /instrumento mediador entre a pessoa com perturbação neuro cognitiva e a obra de arte cuja abordagem exerce efeitos benéficos de estimulação cognitiva.

O presente estudo foi desenvolvido no Museu Nacional de Machado de Castro e no âmbito do projeto *EU no musEU*, que visa a estimulação cognitiva e o bem-estar global deste público específico.

Foram criadas três estórias, depois adaptadas em SPC e aplicadas por quatro participantes oriundos do *EU no musEU*. Teve por objetivo avaliar as vantagens destes materiais como facilitadores das competências de comunicação da pessoa com PNC. E perceber das mais-valias das narrativas de obras de arte em SPC no apoio a uma visita auto gerida, e inclusiva, destas pessoas e seus cuidadores, em contexto museológico.

Palavras-chave: museu; perturbações neuro cognitivas; obra de arte; narrativas; comunicação aumentativa e alternativa; visita inclusiva.

Abstract

Ensuring full access to cultural heritage and services, regardless of personal circumstances, is a fundamental commitment of museums towards an inclusive society.

Understanding the needs of elderly visitors, namely those with neurocognitive disorders and other neurodegenerative diseases, is paramount for enabling effective perception and interpretation of art.

As neurocognitive diseases advances, speech and language usage ability declines. In these cases, augmentative communication and other forms of alternative communication are available to help people interact with art, already identified as a powerful resource for mental and physical well-being.

The present research study was carried out at Machado de Castro National Museum, within *EU no musEU* project, that aims to provide cognitive stimulation and general well-being to these audiences.

They were created three stories, later transform into pictographic communication, and used by four *EU no musEU* project participants. The aim was to evaluate the benefits of these adapted stories in helping people with cognitive disorders and language impairments maintain social interaction, and figure out the role of these adapted stories to ensure self-guided visits to museums

Keywords: museum; neurocognitive disorders; work of art; stories; augmentative communication; inclusive visit.

Índice Geral

Agradecimentos	vii
Resumo	ix
<i>Abstract</i>	xi
Índice de Figuras.....	xvii
Índice de Gráficos.....	xix
Índice de Quadros	xxi
Abreviaturas, Siglas e Acrónimos	xxiii
Introdução	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico	5
1 – Envelhecimento: uma questão demográfica atual.....	5
1.1 – Os conceitos de qualidade de vida e de bem-estar para a promoção de um envelhecimento ativo.....	6
2 – Pessoas com Perturbações Neuro Cognitivas do tipo Doença de Alzheimer e seus Cuidadores Informais	9
3 – Inclusão das Pessoas Idosas com Necessidades Especiais em Contexto Museológico.....	11
3.1 – Boas práticas em museus estrangeiros	14
3.2 – Boas práticas em museus portugueses	16
4 – A importância da comunicação como instrumento de intervenção não farmacológica em Pessoas com PNC em museus	18
4.1 – A Comunicação Aumentativa e Alternativa: promovendo outras formas de ler a obra de arte.....	22
4.1.1 – Tipos de Sistemas	23
4.1.2 - Símbolos Pictográficos para a Comunicação (SPC).....	24
5 – Adaptação de estórias sobre obras de arte para a Comunicação Aumentativa	26
Capítulo II – Metodologia	29
1 – Questão de investigação e objetivos do estudo	29
1.1 – Questões de investigação	29
1.2 – Objetivos do estudo	29
1.2.1 – Objetivo geral:	30
1.2.2 – Objetivos específicos:.....	30
2 – Opções metodológicas	30
2.1 – Investigação Qualitativa / Quantitativa.....	31

2.2 – Estudo de Caso	34
2.3 – Instrumentos criados: Três Estórias sobre obras de arte do MNMC	35
2.3.1 – Estórias em escrita fácil	39
2.3.2 – Estórias Adaptadas em SPC	39
3 – Processo de Recolha, Categorização e Análise de Dados	40
3.1 – Caraterização do contexto	40
3.1.1 – Seleção dos Participantes no Estudo	40
3.2 – Recolha de dados	41
3.2.1. Transcrição do registo áudio visual das sessões	42
Capítulo III – Caraterização, análise e discussão dos dados	45
1 – Caraterização dos Participantes	45
2 – Aplicação de estórias sobre obras de arte do MNMC e sua adaptação para SPC: análise dos dados	49
2. 1 – Participante A1	49
2.2 – Participante B1	54
2.3 – Participante B2	60
2.4 – Participante B3	65
3 – Interpretação dos dados	70
3.1 – Comportamentos expressos durante a abordagem da obra de arte	71
3.2 – Comportamentos expressos durante as leituras	71
3.2.1 – Leituras dos textos em escrita fácil (TEF)	72
3.2.2 – Leituras dos textos adaptados em SPC	72
4 – Discussão dos resultados	75
Conclusões	77
Sugestões para estudos futuros	81
Bibliografia	83
Anexo 1: Carta de Apresentação para os Participantes e seus Cuidadores Informais	89
Anexo 2: Declaração da Neurologista Responsável	91
Anexo 3: Formulário de Consentimento Informado	93
Anexo 4: Fichas de Caraterização dos Participantes	99
Anexo 5: Estórias a partir das obras de arte do MNMC (Escrita Fácil e Guias SPC) ..	133
Anexo 6: Fichas de Inventário das peças do MNMC	165
Anexo 7: Grelhas de Transcrição dos registos audio-visuais	177
Anexo 8: Grelhas de Observação de Comportamentos	199

Anexo 9: Estória 2 – <i>D. Berlinda, do Bispo Francisco</i> , com reinterpretação pela participante B2 (2.2.a)	273
Anexo 10: Imagens dos Participantes, durante as leituras	283

Índice de Figuras

Figura 1: Pirâmide etária de Portugal, 2004 – 2014	6
Figura 2: Modelo de comunicação transacional de Ross.....	20
Figura 3: Exemplo de tabelas do Boarmaker®, a partir do sistema SPC – Símbolos Pictográficos para a Comunicação	28
Figura 4: Retábulo Rainha Santa Isabel, MNMC11268 – a pintura (a.) e a localização do retábulo em exposição (b.).....	36
Figura 5: Berlinda, MNMC7350	37
Figura 6: Custódia do Sacramento, MNMC6584 – a peça (a.) e a sua localização em exposição (b.).....	38

Índice de Gráficos

Gráfico 1- Desempenho de A1 ao nível da expressão verbal (Conexões) em todas as aplicações.....	49
Gráfico 2 - Desempenho de A1 ao nível da expressão verbal (Troca de Palavras) em todas as aplicações.....	50
Gráfico 3 – Desempenho de A1 ao nível da Recuperação de Experiências de Vida (Factuais e/ou Emocionais) em todas as aplicações.	51
Gráfico 4 - Desempenho de A1 ao nível da expressão gestual e corporal (Sorri / Ri) em todas as aplicações.....	51
Gráfico 5 - Desempenho de A1 ao nível da expressão gestual e corporal (Indica) em todas as aplicações.....	52
Gráfico 6 - Desempenho de A1 ao nível da expressão gestual e corporal (Olha / Acena) em todas as aplicações.....	53
Gráfico 7 - Desempenho de A1 ao nível da Memória de Trabalho (Atenção / Iniciativa) em todas as aplicações.....	53
Gráfico 8 - Desempenho de A1 ao nível do Tempo de Leitura em todas as aplicações.....	54
Gráfico 9 - Desempenho de B1 ao nível da expressão verbal (Conexões) em todas as aplicações.....	55
Gráfico 10 - Desempenho de B1 ao nível da expressão verbal (Troca de Palavras) em todas as aplicações.....	55
Gráfico 11 - Desempenho de B1 ao nível da Recuperação de Experiências de Vida (Factuais e/ou Emocionais) em todas as aplicações.....	56
Gráfico 12 - Desempenho de B1 ao nível da expressão gestual e corporal (Sorri / Ri) em todas as aplicações.....	56
Gráfico 13 - Desempenho de B1 ao nível da expressão gestual e corporal (Indica) em todas as aplicações.....	57
Gráfico 14 - Desempenho de B1 ao nível da expressão gestual e corporal (Olha / Acena) em todas as aplicações.....	58
Gráfico 15 - Desempenho de B1 ao nível da Memória de Trabalho (Atenção / Iniciativa) em todas as aplicações.....	58
Gráfico 16 - Desempenho de B1 ao nível do Tempo de Leitura em todas as aplicações.....	59

Gráfico 17 - Desempenho de B2 ao nível da expressão verbal (Conexões) em todas as aplicações.....	60
Gráfico 18 - Desempenho de B2 ao nível da expressão verbal (Troca de Palavras) em todas as aplicações.....	61
Gráfico 19 - Desempenho de B2 ao nível da Recuperação de Experiências de vida (Factuais e/ou Emocionais) em todas as aplicações.....	61
Gráfico 20 - Desempenho de B2 ao nível da expressão gestual e corporal (Sorri / Ri) em todas as aplicações.....	62
Gráfico 21 - Desempenho de B2 ao nível da expressão gestual e corporal (Indica) em todas as aplicações.....	63
Gráfico 22 - Desempenho de B2 ao nível da expressão gestual e corporal (Olha / Acena) em todas as aplicações.....	63
Gráfico 23 - Desempenho de B2 ao nível da Memória de Trabalho (Atenção / Iniciativa) em todas as aplicações.....	64
Gráfico 24 - Desempenho de B2 ao nível do Tempo de Leitura em todas as aplicações.....	65
Gráfico 25 - Desempenho de B3 ao nível da expressão verbal (Conexões) em todas as aplicações.....	65
Gráfico 26 - Desempenho de B3 ao nível da expressão verbal (Troca de Palavras) em todas as aplicações.....	66
Gráfico 27 - Desempenho de B3 ao nível da Recuperação de Experiências de vida (Factuais e/ou Emocionais) em todas as aplicações.....	66
Gráfico 28 - Desempenho de B3 ao nível da expressão gestual e corporal (Sorri / Ri) em todas as aplicações.....	67
Gráfico 29 - Desempenho de B3 ao nível da expressão gestual e corporal (Indica) em todas as aplicações.....	67
Gráfico 30 - Desempenho de B3 ao nível da expressão gestual e corporal (Olha / Acena) em todas as aplicações.....	68
Gráfico 31 - Desempenho de B3 ao nível da Memória de Trabalho (Atenção / Iniciativa) em todas as aplicações.....	69
Gráfico 32 - Desempenho de B3 ao nível do Tempo de Leitura em todas as aplicações.....	69

Índice de Quadros

Quadro 1: Cronograma das sessões de leitura.....	42
---	-----------

Abreviaturas, Siglas e Acrónimos

ABVD – Atividades Básicas da Vida Diária

ACESSO CULTURA – Associação de profissionais da cultura que promove a acessibilidade física, social e intelectual aos espaços culturais e à oferta cultural

ADF / DGPC – Arquivo de Documentação Fotográfica da Direção Geral do Património Cultural

AIVD – Atividades Instrumentais da Vida Diária

ANACED – Associação Nacional de Arte e Criatividade de e para Pessoas com Deficiência

AP – Alzheimer Portugal

APDC – Alzheimer Portugal, Delegação do Centro (Pombal)

APFADA – Associação Portuguesa de Familiares e Amigos do Doente de Alzheimer

APPACDM – Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental

AVC – Acidente Vascular Cerebral

AVD – Atividades da Vida Diária

CI – Cuidador Informal

CRID – Centro de Recursos para a Inclusão Digital

DA – Doença de Alzheimer

DCL – Declínio Cognitivo Ligeiro

DCL – Doença de Corpus de Levy

DLF – Degeneração Lobar Frontotemporal

DSM – Diagnosis and Statistical Manual of Mental Disorders

ESECS – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

FPCEUC – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

IPL – Instituto Politécnico de Leiria

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

MNMC – Museu Nacional de Machado de Castro

MNSR – Museu Nacional de Soares dos Reis

MoMA – Museum of Modern Art, New York

NGA – National Gallery of Art, Camberra, Austrália

NEs – Necessidades Especiais

OMS – Organização Mundial de Saúde

PNC – Perturbações Neuro Cognitivas

SPC – Símbolos Pictográficos para a Comunicação

TEF – Texto em Escrita Fácil

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

Introdução

Toda a re-produção é imediatamente interpretação, e quer ser correta enquanto tal. Nesse sentido, também ela é ‘compreensão’ (Gadamer, 1997, p. 19).

As primeiras competências que o ser humano perde ao envelhecer são as últimas que adquiriu no processo de desenvolvimento neuro psicomotor. Entre elas destaca-se a leitura. No caso de indivíduos com Perturbações Neuro Cognitivas (PNC), a leitura como ato cognitivo autónomo deixa de ser possível.

A maioria da informação disponível nos museus é apresentada ao público em textos escritos ou, menos frequentemente, por via de aparelhos áudio: os áudio-guias. Para a pessoa com PNC, mesmo ligeira, que apresenta comprometimento da memória a curto e médio prazo, torna-se extremamente difícil, ou mesmo impossível, entender grande parte de uma descrição áudio que tenha ouvido momentos antes.

Da experiência do projeto de inclusão *EU no musEU*, do Museu Nacional de Machado de Castro (MNMC), revelou-se de grande utilidade dividir em pormenores o fotograma da obra de arte que se está a trabalhar, de modo a aumentar a concentração e a permitir, ao ritmo de cada um, a compreensão do conhecimento sobre o objeto, enriquecendo a sua leitura com reminiscências da história de vida pessoal, o que torna a experiência mais significativa.

Apesar de algumas faculdades cognitivas se notarem comprometidas, estas pessoas conservam, de forma geral e em estádios iniciais da perturbação, a consciência do “belo”, a imaginação, a criatividade, a audição, a comunicação não-verbal, a capacidade de apreensão do mundo por intermédio das imagens, sendo possível, ao potenciar essas competências, promover a socialização entre pares, o que contribui essencialmente para o desejável bem-estar familiar e para a sua inclusão social.

A pergunta de partida para o estudo que ora se apresenta surgiu de um trabalho para a unidade curricular ‘Tecnologias de Apoio’, módulo I, que permitiu, quando aplicado a este público, reconhecer as mais-valias da comunicação aumentativa e a necessidade de criar instrumentos pedagógicos que facilitem o entendimento dos conteúdos expositivos. Escolhida a comunicação aumentativa como base dos instrumentos a criar, era necessário optar pelo sistema a aplicar. Foram escolhidos os Símbolos Pictográficos para a Comunicação (SPC). Isto porque é o sistema mais usado

e reconhecido em 28 países, dos Estados Unidos da América ao Japão, na tradução de informações básicas, ou mais elaboradas, nomeadamente em locais públicos. Sendo símbolos maioritariamente iconográficos, são facilmente entendidos por nativos e por estrangeiros, pois a sua linguagem é universal.

A narrativa através do conto, convertido em imagens – SPC – afigura-se como o passo seguinte no desenvolvimento deste projeto do MNMC.

Mas serão as histórias em SPC um instrumento acessível e facilitador de comunicação, na promoção da autonomia da pessoa com PNC, em contexto museológico?

Para responder a esta questão foram delineados os objetivos e traçadas as estratégias da presente investigação.

Assim, propõe-se como objeto de estudo pessoas com Perturbações Neuro Cognitivas de tipo Doença de Alzheimer, sendo o objetivo geral desta investigação avaliar as vantagens da narrativa em SPC na abordagem mais autónoma e inclusiva da obra de arte pelo participante e seu cuidador informal. Tal permite aferir da possibilidade de, para além da visita auto gerida por ambos, garantir uma maior interação entre pares, que resulte em melhor comunicação, concretizando a acessibilidade intelectual e social que um museu deve promover.

Para avaliar as vantagens da narrativa adaptada em SPC junto de pessoas com PNC, e utilizando por base a metodologia qualitativa de investigação, mais concretamente o método do estudo de caso, procedeu-se do modo que a seguir se descreve. Selecionaram-se três obras de arte do MNMC, de referência para a História e Cultura nacionais e/ou regionais. Tendo em conta as suas cronologias, características formais, iconografia, história, percurso (historial), estilo e função foram criadas três narrativas. Por se referir a uma figura paradigmática da religiosidade portuguesa e do imaginário nacional, foi selecionado o retábulo “Rainha Santa Isabel” que deu origem à Estória 1 – *Isabel, a rainha das rosas*. Carruagem de gala, usada pelo bispo que em Coimbra foi o homem de confiança do Marquês de Pombal, reitor da Universidade e ocupante do paço episcopal onde atualmente se encontra instalado o MNMC, a Berlinda de D. Francisco de Lemos Pereira Coutinho deu o mote à Estória 2 – *Dona Berlinda, do Bispo Francisco*. Por último, a grande custódia proveniente do Convento do Sacramento, em Lisboa, obra máxima do barroco português, pela qualidade estética e pelo encantamento que provoca no visitante em geral devido à sua beleza e museografia foi a ‘musa’ da Estória 3 – *O Anjo que mostra a grande custódia, a Custódia do*

Sacramento. As três narrativas foram trabalhadas em texto de escrita fácil (TEF) que depois se adaptou, através de *software* adequado, em SPC.

Do projeto *EU no musEU* foram selecionados quatro participantes com PNC do tipo Doença de Alzheimer (DA) em dois estádios diferentes – dois com PNC moderada, com mais de dez anos de diagnóstico e frequentadores do MNMC, e outros dois com PNC ligeira, com menos de cinco anos e desconhecedoras do Museu.

Com estes quatro participantes foram testadas as duas tipologias de narrativa: primeiro o TEF e depois a adaptação a SPC, realizada duas vezes sobre a mesma estória.

A exploração das obras de arte que fundamentam cada uma destas três estórias criadas, e a sequente aplicação das leituras foram realizadas por meio de diálogo orientado, num processo de observação participante que permitiu recolher os dados das aplicações em situação, através de vídeo-gravação e observação direta.

As sessões de leitura decorreram ao longo de sete semanas e a partir dos dados recolhidos e prosseguindo os objetivos delineados. Foi elaborada uma “Grelha de Observação de Comportamentos” cujos índices de análise permitiam, à partida, verificar das competências de comunicação verbal e não-verbal das leituras dos dois tipos de narrativa aplicados.

Do estudo de caso narrado resulta a dissertação que agora se apresenta, que se desenvolve em três capítulos, precedidos de introdução.

O **primeiro capítulo** corresponde ao enquadramento teórico a partir dos conceitos de envelhecimento na atualidade, de qualidade de vida e de bem-estar do idoso em geral e do idoso com perturbações neuro cognitivas em particular; aborda ainda os conceitos de inclusão destes públicos em museus, apresentando casos paradigmáticos de projetos que promovem a sua acessibilidade intelectual e social no estrangeiro e no nosso país. Com base nas teorias sobre comunicação verbal e não-verbal, procura-se ainda neste capítulo elencar algumas das competências da comunicação passíveis de ser trabalhadas em museus, com base na comunicação aumentativa e alternativa.

No **segundo capítulo** descreve-se a metodologia adotada, as questões de investigação, os objetivos propostos, o tipo de técnica utilizada na investigação – um estudo de caso, descritivo –, os instrumentos criados (três estórias sobre obras de arte) e o processo de recolha, categorização e análise de dados.

No **terceiro capítulo**, e último, caracterizam-se os participantes e analisam-se os seus desempenhos durante as aplicações das leituras das três estórias, em TEF e em SPC, decompondo os resultados obtidos, por meio de gráficos sobre oito índices de análise representativos dos desempenhos das leituras, para cada participante. Nele se apresenta ainda a discussão dos resultados obtidos.

As **conclusões** procuram aferir da prossecução dos objetivos propostos, isto é, das vantagens da comunicação aumentativa e alternativa, em SPC, junto de pessoas com PNC em contexto museológico, e ainda assinalar os constrangimentos verificados, nomeadamente ao nível dos instrumentos criados, e definir pistas de abordagem futuras.

Por último listam-se as referências bibliográficas dos documentos consultados e citados ao longo deste trabalho, nas três áreas principais da investigação: o envelhecimento e as perturbações neuro cognitivas, a acessibilidade intelectual e social de pessoas com PNC em museus, a comunicação aumentativa e alternativa.

Rematam esta dissertação os anexos, que permitirão elucidar sobre aspetos específicos do processo de investigação que agora se apresenta.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

1 – Envelhecimento: uma questão demográfica atual

Pensar sobre o envelhecimento na segunda década do século XXI implica ter em conta um conjunto de questões de grande complexidade que dizem respeito a todos:

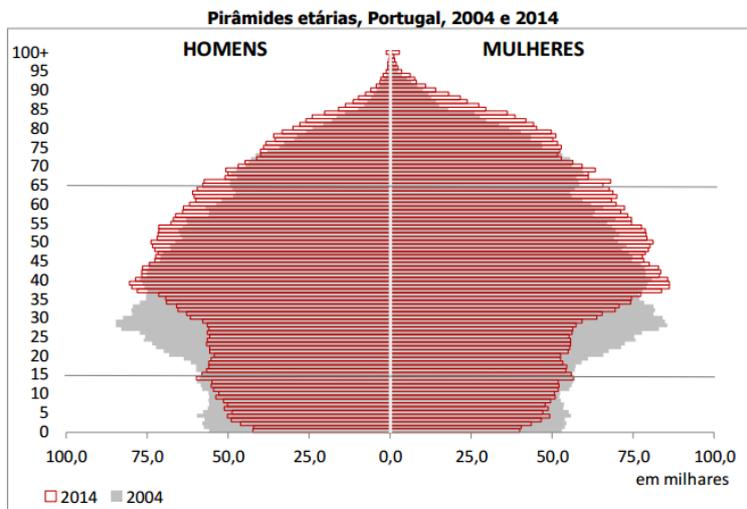
- o crescente envelhecimento da população mundial, com a consequente inversão da pirâmide demográfica;
- o aumento da população em idade ativa, embora reformada, disponível e com condições económicas;
- menores condições de mobilidade;
- maior probabilidade de isolamento devido às alterações económicas que modificaram a estrutura familiar e social.

Perante este cenário, os agentes culturais têm a responsabilidade de criar conteúdos que facilitem a acessibilidade física, intelectual e social desta a população.

Em Novembro de 2014, a Organização Mundial de Saúde (OMS)¹ divulgou a previsão de que em 2050 a população mundial com mais de 60 anos (atualmente a rondar os 400 milhões de pessoas), alcançará os dois mil milhões. Prevê-se que, em 2020, o número de pessoas com mais de 60 anos ultrapasse o das crianças até cinco anos. Segundo aquela organização, “as doenças crónicas e o bem-estar dos idosos serão os novos desafios de saúde pública global (OMS, 2014).” Torna-se assim urgente que os governos e os seus sistemas de saúde e segurança social desenvolvam estratégias eficazes no sentido de resolver os problemas de cuidados que se avizinham, devido ao aumento da população idosa e ao crescimento da esperança média de vida. Este fenómeno tem-se acentuado desde as últimas décadas do século XX, verificando-se, do outro lado da pirâmide etária, uma notória diminuição da taxa de natalidade.

¹ *O Mundo terá 2 mil milhões de idosos em 2050. A OMS diz que 'envelhecer bem deve ser uma prioridade global'*. In ONUBR – Nações Unidas no Brasil, em 07/11/2014 [notícia online].

Figura 1: Pirâmide etária de Portugal, 2004 – 2014



Fonte: Economia e Finanças; [online], em <http://economiafinancas.com>

Portugal segue esta tendência e se a sua população em pouco ultrapassa os dez milhões (10.297.868), o número de pessoas com mais de 60 anos é já de 2,8 milhões (27,1 %), conforme dados divulgados pela Help Age Internacional (2015). Assim, a esperança média de vida alterou-se significativamente nas últimas décadas, sendo previsível que uma pessoa com 60 anos possa viver mais 24, e desses poderá gozar previsivelmente cerca de 17 com saúde.

1.1 – Os conceitos de qualidade de vida e de bem-estar para a promoção de um envelhecimento ativo

Continuamente alteramos as nossas características pessoais, as nossas necessidades. Envelhecer é mudar (desde que nascemos). Quanto maior a idade, mais vincadas as diferenças entre nós, pois, ao longo dos anos os percursos e os sulcos (marcas psicológicas e rugas) tomam cada um ainda mais especial. Esta marca de singularidade é a cultura pessoal de cada indivíduo – a qual requer compreensão e respeito – e, se necessário, apoio. (Pessoa., Gomes, & Lopes. 2013, p. 1)

O envelhecimento é um fator potenciador de vulnerabilidade física e intelectual. Em consequência, uma população envelhecida e com maior esperança de vida terá maior probabilidade de conviver com a senilidade e com um risco acrescido de casos de Perturbações Neuro Cognitivas.

Às situações de declínio cognitivo ou mesmo de demência senil, associados amiúde a comorbidades, acresce o isolamento familiar e social. O idoso vive por vezes só, sem comunicar com a família, os vizinhos, a comunidade que o rodeia e onde deveria estar inserido, mas que lhe é alheia.

Segundo Neto (2000), citado por Teixeira (2010, p. 3), têm sido identificadas diferentes formas de solidão associadas a diversos sentimentos. Por exemplo, Weiss (1973, citado por Neto, 1992; 2000, e Teixeira, 2010, p. 4) distinguiu a solidão social, em que uma pessoa se sente insatisfeita e solitária por causa da falta de amigos e de pessoas conhecidas, da solidão emocional, em que se está insatisfeito e solitário por causa de uma relação pessoal, íntima. E existem muitos idosos que vivenciam a solidão emocional, em grande medida pela perda do companheiro.

No primeiro relatório publicado em Portugal sobre museus e público sénior, Teixeira, Faria & Vlachou (2012, p. 9) apontava novos modos de entender o idoso e de transformar positivamente as suas competências e disponibilidades:

Os riscos que pesam sobre o envelhecimento não podem, no entanto, ensombrar as perspectivas de vida num horizonte de longevidade acrescida em melhores condições económicas e de saúde. A organização desta fase do curso de vida dependerá em muito da evolução das condições demográficas, sociais e económicas, mas também das reações [e adaptações] dos indivíduos às mudanças que afetam os processos de envelhecimento. É, pois, necessário esboçar as tendências que se perspectivam para o envelhecimento e realizar uma incursão sobre a ocupação do tempo dos atuais seniores como antevisão de possíveis evoluções dos modos de vida e da sua adequação à orientação gerontológica hoje dominante – o envelhecimento ativo.

Tal como Teixeira, Faria & Vlachou, também Fonseca (2010, p. 126), pela via da psicologia do desenvolvimento, defende que existe já uma perspectiva positiva sobre esta fase da vida que demonstra que “a melhor forma de prevenir os ‘problemas do envelhecimento’ é focar a atenção na valorização das pessoas mais idosas e promover mudanças positivas na segunda metade da vida, em ordem a uma adaptação cada vez mais bem sucedida entre as competências individuais e as exigências ambientais.” Esta visão (na sequência da teoria bio ecológica de Bronfenbrenner, & Morris, 1998), defende que “é importante atender aos múltiplos caminhos por meio dos quais os indivíduos idosos, estabelecendo trocas dinâmicas com os contextos que habitam, não

cessam de criar para si próprios e para os que os rodeiam, oportunidades de desenvolvimento positivo.”

Daí que faça sentido o conceito de Aprendizagem ao Longo da Vida² (CCE, 2000, p. 25), que revela o esforço da União Europeia, e de Portugal em particular, para adequar formação e atividade, motivando e potenciando as competências e anseios desta população, de modo a melhorar a sua qualidade de vida, inclusivamente através das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), que proporcionam um contacto mais amplo e diversificado com o Mundo.

De acordo com Moura (2006), citado por Gonçalves & Neto (2013, p. 70) “envelhecer com saúde, autonomia e independência, afigura-se presentemente um desafio para todos, sendo que a promoção do envelhecimento saudável diz respeito a diferentes setores, designadamente à saúde, segurança social e educação”.

A estratégia internacional para enfrentar os desafios do aumento quantitativo das pessoas com mais de 60 anos de idade, tem por objetivo garantir a inclusão social desta faixa da população. Desta forma, o Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento³ prevê a capacitação destas pessoas para que atuem plena e eficazmente na vida económica, política e social, inclusive mediante o trabalho remunerado ou voluntário (ONU, 2002).

Note-se, a este propósito, que o conceito *Qualidade de Vida* é amplo e inclui uma variedade de condições que não se limitam às de saúde, ao controlo de sintomas e a intervenções médicas. É também influenciado por tendências relacionadas com a educação, com o bem-estar psicossocial e com interações ambientais (Inouye, 2008). A definição que atualmente é mais conhecida e divulgada é a da OMS, que define a qualidade de vida como sendo “a perceção do indivíduo da sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores nos quais vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (OMS, 1995 cit. por Inouye, 2008, p. 22). Esta definição inclui seis domínios principais: a saúde física; o estado psicológico; os níveis de independência; o relacionamento social; as características ambientais; e o padrão espiritual. No seu âmbito inclui-se, precisamente, o direito a uma informação e

² “As orientações para o emprego proporcionam um enquadramento eficaz para promover reformas estruturais, fixar objetivos e acompanhar os programas conseguidos na execução das iniciativas estratégicas, nomeadamente no domínio da aprendizagem ao longo da vida.”

³ Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, Madrid, 2002.

educação de qualidade, respeitando os direitos igualitários de fruição e criação de cultura. Em termos de diretrizes, podemos constatar esta preocupação em alguns documentos de referência: na Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), artigo 27.º, onde é afirmado, no seu ponto 1, que todas as pessoas têm o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam (Pessoa, Gomes, & Lopes, 2013).

2 – Pessoas com Perturbações Neuro Cognitivas do tipo Doença de Alzheimer e seus Cuidadores Informais

A demência, ou PNC, mais especificamente devidas a Doença de Alzheimer (DA), Degeneração Lobar Frontotemporal (DLF) ou ainda a Doença de Corpus de Levy (DCL), “são perturbações nas quais o défice de cognição não esteve presente desde o nascimento ou desde uma fase precoce da vida, representando assim um declínio em relação a um nível anterior de funcionamento (APA, 2014, p. 707).” Segundo o mesmo manual de diagnóstico das perturbações mentais, as PNC têm um diagnóstico médico de “declínio cognitivo significativo ou modesto em relação a um nível prévio de desempenho num ou mais domínios cognitivos (atenção complexa, funções executivas, aprendizagem e memória, linguagem, capacidade percetivo-motora ou cognição social)” (APA, pp. 720-721). Esta degeneração cognitiva, *major* ou ligeira, geralmente de evolução lenta, conduz a alterações no comportamento, na personalidade e na capacidade funcional do indivíduo, e a graduais dificuldades na realização das atividades da vida diária (AVD), até à perda da autonomia e ao alheamento do meio envolvente.

Um estudo recente de Santana *et al.* (2015), relativo à demência e DA em Portugal, estimava que em 2013 havia aproximadamente 160 287 pessoas com demência, o que correspondia a 5,91 % da população com mais de 60 anos. Estes investigadores especificam que, “no grupo etário dos 60-64 anos existirão 5795 doentes, mas à medida que avançamos na idade o número de doentes aumenta e, após os 85 anos, serão cerca de 62826. Assim, é entre os grupos etários mais avançados que encontramos

o maior número de doentes (...). De acordo com a nossa estimativa, é nos grupos etários acima dos 80 anos que se encontram mais de 64% das pessoas com demência.”

Santana *et al* (2015)., explica ainda que a DA é a mais prevalente das entidades patológicas da demência, com 50 a 70% dos casos. Assim, associado ao envelhecimento, verifica-se um aumento de Perturbações Neuro Cognitivas (*e.g.* demência), tendo notícia de cerca de nove milhões de cidadãos europeus diagnosticados com uma das várias formas de demência (Alzheimer Europe, 2013), existindo no nosso país 182 526 casos confirmados.

Estes são dados alarmantes acerca dos quais importa refletir, especialmente sobre as implicações para a sociedade em geral, em termos de estratégias de prevenção e de atuação. O paradigma da inclusão tem como principal finalidade a promoção da cidadania e da qualidade de vida através da estruturação de oportunidades para a sua concretização, nomeadamente pelo acesso a serviços de apoio (Lopes & Gomes. 2015).

No âmbito do apoio efetivo e especializado a pessoas com demência, aos seus cuidadores informais e ao seu círculo familiar, destaca-se a Alzheimer Portugal (AP)⁴. Criada em 1988, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) especificamente criada para promover a qualidade de vida destes doentes e seus familiares. Membro da Alzheimer Europe, mantém redes de trabalho na prevenção da DA, promovendo o seu estudo, apoiando a investigação das suas causas, sintomas, profilaxia e tratamentos. Promove ações de informação e de sensibilização junto dos cuidadores, dos profissionais de saúde, de serviço social e das várias áreas de intervenção terapêutica, assim como do apoio jurídico. Desde 2013 conta ainda com um lar e centro de dia, a Casa do Alecrim, para alojamento e tratamento de idosos com diagnóstico do espectro da DA. A intervenção da AP ao nível social traduz-se num vasto leque de ofertas, desde o ‘Café Memória’ até ações de informação, de sensibilização e de convívio, das quais se destaca o ‘Passeio da Memória’ que anualmente decorre em várias cidades do país.

⁴Designada por Associação Portuguesa de Familiares e Amigos dos Doentes de Alzheimer (APFADA), cujo *website* é: <http://alzheimerportugal.org/pt/alzheimer-portugal>

3 – Inclusão das Pessoas Idosas com Necessidades Especiais em Contexto Museológico

Entendendo alguns comportamentos adaptativos do ser humano em geral e do idoso em particular ao ambiente em que se insere e às capacidades que vai perdendo, recorda-se Fonseca, quando elucida que “se é verdade que a biologia estabelece normas que limitam os resultados desenvolvimentais possíveis, também é verdade que a cultura – quer a colocada à disposição do indivíduo, quer a criada por ele – pode compensar, em larga medida, lacunas em termos de especialização adaptativa” (Fonseca, 2007, p. 288).

É atualmente reconhecido, inclusivamente entre os profissionais de saúde, que a intervenção nas PNC passa essencialmente por dois tipos de abordagens: a farmacológica e a não-farmacológica. Segundo Inouye (2008, p. 16), citado por Ferreira & Lopes (2013, p. 5) “a abordagem farmacológica atual, além de apenas sintomática, é incapaz de impedir de forma definitiva a característica degenerativa progressiva da doença, o que compromete não somente o bem-estar e a qualidade de vida do indivíduo, mas também das pessoas próximas a ele.” Os medicamentos existentes, embora não possam evitar a progressiva perda neuronal, podem ajudar a estabilizar e a minimizar alguns sintomas, criando condições para um bem-estar psicológico e social que será potencializado com a intervenção não farmacológica. Esta passa pela conceção de um programa específico que pode funcionar em paralelo, atuando ao nível da atenção, da memória de trabalho e até da cognição social, englobando outras perspetivas, como estratégias associadas à educação, exercícios físicos, reabilitação cognitiva, atividades sociais e artísticas, que ajudam a estabilizar ou até mesmo conduzem a uma melhoria discreta dos sintomas da doença, produzindo benefícios substanciais ao nível da qualidade de vida e do bem-estar geral da pessoa com PNC.

De acordo com Ferreira & Lopes (2013, p. 6), considera-se que “a intervenção não-farmacológica visa maximizar o funcionamento cognitivo e o bem-estar da pessoa com demência, bem como ajudá-la no processo de adaptação à doença. São assim

estimuladas as capacidades da pessoa, preservando pelo maior período de tempo possível a sua autonomia, conforto e dignidade.” Cuidar de uma pessoa com demência provoca desgaste emocional, psicológico e/ou financeiro para a família e/ou cuidador, uma vez que o tratamento é caro e o paciente perde gradualmente as suas funções motoras e de aprendizagem, evoluindo para quadros de total dependência, como se pode verificar nos vários estádios de evolução das PNC.

Estes programas paralelos à intervenção farmacológica envolvem, na maioria das vezes, ou quase sempre, interação com os pares (pessoas na mesma situação). Isto cria laços sociais, entendimentos e trocas de experiência, perante a situação de confronto da perturbação e, mais ainda, reintegradoras ao nível emocional e social. Estes benefícios são exponenciados se for tida em conta a repercussão que este bem-estar vai exercer no cuidador informal e no meio familiar.

A terminologia ‘cuidador informal’ diz respeito ao familiar direto, que cuida e convive diariamente com a pessoa com PNC. Por seu turno, o termo ‘cuidador formal’ é um profissional, remunerado, geralmente da área da saúde, que acompanha a pessoa nas AVDs, nas AIVDs e nas atividades de lazer.

Recorde-se que já a Declaração Universal dos Direitos Humanos⁵ afirma que: “Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam.”

À fruição e deleite da obra de arte está subjacente um conjunto de atividades que a tornam possível e estão plasmadas na definição de Museu, do International Council of Museums (ICOM)⁶: “O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite. (ICOM, 2007).”

⁵ “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, artigo 27º, ponto 1, 1948.

⁶ Em Portugal, a Lei – Quadro dos Museus Portugueses, define museu da seguinte forma: “Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite: a) Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objetivos científicos, educativos e lúdicos; b) Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade.”

Neste contexto, a ação das instituições museológicas, dada a especificidade do seu âmbito cultural e da sua natureza de educação informal e não formal, poderá ser um catalisador de aprendizagem transformativa dos seus participantes, através da fruição cultural, contribuindo para uma mudança da forma de leitura do mundo e conseqüente consciencialização dos agentes envolvidos. A este respeito, Hein (2000, p. 37, citado por Lopes & Gomes, 2015) afirma que *“museums mediate among and between social groups by offering tangible means for the production and delivery of experiences (...) the current dynamic is toward greater integration in a world of many communities, but also toward greater acknowledge of their differences”*⁷.

Hein (2000) aborda a questão da multiculturalidade ou universalidade da oferta de um museu relativamente aos públicos cada vez mais diversificados que com ele interagem.

Em Portugal, vão-se intensificando algumas práticas que preconizam e registam mudanças de atitude e de entendimento da missão de museu (enquanto mediador de afetos, de memórias e de significados culturais entre o património e os públicos), na prática dos profissionais dos museus, no sentido da divulgação mais efetiva e interativa do património cultural imóvel, móvel e intangível (comumente designado por imaterial), que se conserva nos espaços museológicos junto dos diferentes públicos. Sendo mais notória a preocupação com a acessibilidade física aos museus, que resulta numa multiplicação de organizações com esse objetivo, nos últimos dez anos verificou-se a criação de associações com a missão de tornar a arte e a cultura acessíveis aos níveis social e intelectual. A Associação Nacional de Arte e Criatividade de e para Pessoas com Deficiência (ANACED) é uma dessas entidades, que se destaca desde 1988 na promoção e divulgação das capacidades artísticas das pessoas com deficiência, e na informação sobre todas as expressões de arte que direta ou indiretamente contribuam para o seu desenvolvimento global (ANACED, 2014)⁸. Com data de nascimento um pouco posterior, em 2003, o GAM (Grupo para a Acessibilidade nos Museus), formado por profissionais da cultura e outros interessados nas questões da acessibilidade (física, social e intelectual), após dez anos de atividade, deu origem à

⁸ Nesse sentido, a ANACED, enquanto órgão divulgador de boas práticas de inclusão, refere, no seu *Manual de Boas Práticas*, desde 2012, o projeto *EU no musEU*, juntamente com outros dois (*‘Construa pontes e não barreiras’*- para pessoas com comprometimento cognitivo e Trissomia 21 – e *NÓS no musEU* – para pessoas em situação de vulnerabilidade social, com seis subprojectos), promovidos pelo MNMC.

ACESSO CULTURA, que nasceu em 2013⁹ e promove a divulgação das boas práticas de acessibilidade nos museus, premiando-as com o PAC – Prémio Acesso Cultura¹⁰. Esta associação desempenhou, nos últimos dois anos, um papel fundamental na consultoria e formação dos profissionais da cultura, de todas as áreas e especificamente dos museus, na sensibilização para a promoção da acessibilidade global para todos os públicos, nomeadamente através da realização de *workshops*, debates e cursos de formação, entre outros.

Na atual sociedade digital, sobressai o trabalho meritório de alguns fóruns e grupos de trabalho que, reunindo profissionais dos museus e públicos de várias áreas profissionais e interesses pessoais, vão paulatinamente criando hábitos de inclusão e de abertura sistemática dos museus à sociedade em que se integram, *e.g.* a Porto dos Museus (online) e a Museologia.com (online).

3.1 – Boas práticas em museus estrangeiros

Tendo em vista a promoção da qualidade de vida dos seus cidadãos, tem-se verificado, nas últimas duas décadas um fenómeno de diversificação da oferta programática das instituições museológicas um pouco por todo o Mundo, com especial ênfase para os públicos com Necessidades Especiais (NEs), da qual importa aqui destacar a que se destina a públicos com PNC de tipo DA e seus cuidadores.

Atualmente, em vários pontos do globo, existem projetos de intervenção ou de pesquisa e prevenção dirigidos especificamente a estes públicos, nomeadamente na Europa, em Espanha (o Museu de Belas Artes de Murcia), em Inglaterra (a Rede de Museus de Liverpool) e na Irlanda do Norte, com o programa de Demência dos Museus do Norte da Irlanda e com o ‘Azure Project’, implementado na Butler Gallery Kilkenny, e no Museu Irlandês de Arte Moderna (IMMA). Nos Estados Unidos da América, destaca-se o projeto do Museu de Arte Moderna, MoMA – replicado por 11 museus de diferentes estados americanos – secundado pelo projeto ‘Met Escapes’ do Metropolitan Museum of Art, ambos em Nova Iorque. Também na Austrália existem

⁹ A Acesso Cultura (AC) deu seguimento ao GAM – Grupo para a Acessibilidade nos Museus, grupo informal de trabalho, com os mesmos objetivos, criado em 2003.

¹⁰ Na edição de 2015 o PAC distinguiu o MNMC com a Menção Honrosa, pelo projeto *EU nomusEU*.

dois programas: um na Galeria Nacional da Austrália, em Camberra e ainda o Programa Nacional dos Museus da Austrália, que resulta das sinergias de vários museus para intervir junto destes públicos.

Na intervenção através da exploração da obra de arte, destaca-se o MoMA, Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, desde 2007, com o projeto ‘Meet me’, para pessoas com DA e outras formas de demência e seus cuidadores (maioritariamente formais). No seu *site*¹¹ disponibiliza filmes, cursos, *workshops* e outros materiais didáticos específicos. Desde 2014 tem disseminado o projeto por outros 11 museus dos Estados Unidos da América, sendo ainda replicado, com adaptações formais ou metodológicas, noutros museus da Europa. A dinâmica das sessões contempla, na abordagem das temáticas e das obras de arte, as pessoas com PNC e os seus cuidadores.

‘House of Memories’¹² é o culminar de um projeto de investigação (médica, entre outras áreas), integração e prevenção da demência, criado pela rede dos Museus Nacionais de Liverpool. Entre 2004 e 2006, procederam ao levantamento e estudo da população idosa da cidade e seus arredores, num projeto de investigação que culminou na criação da “House of Memories”, um espaço único de reabilitação das memórias pessoais e coletivas, realizado com reproduções de objetos antigos, originais ou cópias, do passado de Liverpool e do Reino Unido, que servem de base para a estimulação cognitiva do idoso com PNC. Conforme o referenciado na página oficial da rede de Museus de Liverpool:

House of Memories is centered on the fantastic objects, archives and stories at the Museum of Liverpool and is delivered with drama interpretation. The programme provides social care staff, health and housing staff, in domicile and residential settings, with the skills and resources they need to inform their practice and support people living with dementia.

Do outro lado do Mundo, a National Gallery of Australia (NGA), apresenta o Programa ‘Art & Dementia’, que teve início em 2007, em Camberra. De acordo com a responsável por esta iniciativa, “uma visita com base no debate sobre as obras de arte

¹¹ <https://www.moma.org/meetme/>

¹² *In website* do projeto dos Museus de Liverpool:
<http://www.liverpoolmuseums.org.uk/learning/projects/house-of-memories/booking.aspx>

promove a estimulação intelectual e a inclusão social”¹³. Uma das estratégias utilizadas neste projeto é a dramatização das temáticas.

Em todos os projetos, as pessoas com PNC desenvolvem as atividades em conjunto com os seus cuidadores, sendo de realçar que no caso do MoMa e da NGA se trata de cuidadores formais, contratados particularmente, independentemente das atividades destes Museus.

3.2 – Boas práticas em museus portugueses

As PNC não têm sido objeto de estudo relevante em Portugal, no que respeita à intervenção não farmacológica, através da exploração das obras de arte. A primeira iniciativa portuguesa nesse sentido foi realizada pelo Centro de Arte Moderna (CAM) da Fundação Calouste Gulbenkian, em 2010-2011, sem resultados conhecidos, uma vez que a população com PNC fazia a visita associada a grupos de um lar de idosos com diferentes patologias.

No Porto, em 2014, o Museu Nacional de Soares dos Reis (MNSR) deu início ao projeto “Pela Arte Restaurar Memórias, Desenhar Sorrisos”. Desenvolvido entre fevereiro e julho de cada ano, com sessões semanais (intercalando a exploração da obra de arte e os ateliers), destina-se a pessoas com PNC e seus cuidadores (sessão conjunta) utentes de ambulatório do serviço de Psiquiatria Geriátrica do Hospital Magalhães Lemos. Tem a particularidade de a psicóloga clínica que orienta os utentes para o MNSR não repetir os participantes, *e.g.* cada pessoa com PNC só frequenta o Museu, ao abrigo deste projeto, juntamente com o seu cuidador informal, durante um ano. Depois, alguns continuam a fazê-lo por iniciativa própria. De forma mais esporádica, em 2011 o Hospital Conde Ferreira tomara uma iniciativa de programação de “complemento à terapia”, por iniciativa de uma escultora contratada por aquela unidade hospitalar, através de visitas ao MNSR com os seus utentes, numa interação de arte terapia que não tem regularidade (em média cinco a seis visitas por ano) mas que coloca em diálogo várias épocas e áreas artísticas, numa estratégia de estimulação que contempla também sessões conjuntas de pessoas com PNC e seus cuidadores.

¹³ Extraído do *website* da NGA: <http://nga.gov.au/ArtDementia/>

Entretanto, a de 9 de Novembro de 2011 começou no MNMC, o projeto *EU no musEU*, resultante da vontade de incluir público com PNC (ligeira ou moderada) e seus cuidadores informais, promovendo melhor qualidade de vida para ambos.

É um projeto de investigação-ação, numa parceria com a Alzheimer (Portugal), Delegação do Centro¹⁴, a partir do modelo de estimulação cognitiva aplicado pelo MoMA. Conta atualmente com 46 sessões mensais, realizadas ao longo de quatro anos. A investigadora da presente dissertação de mestrado é coordenadora do projeto ao nível da História da Arte e da Museologia e dinamizadora das sessões do grupo das pessoas com PNC. O desenvolvimento do *EU no musEU* resulta das sinergias de uma vasta equipa multidisciplinar composta por dinamizadores, colaboradores e cuidadores formais, que acompanham cada pessoa com PNC, sendo a maior parte dos seus membros voluntários.

O público-alvo deste projeto é composto por indivíduos com PNC, do espectro de DA, que varia desde o defeito cognitivo ligeiro com manutenção da autonomia funcional até à demência moderada.

Tem como objetivos gerais:

- Promover o bem-estar e a inclusão social de pessoas com PNC e seus cuidadores informais;
- Estimular ao nível cognitivo as pessoas com PNC e seus cuidadores informais, mediante a fruição e (re)interpretação de obras de arte do MNMC.¹⁵

Este projeto separa as pessoas com PNC dos seus cuidadores informais, com a consciência de que estes precisam de tempo e espaço para si, enquanto pessoas e enquanto cuidadores. Assim, beneficiam também de sessões de fruição e reinterpretação das obras de arte, por vezes desenvolvidas por investigadores externos, de áreas complementares da Museologia, numa perspetiva de educação não formal que se pratica de forma assumida junto do público sénior. As sessões são complementadas por dinâmicas de grupo, yoga e biodanza, orientadas por uma facilitadora que oferece os seus serviços a este projeto.

¹⁴ Representada pela Prof. Doutora Isabel Santana, neurologista do CHUC, investigadora da DA e coordenadora científica deste projeto.

¹⁵ In website do projeto *EU no musEU* <http://mmgms.wixsite.com/eunomuseu>

Por seu turno, o grupo das pessoas com PNC é dinamizado por uma conservadora do Museu e por um contador de histórias (atualmente) ou um ator (até 2015) que, numa estratégia de dramatização abordam as obras de arte ou temas com elas relacionados, num diálogo que a partir das histórias de vida dos participantes, promove a estimulação cognitiva, a autoestima e a relação interpessoal do grupo. O voluntariado de profissionais de diferentes áreas tem permitido, ao longo dos cinco anos do *EU no musEU* que estas pessoas sejam acompanhadas e estimuladas durante as sessões por cuidadores formais, enquanto simultaneamente, o cuidador informal faz uma pausa do dia-a-dia rotineiro e isolado a que facilmente são devotadas estas famílias.

O *EU no musEU* vem mencionado desde 2012 no *Manual de Boas Práticas* da ANACED¹⁶, foi distinguido com a Menção Honrosa do Prémio Acesso Cultura (PAC) de 2015, para a acessibilidade física, intelectual e social, vem referido no blog de museus e cultura “Musing on Culture”¹⁷ e foi ainda notícia na revista ‘Sábado’ (11-02-2016) relacionando-o com o projeto do MoMA, realçando os benefícios da comunicação com estes públicos, em contexto museológico.

Até à data, os resultados obtidos, com alguns estudos e efetuados com cuidadores informais, revelam que a experiência de fruição da cultura resulta numa melhoria na qualidade de vida daquele de quem cuidam, na sua satisfação e bem-estar, na sua auto estima e na potenciação de aprendizagens e partilha de opiniões enquanto cuidadores (MoMa, 2009; National Museums of Liverpool, 2012).

Pretende-se que no futuro estes projetos se traduzam numa oferta programática dos museus, disponível para todos, pois só assim se poderá verdadeiramente falar de inclusão (Lopes & Gomes, 2015).

4 – A importância da comunicação como instrumento de intervenção não farmacológica em Pessoas com PNC em museus

¹⁶ ANACED (2015). 4. Promoção da Acessibilidade a Espaços Culturais e a Programas de Educação e Participação Cultural. Projetos exemplificativos de Boas Práticas – *EU no musEU*, p. 134.

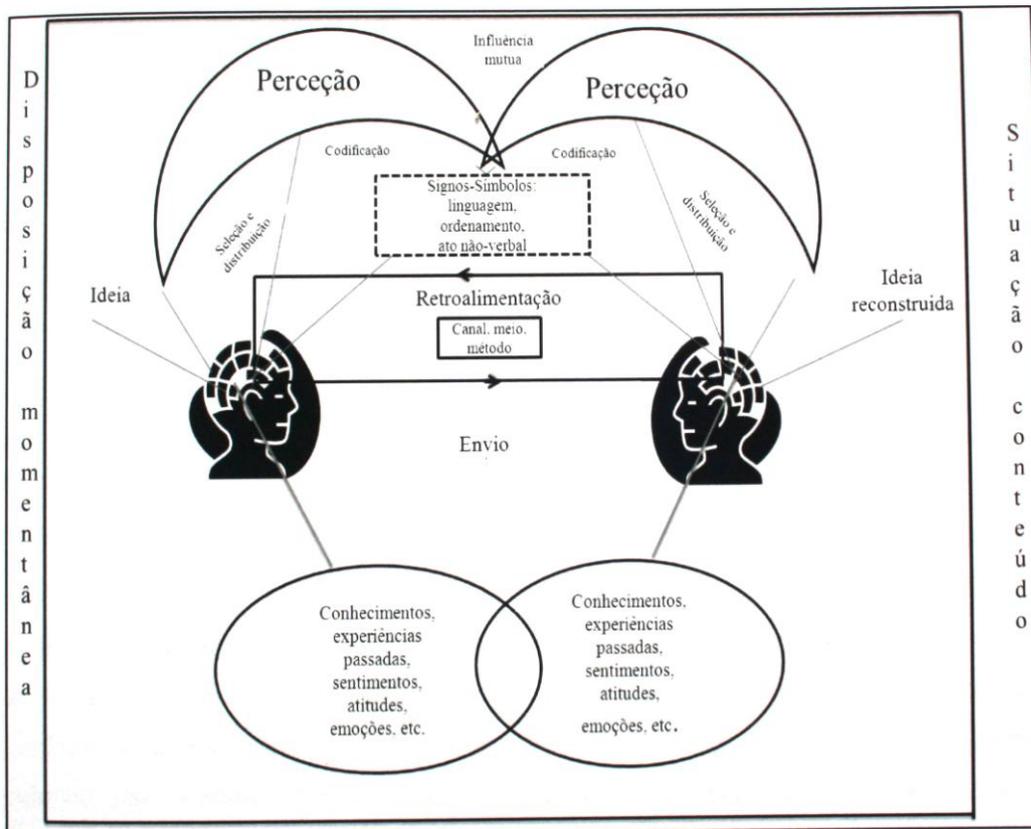
¹⁷ In *Musing on culture*, sábado, 26 de maio de 2016, em <http://musingtonculture-pt.blogspot.pt/2016/05/primeiro-no-nosso-coracao.html>

Segundo Spitz & Wolf (1946), citados por Magalhães (2006, p. 82) “o processo comunicacional é sustentado pela contínua troca de afetos e o sorriso – como elemento intercomunicacional – é o instrumento que permite que essa troca se efetue.”

A forma mais simples de definir o processo comunicacional surge-nos intuitivamente: para comunicar o indivíduo não está isolado; precisa de um interlocutor (não só recetor). No papel de emissor, o indivíduo envia uma mensagem, que obedece a um código específico, através de um canal (natural ou tecnológico) para um recetor que recebe a mensagem. Descodifica-a, interpreta-a e assume o papel de emissor, produzindo nova mensagem, que pode ser a resposta à primeira. E assim sucessivamente, numa interação que implica mais do que um sujeito. Mas o processo comunicacional é bastante mais complexo e para o presente estudo torna-se especialmente relevante o modelo transacional de Ross (1978), citado por Sousa (2012, pp. 128-129):

É um facto que a comunicação interpessoal é muito mais que um conjunto de ações independentes. Para que haja uma verdadeira comunicação é importante que as ações de codificação, descodificação e interpretação ocorram simultaneamente entre os dois interlocutores. Assim sendo a comunicação interpessoal deve ser entendida como um processo interativo no qual se partilham significados comuns. Uma das formas de operacionalizar e diferenciar a comunicação interpessoal de outras é certamente através do diálogo / conversa (...). Cada interlocutor toma a palavra sucessivamente, alimentando a conversa de um modo contínuo e imediato. (...) O modelo transacional enfatiza o feedback, isto é, como a mensagem é recebida e entendida, particularmente através da manifestação não-verbal, a qual pode substituir o feedback verbal. Ou seja, interessa o comportamento manifestado, não apenas expresso verbalmente. (...) Cada pessoa no ato de comunicação é ao mesmo tempo um falante e um ouvinte, que envia e recebe mensagens simultaneamente.

Figura 2: Modelo de comunicação transacional de Ross



Fonte: Adaptado de Cuadrado (1992:41); extraído de Sousa (2012, p. 129)

Este modelo assume que as pessoas estão interligadas através da comunicação, que se envolvem na transação. (...) O modelo transacional também contém elipses que simbolizam o ambiente de comunicação (o modo como são interpretados os dados que lhe são fornecidos). Quando as elipses se encontram é a área de comunicação mais eficaz, porque ambos partilham o mesmo significado da mensagem (Sousa, 2012, p.129).

É nesta dialogia que a citação de Magalhães (2006), atrás aludida, se afigura adequada para sintetizar o quanto emocional deve ser um processo de comunicação na intervenção junto de públicos com PNC. Tal não significa esvaziamento de conteúdos culturais e sociais, balizados cientificamente. Antes pelo contrário, denota o esforço de tornar acessíveis conteúdos complexos e muitas vezes desinteressantes, tornando-os, através dos afetos e da apropriação do conhecimento que veiculam, elementos por excelência de motivação do indivíduo para a sua intercomunicação com o mundo que o rodeia.

Conforme referido anteriormente, o processo de envelhecimento comporta em si alterações que afetam as competências associadas à comunicação, seja ao nível

fisiológico, cognitivo e psicológico. Abordando a questão da comunicação e envelhecimento, Beaudichon (2001, p. 112) esclarece que:

A comunicação é não só o meio de relação com o outro, mas também um instrumento regulador das condutas, um meio de substituição e de apoio em caso de carência, quer se trate de carências socio-afetivas ou cognitivas. A pessoa que envelhece tem de fazer face a uma série de mudanças: as suas capacidades, tanto físicas como intelectuais, declinam mais ou menos rapidamente, a sua rede de relações diminui com a perda de entes queridos, a partida dos filhos e a reforma que corta hábitos instalados.

E explica que é na agora chamada “quarta idade”, a partir dos 60 anos, que os problemas de comunicação se começam a fazer sentir:

O indivíduo fecha-se pouco ou muito em si próprio e torna-se egocêntrico, como o foi numa fase da sua infância. Contudo, desta vez trata-se de se fechar em si (...). Ao mesmo tempo, as capacidades de tratamento da informação diminuem por causa, entre outras, de uma menor flexibilidade que provoca lentidão e, por esse motivo, a necessidade de lhes repetirem o que ele deve compreender. (...) As pessoas de idade gostam que se lhes fale e isto é eminentemente benéfico para manter a atenção e o equilíbrio psicológico (Beaudichon, 2001, p. 112).

Há idosos, nomeadamente os afetados pelas PNC, que manifestam gradualmente dificuldade ou falta de vontade de comunicar. Segundo a APA (2015, p. 724), “a apatia é comum na PNC ligeira e na PNC major ligeira. A apatia é particularmente observada na PNC devida à Doença de Alzheimer e pode ser uma característica proeminente da PNC devida a degeneração lobar frontotemporal. A apatia é em geral caracterizada por uma diminuição da motivação e por uma redução do comportamento dirigido para as atividades acompanhadas de uma diminuição da reatividade emocional.”

No entanto, tal não significa cessar de comunicar pois, de acordo com Sousa (2012, p. 133) “podemos cessar a comunicação verbal, simplesmente, não a utilizando. Ao contrário da comunicação verbal que se faz por intermédio de signos discretos, a comunicação não-verbal é contínua e ininterrupta. O que significa que não podemos nunca impedir a comunicação não-verbal, mesmo que esta não seja deliberada e intencional.”

Neste sentido, e depois de elencar as diversas definições e implicações da comunicação não-verbal, Sousa (2012, p. 134) esclarece que “a comunicação não-verbal processa-se através dos gestos, das posturas, das expressões faciais (comunicação

cinésica), das utilizações da voz e do silêncio (comunicação paralinguística), do vestuário, dos objetos de que nos fazemos cercar, da relação que estabelecemos, quer com esses objetos, quer entre nós (comunicação proxémica). (...) Todas estas formas de comunicação não-verbal exprimem e comunicam ideias, sentimentos e emoções, acompanham, reforçam e chegam a substituir a comunicação verbal, esboçando significações e conferindo uma vivência mais profunda e autêntica à comunicação.”

Em suma, comunicamos com o corpo todo. E é esta abordagem holística da comunicação que nos permite perceber que até a apatia, observada em pessoas com PNC, é comunicação não-verbal, apesar do comprometimento cognitivo que lhe está subjacente.

Por tudo isto, torna-se necessário criar novos mecanismos de comunicação que apoiem a falta de flexibilidade e plasticidade que a PNC potenciou, conferindo assim, melhor qualidade de vida ao idoso afetado por estas patologias neuro degenerativas. Um dos sintomas da PNC é a perda das competências associadas à comunicação verbal, que pode estar associada a perda da capacidade de designar objetos, ou à de reconhecer a função desses objetos.

4.1 – A Comunicação Aumentativa e Alternativa: promovendo outras formas de ler a obra de arte

Uma das possibilidades no que diz respeito à necessidade de criar meios de comunicação passíveis de ser utilizados por pessoas com PNC é a comunicação aumentativa e alternativa. Segundo Tetzchner & Martinsen (2000), esta “é qualquer forma de comunicação diferente da fala e usada por um indivíduo em contextos de comunicação frente a frente. Os signos gestuais e gráficos, o código Morse, a escrita, etc, são formas alternativas de comunicação para indivíduos que carecem da capacidade de falar.”

Assim, crê-se que a comunicação aumentativa e alternativa pode munir o interlocutor e a pessoa com PNC¹⁸ de ferramentas que potenciam algumas faculdades remanescentes como a imaginação e a recuperação de memórias.

Por outro lado, a utilização de um dos sistemas da comunicação aumentativa e alternativa, mais especificamente o do Símbolos Pictográficos para a Comunicação (SPC), permite fazer ligações de imagem muito próximas e óbvias, até mais detalhadas (compartimentadas e por isso mais fáceis de apreender) com a obra de arte a explorar, num contexto de museu.

Os SPC complementam a informação visual que os museus fornecem, reforçando-a, através do uso dos caracteres, conjuntamente com os símbolos pictográficos, podendo desta forma agir como estratégia de compensação e de acesso à informação para pessoas com PNC, uma vez que os caminhos neuronais que possibilitam a associação da representação visual do objeto à sua designação e função se encontram comprometidos, sendo esta uma das principais características da demência do tipo DA.

4.1.1 – Tipos de Sistemas

Na segunda metade da década de setenta, surgiram diferentes sistemas alternativos e/ou aumentativos de comunicação, na sua maioria sistemas gráficos. Estes sistemas apresentam um maior ou menor grau de abstração, tanto no que diz respeito ao grafismo ou expressão dos símbolos, como aos conceitos incluídos.

Segundo Lloyd & Karlán (1984), os Sistemas Aumentativos de Comunicação dividem-se em dois grandes grupos: Sistemas de Comunicação Sem Ajuda (*Unaided*) e Sistemas de Comunicação Com Ajuda (*Aided*).

Os Sistemas Sem Ajuda são constituídos por símbolos ou conjuntos de símbolos que não necessitam de quaisquer ajudas ou dispositivos e que apenas utilizam partes do corpo do indivíduo emissor (tais como a cara, a cabeça, os braços, etc.) para se

¹⁸ No presente estudo nenhum participante se encontra na situação neurológica de afasia (incapacidade falar) evidente, no entanto, em dois deles (A1 e B3) a comunicação aumentativa será uma boa ferramenta na intervenção, permitindo inclusivamente retardar o processo e suprir faltas já assinaláveis de verbalização e de visuo percepção.

expressar: o corpo de quem comunica é o veículo transmissor daquilo que se pretende comunicar.

Os Sistemas Com Ajuda são constituídos por símbolos que necessitam de um qualquer dispositivo exterior ao sistema - como seja uma ajuda técnica ou um outro qualquer tipo de suporte: papel, lápis, quadros de comunicação ou dispositivos eletrónicos - para se suportarem e poderem ser transmitidos. Nos sistemas de comunicação com ajuda, os signos não são produzidos, são selecionados, requerendo sempre o emprego de ajudas técnicas para transmitir as mensagens. Neste tipo de comunicação recorre-se ao uso dos mais variados dispositivos ou ajudas técnicas, tais como tabuleiros e quadros de comunicação, relógios indicadores, máquinas de escrever adaptadas, digitalizadores e sintetizadores de fala, computadores, etc., os quais são utilizados de acordo com as potencialidades e necessidades específicas de cada utilizador.

Os Sistemas de Comunicação Com Ajuda podem agrupar-se em várias categorias:

- Sistemas de Comunicação por Objetos;
- Sistemas de Comunicação por Imagens;
- Sistemas de Comunicação através de símbolos gráficos, combinados, com base na escrita, por linguagens codificadas;
- Sistemas de Símbolos Gráficos Adaptados À Língua Portuguesa.

4.1.2 - Símbolos Pictográficos para a Comunicação (SPC)

O sistema SPC - Símbolos Pictográficos para a Comunicação é de origem americana (PCS - Picture Communication Symbols). Foi concebido por Roxana Mayer Johnson (Terapeuta da Fala) em 1981, ao sentir a necessidade de um sistema que pudesse ser facilmente aprendido por jovens que apresentavam dificuldades para o Sistema Bliss, tendo sido especialmente pensado para ser usado por utilizadores da comunicação aumentativa. É um sistema em que a maior parte dos símbolos são iconográficos, contendo principalmente símbolos transparentes, desenhados com um traço negro a cheio sobre fundo branco. O significado do símbolo, tal como nos outros

sistemas, está escrito na parte superior do mesmo para maior facilidade de compreensão nos interlocutores que não conhecem o sistema.

Este sistema está traduzido em 12 línguas diferentes, incluindo o português. Na nossa língua, o sistema SPC, que contempla 5000 símbolos, está disponível numa versão impressa e numa versão de programa de computador (Programa Boardmaker), utilizável tanto em computador Macintosh como em PC (Windows).

O vocabulário simples do sistema SPC é composto por 5000 símbolos agrupáveis em seis categorias gramaticais, complementado por bibliotecas para diversos assuntos e línguas específicas, perfazendo um total de 12.000 símbolos. As categorias gramaticais em que se agrupam os símbolos são as seguintes:

- Pessoas (incluindo pronomes pessoais);
- Verbos;
- Adjetivos (sobretudo adjetivos e alguns advérbios);
- Substantivos;
- Diversos (sobretudo artigos, conjunções, preposições, cores, tempo, alfabeto, números e outras palavras abstratas);
- Sociais (palavras facilitadoras da interação social. Inclui palavras para cumprimentar, algumas expressões de prazer ou repulsa e outras palavras ou expressões apropriadas ao indivíduo).

Tem a particularidade de apresentar temas em áreas tão diversificadas como a religião, a sexualidade, computadores, lazer, etc. Proporciona também diferentes tipos de caras ou cabeças para facilitar a simbolização de algum indivíduo em particular.

O SPC é apropriado para ser utilizado tanto por pessoas cujas necessidades comunicativas sejam equivalentes a um nível de linguagem simples (necessitando de um vocabulário limitado e de estruturar frases relativamente curtas) como por pessoas com um elevado nível de linguagem (que necessitam de utilizar uma gama de vocabulário muito vasta, com possibilidades de estruturar frases de maior complexidade). Pode assim considerar-se o SPC como um sistema flexível que pode evoluir, ajustando-se ao grau de necessidades comunicativas do seu utilizador.

Problemas de perceção visual ocorrem por vezes em populações afetadas com deficiências neuro motoras, o que pode constituir um obstáculo à diferenciação entre os

diversos símbolos do sistema. A decisão sobre se o sistema SPC é ou não apropriado para uma determinada pessoa deve ser tomada com base nas condições especiais do utente, as suas necessidades e capacidades.

Este sistema tem demonstrado ser apropriado para ser utilizado com objetivos vários por pessoas que apresentam diversas deficiências, incluindo afasias, apraxias, autismo, atraso mental, paralisia cerebral, acidentados vasculares, condições pós-operatórias, etc.

Como foi anteriormente referido, houve uma grande preocupação em desenhar e criar símbolos apropriados a todos os níveis etários, o que o tornou um dos sistemas mais utilizados pelos utilizadores da Comunicação Aumentativa a nível mundial, não só pelas características do seu desenho – que o torna acessível a todas as idades cronológicas –, mas também pela grande diversidade de símbolos que oferece, fazendo dos SPC um sistema bastante completo. Grande parte da bibliografia na área da comunicação aumentativa refere investigação feita com a utilização deste sistema.

5 – Adaptação de estórias sobre obras de arte para a Comunicação Aumentativa

Um dos *software* disponíveis, o Boardmaker¹⁹, é um programa com signos SPC que, para além de jogos, conta com um vocabulário visual vasto (cerca de 5000 signos, na versão utilizada para este estudo) e que, para além dos signos que contém, permite introduzir novos conceitos e adaptar imagens.

No *website* do CRID Sousa (2010) explica:

A leitura é fundamentalmente um acto cognitivo, o que significa que a percepção que se tem da tarefa de ler e dos seus objectivos desempenha um papel determinante, pois é esta compreensão que vai tornar operacionais e eficazes as outras competências. Ler é descodificar, extrair o significado da escrita, daí que a leitura seja vista como um processo interactivo entre o leitor e o texto, através do qual o primeiro reconstrói o significado do segundo.

¹⁹ Communication Symbols, 1981-2002, Mayer-Johnson, Inc.

(...) O Centro de Recursos para a Inclusão Digital - CRID do Instituto Politécnico de Leiria, atento a essas dificuldades tem vindo a proceder a “tradução para públicos especiais” de alguns livros infantis, permitindo assim o acesso a leitura.

Diferentes livros são “ traduzidos” em Símbolos Pictográficos para a Comunicação transformando assim o livro num instrumento inclusivo e essencial para desenvolver actividades de leitura com crianças com necessidades educativas especiais, ou com crianças em idade pré-escolar.

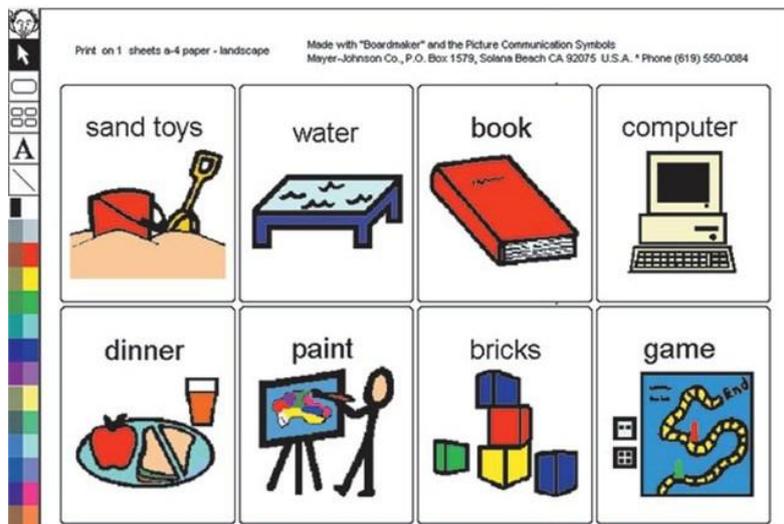
Numa abordagem dinâmica e imediata às obras de arte com recurso às tecnologias digitais, como facilitadoras da comunicação entre o objeto e o visitante, que se pretende cada vez mais participativa e significativa, importa referir três exemplos: o do Mosteiro da Batalha, onde estão disponíveis guias do mosteiro e, entre eles, o dos Símbolos Pictográficos para a Comunicação (SPC); outro exemplo digno de registo e visita é o do Museu do Vinho da Bairrada, em Anadia, onde, em algumas salas, estão expostos painéis com os SPC, que tornam de tal modo fácil o entendimento da mensagem que, por vezes, é difícil aceder-lhes, por serem solicitados por todo o público e não somente por pessoas com Necessidades Especiais (NEs), como inicialmente estaria previsto; e, finalmente o recém-criado Museu de Leiria, cuja interpretação em SPC valoriza e explicita a história da região contada ao público em geral e ao público com NEs em particular.

Tem sido defendido que a comunicação aumentativa promove a literacia e melhora a socialização e o entendimento do mundo que nos rodeia; mais ainda em populações idosas, com comprometimento intelectual, social e, muitas vezes, motor. A prática da utilização de folhetos em SPC junto de públicos com comprometimento intelectual ou com baixa literacia comprova as vantagens deste tipo de intervenção, nomeadamente pela maior interação entre pares²⁰.

No entanto, nesta área específica da aferição das mais-valias da exploração da obra de arte na estimulação cognitiva de indivíduos com PNCs muito há ainda para fazer, investigar e aplicar. Um dos caminhos para atingir os objetivos passa, nesta fase, no nosso entendimento, pela aplicação de instrumentos de apoio assentes na comunicação aumentativa, mais exatamente num dos sistemas gráficos: os SPC.

²⁰ O projeto ‘Construa Pontes e não Barreiras’, que integra o programa *NÓS no musEU*, desenvolvido no Museu Nacional de Machado de Castro, é pioneiro na utilização de folhetos e ‘manuais’ de visita em SPC para utentes da APPACDM, numa colaboração entre as duas instituições.

Figura 3: Exemplo de tabelas do Boarmaker®, a partir do sistema SPC – Símbolos Pictográficos para a Comunicação



Fonte: <http://www.inclusive.co.uk/boardmaker-and-speaking-dynamically-pro-combo-p2126>

“O Boardmaker²¹ contém bibliotecas com mais de 5000 Símbolos pictográficos para a Comunicação (SPC), que são utilizados para criar quadros de comunicação impressos, grelhas para equipamentos de comunicação, etc.”

Das várias potencialidades do Boarmaker, a que aqui foi utilizada diz respeito à possibilidade de adaptar histórias, através da criação de tabelas, anexando o símbolo e os caracteres respetivos.

²¹ http://www.ebie.pt/moodle/pluginfile.php/23492/mod_resource/content/1/Boardmaker.pdf

Capítulo II – Metodologia

1 – Questão de investigação e objetivos do estudo

Das teorias e técnicas apreendidas ao longo do período curricular do curso de Mestrado em Educação Especial, Domínio Cognitivo-motor, nomeadamente as relacionadas com a comunicação, conjugadas com a necessidade de criar instrumentos acessíveis e facilitadores de autonomia para pessoas com Perturbações Neuro Cognitivas (PNC) do tipo Doença de Alzheimer (DA), objeto deste estudo, emergiram as questões de partida para a investigação, que a seguir se elencam em detalhe.

1.1 – Questões de investigação

As estórias de obras de arte em Símbolos Pictográficos para a Comunicação (SPC):

- 1 – Resultam num instrumento útil à pessoa com PNC, no apoio a uma visita auto gerida no Museu?
- 2 – Promovem a estimulação cognitiva e o bem-estar de pessoas com PNC?
- 3 – Permitem desencadear a recuperação de experiências de vida e memórias emocionais, contribuindo para a melhoria da comunicação entre a pessoa com PNC e o seu cuidador informal?

1.2 – Objetivos do estudo

De modo a responder às questões de investigação elencadas, formularam-se os seguintes objetivos:

1.2.1 – Objetivo geral:

Aplicar estórias adaptadas em SPC junto de pessoas com PNC, de modo a entender a sua viabilidade como instrumento de promoção de competências de comunicação e bem-estar para estes públicos, em contexto museológico.

1.2.2 – Objetivos específicos:

– Aplicar as três estórias em escrita fácil e as três estórias adaptadas em SPC, em contexto museológico, em pessoas com PNC do espectro da Doença de Alzheimer, relacionando a história e iconografia da obra de arte com a história de vida destas pessoas;

– Analisar o comportamento verbal e não-verbal dos participantes face à estória em escrita fácil e à sua adaptação em SPC, de modo a entender qual das leituras permite desenvolver uma experiência significativa;

– Investigar se a estória adaptada com signos SPC é facilitadora da comunicação relativamente ao texto original, em escrita fácil.

2 – Opções metodológicas

De acordo com Pedrosa & Carvalho (2005, p. 432), “o dado é construído; não existe independentemente do observador; é este que o elege ao *status* de dado, como fruto de sua reflexão, de sua sensibilidade e, em última análise, de sua interação com os fatos observados”.

A análise científica de determinado fenómeno tem por isso, à partida, características que exigem do investigador escolhas muito exigentes e confinadas de critérios de seleção dos dados. Esses resultam *a priori* do que o investigador se propôs

estudar, a partir da questão que coloca perante um problema, ou fenómeno que pretende entender melhor, para pautar daí em diante o seu trabalho.

Para o presente estudo adotou-se uma metodologia qualitativa de investigação, mais concretamente da técnica do estudo de caso, sendo a população composta por quatro participantes, oriundos do projeto *EU no musEU*.

A partir de três obras de arte de referência do MNMC foram criadas três histórias que, inicialmente em escrita fácil e depois adaptadas em SPC, permitem aferir das competências de leitura e de comunicação dos quatro indivíduos selecionados para público-alvo.

O procedimento implementado baseia-se na técnica de interrogatório (questões abertas e fechadas) desenvolvida nas sessões do *EU no musEU*, para a exploração das obras de arte.

2.1 – Investigação Qualitativa / Quantitativa

A investigação quantitativa integra-se no paradigma positivista, apresentando como objetivo a identificação e apresentação de dados, indicadores e tendências observáveis. Este tipo de investigação mostra-se geralmente apropriado quando existe a possibilidade de recolha de medidas quantificáveis de variáveis e inferências a partir de amostras de uma população (Sousa & Baptista, 2011, p. 53).

Quer ao nível metodológico quer ao nível conceptual, a perspectiva do presente estudo é de carácter qualitativo. No entanto, para descrever os comportamentos, foram utilizados índices de análise que, registados em grelhas e ordenados em gráficos, com base num processo quantitativo, permitem avaliar o fenómeno em estudo.

Veja-se, todavia, a opinião defendida por Amado (2009, p. 33):

A investigação qualitativa, traduzindo-se num conjunto de paradigmas que contrastam com uma visão positivista da ciência, compromete-se numa tendência sujeita a olhares críticos e avaliadores, prontos a negar-lhe a sua credibilidade a qualquer deslize, dado o peso que a tradição e a cultura actual conferem ao paradigma hipotético-dedutivo (raramente tendo consciência de que neste mesmo tipo de pesquisa nem tudo se subordina ao rigor lógico e à precisão metodológica apregoada).

Na investigação em Ciências Sociais e Humanas há, de acordo com a experiência de Carmo & Ferreira (2008, pp. 47-48), “alguns critérios úteis para a definição do objeto de estudo”. Enunciam, entre outros, o da familiaridade do objeto de estudo, referindo a vantagem de que se deve enraizar na experiência anterior do investigador. Outro critério que consideram é o da afetividade, dando ênfase à necessidade de existir uma forte motivação pessoal na seleção do campo e do tema específico de investigação. Tendo em conta estes critérios, a autora optou por investigar uma área e público-alvo que conhecia: a abordagem às obras de arte por pessoas com PNC e, dentro desse campo de ação, aferir quais dos instrumentos ainda não usados por este público-alvo serão passíveis de facilitar a visita autogerida entre a pessoa com doença neuro degenerativa e o seu cuidador informal, de modo a promover uma melhor comunicação e bem-estar entre ambos, através das obras de arte, em contexto museológico.

A este propósito, Bogdan & Biklen (1991) afirmavam que uma das características da investigação qualitativa é a de ser descritiva, sendo o investigador o seu principal instrumento. Atualmente, o investigador dispõe de meios técnicos de maior complexidade e fiabilidade de reprodução do que os disponíveis à época dos estudos dos autores citados, sendo comum, neste tipo de estudo, o recurso ao registo áudio visual como instrumento de recolha de dados, permitindo ao investigador ocupar o seu papel de interveniente/orientador, sem constrangimentos de registo imediato que substitua ou se interponha à ação e observação propriamente ditas.

Ainda segundo Carmo & Ferreira (2008, p. 111) “(...) pode-se dizer que, observar é selecionar informação pertinente, através dos órgãos sensoriais e com recurso à teoria e à metodologia científica, a fim de poder descrever, interpretar e agir sobre a realidade em questão.”

Seguindo esta orientação, a exploração da obra de arte que fundamenta cada uma das três estórias criadas, e a sequente aplicação das leituras, foram realizadas através de diálogo orientado pela autora, num processo de observação participante, fundamentado no método de investigação qualitativo, que permitiu recolher os dados diretamente junto do público-alvo e em situação.

Ainda segundo Carmo & Ferreira (2008) a técnica da observação participante exige uma autovigilância permanente por parte do observador, pois acumula em si dois

papéis, obrigando a maior esforço de equilíbrio para não comprometer os dados a recolher.

O envolvimento relativamente à ação e observação junto do objeto de estudo é maior quando o investigador assume o duplo papel de observador-participante. No entanto, nesta investigação, o carácter de vulnerabilidade social do grupo-alvo não implicou situações de “mergulho profundo”, conforme definido por Carmo & Ferreira (2008), ou seja, grande intensidade de envolvimento por parte do observador, que lhe permite por um lado aceder à área secreta do público-alvo mas lhe dificulta o acesso à sua área cega (as problemáticas e características que o próprio grupo não vislumbra).

Mesmo assim, a questão deontológica tem igual relevância neste grupo: observar e agir com uma população em situação de vulnerabilidade social por motivo intelectual, particularmente de natureza degenerativa, dá acesso ao conhecimento de sintomas e reações e preocupações não confessáveis socialmente (dado o estigma social implícito destas perturbações) e obriga ao respeito tácito por regras de confidencialidade e de controlo de informação, que passam pela não divulgação de dados pessoais que identifiquem cada um dos participantes no estudo, incluindo a identificação fotográfica explícita, e a autorização por consentimento informado para a divulgação dos dados e dos resultados da pesquisa (neste caso expressa pelo participante – sempre que possível – e pelo seu cuidador informal). O dilema da dupla fidelidade à comunidade académica, que espera resultados, e à população alvo que confia no investigador informações de acesso restrito, pode, segundo Carmo & Ferreira (2008, p. 129), colocar em causa a investigação e exige maturidade emocional e integridade moral que em nosso entender são cumpridas com a verdade da investigação exercida no respeito pelo objeto do estudo e pelo rigor da observação.

De salientar que neste capítulo da investigação em particular, tanto Carmo & Ferreira (2008) quanto Bogdan & Biklen (1994) não incluem as pessoas com declínio cognitivo e seus cuidadores informais nos grupos com estatuto socialmente desvalorizado, apesar de ser um nicho social desfavorecido.

Foi sempre propósito da autora ter na mira o rigor metodológico necessário a qualquer investigação desta índole, pelo que a opção pela investigação qualitativa, tendo em conta as características do objeto de estudo, os fenómenos observados, as questões

de investigação e os objetivos propostos, lhe parece ser provida de credibilidade científica.

2.2 – Estudo de Caso

A presente investigação define-se no âmbito do estudo de caso qualitativo.

Segundo a caracterização de Merriam (1988), citada por Carmo & Ferreira (2008, p. 235), o presente trabalho, porque se focaliza num determinado fenómeno, integra a categoria de estudo de caso qualitativo, particular.

Para Amado (2009, p. 123):

(...) um estudo de caso, para lá da combinação possível com outras estratégias investigativas e das diferentes técnicas de recolha e de análise de dados que possa empregar, possui como características que melhor o definem, por um lado, a focagem dos fenómenos a estudar dentro de um contexto (social, cultural, institucional, temporal, espacial, etc.) e, por outro lado, o objectivo de explicar/compreender o que lhe é específico e, de algum modo, determinado pelo contexto.

Yin (1988), citado por Carmo & Ferreira (2008), destaca a importância em definir as questões de investigação que no presente estudo se enumeram na sequência seguinte:

- as proposições, que orientam a atenção do investigador, são os objetivos delineados com base na questão de investigação, sendo o fenómeno a leitura de histórias de obras de arte adaptadas em SPC por pessoas com PNC;
- as unidades de análise são quatro participantes com PNC; a lógica que liga os dados às proposições decorre do desempenho nas leituras, na perspectiva da estimulação cognitiva e da promoção de maior autonomia e qualidade de vida do idoso e sua família;
- dos critérios para a interpretação dos resultados, foram selecionados os índices de análise que permitem perceber como se traduz o desempenho, através de índices de comportamentos verbais expressos e não-verbais; de memória de trabalho, traduzida

numa maior presença pelo registo da atenção e da iniciativa, ou ainda de uma memória de vida, pela recuperação de experiências de vida factuais ou emocionais²²;

– por fim, o registo dos tempos de leitura, índice relevante pelos processos neuro cognitivos subjacentes à PNC, permitindo entender diferenças de desempenho, por indivíduo, comparando texto em escrita fácil e texto em SPC.

Segundo Yin (2005), citado por Duarte (2008, p. 116), o estudo de caso impele a fazer “observação direta e a coligir dados em ambientes naturais”. O autor define dois critérios ou situações que determinam a tipologia do estudo de caso, sendo o primeiro a definição da pergunta de partida (descritiva – o que aconteceu/acontece?; ou explicativa – como/porquê aconteceu determinada situação?) e o segundo “a necessidade de esclarecer uma situação particular para chegar a uma íntima compreensão dessa situação”.

Entende-se pois que, face aos critérios elencados por Yin (2005), citado por Duarte (2008), – que permitem implementar um estudo de caso e definir a sua tipologia face à pergunta de partida –, existem condições para o presente trabalho se desenvolver enquanto estudo de caso descritivo.

2.3 – Instrumentos criados: Três Estórias sobre obras de arte do MNMC

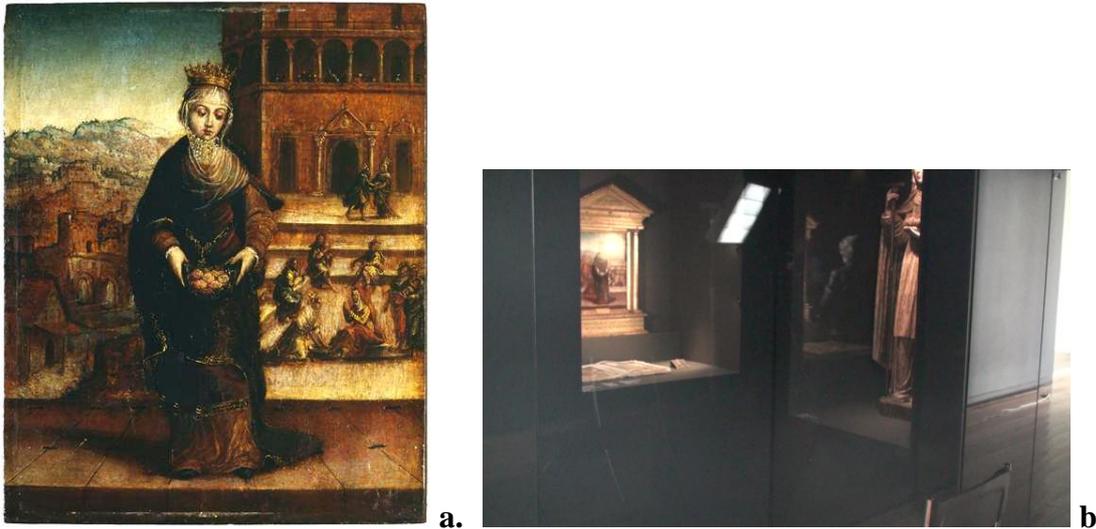
Para a escolha das estórias sobre obras de arte do MNMC foram considerados os seguintes critérios: a) a variedade da matéria e do tema; b) a qualidade estética e representatividade do património artístico nacional; c) diferente tipo de narrativa.

Assim, e de acordo com as características cognitivas, idade e história de vida do público-alvo, foram selecionadas três obras de arte com diferentes significados e distintas funções: (1) uma pintura comemorativa de um acontecimento religioso e cultural do país, sobre a qual é feita uma abordagem histórica e iconográfica; (2) um coche que foi usado pelo Bispo de Coimbra que viveu no Paço, onde hoje está instalado o MNMC, que conta a história na primeira pessoa; (3) uma escultura decorativa, de

²² Correspondendo, respetivamente, às letras A, B, C e D da ‘Grelha de Observação de Comportamentos’, Anexo 8.

grande aparato, distintiva do Barroco em Portugal, e que se encontra em lugar de especial destaque na exposição permanente do Museu, que é descrita aos níveis histórico, técnico e artístico.

Figura 4: Retábulo Rainha Santa Isabel, MNMC11268 – a pintura (a.) e a localização do retábulo em exposição (b.)



Fonte: a. José Pessoa; 1993 [ADF / DGPC]

O pequeno retábulo *Rainha Santa Isabel*, MNMC11268²³ (objeto da Estória 1 – *Isabel, a rainha das rosas*) é uma pintura do século XVI, renascentista, com uma carga devocional de exceção.

Foi encomendada em agradecimento (*ex-voto*) à Rainha Santa, por ter livrado da morte por gangrena uma freira do Mosteiro de Celas. A pintura, a óleo sobre madeira, está encaixada em moldura de época, contendo um poema inscrito que narra o poder taumatúrgico de Isabel de Aragão. Para os cidadãos portugueses e especialmente para os habitantes de Coimbra, a Rainha Santa, patrona da cidade, faz parte do imaginário religioso, histórico e cívico, enquanto modelo de mãe, de cidadã e de rainha. É um tema querido aos portugueses em geral e aos coimbricenses em particular. Na exposição permanente do MNMC, esta pintura encontra-se na vitrine do culto à Rainha, logo a seguir às quatro peças do seu tesouro. Em 2016 celebram-se os quinhentos anos da beatificação de Isabel de Aragão, decorrendo no MNMC uma exposição temporária do seu tesouro. Esta efeméride e a popularidade da lenda da Rainha Santa no imaginário

²³ Número de inventário geral das coleções do MNMC. Este número identifica esta obra de arte no acervo do Museu. Antes do número foram colocadas as iniciais do museu a que esta peça pertence (MNMC – Museu Nacional de Machado de Castro).

coletivo conimbricense e português contribuíram para a escolha desta peça como objeto de uma das estórias.

Figura 5: Berlinda, MNMC7350



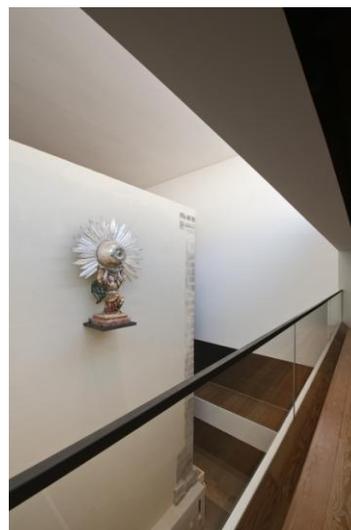
Fonte: Raul Mendes, Arquivo do MNMC (2015)

Outro momento decisivo para a história da cidade de Coimbra foi a designada Reforma Pombalina da Universidade. Entre 1772 e 1777, o Marquês de Pombal, ministro plenipotenciário do rei D. José I (1714 – 1777), promove a reforma dos antigos estudos com a conseqüente reforma dos equipamentos de ensino da cidade. Na remodelação, adaptação e construção da nova imagem investe como seu lugar-tenente (homem de confiança) D. Francisco de Lemos Pereira Coutinho, que nomeia reitor da Universidade de Coimbra em 1770. Anos mais tarde, após a morte de D. José e o descrédito do Marquês, D. Francisco de Lemos foi Bispo de Coimbra (1779-1822), residindo no Paço Episcopal (onde, desde 1913, está instalado o MNMC) que também vai reformar. O seu coche de gala ou *Berlinda*, MNMC7350 (objeto da *Estória 2 – Dona Berlinda, do Bispo Francisco*), é o personagem escolhido para contar parte dessa história. Conta-a na primeira pessoa, num estilo coloquial e próximo do leitor. É a única peça que invoca o Paço Episcopal de Coimbra no MNMC, renovado no século XXI.

Figura 6: Custódia do Sacramento, MNMC6584 – a peça (a.) e a sua localização em exposição (b.)



a.



b.

Fonte: José Paulo Ruas, ADF / DGPC (2015)

Foi ainda escolhida para objeto de estória a adaptar em SPC uma das obras paradigmáticas do estilo barroco em Portugal: a *Custódia do Sacramento*, MNMC6584, que reúne em si o requinte e a sumptuosidade técnica aliados à cenografia da época, ao serviço da religiosidade exacerbada do século XVIII. Terá sido executada em oficina de Lisboa para um dos conventos da capital – o Convento do Sacramento –, no reinado de D. João V ou de D. José I. Contar a sua história é sair das paredes do MNMC e dos limites de Coimbra, para abordar a arte e a religião portuguesas da centúria de Setecentos. A sua localização na exposição permanente surpreende e emociona o visitante. Colocada a cerca de 14 metros de altura, no vão em frente à galeria de ourivesaria dos séculos XVII e XVIII, no piso 2, e visível desde o piso 0, a Custódia do Sacramento é uma referência do novo Museu.

Importa ter em conta que, previamente às leituras realizadas por cada participante, pela ordem descrita no capítulo seguinte, a autora procedeu sistematicamente a uma abordagem da obra de arte, com o intuito de tornar familiar a situação, relembrar conceitos e nomes, história e funções dos objetos das Estórias, na medida em que as competências cognitivas de cada um o permitissem, criando condições de bem-estar geral favoráveis à comunicação.

Se na primeira abordagem de cada obra de arte, anterior à leitura do texto em escrita fácil, o tempo despendido era mais longo, nas seguintes, correspondentes às leituras de textos adaptados em SPC, procurou-se que não excedesse os cinco minutos.

2.3.1 – Estórias em escrita fácil

Selecionadas as obras de arte havia que, a partir do conhecimento do público-alvo e dos objetivos delineados, criar três estórias que, quando lidas, estimulassem os participantes ao nível cognitivo, desencadeando a recuperação de experiências de vida e memórias emocionais.

Tendo em conta as orientações para a elaboração de texto em escrita fácil²⁴ (Sousa, 2010) com o objetivo de transmitir o essencial da mensagem, foram respeitados os seguintes preceitos: com base no original, a estória foi resumida, simplificando o vocabulário e a sintaxe. Este exercício permite depurar a informação a transmitir.

Criaram-se três estórias, que foram escritas à medida que eram testadas para a sua adaptação em SPC. Tratou-se, portanto, de um processo em simultâneo. Em todas elas, para além da informação essencial sobre a obra de arte, foram tratados pormenores que se revelavam apelativos e facilitadores para a compreensão da estória. (v. **Anexo 5**).

2.3.2 – Estórias Adaptadas em SPC

A adaptação das três estórias para SPC era o objetivo destes textos. Traduzi-los para imagens com recurso ao Boardmaker®, disponibilizado no CRID, foi um desafio: aquele *software*, preparado com vocabulário e conceitos gerais para substituir ou apoiar pessoas com NEs na comunicação básica e nas AVD, não continha nos seus dicionários diversos conceitos, alguns deles de uso comum, outros específicos do ambiente museológico e artístico: beleza; ex-voto; milagre; cura; pintura; poema; importante; brasão; rodas; dono; cocheiro; decoração (artística); brilho; escultura; anos; esfera; hóstia; custódia.

Foi por isso necessário adaptar os novos termos e os novos conceitos à realidade a estudar. Para tal criou-se um conjunto de alternativas que foram sendo experimentadas à medida que as imagens a inserir nos pictogramas faziam ou não sentido entre si. Deste

²⁴ Sousa, C. (2010). Escrita simples. Técnicas para a reescrita de textos em linguagem simples. Comunicação (em PDF).

modo, algumas palavras foram substituídas, *e.g.* ‘milagre’ por ‘magia’; ‘cocheiro’ por ‘homem que conduz os cavalos’; ‘rodas’ pela imagem das rodas da Berlinda; ‘brilho’ pela imagem de uma lâmpada acesa; ‘escultura’ pela memória semântica que temos dessa representação – a esfinge egípcia; ‘esfera’ pela imagem da esfera de prata da Custódia do Sacramento; sucessivamente adaptando o texto às imagens disponíveis, das peças e do imaginário cultural.

3 – Processo de Recolha, Categorização e Análise de Dados

3.1 – Caracterização do contexto

Tendo em conta a questão de partida referente à exploração da obra de arte em contexto museológico, o espaço escolhido foi o Museu Nacional de Machado de Castro, localizado em Coimbra, e que conta no seu acervo com mais de uma centena de bens culturais móveis classificados como Bens de Interesse Nacional (BIN). Para criar condições semelhantes às da visita autogerida através dos guias em SPC, cujo potencial se pretendia, em última análise, testar, as sessões foram realizadas na exposição permanente do MNMC, mantendo a peça em análise no seu local e ambiente habitual. Apenas foram acrescentados ao ambiente uma máquina de filmar, um projetor (somente na galeria de Ourivesaria, onde se encontra a pintura) e duas cadeiras.

Em todo o processo foram seguidos os procedimentos do *EU no musEU*, nomeadamente ao escolher um dia em que o Museu estivesse fechado ao público, de modo a criar maior privacidade e sensação de segurança, essencialmente para os participantes que ainda não conheciam o MNMC.

3.1.1 – Seleção dos Participantes no Estudo

Para o presente trabalho, tipologicamente definido como estudo de caso, foram selecionados quatro indivíduos com Perturbações Neuro Cognitivas do espectro da Doença de Alzheimer (DA), doravante designados por A1 e B1, B2 e B3.

Os participantes foram selecionados a partir do projeto de inclusão intelectual e social, *EU no musEU*, tendo em conta dois diferentes estádios de desenvolvimento da doença, o tempo de participação no projeto e o conhecimento das coleções e/ou da exposição permanente do Museu.

O grupo foi dividido em dois, contando cada subgrupo com dois elementos. Um dos subgrupos agregou A1 e B1, frequentadores do Projeto *EU no musEU* desde 2012, com sintomatologia de DA em fase moderada (com mais de cinco anos) e frequentadores assíduos do MNMC. Do segundo subgrupo fizeram parte B2 e B3, recentes participantes do *EU no musEU* (uma sessão), com diagnóstico de DA ligeira (menos de dois anos) e desconhecedores das coleções e da exposição permanente.

3.2 – Recolha de dados

Para a recolha de dados, no âmbito do paradigma qualitativo de investigação, foi elaborada a “Ficha de Caracterização do Participante”, constituída por cinco partes que definem o perfil individual do participante (v. **Anexo 4**):

- identificação;
- descrição da perturbação neuro cognitiva;
- história pessoal / familiar;
- interesses e afetos;
- personalidade / temperamento.

Foram também realizados registos áudio visuais durante a aplicação das estórias criadas para o estudo. Os filmes recolhidos e as imagens que ilustram partes importantes das sessões de leitura foram previamente autorizados, mediante Consentimento Informado (v. **Anexo 3**) do Participante e/ou do seu Cuidador Informal. Após as gravações, os seus conteúdos foram registados em “Grelhas de Transcrição dos registos áudio visuais ” (v. **Anexo 7**), compostas por três partes: ‘Tempo’, registado em minutos (para avaliar da rapidez ou lentificação na leitura); ‘Transcrição’ das falas de cada um dos dois intervenientes na leitura (o participante e a investigadora do presente estudo); e ‘Notas/Comportamento não-verbal expresso’ do Participante.

De seguida a autora elaborou uma “Grelha de Observação de Comportamentos” (v. **Anexo 8** – pp. 199-272), que conferida com as transcrições dos registos áudio visuais, permitiu a recolha dos dados apresentados em gráficos no ponto 2., do Capítulo III, pp. 49 – 69.

Elaborada pela investigadora, tendo por base as teorias da comunicação e a sua terminologia, a “Grelha de Observação de Comportamentos” foi construída de modo a dar relevo a algumas das particularidades de comportamento dos quatro participantes. Especificidades do declínio cognitivo específico foram tidas em conta na seleção dos índices de análise, *e.g.* na expressão verbal observada havia incidência de conexões, de troca de palavras, de relato de experiências de vida, reveladoras de memórias factuais ou emocionais; enquanto que na expressão gestual e corporal tinham sido observados sinais de repetição de movimentos/posturas relativas à obra de arte (acena, olha, indica) que convinha registar e medir.

3.2.1. Transcrição do registo áudio visual das sessões

As sessões do presente estudo tiveram lugar no MNMC, nas salas de exposição permanente onde as peças se encontram.

Foram levadas a cabo nove situações de leitura, distribuídas por sete semanas, conforme Quadro 1:

Quadro 1: Cronograma das sessões de leitura.

Quadro 1								
Semana 1	Semana 2	Semana 3		Semana 4	Semana 5		Semana 6	Semana 7
Estória 1	Estória 1	Estória 1	Estória 2	Estória 2	Estória 2	Estória 3	Estória 3	Estória 3
TEF	SPC	SPC	TEF	SPC	SPC	TEF	SPC	SPC
1.1.	1.2.a	1.2.b.	2.1.	2.2.a.	2.2.b.	3.1.	3.2.a.	3.2.b.

Cada participante começou por conhecer a peça da Estória 1 – *Isabel, rainha das rosas*, e leu o primeiro Texto em Escrita Fácil (TEF). Levou-o para casa durante uma

semana para ler e, na semana seguinte devolveu-o. Nessa segunda sessão leu (sem conhecimento prévio) pela primeira vez o texto dessa Estória 1 adaptado em Símbolos Pictográficos para a Comunicação (SPC). Levou esse texto durante uma semana, regressando ao Museu e relendo-o junto da obra de arte correspondente. Nessa sessão da segunda leitura em SPC da Estória 1, realizou ainda a leitura do TEF da Estória 2 – *Dona Berlinda, do Bispo Francisco*.

Sucederam-se as sessões com este procedimento, em leituras presenciais no museu, seguida de uma semana com o treino de leitura em casa, junto do cuidador informal, até à sétima semana, que encerrou esta fase das aplicações dos textos (cf. “Grelhas de Transcrição de Registo áudio visual”, **Anexo 7** – pp. 177-198, onde se apresentam algumas grelhas).

As leituras foram codificadas com uma numeração inserta na linha inferior do cronograma do **Quadro 1**: o primeiro número do código corresponde à ordem de leitura da Estória, sendo assim a *Isabel, a rainha das rosas* a Estória **1**; a *Dona Berlinda, do Bispo Francisco*, por ser a segunda a ser lida, é a Estória **2** e, por último, correspondendo também a um maior grau de dificuldade pela complexidade do discurso e pelo grau de abstração, a Estória **3** é a do *Anjo que mostra a grande custódia: a Custódia do Sacramento*.

O segundo número do código corresponde ao sistema utilizado na leitura, sendo o do texto em escrita fácil sempre referido com o número **1**. O texto adaptado em SPC é sempre referido com o **2**.

O terceiro indicador no código é o da primeira ou da segunda leitura dos textos em SPC, respetivamente, **a.** ou **b.**

Desta forma, e exemplificando, a segunda leitura do texto em SPC da Estória 1, *Isabel a rainha das rosas*, surge referida no cronograma, nos gráficos de análise das leituras e nas grelhas dos Anexos 7 e 8 com o código 1 (da estória) + 2 (do texto em SPC) + b. = **1.2.b.**

Capítulo III – Caracterização, análise e discussão dos dados

1 – Caracterização dos Participantes

O público-alvo deste estudo de caso é constituído por quatro participantes do projeto *EU no musEU*, um do género masculino e três do género feminino (sendo A1 o elemento masculino e B1, B2 e B3 os elementos femininos), com diagnóstico clínico de PNC do espectro da DA²⁵, sendo todos residentes em Coimbra, onde se situa o MNMC.

Os participantes A1 e B1 possuem história clínica de DA em fase moderada (mais de cinco anos) e frequentam o *EU no musEU* desde 2012. Conhecem o MNMC na sua exposição permanente e nas suas coleções identitárias.

Por outro lado, as participantes B2 e B3 apresentam um diagnóstico de DCL (Defeito Cognitivo Ligeiro) com história de PNC inferior a dois anos, no caso de B2, e inferior a cinco anos, com B3. Integram o projeto *EU no musEU* somente desde Dezembro de 2015 e, até ao início deste estudo, não conheciam o MNMC, nem a sua exposição permanente nem as suas coleções fundamentais.

A1, o participante do sexo masculino, tem 73 anos de idade, nasceu numa aldeia beirã, numa família de dois filhos. Licenciou-se em Educação Especial e foi fundador de uma APPACDM perto de Coimbra, onde trabalhou cerca de doze anos. Vive com a mulher, que tem sido a sua Cuidadora Informal desde a identificação da DA, anteriormente a 2006. Mantém contacto regular com os filhos (um filho, que reside em Lisboa, e uma filha, residente em Coimbra) e os netos (duas meninas, em Coimbra e, um menino, em Lisboa). Tem tido acompanhamento específico por psicólogo três tardes por semana, num programa que incide essencialmente no apoio às dificuldades de leitura que evidencia. De acordo com as escolhas de A1, vão frequentemente consultar

²⁵ Conforme declaração médica, em **Anexo 2**, p. 109.

livros às livrarias e visitar museus e o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. Nos tempos livres gostava de viajar, de fazer caminhadas, de bricolage, de ler, de poesia e de teatro. Foi participante ativo em diversas associações culturais e profissionais. É, com a mulher, voluntário de uma associação de reinserção social. Gosta de fazer jardinagem, de passear, de assobiar e de ver televisão. A Cuidadora Informal descreve-o como uma pessoa bastante calma e sociável, que dá muito valor à família e que assobia muito.

Em termos de comunicação, e segundo a sua Cuidadora Informal, o interlocutor de A1 deverá usar frases simples e dar tempo para a resposta. Evidencia grandes dificuldades de leitura e de articulação verbal, apesar de conseguir iludir essa dificuldade, no dia-a-dia e perante os demais interlocutores casuais, através de estratégias de compensação.

B1, participante do sexo feminino, com 71 anos de idade, nasceu em Carragozela da Beira, concelho de Seia, numa família de três filhos. Aí completou o 4º ano do 1º ciclo do Ensino Básico (4ª classe à época). Casou e emigrou para Angola, onde foi comerciante até 1975. Regressada a Portugal, fixou residência em Coimbra, onde manteve uma loja de venda de vestuário que ainda acompanha diariamente, apesar de já não a poder gerir. Vive com o marido. No entanto, a sua Cuidadora Informal é a única filha do casal, que lhe deu a razão da sua alegria: o neto de 10 anos. Pessoa com alto nível de religiosidade, tem grande apreço por locais de culto católico e sabe elencar alguns milagres de santos. Viajou até esses locais, sendo capaz de os descrever sumaria e repetitivamente. Gosta de cozinhar, de conviver, de passear e de ler. Frequentava assiduamente museus, em Portugal e no estrangeiro, quando viajava. Atualmente mantém visitas regulares ao MNMC e ao Convento de Santa Clara-a-Nova.

Foi diagnosticada com DA há cinco anos, tendo sido acompanhada preventivamente. Apresenta dificuldades na coordenação motora, na motricidade fina e na gestão autónoma das Atividades da Vida Diária (AVD), bem como perdas de memória a longo e a médio prazo. Revela-se intransigente e impaciente em frequentes situações, no âmbito das relações interpessoais. Desenvolve uma conversação repetitiva e regista alguma confusão espacial. Iniciou recentemente (durante o decorrer do presente estudo) acompanhamento por psicólogo, que a apoia em tarefas de socialização, duas vezes por semana. Pratica ginástica corretiva e hidroginástica.

Segundo a sua Cuidadora Informal, para comunicar com B1 o interlocutor deverá usar frases curtas, simples e convidativas. A leitura e a conversação não estão comprometidas, apesar de as frases poderem ser repetitivas, sem entoação e sem expressão facial.

B2 é uma das mais recentes participantes do projeto *EU no musEU*. Apresenta um quadro de Defeito Cognitivo Ligeiro (DCL) diagnosticado há menos de dois anos, com comprometimento da memória, não se verificando aparentemente influência no desempenho a outros níveis funcionais. Sofreu grandes perdas emocionais em 2015, nomeadamente a morte do marido, pelo que apresenta um quadro depressivo que no convívio social é debelado pontualmente. B2 nasceu e viveu sempre em Coimbra, há 74 anos. Licenciada em Enfermagem, com especialização em Saúde Pública, tinha gosto em aprender outras línguas (excetuando o Alemão, como faz questão de frisar). Foi enfermeira do Serviço de Medicina Pedagógica desde 1975 até à idade da reforma. Hoje vive só, no centro da cidade de Coimbra, perto do filho mais velho e de dois dos netos (tem mais um neto, do filho mais novo). Por questões de disponibilidade profissional e grande preocupação com o bem-estar de B2, o filho mais novo, residente fora de Coimbra, vem mensalmente acompanhá-la às sessões do *EU no musEU*, e vigia o cumprimento da medicação semanal. Além do acompanhamento neurológico específico, não usufrui de qualquer acompanhamento psicoterapêutico. Viajou muito com o marido, em Portugal e no estrangeiro, e os museus estavam sempre no roteiro de viagem. Ainda mantém esse gosto, o de conversar e o de conduzir, por isso, em viagens, vai sempre atenta aos barulhos dos carros e à condução das outras pessoas. Destemida, teve grande paixão por veículos motorizados, por conduzir e por altas velocidades, segundo conta com orgulho, advertindo que foi sempre muito cautelosa com os outros condutores. Do seu círculo de amigos conserva um casal que a visita amiúde mas, à exceção dos dois filhos e respetivas famílias, pouco convive, por não querer sair de casa, devido à tristeza.

O seu Cuidador Informal descreve B2 como uma pessoa irreverente ao longo da vida e, atualmente, desmotivada e apática. No entanto, salienta que continua a dar valor ao convívio com a família, às memórias do que viveu com o marido e às recordações da juventude. Também deixa registado que B2 mantém uma comunicação muito fácil e fluente.

B3, a participante mais recente do projeto *EU no musEU*, nasceu em 1927, em Tomar. Fez a escolaridade básica nessa cidade, tendo ido depois estudar para o Porto, onde completou o antigo 5º ano do liceu. Ainda jovem, foi com a família viver para África, no ex-Congo Belga. Casou e mudou-se para Moçambique, onde teve os três filhos. Diz que nunca gostou de África. Por isso, quando enviuvou aos 34 anos, perdendo todos os bens do casal, regressou a Portugal e, tendo estudado e estagiado em Lisboa, criou as duas filhas e o filho com o seu trabalho de modista de alta-costura. Manteve até há poucos anos atelier nessa área, em Coimbra, onde fixou residência há cerca de quarenta anos. Das viagens realizadas durante a vida, a que mais a marcou foi a do cruzeiro às Ilhas Gregas, por ter ali conhecido a cultura clássica, que a fascinou. Não era frequentadora de museus. Só passou a sê-lo a partir de Janeiro de 2016, através do MNMC. Sempre manifestou especial apetência para o desenho e, aos 75 anos, foi fazer um curso e começou a pintar. Deleita-se a observar e a desenhar árvores. Faz questão de dizer que é prima do pintor Artur Bual.

A PNC decorreu de AVC que sofreu há cerca de quatro anos, traduzindo-se numa perda significativa de memória, certa confusão e comprometimento de autonomia nas AVD. Vive atualmente em casa das duas filhas, que residem em Coimbra e partilham a responsabilidade de ser suas Cuidadoras Informais. Não conta com acompanhamento especializado de psicoterapia. Convive regularmente com outros idosos num Centro de Dia, próximo da casa de uma das filhas, e participa mensalmente no *EU no musEU*. Partilha a vida diariamente com as filhas e com o genro e esporadicamente com os cinco netos, a neta e a bisneta.

Uma das suas Cuidadoras Informais caracteriza B3, no passado, como pessoa muito sociável, ativa e independente, mulher de projetos que lhe mobilizavam a energia e a atenção. Considera que B3 continua sociável, porém um pouco mais inibida, pela grande dificuldade em ouvir (mesmo usando aparelhos). Calma e dócil, continua a querer manter-se ativa e informada, não aceitando as limitações que tem e tentando sempre superar-se.

Relativamente à comunicação, as suas dificuldades de audição diminuem a disponibilidade de B3 para socializar, o que não a impede de, ultrapassando os primeiros momentos de contacto, falar e pedir para repetir, sem receios. Fala muito baixo, sendo por vezes difícil de entender o discurso. Apresenta momentos de alguma

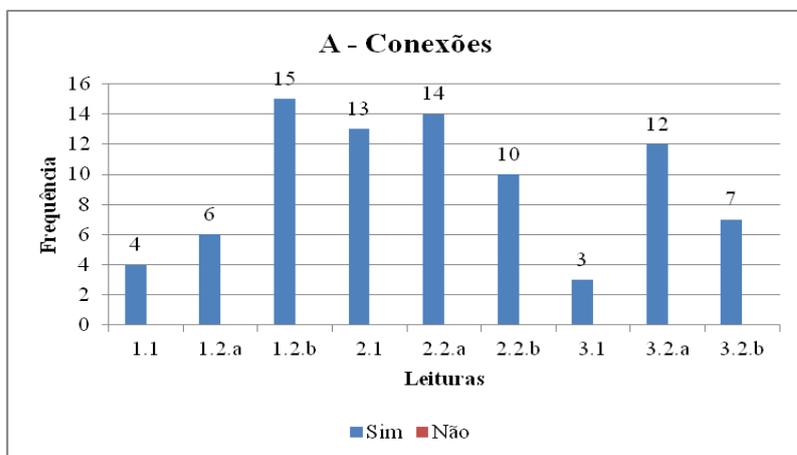
confusão e desconexão verbal. A Cuidadora Informal recomenda que o interlocutor use um discurso simples, claro e com contacto visual permanente, de modo a que B3 possa ler nos lábios.

2 – Aplicação de histórias sobre obras de arte do MNMC e sua adaptação para SPC: análise dos dados

Após a aplicação das três histórias, procedeu-se à recolha e análise dos dados obtidos através da “Grelha de Observação de Comportamentos”, a partir das situações de leitura. O tratamento dos dados permitiu estabelecer um perfil de desempenho de cada participante, que de seguida se apresenta.

2.1 – Participante A1

Gráfico 1- Desempenho de A1 ao nível da expressão verbal (Conexões) em todas as aplicações.

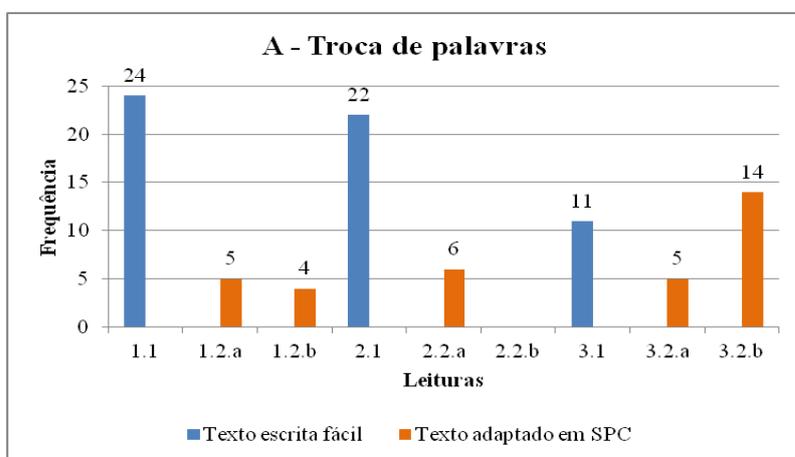


Verifica-se que A1 faz muitas conexões em todas as sessões de leitura. Não se depreende de imediato um padrão. No entanto, há uma linha ascendente desde a primeira leitura do primeiro texto em escrita fácil (TEF) até à segunda leitura em SPC, da mesma História 1 – *Isabel, a rainha das rosas*. Nota-se de seguida uma pequena flutuação e regressão acentuada na leitura do TEF da História 3 – *O Anjo que mostra a grande custódia – a Custódia do Sacramento* (três conexões); volta a aumentar a

frequência das conexões ao ler o texto adaptado em SPC dessa estória e regride, provavelmente devido a fatores externos à leitura – vírus gripal.

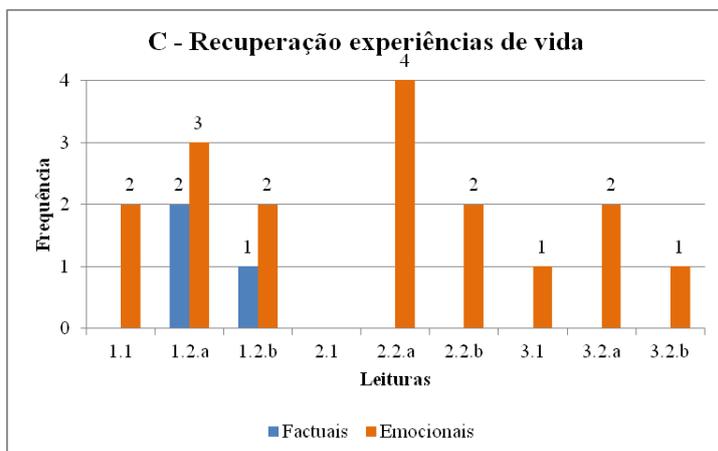
Esta tendência para as conexões entre assuntos tem relação provável com a sua vasta cultura e experiência profissional, enquanto Professor de Educação Especial, e revela-se mais quando descontrai e em situação de leitura de texto adaptado em SPC.

Gráfico 2 - Desempenho de A1 ao nível da expressão verbal (Troca de Palavras) em todas as aplicações.



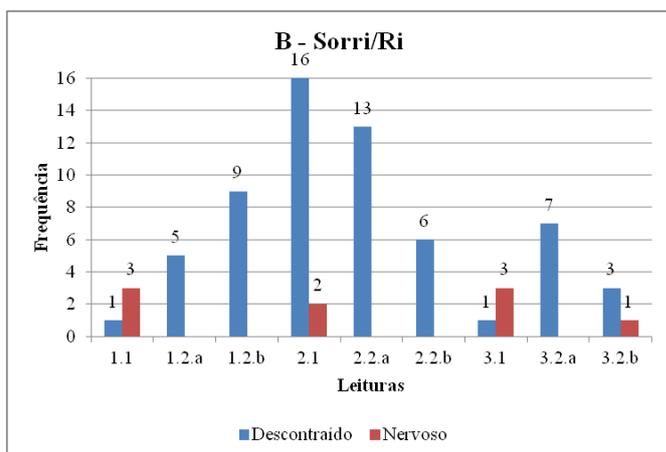
Devido a problemas das funções visuo espaciais relacionados com a PNC, o participante troca bastantes palavras, registando-se maior frequência nas leituras dos textos em escrita fácil (1.1., 2.1. e 3.1.). A frequência de 11 trocas de palavras na leitura 3.1., registando-se menos troca que nas outras duas leituras de texto em escrita fácil, deve-se a que A1 só conseguiu realizar metade desta leitura (v. Observações da “Grelha de Observação de Comportamentos” A1-3.1., **Anexo 8**).

Gráfico 3 – Desempenho de A1 ao nível da Recuperação de Experiências de Vida (Factuais e/ou Emocionais) em todas as aplicações.



Observou-se que A1 é o participante que consegue relatar mais experiências de vida factuais durante a leitura das estórias. Com frequência menor encontra-se B1 e não há registo deste tipo de recuperação durante as leituras das outras duas participantes. A1 regista recuperação de memórias emocionais em todas as leituras. Na leitura do TEF da Estória 2 – *Dona Berlinda, do Bispo Francisco* (2.1.) não se registou qualquer recuperação de memória.

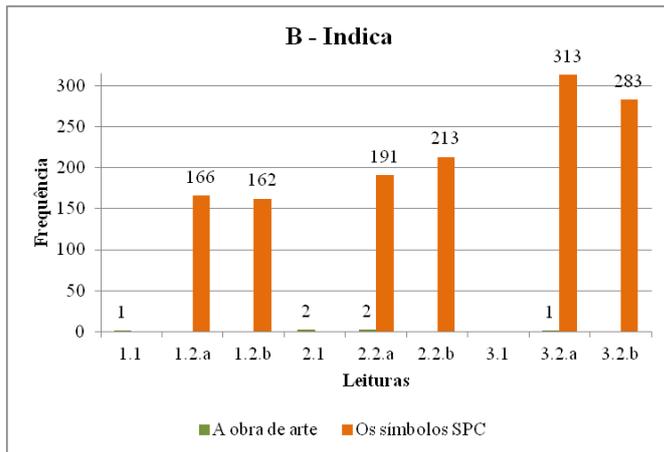
Gráfico 4 - Desempenho de A1 ao nível da expressão gestual e corporal (Sorri / Ri) em todas as aplicações.



De riso fácil, A1 sorriu e riu bastante durante as sessões, sendo a maior frequência de riso descontraindo registada nas leituras da Estória 2 – *Dona Berlinda, do Bispo Francisco*, verificando-se na leitura 2.2.a. gargalhadas soltas aquando da recuperação de memórias emocionais (v. Observações da “Grelha de Observação de Comportamentos” A1-2.2.a, Anexo 8).

A1 foi o único participante a registar comportamentos de sorriso nervoso, em quatro momentos, coincidindo três com leituras de TEF e o último com a segunda leitura em texto adaptado, correspondente a momento pós estado gripal grave.

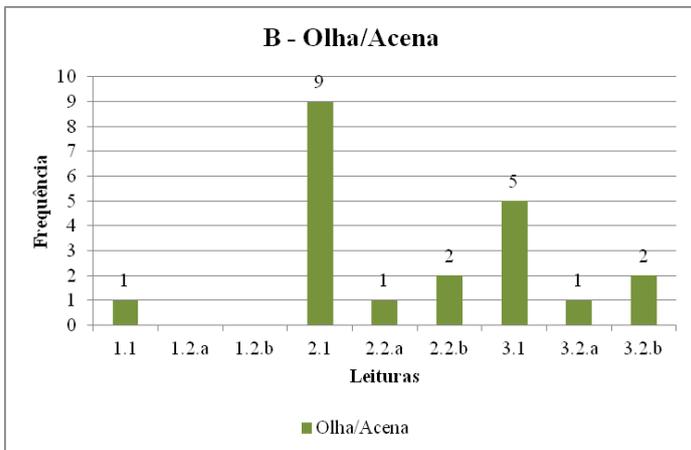
Gráfico 5 - Desempenho de A1 ao nível da expressão gestual e corporal (Indica) em todas as aplicações.



Verificou-se que A1 indicou a obra de arte seis vezes, três durante leituras de TEF (duas vezes ao ler o texto da Estória 1 – 1.1. – e uma vez ao ler o texto da Estória 2 – 2.1.) e três vezes durante leituras de texto adaptado em SPC: duas ao realizar a primeira leitura em SPC da Estória 2 (2.2.a) e uma vez durante a primeira leitura em SPC da Estória 3 (3.2.a.).

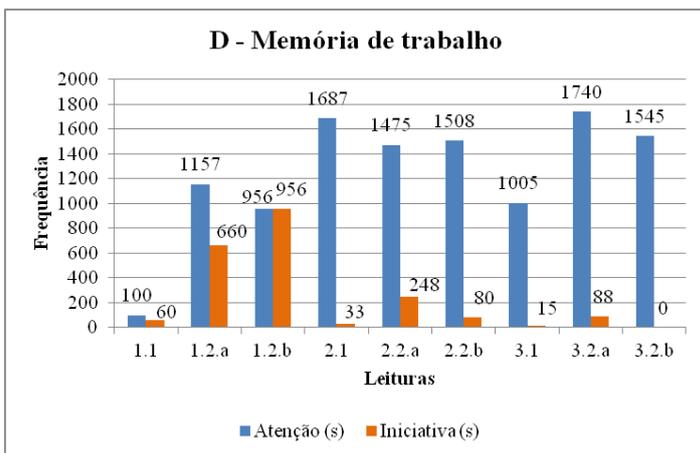
Relativamente à indicação dos símbolos em SPC, a frequência ultrapassa as três centenas. Mesmo com o apoio dos símbolos e a repetição compartimentada das palavras dentro das tabelas, A1 precisou quase sempre de indicar com o dedo o símbolo que devia ler, tendo muitas vezes dificuldade em o distinguir, precisando de indicar o mesmo símbolo várias vezes.

Gráfico 6 - Desempenho de A1 ao nível da expressão gestual e corporal (Olha / Acena) em todas as aplicações.



Verificou-se que A1 nunca acenou com a cabeça ou o corpo em direção à obra de arte. O comportamento registado neste gráfico refere-se à indicação das peças com o dedo durante as leituras. Este comportamento não é significativo em A1, à exceção da leitura do TEF da Estória 2 (2.1.), durante a qual olhou nove vezes para a obra de arte em análise – a *Berlinda*.

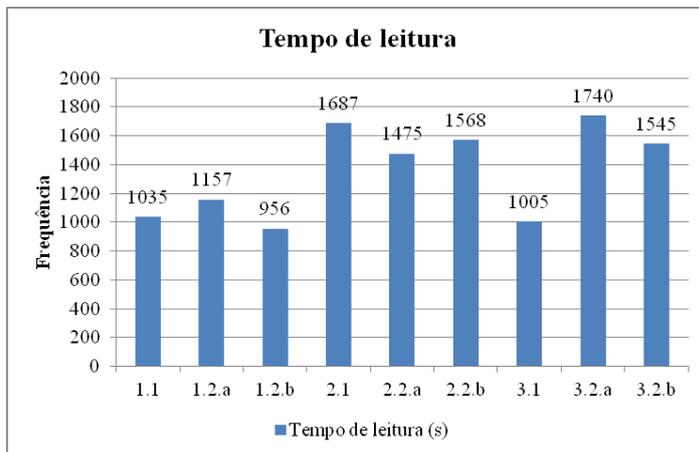
Gráfico 7 - Desempenho de A1 ao nível da Memória de Trabalho (Atenção / Iniciativa) em todas as aplicações.



Regista-se maior frequência de comportamentos de atenção, sendo que nas leituras de 1.2.b. (segunda leitura do texto adaptado em SPC da Estória 1 – *Isabel, a rainha das rosas*) o tempo da atenção é equivalente ao da iniciativa. Nas outras leituras os valores são muito díspares, mas há muito menor registo de situações de iniciativa, exceto nas leituras 1.2.a. e 1.2.b. correspondentes às leituras em SPC da Estória 1, durante as quais A1 manifestou muito interesse pelo tema e iniciativa a falar sobre a sua

cidade de adoção (Coimbra) quando viu o pictograma da cidade e sobre o ‘*Milagre das rosas*’ e a fama de poeta e o cognome de “Lavrador” que a História atribuiu a D. Dinis.

Gráfico 8 - Desempenho de A1 ao nível do Tempo de Leitura em todas as aplicações.

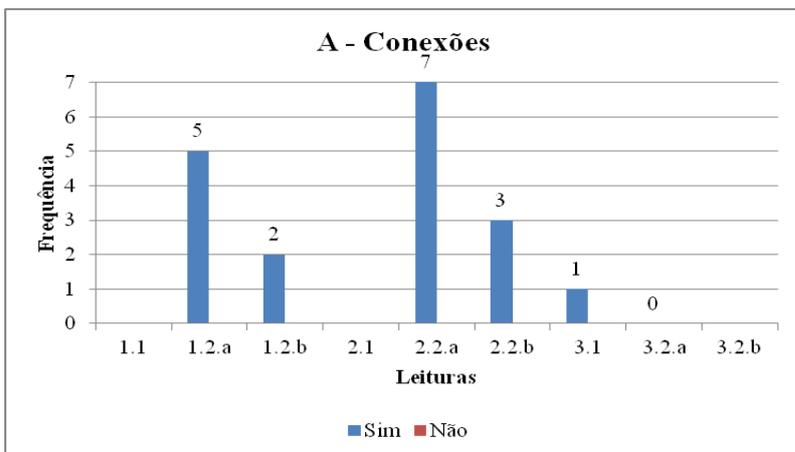


Para a análise dos tempos de leitura despendidos por A1 devem ser tidas em conta as seguintes variáveis: a leitura dos textos em escrita fácil foi muitas vezes interrompida para descansar um pouco, ou porque A1 se confundia tanto que acabava por introduzir outra conversa que interrompia a leitura; a leitura do TEF da Estória 3 – *O Anjo que mostra a grande custódia – a Custódia do Sacramento* –, teve de ser interrompida, por a autora considerar que o sofrimento e frustração estavam a ser superiores ao benefício de explorar a obra de arte ou ao prazer de estar no museu (v. Observações das “Grelhas de Observação de Comportamentos” A1-1.1., 2.1. e 3.1., em **Anexo 8**).

2.2 – Participante B1

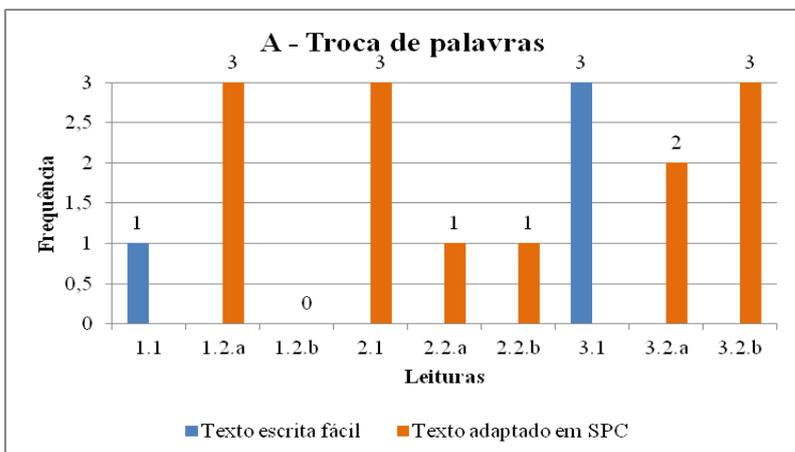
Importa salientar que B1, devido à sua personalidade pragmática e ao estágio inicial da PNC, cumpriu rigorosamente as instruções de leitura, decorando os textos em casa, tendo-os lido em tempos muito escassos, pelo que a sessão de leitura propriamente dita e os gráficos abaixo analisados não revelam comportamentos de iniciativa, recuperações de experiências de vida e estimulação cognitiva geral. Tais comportamentos verificaram-se em pleno na abordagem prévia da obra de arte, durante as sete semanas das aplicações.

Gráfico 9 - Desempenho de B1 ao nível da expressão verbal (Conexões) em todas as aplicações.



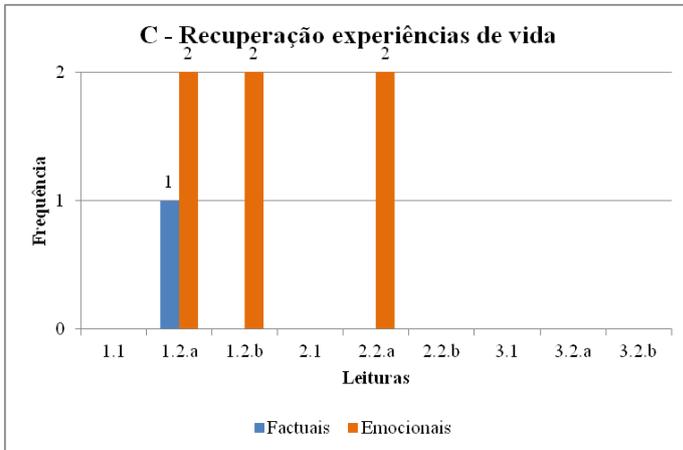
Do desempenho de B1 durante as situações de leitura salienta-se a pouca frequência de conexões. No entanto, nas leituras dos textos adaptados em SPC, a frequência de conexões foi mais elevada (7), por comparação às leituras dos textos em escrita fácil – TEF – (1). Não se identificaram conexões em quatro leituras. Destaca-se 2.2.a. com sete conexões alcançadas.

Gráfico 10 - Desempenho de B1 ao nível da expressão verbal (Troca de Palavras) em todas as aplicações.



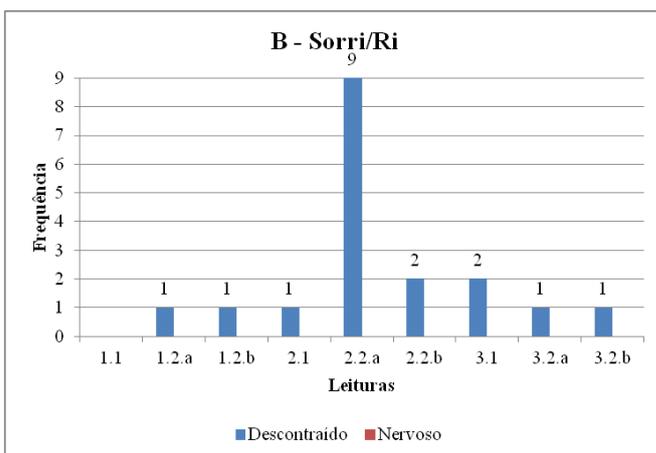
Verificam-se com B1 trocas de palavras transversais a todas as leituras, com incidência maior nas de SPC. Sendo a sua frequência de três trocas no máximo, deveram-se a muita pressa em ler e à fixação em determinados estereótipos, *e.g.* D. Dinis em vez de Dinis (1.2.a.), ou Luís em vez de Dinis, revelando o que decorou durante a semana.

Gráfico 11 - Desempenho de B1 ao nível da Recuperação de Experiências de Vida (Factuais e/ou Emocionais) em todas as aplicações.



Durante a leitura das histórias, B1 só manifestou recuperação de experiências de vida emocionais em três situações: ambas ao ler textos adaptados em SPC, na História 1 (1.2.a e 1.2.b.), e na História 2 (2.2.a.), numa média de duas unidades. Também a recuperação de experiência factual se revelou na primeira leitura em SPC da História 1 (1.2.a.), ao referir, perante o pictograma do rio Mondego, o local onde ele nasce, junto à sua terra, que identificou (*cf.* “Grelha de Observação de Comportamentos” B1-1.2.a., **Anexo 8**).

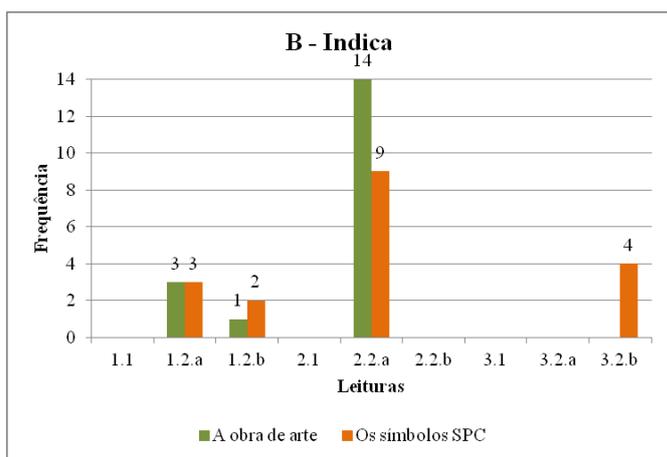
Gráfico 12 - Desempenho de B1 ao nível da expressão gestual e corporal (Sorri / Ri) em todas as aplicações.



Não se registaram comportamentos de sorriso nervoso em todas as aplicações. Houve ausência de sorriso / riso na leitura 1.1., correspondente ao primeiro TEF. A mais alta frequência deste comportamento registou-se na primeira leitura em SPC da

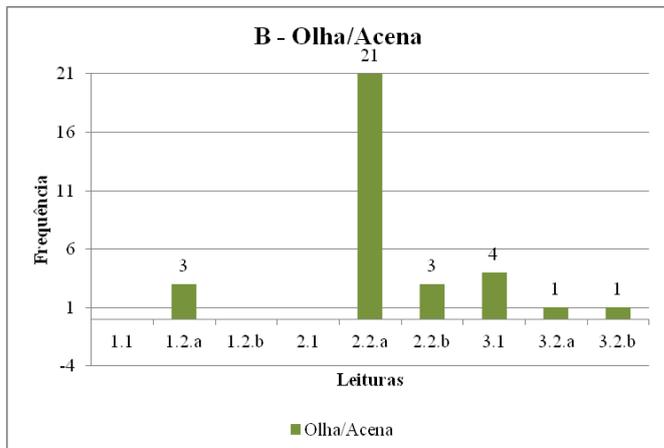
Estória 2 (2.2.a.), correspondendo a maior interação com a peça, por intermédio dos SPC, o que resultou em diálogo mais descontraído com a investigadora, quebrando o modo de estar habitual de B1 nestas aplicações (cf. “Grelha Transcrição do Registo áudio visual” B1-2.2.a., Anexo 7).

Gráfico 13 - Desempenho de B1 ao nível da expressão gestual e corporal (Indica) em todas as aplicações.

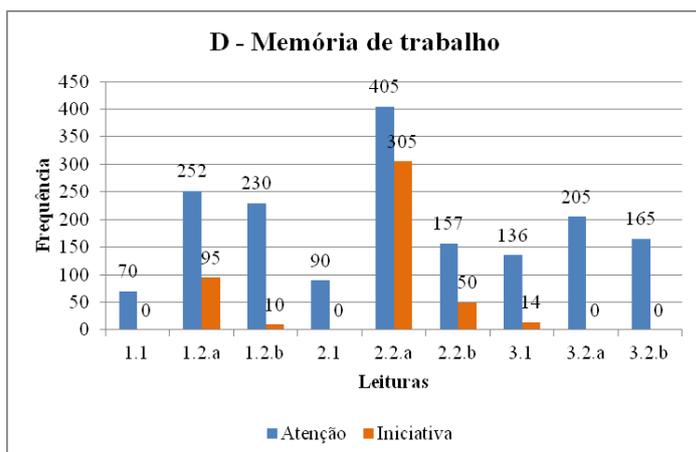


Verifica-se que B1 indica os textos em SPC com frequência mais elevada nas leituras da Estória 1 (1.2.a. e 1.2.b.), na primeira leitura da Estória 2 (2.2.a.) e na segunda leitura da Estória 3 (3.2.b.), enquanto nas restantes não se verifica tal comportamento. Esta atitude é explicada pelas Grelhas de Transcrição dos registos áudio visuais: nas leituras iniciais dos textos adaptados. B1 começou a ler de imediato os signos em SPC, saltitando com o dedo entre eles. Nas restantes leituras, leu somente os signos sem os assinalar com o dedo.

De forma geral, B1 pouco indicou a obra de arte, exceto durante as duas leituras do texto em SPC da Estória 1 (1.2.a. e 1.2.b.) e na primeira leitura da Estória 2 (2.2.a.), durante a qual apontou 14 vezes para a Berlinda, nomeadamente enquanto lia os materiais de que era constituída.

Gráfico 14 - Desempenho de B1 ao nível da expressão gestual e corporal (Olha / Acena) em todas as aplicações.

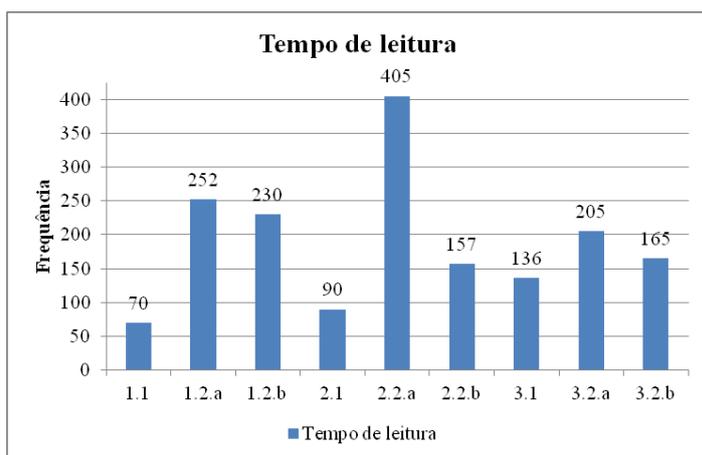
Ressalva-se que o comportamento de B1 neste índice de análise foi o de acenar com o tronco na direção da obra de arte, olhando em simultâneo. É a única participante a registar este comportamento. Do seu desempenho observa-se uma maior frequência deste comportamento a partir da primeira leitura da Estória 2 em SPC (2.2.a.). Até então, só se verificou uma vez, durante a leitura em SPC da Estória 1 (1.2.a.). Dos registos áudio visuais afere-se que B1 começou a olhar para as peças, acenando na sua direção, ou olhando rapidamente, com a continuidade das situações de leitura.

Gráfico 15 - Desempenho de B1 ao nível da Memória de Trabalho (Atenção / Iniciativa) em todas as aplicações.

Não se regista grande frequência de iniciativa por parte de B1 durante as leituras. No entanto, nas leituras 1.2.a. (primeira em SPC da Estória 1) e 2.2.a. (primeira em SPC da Estória 2) observa-se que persistiu mais tempo neste comportamento. Em

ambas as leituras fez observações paralelas, contou experiências e comentou signos que lhe pareciam errados, *e.g.* na leitura 2.2.a., na pág. 13, primeira linha, B1 manifestou o seu desacordo quanto à representação, em duas tabelas, de ruas inclinadas: “Isto aqui é uma escada, não são ruas inclinadas!” (*cf.* Grelha Transcrição do Registo áudio visual B1.2.2.a., aos 11 min., **Anexo 7**).

Gráfico 16 - Desempenho de B1 ao nível do Tempo de Leitura em todas as aplicações.



Os tempos gerais de leitura de B1 são muito reduzidos. Lê rapidamente, quando em situação de leitura de TEF.

Demora em regra um pouco mais nas primeiras leituras em SPC das três histórias (1.2.a., 2.2.a. e 3.2.a), destacando-se o tempo despendido em 2.2.a. – 405 segundos, ou seja, 6,45 minutos. O tempo de leitura usado em 2.2.a., confrontado com os registos áudio visuais e com a respetiva Grelha de Transcrição do Registo áudio visual, permitem concluir que existiu um maior envolvimento emocional de B1 nesta sessão.

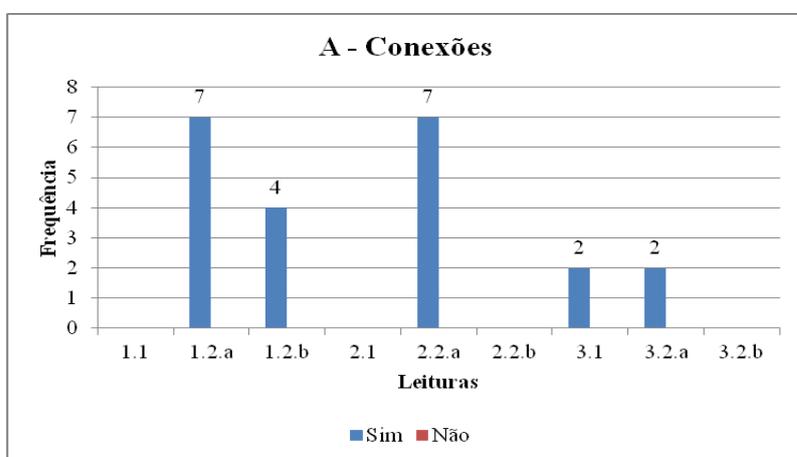
Em resumo, B1 tem um baixo desempenho de conexões e de alterações de postura, ou de variações na expressão gestual durante as leituras, conforme os gráficos demonstram. No entanto, ao nível da expressão verbal, observam-se reações, conexões, momentos de iniciativa nos temas e nas memórias que, só foram observáveis durante a abordagem da obra de arte porque, durante as leituras B1 adota uma atitude de obsessão pela tarefa que não é conciliável com a abordagem de outros assuntos.

Do mesmo modo, recupera experiências de vida factuais e emocionais antes das leituras, durante a abordagem da obra de arte.

2.3 – Participante B2

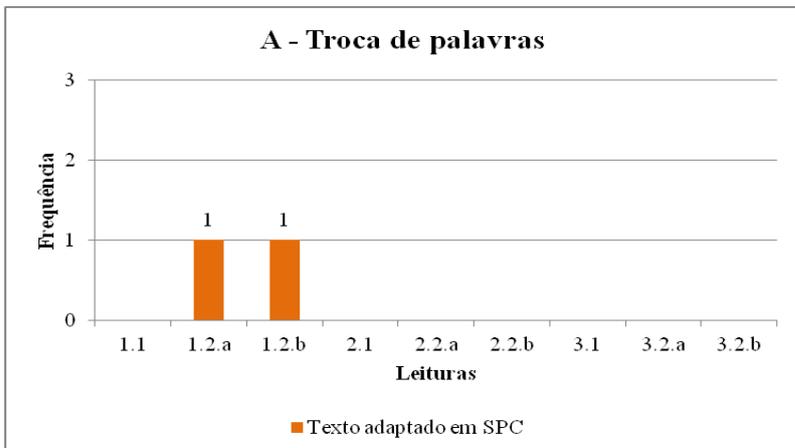
Convém ressaltar que B2, tal como B1, cumpriu rigorosamente a tarefa de ler, quase não olhando para as obras de arte quando se encontrava em situação de leitura. As observações, conexões e recuperações de experiências aconteceram em situação de pré-leitura, aquando da abordagem da obra de arte, ou ainda após a situação de leitura de texto em SPC.

Gráfico 17 - Desempenho de B2 ao nível da expressão verbal (Conexões) em todas as aplicações.



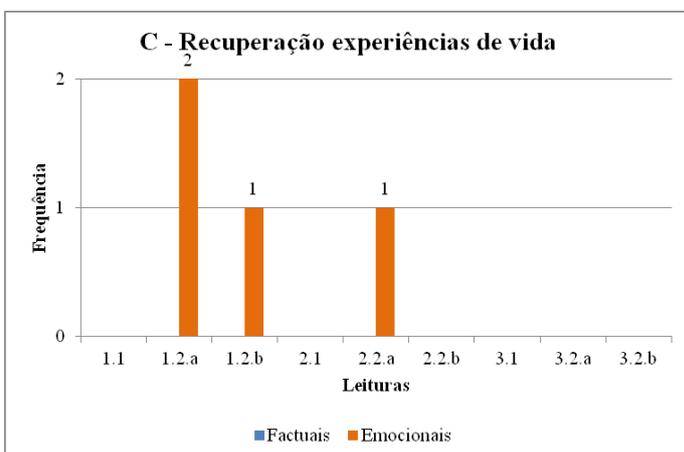
Do desempenho de B2 para este índice de análise afere-se que fez algumas conexões, em cinco das nove leituras, sendo as de maior expressão correspondentes a momentos de primeira leitura de texto adaptado em SPC das Estórias 1 e 2 (1.2.a. e 2.2.a.).

Gráfico 18 - Desempenho de B2 ao nível da expressão verbal (Troca de Palavras) em todas as aplicações.



Existe um número quase inexpressivo de troca de palavras durante as leituras. Porém, as duas vezes em que manifestou este comportamento são dignas de registo, pois correspondem a duas situações relativas à memória semântica: B2 deve ter aprendido (como todas as crianças da sua época) a designar os reis com o título honorífico de “Dom”. Assim, a troca que está assinalada em 1.2.a é correspondente à leitura na pág. 3, primeira linha: B2 viu a imagem e o texto de “Dinis” e inferiu “D. Dinis”. O mesmo aconteceu no final da leitura 1.2.b., (pág. 13, segunda linha da Estória 1 em SPC – *cf. Anexo 5*), ao ver o signo de poema tendeu a dizer que era escrito, e ao lado estava outro signo com a imagem de pintar, no qual nem reparou. Recapitulando, a memória semântica, de longo prazo, ditou-lhe que reis se designam por “Dom” e os poemas escrevem-se, não se pintam.

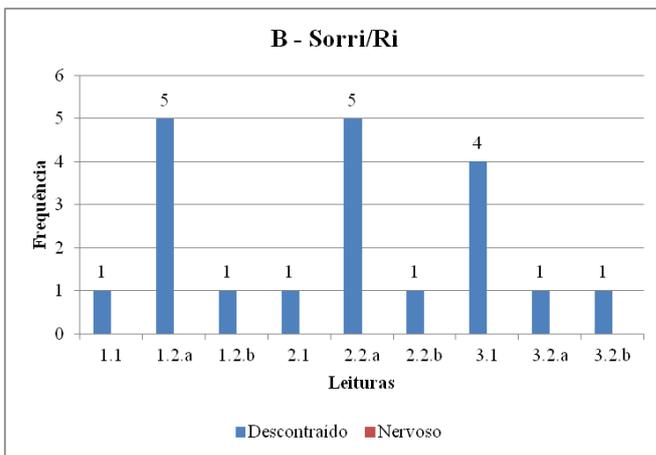
Gráfico 19 - Desempenho de B2 ao nível da Recuperação de Experiências de vida (Factuais e/ou Emocionais) em todas as aplicações.



A recuperação de experiências de vida só aconteceu em três das nove leituras realizadas, sendo todas de carácter emocional e durante a leitura das estórias com texto adaptado em SPC (1.2.a., 1.2.b., da Estória 1, relacionadas com a vida de estudante de Coimbra e com hábitos de educação portugueses; 2.2.a., da Estória 2, relacionada com cavalos). Durante a primeira leitura em SPC da Estória 2 reinterpreta as frases: “Senteste voar” (ao ler ‘Sentes que voas’, pág. 6, primeira linha) e acrescenta recordando: “Aquilo é uma maravilha, a trote por aí adiante!”

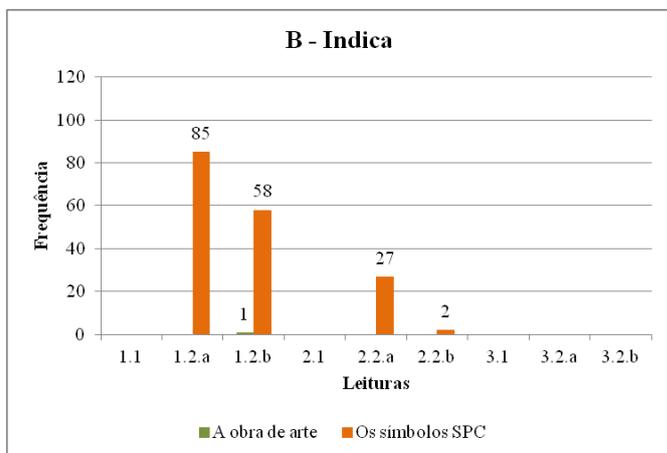
Note-se que a Estória 3 não despoletou esse comportamento.

Gráfico 20 - Desempenho de B2 ao nível da expressão gestual e corporal (Sorri / Ri) em todas as aplicações.



Verifica-se pouca frequência destes comportamentos, sendo verificável apenas o sorriso descontraído, com uma média de 2,22, devida a uma variação significativa na primeira leitura em SPC da Estória 1 e na primeira leitura em SPC da Estória 2, correspondendo a gargalhadas breves. Não é despendendo o riso (em gargalhada também) que manifestou na primeira leitura do TEF da Estória 3 (3.1.), ao tentar imitar com o próprio corpo a posição do anjo, de modo a que pudesse “olhar maravilhado para a grande bola” de prata, conforme descrevia o texto.

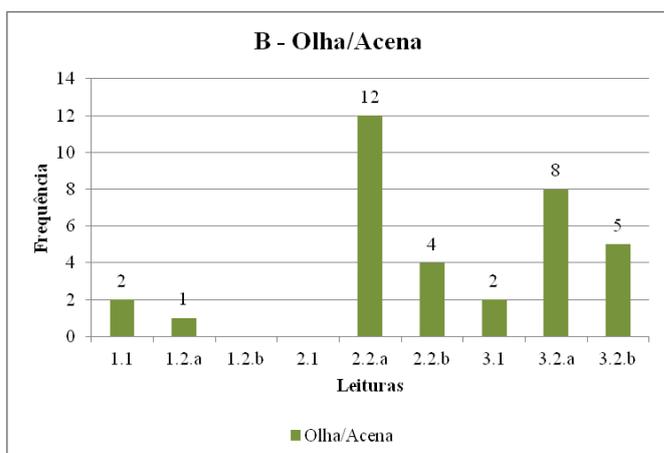
Gráfico 21 - Desempenho de B2 ao nível da expressão gestual e corporal (Indica) em todas as aplicações.



Em quase todas as leituras há ausência deste comportamento relativamente à obra de arte, exceto na 1.2.b. (segunda leitura da Estória 1 adaptada em SPC), para demonstrar a localização da suspensão da Berlinda.

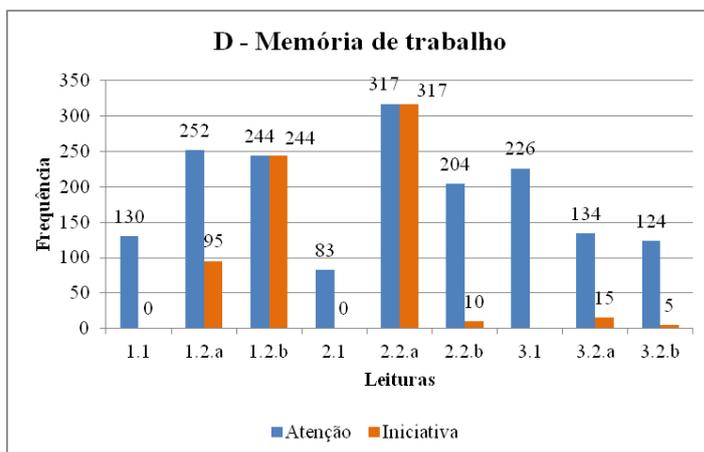
O mesmo aconteceu relativamente aos símbolos em SPC. No entanto, é significativo o registo exponencial deste comportamento, nas leituras em SPC da Estória 1, devido ao facto de B1 ter passado a ler só as tabelas com os símbolos, colocando por vezes o indicador, dobrado, por baixo, para se orientar e tapar o texto. Nas leituras seguintes em SPC tal comportamento não se verificou, porque começou a ler somente os pictogramas sem apoio do dedo.

Gráfico 22 - Desempenho de B2 ao nível da expressão gestual e corporal (Olha / Acena) em todas as aplicações.



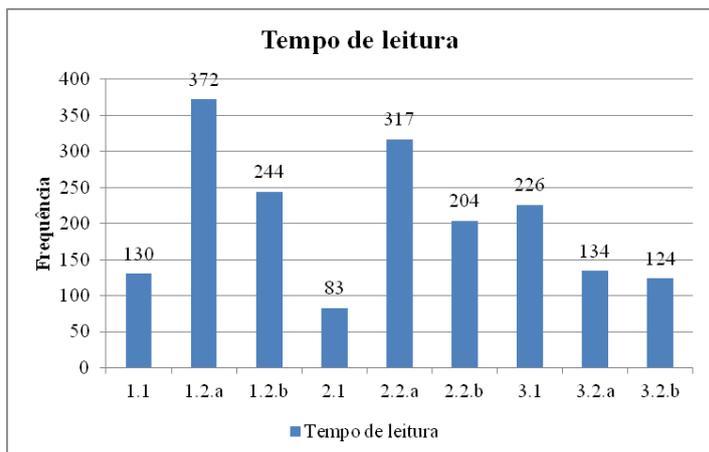
Sempre que B2 se queria referir à obra de arte ou confirmar o que lia, olhava para a peça. Observa-se pouca frequência desse comportamento (olhar) em todas as leituras, devido à atenção colocada no seu desempenho. Uma das exceções é a primeira leitura em SPC da Estória 2 (2.2.a.), com uma frequência de 12 vezes: B2 olhou na direção da Berlinda sobretudo para explicar onde se localizavam os materiais e elementos que a constituem. A outra exceção foi a primeira leitura em SPC da Estória 3 (3.2.a.) durante a qual olhou oito vezes, ou para perceber posições do anjo narradas na estória, ou para admirar a obra, conforme ia lendo a sua descrição.

Gráfico 23 - Desempenho de B2 ao nível da Memória de Trabalho (Atenção / Iniciativa) em todas as aplicações.



Ao observar os dados supra, infere-se que B2 demonstra pouca iniciativa durante as leituras, explicável pela preocupação em se focar no desempenho da tarefa. Excetua-se as leituras 1.2.b. e 2.2.a., cujas estórias, devido às temáticas, a impeliram a tomar a iniciativa de tecer um comentário paralelo à leitura, ou de propor conexões. De salientar que o fez sempre com grande sentido de humor (v. “Grelha de Transcrição do Registo áudio visual, **Anexo 7**). A atenção é elevada em todas as tarefas, correspondendo na generalidade aos tempos de leitura.

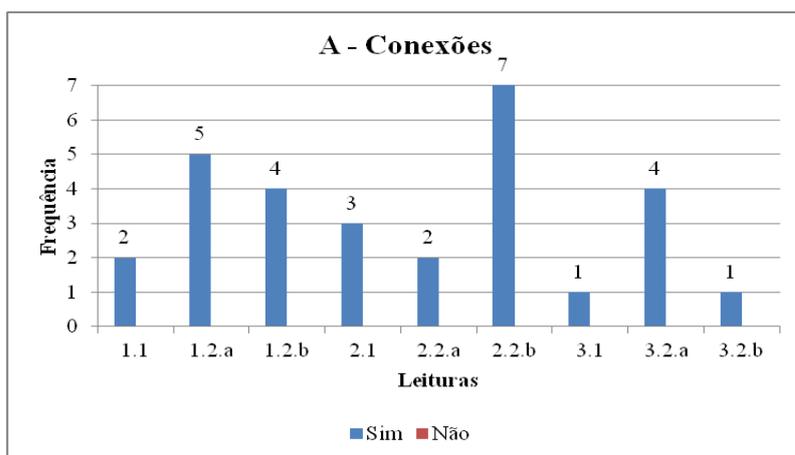
Gráfico 24 - Desempenho de B2 ao nível do Tempo de Leitura em todas as aplicações.



B2 demorou poucos minutos a realizar as tarefas, sendo mais rápida com os TEF. De entre esses, demorou um pouco mais com o da Estória 3. Com os textos em SPC observava por vezes as imagens ou fazia comentários. Demorou menos tempo na 2.1. (texto em escrita fácil da Estória 2) e gastou mais tempo na 1.2.a., devido à novidade da leitura em SPC (cf. “Grelha de Transcrição do Registo áudio visual, Anexo 7).

2.4 – Participante B3

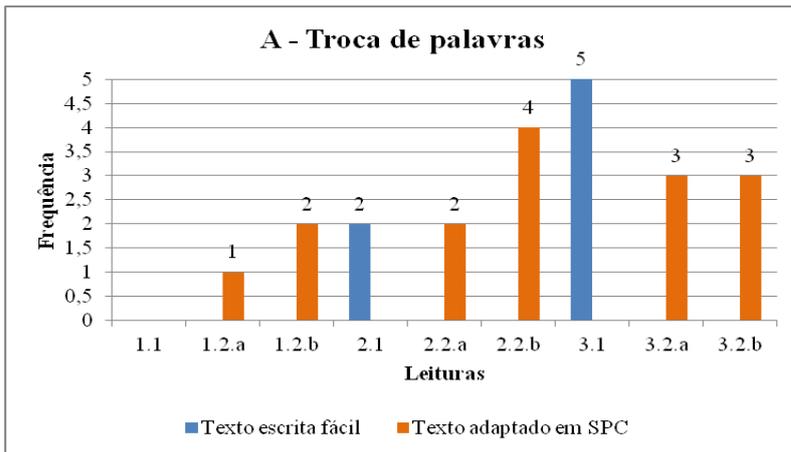
Gráfico 25 - Desempenho de B3 ao nível da expressão verbal (Conexões) em todas as aplicações.



Do desempenho de B3 perante as tarefas propostas observa-se, das conexões realizadas, uma maior frequência durante a aplicação dos textos adaptados em SPC em relação com as dos textos em escrita fácil (TEF), para todas as estórias. Na primeira leitura fez de imediato a conexão entre o Paço da Rainha, a Quinta das Lágrimas que lhe

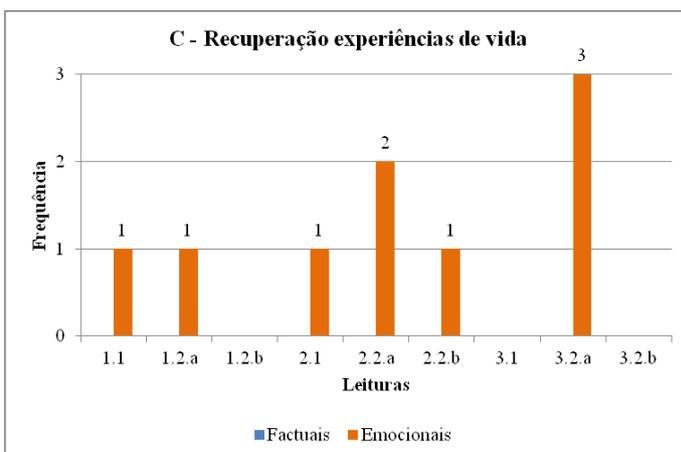
está perto e a casa de uma das filhas. No entanto, a maior frequência regista-se na leitura 2.2.b. – e.g. ao ler o texto, na pág. 14, primeira linha, contou as cabeças representadas no pictograma e comentou: “Aqui tem quatro e quatro: oito. Conta o cocheiro!”.

Gráfico 26 - Desempenho de B3 ao nível da expressão verbal (Troca de Palavras) em todas as aplicações.



Verifica-se a inexistência de troca de palavras na 1.1. (TEF da Estória 1). Existe pouca frequência de troca de palavras nas outras leituras, sendo semelhante entre as realizadas com TEF ou com texto adaptado em SPC.

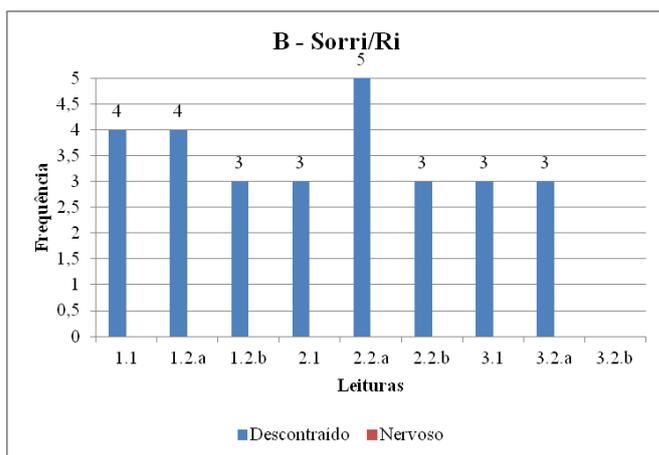
Gráfico 27 - Desempenho de B3 ao nível da Recuperação de Experiências de vida (Factuais e/ou Emocionais) em todas as aplicações.



Todas as experiências de vida relatadas por B3 a partir das leituras são memórias emocionais. Em seis das nove leituras aconteceu pelo menos uma recuperação, não se distinguindo se são despoletadas especialmente com as leituras simples (TEF) ou com

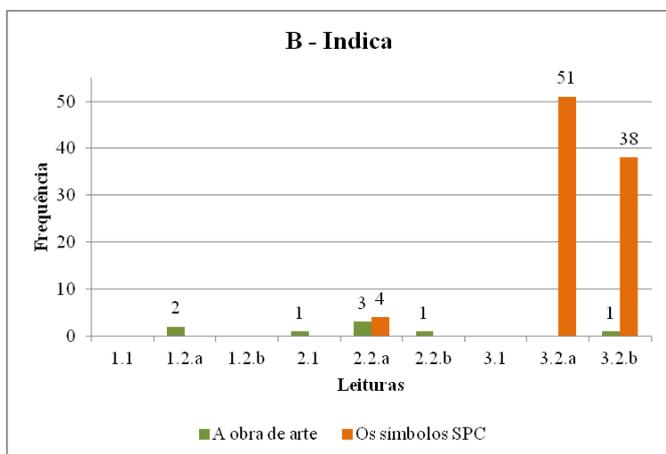
as de SPC. Destaca-se da primeira leitura em TEF da Estória 1 o relato de B3 acerca da sua paixão por pintar árvores e da beleza das existentes na Quinta das Lágrimas (v. “Grelha de Transcrição do Registo áudio visual”, **Anexo 7**).

Gráfico 28 - Desempenho de B3 ao nível da expressão gestual e corporal (Sorri / Ri) em todas as aplicações.



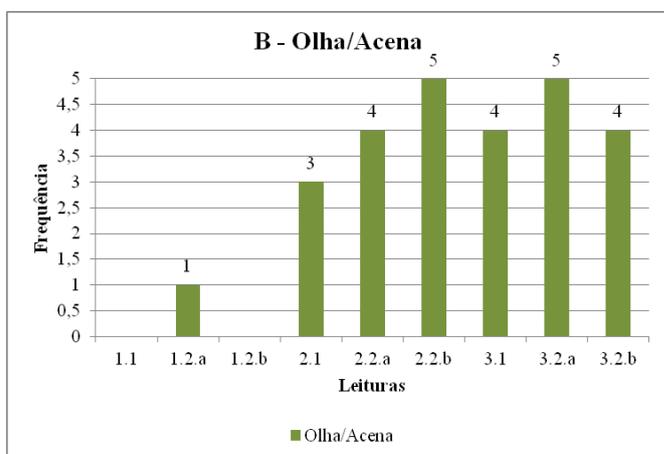
De forma geral, B3 realiza as leituras como se estivesse a ler para uma assembleia, daí que, consoante a pontuação, olhe para o observador e, por vezes, sorria. São sorrisos descontraindo. Não existe, porém, qualquer registo de gargalhadas ao longo das nove sessões. Na leitura 3.2.b. (segunda leitura em SPC da Estória 3) a participante não sorriu.

Gráfico 29 - Desempenho de B3 ao nível da expressão gestual e corporal (Indica) em todas as aplicações.



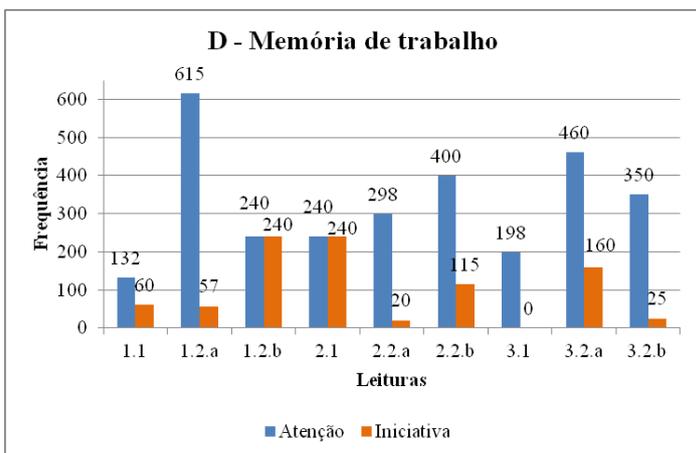
Registou-se um aumento de frequência deste comportamento em 3.2.a. e 3.2.b., que se deveu à leitura constante dos signos em SPC, indicando-os com o dedo e apreciando cada um por si, mais na primeira que na segunda leitura. Na leitura da Estória 2, tendo indicado o brasão do Bispo D. Francisco de Lemos quando estava a lê-lo, deslocou-se para o demonstrar na cabine da Berlinda (leitura 2.2.b., segunda leitura de texto em SPC da Estória 2).

Gráfico 30 - Desempenho de B3 ao nível da expressão gestual e corporal (Olha / Acena) em todas as aplicações.



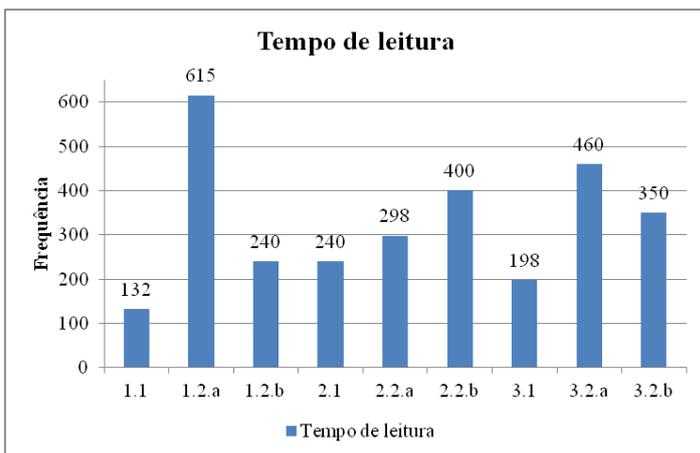
B3 não deu muita atenção à obra de arte durante a primeira leitura do TEF da Estória 1 e a primeira do texto em SPC da mesma estória. Numa, estava nervosa e com receio de não desempenhar bem a tarefa proposta, para além de que observara largamente a obra de arte antes da leitura (16,20 minutos) e, também por essa razão, não voltou a olhar. Na outra leitura, estava muito focada nos signos, que leu atentamente.

Gráfico 31 - Desempenho de B3 ao nível da Memória de Trabalho (Atenção / Iniciativa) em todas as aplicações.



O tempo em que B3 esteve atenta e focada durante as sessões correspondeu sempre ao tempo total de leitura. Da iniciativa demonstrada salientam-se a segunda leitura em SPC da Estória 1 (1.2.b) e a leitura do texto em escrita fácil da Estória 2 (2.1.). Nestas, há equivalência entre os tempos da iniciativa, da atenção e da leitura. Colocou questões, comentou temas, deu opinião sobre os símbolos.

Gráfico 32 - Desempenho de B3 ao nível do Tempo de Leitura em todas as aplicações.



No desempenho de B3 relativamente às tarefas propostas, verifica-se uma correlação entre a frequência da leitura e a atenção demonstrada no gráfico anterior. Regista-se ainda que, se na primeira leitura demora relativamente pouco tempo, já na segunda, em SPC, demora quase cinco vezes mais, devido aos comentários que vai introduzindo acerca dos signos, revelando curiosidade e atenção.

3 – Interpretação dos dados

Para a apresentação dos resultados das aplicações das estórias sobre as três obras de arte do MNMC, implementadas com os quatro participantes – A1, B1, B2 e B3 – inicialmente em escrita fácil e depois adaptadas em Símbolos Pictográficos para a Comunicação (SPC), procedeu-se à técnica de análise de conteúdo, através da elaboração da “Grelha de Observação de Comportamentos”, e seu registo a partir das filmagens das sessões.

Para a aplicação das estórias foi elaborada uma “Grelha de Observação de Comportamentos” (v. **Anexo 8**) tendo por base as teorias da comunicação e a sua terminologia. A grelha foi dividida em: A. Expressão Verbal (contendo 15 índices de análise); B. Expressão Gestual e Corporal (contendo 15 índices de análise); C. Memória de Vida (relativa a recuperação de experiências de vida, factuais (a) e emocionais (b)); D. Memória de Trabalho (subdividida em: Atenção (a) e Iniciativa (b) e medida em tempo (segundos); e Tempo de leitura. A Grelha foi aplicada a todas as leituras, sendo complementada por observações / relato das situações mais relevantes ou reveladoras da evolução do desempenho do participante nessa leitura.

Da análise das trinta e duas “Grelhas de Observação de Comportamentos” e respetiva projeção em gráficos (neste caso histogramas), tornou-se evidente que era necessário optar por reduzir o número de variáveis a apresentar, conforme se expõe seguidamente.

Optou-se por analisar as seguintes variáveis: A. Expressão Verbal: Conexões (A10 e A11)²⁶, Troca de palavras – na leitura do texto em escrita fácil (A14) e na do texto adaptado em SPC (A15); B. Expressão Gestual e Corporal: Sorri / Ri – descontraído(a) (B1) ou nervoso (B2), Indica – a obra de arte (B7) ou os símbolos SPC (B8), Olha / Acena – em direção à obra de arte (B9); C. Memória de Vida: Recuperação de experiências de vida – factuais (Ca)²⁷ e / ou emocionais (Cb)²⁸; D. Memória de Trabalho – atenção (Da) e iniciativa (Db) e por último o Tempo de leitura / segundos.

²⁶ Entendeu-se por **conexões**: referências a fenómenos do quotidiano a partir de palavras ou imagens das estórias (ou de texto em escrita fácil, ou das adaptadas em SPC). O participante faz ligação imediata da imagem ou da palavra a situações do quotidiano que se lhe referem. Tomemos como exemplo a reação de B3 quando leu a referência ao palácio da rainha na Estória 1 em TEF: estabeleceu de imediato a ligação com a casa da filha que é ao lado do mosteiro de Santa Clara, na Quinta das Lágrimas, onde se localizava o referido palácio (v. **Anexo 8**, p. 253).

²⁷ Entendeu-se por recuperação de **experiência de vida factual** o relato de factos da vida, e.g. a memória do local e/ou da data de nascimento, ou o nome do rio que passa pela vila onde o participante nasceu. Um dos exemplos registou-se na grelha da primeira

Estas eram as únicas variáveis que apresentavam os pré-requisitos necessários para estabelecer uma comparação de dados que permitisse maior entendimento do desempenho de *per si* e do conjunto da amostra.

Dada a heterogeneidade da patologia em termos de afetação das competências comunicacionais, associada a uma fraca estimulação das mesmas no quotidiano dos participantes A1, B1, B2 e B3, o resultado das restantes variáveis apenas contribui, neste estudo, para o estabelecimento de perfis e planos de desenvolvimento e manutenção de competências individuais.

Recorde-se que B2 e B3 apenas tinham ido uma vez ao MNMC, na semana anterior, no âmbito do projeto *EU no musEU*. O seu desempenho não parece ter sido afetado por essa circunstância. No entanto, as reações paralelas, comentários complementares à leitura e conversas decorrentes das sessões são menos frequentes que nos casos de A1 e B1, frequentadores do Museu e do referido projeto há quatro anos. Esta é, pois, mais uma variável a ter em conta na discussão dos resultados deste estudo.

3.1 – Comportamentos expressos durante a abordagem da obra de arte

A abordagem da obra de arte antecedeu sempre as leituras, quer dos textos em escrita fácil, quer dos textos adaptados em SPC. Esses momentos prévios demoraram em média cerca de 6 a 10 minutos com B1 e B2, tendo-se prolongado com A1 e B3 (cerca de 10 a 17 minutos por sessão), em parte devido à dificuldade em perceber os objetos das Estórias 1 e 3.

3.2 – Comportamentos expressos durante as leituras

Depreende-se dos dados dos comportamentos expressos durante as leituras, analisados anteriormente por meio dos **gráficos 1 a 32**, qual dos sistemas de comunicação utilizados permitiu um maior grau de desempenho e satisfação por parte

leitura de B1 sobre a Estória 2, adaptada para SPC: ao ver o pictograma do rio Mondego esclareceu que este rio nasce na Serra da Estrela, perto da sua terra (v. **Anexo 8**, p. 219).

²⁸ A **memória emocional** traduz-se na recuperação de situações vividas, que tiveram significado para o indivíduo, e que, a partir destas leituras, são desbloqueadas e narradas. Tome-se como exemplo a recuperação de memória emocional obtida por A1 ao ver o pictograma das correias de cabedal durante a segunda leitura da Estória 2: pediu para interromper a leitura e contar que foi castigado aos 12 anos com correias de cabedal (v. **Anexo 8**, p. 207).

dos participantes deste estudo. Simultaneamente, é possível compreender qual das estórias criadas e aplicadas promoveu a estimulação cognitiva nos quatro participantes e facilitou a comunicação.

3.2.1 – Leituras dos textos em escrita fácil (TEF)

As leituras dos TEF permitiram a todos os participantes conhecer o conteúdo e discurso de cada uma das três estórias e foram para a autora um instrumento de contraponto com o desempenho a verificar nas leituras das estórias em SPC.

Para **A1**, as leituras destes textos revelaram-se provas difíceis de superar, não tendo tido sucesso no texto sobre a Estória 3, cuja leitura não concluiu. Conseguiu estabelecer um número significativo de conexões e de recuperações de memória de vida emocionais, devido, em parte, aos tempos muito longos destas leituras (demorando 1687 segundos na leitura da Estória 2).

B1 leu estes textos rapidamente, como demonstram os gráficos, cumprindo a tarefa de forma irrepreensível. Focada na leitura, quase não manifestou qualquer alteração de postura, de gestos ou de esgar corporal que indicasse reações ao que lia.

B2 leu com correta pontuação, entoação e ênfase todos os textos em escrita fácil, não manifestando também qualquer reação acrescida, a não ser um sorriso pontual.

Para **B3**, foram oportunidades para ler de forma teatral, sorrindo para a interlocutora nos finais dos parágrafos e apreciando a obra de arte acerca da qual lia a estória. Foi, a seguir a **A1**, a participante que conseguiu estabelecer maior número de conexões durante as leituras destes textos.

3.2.2 – Leituras dos textos adaptados em SPC

Entre os quatro participantes neste estudo de caso verificou-se um melhor desempenho nas leituras dos textos adaptados em SPC do que nas dos textos em escrita fácil. Tal diferença foi notória na primeira leitura da Estória 1 em SPC (1.2.a.) e na primeira leitura da Estória 2 adaptada em SPC. A abordagem foi mais descontraída, permitindo uma maior predisposição para descobrir e para partilhar.

Perante os textos adaptados em SPC, **A1** começou a ler com menor dificuldade, as Estórias 1 e 2. A Estória 3 funcionou com A1 como objeto de frustração. Nas transcrições dos registos áudio visuais percebe-se que o participante cora, agita-se na cadeira, olha de lado para a investigadora, une as comissuras dos lábios, curva-se muito. Este comportamento repetiu-se em todos os textos da Estória 3. Paradoxalmente, no final da segunda leitura em SPC desta Estória, descontraíu por ir a passear no Museu (onde “O tempo voa”, conforme já comentou), e ao descer da exposição permanente para o pátio disse que a descida lhe estava a fazer lembrar uma fase da vida em que todos os dias tinha que descer para ir dar aulas. E descreveu um episódio da sua vida ativa que se prolongou por 12 minutos. Chegados junto da cuidadora informal, contou-se o episódio e ela completou-o alegremente, dialogando os dois sobre esse período da vida em comum.

Comparando todos os gráficos de **B1**, para os índices de análise selecionados, verifica-se que o desempenho com maior frequência registada em todos é o da leitura 2.2.a, correspondente à primeira leitura em SPC da Estória 2 – *Dona Berlinda, do Bispo Francisco*. Estes dados, confrontados com os registos áudio visuais e com a respetiva Grelha de Transcrição, permitem concluir que existiu um maior envolvimento emocional de B1 nessa sessão.

B2 não registou um desempenho legível pelos dados dos índices de análise registados nos gráficos que revele, de forma tão evidente, o seu envolvimento emocional superlativo na leitura de textos em SPC relativamente aos de escrita fácil. No entanto, a partir da segunda leitura da Estória 1 em SPC (1.2.b.), começou a ler somente os signos e, durante a primeira leitura da Estória 2 (2.2.a), sobre a Berlinda, usou as imagens para recontar a estória, em jeito de comentário (v. Estória 2 – *Dona Berlinda, do Bispo Francisco*, com reinterpretação pela participante B2 – **Anexo 9**).

B3 vai usando as sessões para ler, apesar de ressaltar que não vê bem nem ouve bem (o que efetivamente se verifica) e deleita-se com os símbolos pictográficos. Na segunda leitura em SPC da Estória 3 (3.2.b.), ao ler na primeira linha da pág. 10 que a Custódia viera para Coimbra, interpela a investigadora de imediato: “E é para ficar cá?! Esta é a parede dela!”, observa, respondendo à sua própria questão. Das observações expressas pelos quatro participantes em relação à leitura dos textos adaptados em SPC, registam-se de seguida alguns exemplos.

A1, durante a primeira sessão de leitura da Estória 2 em texto adaptado em SPC (2.2.a.), perguntou, a propósito de correias de cabedal representadas numa das caixas

SPC, se podia contar uma estória. Recordou que, com 12 anos, o pai lhe tinha batido com correias de cabedal. A recuperação desta memória emocional ocorreu depois da abordagem à obra de arte (a Berlinda) e durante a leitura do livro sobre ela com os SPC (c.f. Observações da “Grelha de Observação de Comportamentos” A1 – 2.2.a, **Anexo 8** e segundo filme desta sessão, 2.2.a., aos 1,38 min., p.207). “Brincámos dez minutos aqui”, comentou A1 no final da primeira aplicação de texto em SPC da Estória 1 – *Isabel, a rainha das rosas* (v. Observações da “Grelha de Observação de Comportamentos” A1 – 1.2.a., **Anexo 8**).

B1, ao ser questionada no final da segunda leitura em SPC da Estória 1 (1.2.a.) sobre se lhe agradou ler o texto, respondeu perentória: “Assim está melhor, porque assim a gente vê!”

Por seu turno, **B2**, no final da segunda leitura em SPC da Estória 2 – *Dona Berlinda, do Bispo Francisco* (2.2.a.), disse: “Qualquer dia vou conduzi-la (olhando de novo para a Berlinda), vou aí dar uma volta na cidade” (v. Observações da “Grelha de Observação de Comportamentos” B2 – 2.2.a, **Anexo 8**).

B3 comentou, no final da segunda leitura em SPC da Estória 3: “Estive a ver se percebia as imagens e foi fácil”.

4 – Discussão dos resultados

Através destas leituras, o participante socializa e desmistifica o espaço de um museu, tornando-o seu e recuperando memórias pessoais e culturais, criando assim condições para, apesar das limitações, experimentar um maior bem-estar emocional, com isso beneficiando o Cuidador Informal e o núcleo familiar.

Um denominador comum a estes participantes é a relação de cumplicidade familiar manifestada, a qual, aliada a comportamentos sociais rotineiros, pode fazer a diferença em termos de estimulação cognitiva e de envelhecimento ativo.

Do desempenho dos quatro participantes, houve registos de reações adicionais à leitura propriamente dita quando leram em SPC a Estória 1 – *Isabel, a rainha das rosas* – e a Estória 2 – *Dona Berlinda, do Bispo Francisco*, depreendendo-se assim a sua eficácia para a prossecução dos objetivos propostos para este estudo de caso.

A obra de arte que permitiu maior registo de comportamentos verbais e não-verbais foi a Berlinda, objeto da Estória 2. Por um lado, a colocação da peça em exposição permite que seja observada de todos os lados, tornando-se mais fácil apreendê-la. Por outro lado, a sua história relaciona-se com Coimbra e com um período de referência da cidade: a Reforma da Universidade pelo Marquês de Pombal. Relaciona-se também com materiais e funções do quotidiano, possivelmente preservadas na memória semântica. Igualmente porque a Estória está contada na primeira pessoa, induzindo a um diálogo e a um imaginário individual residual que persiste nestes públicos, apesar da PNC.

A Estória 1 dizia diretamente respeito a todos, por residirem na cidade, e ao imaginário coletivo nacional, pela lenda da Rainha Santa. Apesar disso, a apresentação da peça em exposição (inserida em vitrine) criou alguns problemas de apreensão relacionados com os défices visuo-perceptivos de dois dos participantes (A1 e B3). O discurso usado na construção da estória apelou para as memórias emocionais mas não desenvolveu estimulação cognitiva como o da Estória 2.

A Estória 3 – *O Anjo que mostra a grande custódia: a Custódia do Sacramento*, revelou-se pouco eficaz para atingir os objetivos pretendidos. De discurso mais difícil de apreender e não dando azo à imaginação do leitor, esta Estória de descrição de uma peça não permitiu conexões, risos, recuperação de experiências de vida de carácter factual ou emocional, exceto em A1, após a primeira leitura em SPC (3.1.a.). A

localização da peça em exposição, um dos motivos para a sua escolha, impediu uma aproximação que se quer estreita entre o público (e este em particular) e a obra de arte, devido aos condicionalismos visuo-percetivos desta PNC. De nada valeu a beleza da obra para colmatar tais *handicaps*, pois à distância a que se encontrava, era difícil percecionar os pormenores referidos na Estória.

Conclusões

“Which museums will survive in the 21st century? Museums with charm and museums with chairs.” Kenneth Hudson

Acerca desta frase do renomado jornalista e museólogo Kenneth Hudson, Teixeira, Faria & Vlachou (2012, p. 19), ao apresentarem o primeiro estudo sobre público sénior em museus portugueses, realizado em 2012, no âmbito de um desafio da Fundação Calouste Gulbenkian e nas comemorações do Ano Internacional do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações, esclareciam:

Kenneth Hudson foi outro visionário. Com base no acima exposto, as suas palavras podem ser interpretadas de forma metafórica: as cadeiras podem representar esse museu aberto, acolhedor, convivial e envolvente. Esses museus sobreviverão no século XXI porque entendem que a sustentabilidade é também uma questão de afectos, de relevância e de acesso. Museus sem pessoas não são museus. São instituições distantes, frias, incompreensíveis e, conseqüentemente, irrelevantes.

No entanto, as ‘cadeiras’ de Kenneth Hudson podem também ser interpretadas de forma literal. Considerando o envelhecimento da população em todos os países do chamado ‘primeiro mundo’, o aumento da esperança de vida, o aumento do tempo livre depois da reforma e a necessidade de o ocupar com actividades que proporcionam o convívio, o divertimento, mas também novos conhecimentos e desafios, podemos facilmente concluir que a chamada ‘terceira idade’ representa para os museus um potencial público que está a aumentar e ao qual deverá ser prestada especial atenção para se conseguir potenciar uma relação eficaz e duradoura.

Na sociedade atual, a população envelhecida e com maior esperança média de vida, tem maior probabilidade de conviver com a senilidade e com um risco acrescido de casos de PNC. Trata-se de doenças degenerativas que evoluem inevitavelmente para a perda da autonomia. A intervenção não farmacológica, mediante a estimulação cognitiva, no sentido de preservar funcionalidades e competências cognitivas remanescentes é uma das valências que os museus podem e devem assumir enquanto agentes culturais e sociais de eleição.

Urge criar ferramentas pedagógicas que permitam que os públicos seniores, e especialmente no que concerne a esta investigação, as pessoas com PNC e seus cuidadores informais, possam em conjunto ter momentos propiciadores de redução de *stress*, de qualidade de vida e de socialização entre pares. A comunicação verbal que

ainda é possível nestas doenças degenerativas pode ser potenciada e complementada com a comunicação aumentativa e alternativa, especialmente com os SPC, através das narrativas de obras de arte, conforme foi demonstrado pelos resultados acima evidenciados.

Assim, tendo em conta a pergunta de partida e face aos objetivos propostos no início desta investigação, conclui-se que:

– Foi possível, através da aplicação das três estórias em escrita fácil e das três estórias adaptadas em SPC em contexto museológico, em pessoas com PNC do espectro da Doença de Alzheimer, relacionar a história e iconografia da obra de arte com as suas histórias de vida destas pessoas, nomeadamente através das recuperações de memórias de vida, explícitas nos gráficos 3, 11, 19 e 27. Porém, essa recuperação é exponenciada aquando das leituras das estórias em SPC.

– A análise do comportamento verbal e não-verbal dos participantes face à estória em escrita fácil e à sua adaptação em SPC, por meio da ‘Grelha de Observação de Comportamentos’ (**Anexo 8**), deixou entender qual das leituras permite desenvolver uma experiência significativa e tudo indica que tal é mais notório com as estórias adaptadas em SPC, quer para os participantes com maior facilidade de leitura, pois descontraem e criam conversas complementares e conexões que induzem à socialização, quer ainda e sobretudo no caso de A1, que apresenta dificuldades evidentes de leitura.

– Os mesmos resultados indicam que a estória adaptada com signos SPC é facilitadora da comunicação relativamente ao texto original, em escrita fácil.

– Acresce ainda que, quando as estórias em SPC eram levadas para casa durante a semana de intervalo até à leitura seguinte no Museu, o cuidador e a família treinavam com o participante (exceto no caso de B2), possibilitando um diálogo que, sendo rotineiro, se revelou promotor de auto estima e de maior estabilização de humor, assim aumentou a disponibilidade para falar, por parte do participante.

- Finalmente, considera-se que o objetivo geral deste estudo, entender da viabilidade das estórias adaptadas em SPC como instrumento de promoção de competências de comunicação e de bem-estar para pessoas com PNC, em contexto museológico foi alcançado, quando se lê, por exemplo, a Estória 2 – *Dona Berlinda, do Bispo Francisco*, recriada na leitura de B2, incluída no **Anexo 9**. Comprova-se o que escrevia nos anos 70

o psicólogo Orlindo Pereira (1977, p. 250): “A única forma genuína de pensamento, a única forma possível de liberdade, é a criatividade”.

Considerando ainda que as questões de investigação apresentadas na pág. 29 deste estudo têm resposta afirmativa, é possível concluir que dos resultados obtidos se constatou que a narrativa de obras de arte em SPC é facilitadora de diálogo e de recuperação de memórias de vida que contribuem para o bem-estar da pessoa com PNC e do seu cuidador informal. Demonstrou-se que os SPC são uma mais-valia na estruturação de uma visita autónoma e inclusiva ao Museu, pelo que outras obras de arte deverão ser adaptadas e disponibilizadas para este público.

Sugestões para estudos futuros

Terminado o processo de investigação que se fixa neste documento, importa registar algumas reflexões sobre o estudo desenvolvido, sua aplicação prática e possibilidades de exploração destes novos paradigmas comunicacionais no futuro.

Dos resultados das leituras da Estória 3 – *O Anjo que mostra a grande custódia: a Custódia do Sacramento* e, pelas características acima mencionadas, entende-se que a peça selecionada não se adequa à implementação junto de públicos com PNC.

Compete assim definir as características específicas de uma obra de arte a selecionar para esta tipologia de narrativa e especificidade de público-alvo, de modo a produzir impacto e maior grau de apropriação do conhecimento pelo participante: deve estar exposta aproximadamente à altura do observador; ser observável de todos os lados, quase tangível; fazer referência a uma história que cause impacto, ou a um percurso (historial) específico; deve ser fácil de apreender no seu todo; e fácil de perceber mesmo nos seus pormenores (tendo em conta as dificuldades visuo-percetivas deste público).

Estes cuidados relativamente à localização e acessibilidade física e intelectual das obras de arte devem ser considerados para todos os públicos, especialmente para todos aqueles que, de algum modo, têm Necessidades Especiais.

O estudo de caso realizado no âmbito deste mestrado surgiu, como foi referido anteriormente, de uma necessidade de criar novos instrumentos para promover a acessibilidade intelectual e social de pessoas com PNC em contexto museológico, especificamente no que refere à comunicação verbal e particularmente a não-verbal.

Foram alvo deste estudo quatro participantes de um projeto de inclusão do MNMC, o *EU no musEU*. O projeto intervém junto de dez a quinze pessoas com PNC, mensalmente. Perante os resultados alcançados é possível propor o alargamento deste estudo, e a sua monitorização a todo o grupo dos participantes do *EU no musEU*, de forma a consolidar resultados e a preparar novas narrativas de outras obras de arte. A monitorização refere-se à conceção e aplicação de entrevistas semiestruturadas para avaliar do grau de satisfação e nível de promoção de qualidade de vida destes instrumentos junto das pessoas com PNC e seus cuidadores informais.

Estão pois criadas as condições para promover, paralelamente, visitas auto geridas pelas pessoas com PNC que queiram, com os seus cuidadores informais, aplicar as estórias adaptadas em SPC, independentemente dos horários do projeto, tornando assim possível uma efetiva inclusão pela arte, com a comunicação aumentativa.

Bibliografia

- “Art & Dementia Program”. National Gallery of Australia, Canberra. Acedido a 2 de Agosto, 2016, em <http://nga.gov.au/ArtDementia/>
- “Museums & Dementia” – The National Museum of Australia Program (Agosto, 2015). Acedido em 20 Julho, 2016, em <http://camd.org.au/museums-dementia/>
- Alzheimer Europe (2013). *Dementia in Europe Yearbook*. Acedido em 30 de Junho de 2014, em <http://www.alzheimer-europe.org/Publications/Dementia-in-Europe-Yearbooks>.
- Alzheimer Europe (2013). *Dementia in Europe Yearbook*. Acedido em 14 de Junho de 2015, em <http://www.alzheimer-europe.org/Publications/Dementia-in-Europe-Yearbooks>.
- Alzheimer Portugal (2015). Site oficial da Associação Portuguesa de Familiares e Amigos dos Doentes de Alzheimer. Acedido em 14 de Julho, 2015, em <http://alzheimerportugal.org/pt/>
- Amado, J. (2009). *Introdução à Investigação Qualitativa em Educação (Investigação Educacional II)*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- American Psychiatric Association (2014). *DSM - 5 – Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (pp.720-721, 730-734). (5th ed.). Arlington, Virginia: APA.
- ANACED (2015). *Manual de Boas Práticas Artísticas e Culturais – a arte pertence a todos* [online]. 5^a Edição revista e aumentada, p. 134. Acedido em 30 de Junho, 2016, em <http://anacedarte.wix.com/anaced#!boas-praticas-artisticas-e-cul/c12du>
- Beaudichon, J. A. (2001). *A Comunicação. Processos, formas e aplicações*. Porto: Porto Editora.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1991). *Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bruno, A. (2014). *Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos*. *Mediações – Revista OnLine da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal*, 2 (2), 10-25.
- Carmo, H. & Ferreira, M. M. (2008) *Metodologia da investigação. Guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CCE (2000). *Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da Vida*, Documento de Trabalho – Comissão das Comunidades Europeias, Bruxelas: SEC.1832. Acedido em 2 de Setembro, 2016, em <https://infoeuropa.euroid.pt/files/database/000033001-000034000/000033814.pdf>
- CRID – Centro de Recursos para a Inclusão Digital, acedido a 20 de Julho de 2016, em <http://iact.ipleiria.pt/project/projecto-crid/e> em <http://crid.esecs.ipleiria.pt/quem-somos/missao-e-objetivos/>
- Decreto – Lei nº 3/2008, de 7 de Janeiro. ME. – Define “educação inclusiva”, “inclusão educativa e social”, o seu objeto, âmbito de atuação e apoios, entre outras medidas. *Diário da República I Série*. N.º 4 (08-01-07), 154-164.

- Decreto – Lei nº 47/2004, de 19 de Agosto. MC. – Aprova a Lei-Quadro dos Museus Portugueses. Diário da República, I Série-A, nº 195, 5379-5394.
- Duarte, J. B. (2008). *Estudos de caso em educação. Investigação em profundidade com recursos reduzidos e outro modo de generalização – Revista Lusófona de Educação*; II, 113-132.
- Eco, U. (2007). *Como se faz uma tese em ciências humanas* (13^a ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Esteves, M. (2006). *Análise de conteúdo*. In J. Lima & J. A. Pacheco, *Fazer investigação*. (pp. 105 – 126). Porto: Porto Editora.
- Ferreira, S. M. & Lopes, V. (2013). “*Não é um adeus, é um até logo!*”: *Centralidades da cultura na qualidade de vida de idosos com demência. O Não-formal e o Informal em Educação: Centralidades e Periferias*. Atas do I colóquio internacional de ciências sociais da educação / III encontro de sociologia da educação (3 volumes) – (p. 1225). Braga: Centro de Investigação em Educação (CIEd).
- Ferreira, S. M., Gomes, V. & Pereira, M.I. (Julho 2014). “*O meu território, a nossa história*”: *contributos da educação pela arte na promoção do bem-estar em pessoas com demência e cuidadores/as*. Coimbra: Universidade de Coimbra. [aguarda publicação].
- Fonseca, A. (2005). *Desenvolvimento humano e envelhecimento*. Lisboa: Climepsi.
- Fonseca, A. M. (2010). *The promotion of psychological development in the aging process*. Contextos Clínic [online]., vol.3, n.2 [citado 2016-08-21], pp. 124-131. Disponível em:
- Fonseca, M. J. M. (2009). *Carl Rogers: uma concepção holística do Homem – Da terapia centrada no cliente à pedagogia centrada no aluno*. Instituto Politécnico de Viseu, Nº 36, 28 pp.
- Fonseca, A. M. (2007). *Subsídios para uma Leitura Desenvolvimental do Processo de Envelhecimento* [online]. Acedido em 22, Agosto, 2016, em <http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n2/a14v20n2>
- Gadamer, H. G. (1997). *Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes.
- Global Age Watch – Portugal. In *HelpAge International*. Acedido a 2 de Setembro , 2016, em <http://www.helpage.org/global-age-watch/population-ageing-data/country-ageing-data/?country=Portugal>
- Gonçalves, J. & Neto, F. (2013). *Influência da frequência de uma Universidade Sénior no nível de solidão, autoestima e redes de suporte social*, [Temas em Psicologia do Envelhecimento (Vol. 1)], Revista E-PSI, 3, (1), 69-92.
- Hein, H. S. (2000). *The museum in transition: a philosophical perspective*. Washington and London: Smithsonian Institution Press.
- Hernández, F. H. (2011). *El museo como espaço de comunicación*: TREA.
- iACT – Inclusão e Acessibilidade em Ação. Acedido a 20 de Julho de 2016, em <http://iact.ipleiria.pt/>
- ICOM (2007). *Definição de Museu*. Acedido em 30 de Junho, 2015, em http://www.icom-portugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx

- INE (2012). *Censos 2011 Resultados Definitivos – Portugal*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P.
- Inouye, K. (2008). *Educação, Qualidade de vida e Doença de Alzheimer: visões de idosos e seus familiares* (Dissertação de Mestrado). São Carlos: UFSCar.
- Jornal de Notícias (1/10/2013). População portuguesa com mais de 65 anos quase que duplica até 2050 <http://www.jn.pt/sociedade/interior/populacao-portuguesa-com-mais-de-65-anos-quase-que-duplica-ate-2050-3452736.html#ixzz4JJ6wYZho>
- Knapp, M. L., Hall, A. J. & Horgan, T. G. (2014). *Nonverbal Communication in Human Interaction*. Boston: Wadsworth.
- Liverpool Museums Network. Acedido 2 de Setembro, 2016, em <http://www.liverpoolmuseums.org.uk/learning/documents/house-of-memories-evaluation-report.pdf>.
- Lopes, V. (2012). *Os Desafios de Construir Pontes e não Barreiras: problematização da acessibilidade em espaços culturais para pessoas com necessidades educativas especiais*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Lopes, V., Gomes, V. (2015). *EU no museEU: intervenção não farmacológica nas demências em contexto museológico – INCLUD-iT – Conferência Internacional para a Inclusão*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria.
- Lloyd, L. & Karlan, G. (1984, março). Non-speech communication symbols and systems: Where have we been and where are we going? In *Journal of Mental Deficiency Research*, Vol 28(1), pp. 3-20.
- Magalhães, F. (2006). *A Psicologia do Sorriso Humano*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, p.82 e seg.
- Meet me – The MoMA Alzheimer’s Project – *Making art accessible to People with Dementia*. Museum of Modern Art, New York. Acedido a 2 de Agosto, 2016, em <http://www.moma.org/meetme/index#>
- Meirinhos, M., Osório, A. (2010). “O estudo de caso como estratégia de investigação em educação”. *EDUSER: revista de educação*, Vol 2 (2), Inovação, Investigação em educação. Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Bragança. Acedido em 18 de Junho, 2016, em <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3961/1/O%20estudo%20de%20caso%20como%20estrat%C3%A9gia%20de%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- Merriam, Sharan B. (1988). *Case Study Research in Education*. S. Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Mineiro, C. – Coord. (2004). *Museus e Acessibilidade. Temas de Museologia*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- MoMA (2009). *Meet me: Making Art Accessible to People with Dementia*. Acedido em 12 de Julho, 2014, em http://moma.org/docs/meetme/MeetMe_FULL.pdf.
- National Museums of Liverpool (2012). *House of Memories: Evaluation 2012*. Acedido em 12 de Julho, 2014 em <http://www.liverpoolmuseums.org.uk/>
- Neves, J. (2006, outubro). *Museus Acessíveis...museus para todos?!*. In: *Congresso de Turismo Cultural, Territórios e Identidade. Projecto de Investigação Identidade(s) e Diversidade(s)*. Leiria.

- ONU (2002). II Assembleia Mundial sobre Envelhecimento. Madrid: Organização das Nações Unidas. Acedido em 30 de Agosto, 2016, em <http://social.un.org/ageing-working-group/documents/mipaa-sp.pdf>
- ONUBR (2014). Nações Unidas no Brasil. *A OMS diz que envelhecer bem deve ser uma prioridade global* (notícia online, em 07 /11/ 2014).
- Pedrosa, M. I. & Carvalho, A. M. (2005). Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. In *Psicologia, Reflexão e Crítica*; N° 183; pp. 431-442.
- Peláez, R. P. (1990). *Perfil y comparación de dos sistemas de símbolos pictográficos: el* In C. Basil & R. P. d. l. Bellacasa (Eds.), *Comunicación vocal*. Madrid: Ministerio de Asuntos Sociales, INSERSO.
- Pereira, O. (1977). *Psicologia de Hoje*. Porto: Porto Editora, 3ª ed.
- Pessoa, M., Gomes, V. & Lopes, V. (2013, maio). “*Envelhecimento(s) e Cultura: intervenção no singular e no plural*”. In: *III Congresso Internacional de Gerontologia Social*. Coimbra.
- Rogers, C. R. (2011). *O Poder Pessoal*. Trad. Alberto Cardoso (1ª ed.). Lisboa: Padrões Culturais Editora.
- Santana, I., Farinha, F., Freitas, S., Rodrigues, V. & Carvalho, A. (2015). *Epidemiologia da demência e da Doença de Alzheimer em Portugal: Estimativas da Prevalência e dos Encargos Financeiros com a Medicação – Ata Médica Portuguesa*; 28(2):182-188.
- Sousa, C. (2010). “*Ler de uma forma diferente*” *Actas do Congresso Internacional de Tradução Infanto- juvenil* . Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Sousa, C. (2011). “*A Comunicação Aumentativa e as Tecnologias de Apoio.*” In: A acessibilidade de Recursos Educativos Digitais caderno VI SACAUSEF. Lisboa: Edição Ministério da Educação e Ciência. pp. 51-63
- Sousa, C. coord. (2012). *Comunicação Aumentativa*. Leiria: ESECS – IPLEIRIA.
- Sousa, C. (2012). *O conhecimento que os professores manifestam sobre a metacognição da comunicação não-verbal na escola inclusiva: respostas aos alunos com NEE*. (Dissertação de Doutoramento). Badajoz: Universidad de Extremadura.
- Sousa, J. (2007). *Deficiência, Cidadania e Qualidade Social – Desafios para uma Política de Inclusão das Pessoas com Deficiências e Incapacidades. Integração das pessoas com deficiência*. Cadernos Sociedade e Trabalho, 8, 39-58.
- Spitz, R. A. & Wolf, K. M. (1946). *The smiling response: a contribution to the ontogenesis of social relations*. Genetic Psychology Monographs,34.
- Teixeira, G., Faria, M. & Vlachou, M. (2012). *Museus e público sénior em Portugal – percepções, utilizações, recomendações*. Lisboa: GAM
- Teixeira, L. (2010). *Solidão, Depressão e Qualidade de Vida em Idosos: um estudo avaliativo exploratório e implementação-piloto de um programa de intervenção*. [Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia]. Lisboa: Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.
- Tetzchner, S., & Martinsen, H. (2000). *Introdução à comunicação Aumentativa e Alternativa*. Porto: Porto Editora.

UNESCO (1948). Declaração Universal dos Direitos do Homem. Acedido em 14 de Julho, 2015, em <http://dre.pt/util/pdfs/files/dudh.pdf>.

Vlachou, M. e Alves, F. (2007). *Acessibilidade nos Museus*. In, S. Barriga e S. G. da Silva (Coord.). *Serviços Educativos na Cultura*. Col. Públicos, (pp. 98-102). Porto: Sete Pés <http://www.setepes.pt/Imgs/Coleccao%20Publicos%20-%20Servicos%20Educativos.pdf>

Web site sobre Museus e espaços culturais: <https://incluseum.com/tools/>

Yin, Robert K. (1988). *Case study Research. Design and Methods*. Newbury Park: Sage Publications.

Anexo 1: Carta de Apresentação para os Participantes e seus Cuidadores Informais



Exmo. Senhor(a)

Sou uma estudante do Curso de Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo-motor da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria (ESECS /IPL), e encontro-me a desenvolver um projeto de investigação sob a orientação da Professora Doutora Célia Sousa.

Este tem como principal objetivo avaliar as vantagens dos Guias de Comunicação Aumentativa, em Símbolos Pictográficos para a Comunicação (SPC) na abordagem mais autonomizada e inclusiva da obra de arte pelo participante e seu cuidador informal, permitindo, para além da visita auto gerida por ambos, uma maior interação entre pares, concretizando a acessibilidade intelectual e social que um museu deve promover.

Vimos por este meio, solicitar a V.ª Ex.ª, a autorização para a realização de oito sessões de leitura, em contexto museológico, perante as obras de arte selecionadas, garantindo que não será possível a sua identificação e que todas as informações serão mantidas em sigilo, sendo utilizadas apenas para este estudo.

Serão respeitados todos os princípios éticos e deontológicos da investigação científica. Os resultados desta pesquisa poderão ser publicados e/ou apresentados com o objetivo científico. O direito à total liberdade de recusar a participar nesta pesquisa em qualquer momento, sem penalização ou prejuízo algum, será respeitado.

Agradecemos desde já a sua atenção e disponibilidade para a concretização deste projeto.

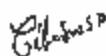
Encontramo-nos disponíveis para qualquer esclarecimento que considere necessário.

Leiria, 15 de Dezembro de 2015

Com os melhores cumprimentos,


Contactos: 919 498 142 | virginiagomes@gmail.com

A docente orientadora,



Anexo 2: Declaração da Neurologista Responsável

Maria Isabel Jacinto Santana

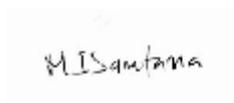
Neurologista

Coordenadora científica do Programa "Eu no Museu"

Declaração:

Como coordenadora científica do Programa "Eu no Museu" e depois de obtido o Consentimento Informado do doente/familiares sobre a concordância sobre a divulgação das informações que se seguem, queria confirmar que os doentes abaixo referenciados têm sido por mim acompanhados para avaliação e orientação de défice cognitivo no espectro da Doença de Alzheimer.

- [REDACTED]
- [REDACTED]
- [REDACTED]
- [REDACTED]



(Maria Isabel Jacinto Santana)

Anexo 3: Formulário de Consentimento Informado

FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, [REDACTED]

E a minha Cuidadora Informal, Maria Virgínia [REDACTED]

- Tendo podido fazer perguntas acerca do estudo¹, que está a ser realizado por Virgínia da Assunção Morais Gomes, aluna do 2º ano do Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo-Motor, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria;

- Tendo recebido informação suficiente sobre o mesmo;

- Tendo percebido que para o presente estudo é necessário proceder a registo vídeo das sessões;

- Tendo conhecimento que os registos fotográficos e filmicos serão usados para o presente trabalho académico e para a sua divulgação em conferências científicas;

Compreendemos que a minha participação é feita de forma voluntária e aceito que as sessões possam ser filmadas e fotografadas.

Perante o exposto aceitamos colaborar no referido estudo.

Autorizo

Assinatura do participante

Pelo participante: Maria Virgínia [REDACTED]

Assinatura do cuidador informal

Maria Virgínia [REDACTED]

Coimbra, 25 de Janeiro de 2016

¹ 'A comunicação aumentativa junto de públicos com perturbações neuro cognitivas em contexto museológico: três guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação (SPC)', sob a orientação da Professora Doutora Célia Maria de Oliveira Aguiara de Sousa, docente da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria (ESECS /IPL).

FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, [REDACTED],

E a minha Cuidadora Informal, Ana Maria [REDACTED],

- Tendo podido fazer perguntas acerca do estudo¹, que está a ser realizado por Virgínia da Assunção Morais Gomes, aluna do 2º ano do Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo-Motor, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria;

- Tendo recebido informação suficiente sobre o mesmo;

- Tendo percebido que para o presente estudo é necessário proceder a registo vídeo das sessões;

- Tendo conhecimento que os registos fotográficos e filmicos serão usados para o presente trabalho académico e para a sua divulgação em conferências científicas;

Compreendemos que a minha participação é feita de forma voluntária e aceito que as sessões possam ser filmadas e fotografadas.

Perante o exposto aceitamos colaborar no referido estudo.

Autorizo

Assinatura da participante

[REDACTED]

Assinatura da cuidadora informal

Ana Maria [REDACTED]

Coimbra, 25 de Janeiro de 2016

¹ A comunicação aumentativa junto de públicos com perturbações neuro cognitivas em contexto museológico: três guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação (SPC), sob a orientação da Professora Doutora Célia Maria de Oliveira Aguiara de Sousa, docente da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria (ESECS /IPL).

FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, [REDACTED]

E o meu Cuidador Informal, Pedro Manuel [REDACTED]

- Tendo podido fazer perguntas acerca do estudo¹, que está a ser realizado por Virgínia da Assunção Morais Gomes, aluna do 2º ano do Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo-Motor, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria;

- Tendo recebido informação suficiente sobre o mesmo;

- Tendo percebido que para o presente estudo é necessário proceder a registo vídeo das sessões;

- Tendo conhecimento que os registos fotográficos e filmicos serão usados para o presente trabalho académico e para a sua divulgação em conferências científicas;

Compreendemos que a minha participação é feita de forma voluntária e aceito que as sessões possam ser filmadas e fotografadas.

Perante o exposto aceitamos colaborar no referido estudo.

Autorizo

Assinatura da participante

[REDACTED]

Assinatura do cuidador informal

Pedro Manuel [REDACTED]

Coimbra, 25 de Janeiro de 2016

¹ "A comunicação aumentativa junto de públicos com perturbações neuro cognitivas em contexto museológico: três guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação (SPC)", sob a orientação da Professora Doutora Célia Maria de Oliveira Aguiara de Sousa, docente da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria (ESECS /IPL).

FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, [REDACTED]

E a minha Cuidadora Informal, Fernanda M. [REDACTED]

- Tendo podido fazer perguntas acerca do estudo¹, que está a ser realizado por Virgínia da Assunção Morais Gomes, aluna do 2º ano do Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo-Motor, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria;

- Tendo recebido informação suficiente sobre o mesmo;

- Tendo percebido que para o presente estudo é necessário proceder a registo vídeo das sessões;

- Tendo conhecimento que os registos fotográficos e fílmicos serão usados para o presente trabalho académico e para a sua divulgação em conferências científicas;

Compreendemos que a minha participação é feita de forma voluntária e aceito que as sessões possam ser filmadas e fotografadas.

Perante o exposto aceitamos colaborar no referido estudo.

Autorizo

Assinatura da participante

1ª participante Fernanda M. [REDACTED]

Assinatura da cuidadora informal

Fernanda M. [REDACTED]

Coimbra, 25 Janeiro 2016

¹ A comunicação aumentativa junto de públicos com perturbações neuro cognitivas em contexto museológico: três guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação (SPC), sob a orientação da Professora Doutora Célia Maria de Oliveira Aguiara de Sousa, docente da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria (ESECS /IPL).

Anexo 4: Fichas de Caracterização dos Participantes

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

Ficha de caracterização do participante¹

[A preencher pelo Cuidador Informal]

Identificação

Nome:

Nome pelo qual prefere ser tratado:

Sexo: Feminino

Masculino

Idade: _____

Descrição da perturbação neuro cognitiva:

(Com base na declaração do médico especialista)

Doença de Alzheimer.

Há quantos anos?

1 a 2 anos

3 a 5 anos

mais de 5 anos

¹ Estudo no âmbito de Dissertação "A comunicação aumentativa junto de públicos com Perturbações Neuro Cognitivas em contexto museológico: três guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação", do Mestrado em Educação Especial, Domínio Cognitivo-motor, 2014-16.

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

História Pessoal/Familiar:

Data de nascimento: 8 de fevereiro de 1943
Local de nascimento: Muxagata - Vila Nova de Foz Côa
Nome dos Pais: Portugal

Nome dos irmãos/irmãs:

Aida 

Pessoas mais significativas na infância:

Os Pais, irmã e restante família alargada

Percurso Educacional (Escolaridade que tem; lugar(es) onde estudou; disciplinas preferidas):

Licenciatura em Educação Especial: "Dificuldades graves de motricidade e cognição"
Estudou na Régua, Guarda e Coimbra.
Disciplinas preferidas: História e Desenho

Percurso profissional (Primeiro emprego; outros empregos; serviço militar)

Professor do 1.º ciclo - Teleescola - Prof. de Ensino Especial - Serviço militar em Angola como furriel miliciano.
Enquanto professor do Ensino Especial iniciou o Centro da A.P.A.C.D.M de Condeixa, onde trabalhou cerca de 12 anos, com a esposa, a Psicóloga Dr.ª Ana Maria Serrano e a Professora M.ª Fernanda Romão.

Página 2 de 8

Virgínia Gomes (Discente)

Prof. Doutora Célia Sousa (Orientadora)

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

Vive sozinho?

Não.

Vive com a família?

[Indique quantos elementos a compõem]

Sim. Neste momento só com a esposa.

Está a fazer acompanhamento específico?

Sim. É acompanhado 3x por semana por uma Psicóloga, entre as 14,30h e 17h. O acompanhamento é feito de acordo com as dificuldades e gostos do docente. Por exemplo: vai à livraria consultar livros do gosto pessoal, vai ao Museu, jardim Botânico, etc.

Está a fazer acompanhamento psicoterapêutico?

Não. Não está a fazer psicoterapia específica nem acompanhamento familiar.

Página 3 de 8

Virgínia Gomes (Discente)

Prof. Doutora Célia Sousa (Orientadora)

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

Participa em algum projeto de estimulação cognitiva?

Sim. Participa no "Eu no Museu" desde 2012 no Museu Machado de Castro e é acompanhado pela psicóloga, conforme referido na resposta anterior.

Interesses e Afectos:

Viagens que fez e de que mais gostou (nacionais ou internacionais):

Férias na Serra da Estrela, viagens várias do INATEL, fazer campismo (sócios do Clube de Campismo do Porto). Viagens ao estrangeiro, nomeadamente a Cayole e Xavier.

Hobbies (Desporto / Lazer / Animais de estimação preferidos):

Paminhadas, tricologia (antes do diagnóstico da doença), pintura, trabalhos em madeira (quadros em baixo relevo, gosto pela poesia e pelo teatro. Organizou várias exposições etnográficas no trabalho e nos tempos livres. Criou e orientou um grupo folclórico infantil e de adultos, no Zambujal.

Foi/é participante ativo em alguma Organização?

Foi participante ativo em várias organizações: C.P.M.; H.E.C., A. de Pais; Focolares, maioritariamente da Igreja Católica.

C.P.M. - Centro de Preparação para o Matrimónio
H.E.C. - Movimento de Educadores Católicos
A. de Pais - Associação de Pais

Página 4 de 8

Virginia Gomes (Discente)

Prof. Doutora Célia Sousa (Orientadora)

Focolares - Fogo no Lar (movimento católico)

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

Foi/é membro ativo de um grupo religioso?

Fa membro ativo de vários grupos religiosos, já referido em resposta anterior.

Enuncie 5 atividades que mais gosta de fazer (Ex: ver televisão; jardinagem; ouvir música; dançar; passear.)

- 1 jardinagem
- 2 passear
- 3 caminhar
- 4 assobiar
- 5 ver televisão

Amigos mais significativos na idade adulta:

Ze Marta, Jorge Grandão

Nome dos Filhos (colocar na mesma linha a idade / estado civil e onde vivem):

- 1 José Pedro [redacted] - 43 anos - casado - Lisboa
- 2 M^{te} Teresa [redacted] - 40 anos - " - Coimbra
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7

Nome dos Netos (colocar na mesma linha a idade/ estado civil - se for o caso - e onde vivem):

- 1 Maria Inês - 4 anos - vive em Coimbra
- 2 Ana Maria - 15 meses " " "
- 3 José Pedro - 14 " " " "
- 4

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

5 _____

6 _____

7 _____

Acontecimentos mais significativos no Percurso de Vida (Perdas/ Realizações):

Perdas: A Guerra do Ultramar. A doença que se seguiu: tuberculose pulmonar.
Realizações: o casamento, o nascimento dos filhos.

Quais as pessoas com as quais, no momento presente, tem contacto mais regular?

Esposa, filhos e netos.

Costumava frequentar museus?

Sim

Não

Quais?

Museu N. Machado de Castro, M.N.A.A. e todos os museus das terras por onde passávamos. Um dos últimos a ser visitado foi o Museu do Côa, em Vila Nova de Foz Côa.

Atualmente frequenta museus?

Sim

Não

Quais?

M.N.A.A.

Página 6 de 8

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

Personalidade/Temperamento

Descreva a personalidade/temperamento (quieto/ ansioso/sociável/irritável/ apático...):

Antes da Doença:

Bastante calmo, muito sociável.

Na atualidade:

Continua calmo e sociável. Assebia muito.

O que acontece se algo o irrita?

Normalmente fica calado, o que raramente acontece.

O que acontece se algo o amedronta?

Não tem medo.

O que o acalma?

A música, o caminhar.

Página 7 de 8

Virginia Gomes (Discente)

Prof. Doutora Célia Sousa (Orientadora)

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

O que mais aprecia e dá valor?

Dá muito valor à família.

O que resulta melhor em termos de comunicação (frases simples; palavras; toque, falar com gestos; dar tempo para resposta)?

Frases simples e dar tempo para resposta.

Obrigada pela sua Colaboração!

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

Ficha de caracterização do participante¹

[A preencher pelo Cuidador Informal]

Identificação

Nome:

[Redacted name]

Nome pelo qual prefere ser tratado:

[Redacted name]

Sexo: Feminino

Masculino

Idade: 71 anos

Descrição da perturbação neuro cognitiva:

(Com base na declaração do médico especialista)

Doente com Alzheimer há 5 anos. Tratado desde o início preventivamente, depois sempre seguida pela Neurologia.
Doente com falhas de coordenação motora nos membros inferiores. Falhas de memória em relação às competências do dia-a-dia do quotidiano. Conversação repetitiva e domínio cognitivo reduzido. Com registo de quedas esporádicas no exterior.

Há quantos anos?

1 a 2 anos

3 a 5 anos

mais de 5 anos

¹ Estudo no âmbito de Dissertação "A comunicação aumentativa junto de públicos com Perturbações Neuro Cognitivas em contexto museológico: três guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação", do Mestrado em Educação Especial, Domínio Cognitivo-motor, 2014-16.

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

História Pessoal/Familiar:

Data de nascimento: 9/06/1945

Local de nascimento: Canagóia / Serra

Nome dos Pais: Mãe da Conceição e Joaquim

Nome dos irmãos/irmãs:

Mãe da Conceição
Leonel

Pessoas mais significativas na infância:

Mãe, Pai e irmã

Percurso Educacional (Escolaridade que tem; lugar(es) onde estudou; disciplinas preferidas):

4ª classe.

Percurso profissional (Primeiro emprego; outros empregos; serviço militar)

Em 1965, comerciante em Angola.
Em 1975, comerciante de vestuário em Coimbra.
Até hoje mantém a relação com a sua loja,
à qual já foi a alma. Hoje não reage, mas
placidamente se sente em períodos de tarde ou
manhãs.

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

Vive sozinho?

Não, com o pai.

Vive com a família?

[Indique quantos elementos a compõem]

1 elemento - o pai na casa atualmente.

Está a fazer acompanhamento específico?

Sim. Pelo Ensino Clínico do HVE, do Prof. Cunha e Prof. Isabel Souto.
Neste momento está a começar com sessões com 1 Psicólogo Clínico de forma a ter de fazer os domínios que são mais "parados".

Está a fazer acompanhamento psicoterapêutico?

Sim, agora a semana passada.

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

Participa em algum projeto de estimulação cognitiva?

Sim. O Projeto "Eu no Lixo".

Interesses e Afectos:

Viagens que fez e de que mais gostou (nacionais ou internacionais):

Visitas ao Dona St^a de Lourdes.

Visitas Roma, Veneza, Florença, Madrid, Salamanca.

Visitas e faz plane muito vezes com o meu pai na Coruña.

Hobbies (Desporto / Lazer / Animais de estimação preferidos):

Ginástica comêrve.

Hidroginástica.

Foi/é participante ativo em alguma Organização?

NS.

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

Foi/é membro ativo de um grupo religioso?

sim. Católico.

Enuncie 5 atividades que mais gosta de fazer (Ex: ver televisão; jardinagem; ouvir música; dançar; passear.)

1 Passear

2 ler

3 Ver os novelas

4 Cozinhar

5 Falar com as pessoas

Amigos mais significativos na idade adulta:

A família

Nome dos Filhos (colocar na mesma linha a idade / estado civil e onde vivem):

1 Ana Maria [redacted] - Solteira - Coimbra

2

3

4

5

6

7

Nome dos Netos (colocar na mesma linha a idade/ estado civil – se for o caso – e onde vivem):

1 António César [redacted] - Coimbra

2

3

4

Página 5 de 8

Virgínia Gomes (Discente)

Prof. Doutora Célia Sousa (Orientadora)

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

5 _____
6 _____
7 _____

Acontecimentos mais significativos no Percurso de Vida (Perdas/ Realizações):

Casamento. Licenciatura. Maternidade. Ser avó.
Morte dos pais. Morte do marido. Morte do irmão.

Quais as pessoas com as quais, no momento presente, tem contacto mais regular?

Filhos, noras e netos. Empregada. Amigos.

Costumava frequentar museus?

Sim

Não

Quais?

~~Principalmente~~ Principalmente nos viagens que fazia
(Louvre, Prado, British Museum, National Gallery,
Space Museum, etc.)

Atualmente frequenta museus?

Sim

Não

Quais?

Recentemente, Museu Nacional Machado de Castro

Página 6 de 8

Personalidade/Temperamento

Descreva a personalidade/temperamento (quieto/ ansioso/sociável/irritável/ apático...):

Antes da Doença:

Simpática, docível, feliz, exigente, rigorosa,
Organizada, excelente cozinheira, excelente
Vendedora, ...

Na atualidade:

Ansiosa, repete, repetitiva, irritável, apática,
Desorganizada, ~~repetitiva repetitiva~~ já não faz
comida (repete), não dobre a blusa, não
assume medos.

O que acontece se algo o irrita?

Chamo uous, Sate os pés como as Crianças.

O que acontece se algo o amedronta?

Não segue caminho.

O que o acalma?

Comer, deitar-se, ficar sozinho.

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

O que mais aprecia e dá valor?

Aprender o verbo e usar o mesmo e não fazer ele.

O que resulta melhor em termos de comunicação (frases simples; palavras; toque, falar com gestos; dar tempo para resposta)?

Frases curtas, simples e convidativas. Toque imita-e. Ou seja e sem falar.

Obrigada pela sua Colaboração!

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

Ficha de caracterização do participante¹

[A preencher pelo Cuidador Informal]

Identificação

Nome:

[Redacted]

Nome pelo qual prefere ser tratado:

[Redacted]

Sexo: Feminino

Masculino

Idade: 74 anos

Descrição da perturbação neuro cognitiva:
(Com base na declaração do médico especialista)

Há quantos anos?

1 a 2 anos

3 a 5 anos

mais de 5 anos

¹ Estudo no âmbito de Dissertação "A comunicação aumentativa junto de públicos com Perturbações Neuro Cognitivas em contexto museológico: três guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação", do Mestrado em Educação Especial, Domínio Cognitivo-motor, 2014-16.

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

História Pessoal/Familiar:

Data de nascimento: 14/07/1941

Local de nascimento: COIMBRA (Santo António dos Olivais - em casa)

Nome dos Pais: Alfredo [redacted]
Maria Augusta [redacted]

Nome dos irmãos/irmãs:

Alfredo Maria [redacted] (faleceu em Setembro de 2015)

Pessoas mais significativas na infância:

Pai, o irmão, o padrinho (tio D. João [redacted])
[redacted] e o tio (monsenhor Augusto da [redacted]).

Percurso Educacional (Escolaridade que tem; lugar(es) onde estudou; disciplinas preferidas):
11º Ano; Licenciatura em Enfermagem (Especialidade Saúde Pública)
Línguas (francês e inglês); cursos de Inglês e Português. Detestava matemática e alemão.

Percurso profissional (Primeiro emprego; outros empregos; serviço militar)

Enfermeira do Serviço de Medicina Pedagógica de Coimbra (iniciou em 1975).

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

Vive sozinho?

Sim

Vive com a família?

[Indique quantos elementos a compõem]

Está a fazer acompanhamento específico?

Sim, no serviço de Neurologia do CHUC.

Está a fazer acompanhamento psicoterapêutico?

Não

Página 3 de 8

Virgínia Gomes (Discente)

Prof. Doutora Célia Sousa (Orientadora)

Participa em algum projeto de estimulação cognitiva?

Sim, no projecto EU no museu do Museu Nacional Machado de Castro, desde janeiro de 2016.

Interesses e Afectos:

Viagens que fez e de que mais gostou (nacionais ou internacionais):

Estados Unidos da América, Reino Unido, Suécia, Dinamarca, França e Holanda.

Hobbies (Desporto / Lazer / Animais de estimação preferidos):

Televisão, Cinema, Viajar
Animal preferido: cão (especialmente o último que teve, de raça Labrador, chamado Rhot)

Foi/é participante ativo em alguma Organização?

~~Não~~ Colaborou com a Cáritas de Coimbra, tendo a sua mãe sido fundadora, sendo a 1ª sede na sua casa. Actualmente não participa em qualquer organização.

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

Foi/é membro ativo de um grupo religioso?

Foi membro da Confraria de S. Vicente de Paulo.
Actualmente, não.

Enuncie 5 atividades que mais gosta de fazer (Ex: ver televisão; jardinagem; ouvir música; dançar; passear.)

1 Ver Televisão

2 Passear

3 Ler

4 Dormir

5 Viajar

Amigos mais significativos na idade adulta:

Maria Helena

António José

Nome dos Filhos (colocar na mesma linha a idade / estado civil e onde vivem):

1 Pedro Manuel 16 Anos Casado, Tondela

2 João Maria 49 Anos Casado, Coimbra

3

4

5

6

7

Nome dos Netos (colocar na mesma linha a idade/ estado civil – se for o caso – e onde vivem):

1 Maria Francisca. 5 Anos. Coimbra

2 Francisca João. 1 Ano. Coimbra

3 Miguel. 6 meses. Tondela

4

Página 5 de 8

Virgínia Gomes (Discente)

Prof. Doutora Célia Sousa (Orientadora)

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

5 _____
6 _____
7 _____

Acontecimentos mais significativos no Percurso de Vida (Perdas/ Realizações):

Casamento. Licenciatura. Maternidade. Ser avó.
Morte dos pais. Morte do marido. Morte do irmão.

Quais as pessoas com as quais, no momento presente, tem contacto mais regular?

Filhos, noras e netos. Empregada. Amigos.

Costumava frequentar museus?

Sim

Não

Quais?

~~Principalmente~~ Principalmente nos viagens que fazia
(Louvre, Prado, British Museum, National Gallery,
Space Museum, etc.)

Atualmente frequenta museus?

Sim

Não

Quais?

Recentemente, Museu Nacional Machado de Castro

Página 6 de 8

Virgínia Gomes (Discente)

Prof. Doutora Célia Sousa (Orientadora)

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

Personalidade/Temperamento

Descreva a personalidade/temperamento (quieto/ ansioso/sociável/irritável/ apático...):

Antes da Doença:

Alegre, divertida, irreverente, enérgica, incansável

Na atualidade:

Apática, desmotivada, teimosa, preguiçosa

O que acontece se algo o irrita?

Enerva-se, vira costas, isola-se, abusa da comida

O que acontece se algo o amedronta?

Enerva-se, angustia-se, sofre por antecipação

O que o acalma?

Conviver, dormir, comer desregradadamente

Página 7 de 8

Virgínia Gomes (Discente)

Prof. Doutora Célia Sousa (Orientadora)

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

O que mais aprecia e dá valor?

Convívio com a família; memórias do falecido marido;
recordações da juventude.

O que resulta melhor em termos de comunicação (frases simples; palavras; toque, falar com gestos; dar tempo para resposta)?

A participante mantém uma comunicação muito fácil
e fluente.

Obrigada pela sua Colaboração!

Página 8 de 8

Virgínia Gomes (Discente)

Prof. Doutora Célia Sousa (Orientadora)

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

Ficha de caracterização do participante¹

[A preencher pelo Cuidador Informal]

Identificação

Nome:

Nome pelo qual prefere ser tratado:

Sexo:

Feminino

Masculino

Idade: 88 A -

Descrição da perturbação neuro cognitiva:

(Com base na declaração do médico especialista)

Defice cognitivo leve
Tendência significativa da memória
AVC há cerca de 4 anos que afetou o cérebro.
Falta de equilíbrio, Perda de memória e perda de
autonomia em actividades da vida diária.

Há quantos anos?

1 a 2 anos

3 a 5 anos

mais de 5 anos

¹ Estudo no âmbito de Dissertação "A comunicação aumentativa junto de públicos com Perturbações Neuro Cognitivas em contexto museológico: três guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação", do Mestrado em Educação Especial, Domínio Cognitivo-motor, 2014-16.

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

História Pessoal/Familiar:

Data de nascimento: 5 DEZEMBRO 1997

Local de nascimento: Tomar

Nome dos Pais: MANUEL [REDACTED]

MARIA DA NAZARE [REDACTED]

Nome dos irmãos/irmãs:

ZEFERINO [REDACTED]

MANUEL [REDACTED]

LUISA MARIA [REDACTED]

M. FERNANDA [REDACTED]

AURÉLIO [REDACTED]

Pessoas mais significativas na infância:

Avó Maternoa e os irmãos

Percurso Educacional (Escolaridade que tem; lugar(es) onde estudou; disciplinas preferidas):

Completo o antigo 5º ano do 1º grau
A primeira foi feita na escola pública - Tomar
depois foi estudar com as irmãs para o Colégio
Luso-Francês, no Porto. Sempre gostou muito de desenho.

Percurso profissional (Primeiro emprego; outros empregos; serviço militar)

Só começou a trabalhar depois de ficar viúva, aos
34 anos. Primeiro trabalhou numa fábrica de malhas e
depois como tinha uma grande aptidão e gosto pela costura
fez um estágio em Lisboa e abriu, em Coimbra, um atelier
de alta costura. Mais tarde abriu, com um sócio,
uma boutique, mas complementada sempre com o trabalho
de modista.

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

Vive sozinho?

Actualmente, não. Desde que teve o AVC em 2013

Vive com a família?

[Indique quantos elementos a compõem]

As 2 filhas partilham os cuidados e ela está alternadamente em casa de cada uma delas:
Na casa da Maria do Fátima, vive ela e o marido.
Na casa da Fernanda, vive apenas ela e esporadicamente o filho que vive em Lisboa.

Está a fazer acompanhamento específico?

Na cardiologia e na Neurologia do CHUC

Está a fazer acompanhamento psicoterapêutico?

Página 3 de 8

Virgínia Gomes (Discente)

Prof. Doutora Célia Sousa (Orientadora)

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

Participa em algum projeto de estimulação cognitiva?

Participa no Projecto "Eu no Museu" no Museu
Marchado de Castro, desde Janeiro 2016

Interesses e Afectos:

Viagens que fez e de que mais gostou (nacionais ou internacionais):

Ela desde cedo foi viver para África com a família.
Primeiro no ex-Ganga Delga e depois de casada foi
para Moçambique onde nasceu os 3 filhos. Ao longo
da vida sempre manifestou que não gostava de África.
Fez várias viagens pelo país, foi algumas vezes a Espanha,
foi ao Brasil e fez um cruzeiro às Ilhas Gregas.
A que mais gostou foi o cruzeiro à Grécia, gostou
de conhecer a cultura Grega.

Hobbies (Desporto / Lazer / Animais de estimação preferidos):

Pintura e costura
O animal de estimação preferido foi uma cadela
chamada Tótila.
Actualmente mantém uma relação muito próxima
com uma gata que se chama Mia e que é
sua filha fecundada.

Foi/é participante ativo em alguma Organização?

Página 4 de 8

Virgínia Gomes (Discente)

Prof. Doutora Célia Sousa (Orientadora)

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

Foi/é membro ativo de um grupo religioso?

Enumere 5 atividades que mais gosta de fazer (Ex: ver televisão; jardinagem; ouvir música; dançar; passear.)

- 1 Pintar
- 2 Ler
- 3 passear
- 4 conviver com pessoas mais jovens
- 5 ver televisão

Amigos mais significativos na idade adulta:

A irmã Fernanda, o irmão Manuel e a cunhada Isabel
Um casal com quem teve sociedade na Boutique e
alguns amigos mais próximos.

Nome dos Filhos (colocar na mesma linha a idade / estado civil e onde vivem):

- 1 M. Fátima [redacted] - 63 anos - Casada - Coimbra
- 2 Fernanda [redacted] - 61 - solteira - Coimbra
- 3 João Manuel [redacted] - 56 - Divorciado - Águeda
- 4 _____
- 5 _____
- 6 _____
- 7 _____

Nome dos Netos (colocar na mesma linha a idade/ estado civil - se for o caso - e onde vivem):

- 1 Bruno Daniel [redacted] - 37 A - solteiro - Sevilha
- 2 David [redacted] - 36 A - casado - Coimbra
- 3 Gonçalo [redacted] - 35 A - solteiro - Lisboa
- 4 André [redacted] - 32 A - solteiro - Madeira

Página 5 de 8

Virgínia Gomes (Discente)

Prof. Doutora Célia Sousa (Orientadora)

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

5 Mariane Elisa [redacted] - 20 A - solteira - Sangalhos
6 Gonçalo Nuno [redacted] - 7 anos - solteiro - Agueda
Bisneta - 7 Diana [redacted] - 4 anos - solteira - Coimbra

Acontecimentos mais significativos no Percurso de Vida (Perdas/ Realizações):

Morte do marido e consequentemente a perda de todos os bens que tinha em Moçambique.
A perda dos irmãos (só as 2 mulheres estão vivas)
Quanto a realizações, foi conseguiu trabalhar e criar os filhos sózinhos, dando-lhes oportunidade de estudarem e tirarem os seus cursos.

Quais as pessoas com as quais, no momento presente, tem contacto mais regular?

Com as filhas, com o genro, com os netos e a bisneta e com as pessoas que frequentam o centro de dia e pessoal de Casa de Saúde de Coimbra.

Costumava frequentar museus?

Sim

Não

Quais?

Atualmente frequenta museus?

Sim

Não

Quais?

Página 6 de 8

Personalidade/Temperamento

Descreva a personalidade/temperamento (quieto/ ansioso/sociável/irritável/ apático...):

Antes da Doença:

Era uma pessoa muito sociável, muito activa e independente e que tinha sempre, sempre um projecto em vista, por mais pequeno de fosse em sempre muito mobilizado da sua energia e atenção. Começou a pintar aos 75 anos, dando assim asas a uma antiga vontade e aptidão que sempre a acompanhou.

Na atualidade:

Continua a ser sociável apesar de se inibir bastante por causa da dificuldade em ouvir. É uma pessoa calma e dócil apesar de muito ansiosa. Adaptou-se a todas as transformações da sua vida mas sem de facto as aceitar. Continua a querer manter-se activa e informada mas lida mal com as limitações que tem. Mostra-se deprimida com frequência.

O que acontece se algo o irrita?

Normalmente não se irrita, mantém-se calma ou atéu choca e fica mais deprimida.

O que acontece se algo o amedronta?

Normalmente fala sobre isso com as filhas e netos, ultrapassando a situação com facilidade.

O que o acalma?

Uma boa dose de conversa, mimo e beijos!

Ficha de caracterização do Participante

Estudo /Aplicação de 3 guias em Símbolos Pictográficos para a Comunicação

O que mais aprecia e dá valor?

Neste momento e depois de adoecer, é a saúde.

O que resulta melhor em termos de comunicação (frases simples; palavras; toque, falar com gestos; dar tempo para resposta)?

tenho em conta os problemas auditivos que tem, (usa apalhas) a comunicação deve ser simples, clara e de preferência de frente para ela.

Obrigada pela sua Colaboração!

Anexo 5: Estórias a partir das obras de arte do MNMC (Escrita Fácil e Guias SPC)

Isabel, a rainha das rosas

Virgínia Gomes | Fevereiro 2016

Isabel, a rainha das rosas.

Isabel era princesa de Aragão.

Com doze anos casou com Dinis.

Dinis era rei de Portugal.

Vieram para Portugal, para a cidade de Coimbra e foram para o palácio da rainha, perto do rio Mondego.

Isabel é lembrada por cuidar dos pobres e dos doentes.

Um dia Isabel curou a perna a uma mulher que ia rezar a Santiago de Compostela.

Isabel é lembrada por fazer magia com pães: o Milagre das rosas.



Isabel, a rainha das rosas

Virgínia Gomes | Fevereiro 2016

Um dia Isabel estava à porta do palácio e Dinis disse:

“Mostra-me o que levaste!”

Isabel sentiu medo porque levava pães escondidos para dar aos pobres e Dinis não gostava disso!

Abriu os braços e os pães não estavam lá!

Isabel levava rosas no manto!

É o que vemos na pintura que um pintor fez há muito tempo.

A pintura é para agradecer a Isabel a cura da freira Ana, do Mosteiro de Celas.

A moldura da pintura lembra uma porta com muitos anos.

O texto na moldura é um poema pintado para Isabel.

Isabel, a rainha das rosas

Virgínia Gomes | Fevereiro 2016



Retábulo da Rainha Santa Isabel | Pintura portuguesa | Séc. XVI | Proveniente do Mosteiro de Santa Maria de Celas, Coimbra | Museu Nacional de Machado de Castro | MNMC11268

Dona Berlinda, do Bispo Francisco

Virgínia Gomes | Fevereiro 2016

Dona Berlinda, do Bispo Francisco

Vem fazer uma viagem!

Eu sou a berlinda do Bispo Francisco.

A minha avó nasceu na Alemanha, na antiga Prússia.

Eu sou um carro antigo, um coche de festa, com correias de cabedal e molas que seguram a minha cabine em cima das rodas.

Na minha cabine cabem quatro pessoas! Traz mais três amigos!

Dentro da minha cabine sentes que voas!

Sou muito moderna!

Sou construída em madeira, ferro, cabedal e vidro.

Por dentro sou feita de tecidos vermelhos.



Dona Berlinda, do Bispo Francisco

Virgínia Gomes | Fevereiro 2016

Tenho quatro rodas, duas mais pequenas à frente e duas muito grandes atrás.

Tenho à frente um grande banco do homem que conduz os cavalos para eu andar.

Há muitos anos tive um patrão que foi bispo de Coimbra, com o nome de Francisco de Lemos. Era muito importante e fez construir muitos edifícios da Universidade de Coimbra.

Para eu me lembrar dele fez colocar o seu brasão na minha cabine, pintado a verde, vermelho e dourado.

Já fiz muitas viagens nas ruas inclinadas de Coimbra e estou há cem anos no Museu para ajudar as pessoas a compreender os transportes, o meu patrão e este Museu, que é o melhor, como eu, Dona Berlinda.



Dona Berfinda, do Bispo Francisco

Virgínia Gomes | Fevereiro 2016



Berlinda (coche de gala) | Século XVIII | Proveniente do Paço
Episcopal | Museu Nacional de Machado de Castro | MNMC7350

**O Anjo que mostra a grande custódia:
a Custódia do Sacramento.**

No último andar do Museu Nacional de Machado de Castro vemos, lá em cima, um Anjo com a custódia. Suspenso na parede.

Ao subir para ver mais perto, o Anjo tem um joelho no chão e com as mãos segura uma grande bola de prata com raios à volta.

O Anjo é feito de madeira pintada. No meio da bola está um vidro redondo que tem à volta muitas cabeças de anjo, em prata dourada vidros coloridos.

O Anjo de asas coloridas tem a cara rosada do peso da grande bola.

O Anjo olha para cima, para ver o brilho encantador da grande custódia.



A Custódia do Sacramento

Virgínia Gomes | Fevereiro 2016

A custódia usa-se para guardar a hóstia, na igreja.

A grande bola tem no meio o hostiário que serve para mostrar a hóstia.

O conjunto do Anjo com a custódia faz a Custódia do Sacramento.

É um bom trabalho! E muito decorada! Mesmo onde não se vê!

Vê dentro do hostiário: a concha e o fecho!

A Custódia do Sacramento foi feita para o altar-maior da Igreja do Convento do Santíssimo Sacramento de Alcântara, em Lisboa.

Esta grande Custódia do Sacramento veio para Coimbra quando construíram o Museu Nacional de Machado de Castro.

Esta escultura da Custódia do Sacramento lembra a festa do tempo dos reis D. João V e D. José, há muitos, muitos anos!



A Custódia do Sacramento

Virgínia Gomes | Fevereiro 2016



Custódia do Sacramento | Século XVIII | Proveniente do Convento
do Sacramento de Alcântara | Museu Nacional de Machado de
Castro | MNMC6584



setel	a	rainha	rosas
-------	---	--------	-------

Isabel, a rainha das rosas.


escola superior de educação
e ciências sociais
e artes da educação-leiria

Mestrado de Educação Especial –
Domínio Cognitivo-motor | 2014 / 2016
2º Ano | Projeto – Dezembro 2015
Orientadora: Prof. Doutora Célia Sousa
Discos: Virginia Gomes

setel	a	rainha	rosas
-------	---	--------	-------

Isabel, a rainha das rosas.

Isabel	era	princesa	Aragão
--------	-----	----------	--------

Isabel era princesa de Aragão.



com	doze	casou	com	Dinis
	12			

Com doze anos casou com Dinis.

Dinis	era	rei	Portugal
			

Dinis era rei de Portugal.

Museu Nacional de Machado de Castro

IPL

CRID

3

vieram	para	Portugal	cidade	Coimbra
				

Vieram para Portugal, para a cidade de Coimbra e

foram	para	palácio	rainha	perto	rio	Mondego
						

foram para o palácio da rainha, perto do rio Mondego.

Museu Nacional de Machado de Castro

IPL

CRID

4

isabel	lembrada	cuidar	pobres	doentes
--------	----------	--------	--------	---------

Isabel é lembrada por cuidar dos pobres e dos doentes.

um	dia	Isabel	curou	perna	uma	mulher
----	-----	--------	-------	-------	-----	--------

Um dia Isabel curou a perna a uma mulher

Museu Nacional de Machado de Castro | IPL | CRID

5

ia	rezar	a	Santiagn
----	-------	---	----------

que ia rezar a Santiago de Compostela.

Isabel	f	lembrada	fazer	magia
--------	---	----------	-------	-------

Isabel é lembrada por fazer magia

Museu Nacional de Machado de Castro | IPL | CRID

6

mm	pães	Milagre das Feras

com pães: o Milagre das rosas.

um	dia	Isabel	estava
1			=

Um dia Isabel estava

Museu Nacional de Machado de Castro | IPL | CRID

7

à	porta	palácio	Dinis	disse
à				

à porta do palácio e Dinis disse:

mostra-me	o que	levas

"Mostra-me o que levas!"

Museu Nacional de Machado de Castro | IPL | CRID

8

ns	pães	não	estavam	lá
				

E os pães não estavam lá!

Isabel	levava	rosas
		

Isabel levava rosas!

Museu Nacional de Machado de Castro

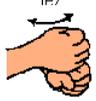
IPL

CRID

9

é	o que	vemos	na	pintura
				

É o que vemos na pintura

um	pintor	fez	muitos	anos.
				

que um pintor fez há muitos anos.

Museu Nacional de Machado de Castro

IPL

CRID

10

A	pintura	é	para	agradecer
				

A pintura é para agradecer

Isabel	cura	freira	Ana
			

a Isabel a cura da freira Ana.

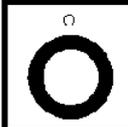
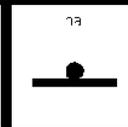
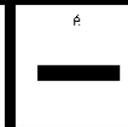
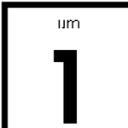
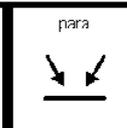
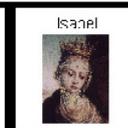
A	moldura	pintura	lembra
			

A moldura da pintura lembra

uma	porta	com	muitos	anos
				

uma porta com muitos anos.

				
O texto na moldura é				
				
um poema pintado para Isabel.				

Museu Nacional de Machado de Castro

IPL

CRID

13

Ficha da versão SPC
Ficha Técnica
Título
'A rainha das rosas'
Texto a partir da pintura *Retábulo da Rainha Santa Isabel* / Pintura portuguesa | Séc. XVI | Museu Nacional de Machado de Castro | MNMC1258

Autor
Virgínia Gomes

Créditos fotográficos
José Pessoa – ADF / DGPC
Jorge Rocha – MNMC
Cândida Ferreira

Tradução e adaptação para pictogramas (SPC)
Virgínia Gomes

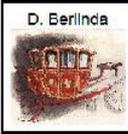
Communication Symbols, 1981-2002,
Mayer-Johnson, Inc.
All rights reserved. Used with permission.
Mayer-Johnson, Inc.
PO Box 1579
Solana Beach, CA 92075
USA
Ph: 858-550-0084
Fax: 858-550-0449
www.mayer-johnson.com
mayerj@johnson.com

Museu Nacional de Machado de Castro

IPL

CRID

14

 <p>D. Berlinda</p>	 <p>Bispo Francisco</p>
--	--

Dona Berlinda, do Bispo Francisco

 Museu Nacional de Machado de Castro

 **IPL**
INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

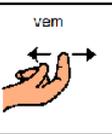
 **CRID**
CENTRO DE RECURSOS INTELIGENCIA DISCUTIVA

 **IPL**
escola superior de educação
e ciências sociais
instituto politécnico de leiria

Mestrado de Educação Especial –
Domínio Cognitivo-motor | 2014 / 2016
2º Ano | Projeto – Dezembro de 2015
Orientadora: Prof. Doutora Célia Sousa
Discente: Virgínia Gomes

 <p>D. Berlinda</p>	 <p>Bispo Francisco</p>
--	--

Dona Berlinda, do Bispo Francisco

<p>vem</p> 	<p>fazer</p> 	<p>viagem</p> 
--	--	---

Vem fazer uma viagem!

 Museu Nacional de Machado de Castro

 **IPL**
INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

 **CRID**
CENTRO DE RECURSOS INTELIGENCIA DISCUTIVA

 **2**

Eu	sou	berlinda	bispo	Francisco
----	-----	----------	-------	-----------

Eu sou a berlinda do bispo Francisco.

A	minha	avó	nasceu	Alemanha	Prússia
---	-------	-----	--------	----------	---------

A minha avó nasceu na Alemanha, a antiga Prússia.

3

Eu	sou	carro	antigo	coche	festa	com
----	-----	-------	--------	-------	-------	-----

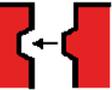
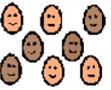
Eu sou um carro antigo, coche de festa, com

correas de cabedal	molas	seguram	minha	cabine	em cima	rodas
--------------------	-------	---------	-------	--------	---------	-------

correas de cabedal e molas que seguram a minha cabine em cima das rodas.

4

Na	minha	cabine	cabem	4	peças
					

Na minha cabine cabem quatro pessoas.

Traz	mais	três	amigos
			

Traz mais três amigos!

5

Dentro	minha	cabine	sentem	voas
				

Dentro da minha cabine sentem que voas!

Sou	muito	moderna
		

Sou muito moderna!

6

Sou	construída	madeira	ferro	cabedal	vidro

Sou construída em madeira, ferro, cabedal e vidro.

Dentro	sou	feita	tecidos vermelhos

Por dentro sou feita de tecidos vermelhos.





7

Tenho	quatro	rodas	duas	mais	pequenas	à frente
	4		2			

Tenho quatro rodas, duas mais pequenas à frente

duas	muito	grandes	atrás
2			

e duas muito grandes atrás.





8

Tenho	à frente	um	banco
			

Tenho à frente um banco

homem	conduz	cavalos	para	eu	andar
					

do homem que conduz os cavalos para eu andar.







Há muitos anos	tive	um	patrão	bispo	Coimbra
					

Há muitos anos tive um patrão que foi bispo de Coimbra

nome	Francisco de Lemos	Era	muito	importante	fez	construir
						

com o nome de Francisco de Lemos. Era muito importante e fez construir







muitos	edifícios	Universidade	Coimbra
--------	-----------	--------------	---------

muitos edifícios da Universidade de Coimbra.

Para	eu	lembrar	dele	fez	colocar
------	----	---------	------	-----	---------

Para eu me lembrar dele fez colocar



11

brasão	na	minha	cabine
--------	----	-------	--------

o seu brasão na minha cabine,

pintado	verde	vermelho	dourado
---------	-------	----------	---------

pintado a verde, vermelho e dourado.



12

Já 	fiz 	muitas viagens 	ruas 	inclinadas 	Coimbra
--------	---------	--------------------	----------	----------------	-------------

Já fiz muitas viagens nas ruas inclinadas de Coimbra.

Estou 	cem anos 100	Museu Nacional de Machado de Castro 	para 	ajudar
-----------	------------------------	--	----------	------------

Estou há cem anos no Museu para ajudar

13

pessoas 	compreender 	transportes 	patrão 	este 	Museu Nacional de Machado de Castro
-------------	-----------------	-----------------	------------	----------	--

as pessoas a compreender os transportes, o meu patrão e este Museu,

melhor 	como 	eu 	D. Berlinda
------------	----------	--------	-----------------

que é o melhor, como eu, Dona Berlinda!

14

Ficha de versão SPC

Ficha Técnica

Título

'Dona Berlinda, do Bispo Francisco'

Texto a partir da berlinda (coche de gala) do século XVIII, com o brasão de D. Francisco de Lemos | Proveniente do Paço Episcopal | Museu Nacional de Machado de Castro | MNMC7350

Autor

Virgínia Gomes

Créditos fotográficos

João Paulo Ruas – ADF / DGPC

Ana Alcotorado – MNMC

Raul Mendes – MNMC

Tradução e adaptação para pictogramas (SPC)

Virgínia Gomes

Communication Symbols, 1981-2002,

Mayer-Johnson, Inc.

All rights reserved. Used with permission.

Mayer-Johnson, Inc.

PO Box 1579

Solana Beach, CA 92075

USA

Ph: 858-550-0084

Fax: 858-550-0449

www.mayer-johnson.com

mavri@johnson.com



Museu Nacional de Machado de Castro



C	Anjo	mostra	grande	custódia	Custódia do Sacramento
---	------	--------	--------	----------	------------------------

O Anjo que mostra a grande custódia: a Custódia do Sacramento.



IPL
Escola Superior de Educação e Ciências Sociais
Instituto Politécnico de Leiria

Mestrado de Educação Especial –
Domínio Cognitivo-motor | 2014 / 2016
2º Ano | Projeto – Dezembro de 2015
Orientadora: Prof. Doutora Célia Sousa
Discente: Virgínia Gomes

Último andar	Museu Nacional de Machado de Castro	vemos	lá em cima
--------------	-------------------------------------	-------	------------

No último andar do Museu Machado de Castro vemos, lá em cima,

um	Anjo	uma	custódia	suspensa na parede
----	------	-----	----------	--------------------

um Anjo com uma custódia. Suspenso na parede.



Museu Nacional de Machado de Castro

IPL
Escola Superior de Educação e Ciências Sociais
Instituto Politécnico de Leiria

CRID
Centro de Recursos e Informação em Deficiência

2

Ao subir	ver	mais perto	Anjo	tem	joelho	chão
----------	-----	------------	------	-----	--------	------

Ao subir para ver mais perto, o Anjo tem um joelho no chão

segura	bola	prata	raios	à volta
--------	------	-------	-------	---------

e com as mãos segura uma grande bola de prata com raios à volta.

Anjo	feito	madeira	pintada
------	-------	---------	---------

O Anjo é feito de madeira pintada.

meio	bola	está	vidro redondo	tem	à volta
------	------	------	---------------	-----	---------

No meio da bola está um vidro redondo que tem à volta

muitas	cabeças de anjo	prata	dourada	vidros coloridos

muitas cabeças de anjo em prata dourada e vidros coloridos.

Anjo	asas coloridas	tem	cara rosada	peso	grande bola

O Anjo de asas coloridas tem a cara rosada com o peso da grande bola.

5

Anjo	olha	ver	brilho	encantador	grande	custódia

O Anjo olha para cima, para ver o brilho encantador da grande custódia.

Custódia	usa-se	para	guardar	hóstia	igreja

A custódia usa-se para guardar a hóstia, na igreja.

6

grande bola	tem	meio	hostiário	para	mostrar	hóstia
						

A grande bola tem no meio o hostiário que serve para mostrar a hóstia.

conjunto	Anjo	+	custódia	fazem	Custódia do Sacramento
					

O conjunto do Anjo mais a custódia fazem a Custódia do Sacramento.





7

É	Um	bom trabalho	multo	decorada
				

É um bom trabalho! E multo decorada!

Mesmo	onde	não	vê
			

Mesmo onde não se vê!





8

Vê	dentro	hostiário	concha	fecho
----	--------	-----------	--------	-------

Vê dentro do hostiário: a concha e o fecho!

Custódia do Sacramento	feita	altar-mor	igreja	Convento do Sacramento	Lisboa
------------------------	-------	-----------	--------	------------------------	--------

A Custódia do Sacramento foi feita para o altar-mor da igreja do Convento do Sacramento de Alcântara, em Lisboa.

Museu Nacional de Machado de Castro | IPL | CRID

9

Esta	grande	Custódia do Sacramento	veio	para	Coimbra
------	--------	------------------------	------	------	---------

Esta grande Custódia do Sacramento veio para Coimbra

quando	construíram	Museu Nacional de Machado de Castro
--------	-------------	-------------------------------------

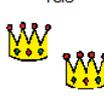
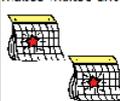
quando construíram o Museu Nacional de Machado de Castro.

Museu Nacional de Machado de Castro | IPL | CRID

10

Festa 	escultura 	Custódia do Sacramento 	lembra 
--	--	---	--

Esta escultura da Custódia do Sacramento lembra

festa 	tempo 	reis 	D. João V 	D. José I 	muitos muitos anos 
--	--	---	--	---	---

a festa do tempo dos reis D. João V e D. José, há muitos muitos anos.





11

Ficha da versão SPC
 Ficha Técnica
 Título
 'O Anjo que mostra a grande custódia: a Custódia do Sacramento'
 Texto a partir da custódia do século XVIII, designada Custódia do Sacramento | Proveniente do Convento do Sacramento de Alcântara | Museu Nacional de Machado de Castro | MNMC6584

Autor
 Virgínia Gomes

Créditos fotográficos
 João Paulo Ruas – ADF / DGPC
 Ana Alcotorado – MNMC
 Raui Mendes – MNMC

Tradução e adaptação para pictogramas (SPC)
 Virgínia Gomes

Communication Symbols, 1981-2002.
 Mayer-Johnson, Inc.
 All rights reserved. Used with permission.
 Mayer-Johnson, Inc.
 PO Box 1579
 Solana Beach, CA 92075
 USA
 Ph: [858-550-0084](tel:858-550-0084)
 Fax: [858-550-0449](tel:858-550-0449)
www.mayer-johnson.com
mayerj@johnson.com





12

Anexo 6: Fichas de Inventário das peças do MNMC

Património Móvel



Inv. : 11268;P41

Denominação: Rainha Santa Isabel
Instituição / Proprietário: MUSEU NACIONAL DE
MACHADO DE CASTRO
Super-Categoria: Arte
Categoria: Pintura
N.º(s) Inventário anteriores: SIC3768
Publicado na internet

Descrição

Pequeno retábulo devocional em louvor a Santa Isabel, Princesa de Aragão e Rainha de Portugal.

Pintura a óleo sobre madeira de carvalho, de pequenas dimensões, inserida em moldura de madeira dourada, coeva, em forma de pórtico, cujo par de colunas toscanas que sustentam o frontão triangular acentuam a verticalidade da figura retratada em primeiro plano na composição pictural. No tímpano e na base uma jaculatória à Rainha Santa, composta por um dístico helegiaco nas duas primeiras linhas.

A Rainha, coroada e nimbada, aparece em primeiro plano de corpo inteiro, em posição frontal e centralizada, num suave contraposto que imprime ritmo à figura e orienta a atenção do observador para as cenas de fundo.

Num plano intermédio, à direita, um amplo pátio onde várias figuras - quase miniaturais - observam e veneram Santa Isabel que, ajoelhada, lava os pés a uma mendiga, numa alusão à sua devoção aos pobres e numa referência subtil à encomenda desta pintura. (É conhecido, através das lendas da sua vida, o hábito de a Rainha, todas as quintas-feiras santas chamar vários pobres aos paços onde morava, lavando-lhes os pés, antes de ela própria lhes servir a refeição).

Ao fundo desse pátio decorre outra cena, o «Milagre das rosas»: Dona Isabel é surpreendida por D. Dinis no momento em que leva dinheiro para os mendigos; o rei abre o manto dobrado da esposa e vê rosas, atributo já anunciado na figura em primeiro plano. O cenário deste encontro é um palácio de características renascentistas, de grandes dimensões, numa alusão aos Paços que a Rainha edificou junto ao Convento de Santa Clara, onde se pode ver na loggia do piso superior uma multidão de observadores - provavelmente um arcaísmo medieval relacionado com o "teatro de mistérios".

► Património Móvel

Compensando a sobrecarga narrativa contínua da direita, abre-se à esquerda do observador uma paisagem, numa mistura de azuis e castanhos esbatidos. É o perfil urbano de Coimbra - onde Santa Isabel passou a maior parte da sua vida -, sendo pontos de referência bem definidos a ponte de Santa Clara e a sua torre de portagem.

Segundo a tradição oral, esta pintura foi oferecida pelo canonista Martinho de Azpilcueta, «o Navarro» a sua sobrinha, Ana Azpilcueta, freira do Mosteiro de Celas, parálitica, pela cura que obtivera por intercessão da Rainha Santa. Desconhece-se a quem Martinho de Azpilcueta terá encomendado o pequeno retábulo. Datável de meados do século XVI, esta composição pictórica revela-se uma produção de menor valia artística, quer pelas suas incorrecções estéticas - o tratamento da cor, os valores lumínicos, a resolução perspéctica e a figuração antómica o uso da narrativa contínua de cariz medieval -, quer ainda pela assimilação deficiente dos valores estilísticos da época, pois não se afirma nem nos cânones da emergente pintura maneirista, nem ainda no universo da Renascença. Terá sido executado por um pintor de recursos limitados, que operava numa oficina local, ainda apegado a certos arcaísmos pictóricos e talvez mesmo em contacto com a pintura de iluminuras.

Ignora-se também a autoria da jaculatória inscrita na moldura, anulando-se a hipótese, apontada tradicionalmente, de esta ser um exerto da "oratio" proferida por André de Resende no Colégio das Artes em 1551, perante e para D. João III. De facto esta inscrição não vem descrita nos exemplares da referida oração e, segundo o Professor Américo Ramalho, o texto da moldura não tem erudição semelhante à oratória conhecida quer de André de Resende, quer de Martinho de Azpilcueta.

No entanto, todos os dados convergem para que seja um "ex-voto", em que é representada a homenageada com as cenas principais da sua vida e virtudes, localizando-a na cidade onde viveu e da qual é patrona.

No reverso do suporte está escrito: «D. Ieronimo».

Marcas e Inscrições

Inscrição

No tímpano e na base da moldura: «Laudemus Chr(ist)u(m) qui tanti est muneris auctor. - no tímpano - / Lux orta est nostro regno quu(m) tale(m) obtinuit - no entablamento - / Regina(m) qu(a)e vocata votis / Adest numine praesentissimo» - na base da moldura.

Transcrição: «Louvemos Cristo que é o autor de tão grande benefício. / Nasceu uma luz no nosso reino quando ele alcançou / uma tal rainha que chamada em votos (ou invocada em votos) / está presente com o seu poder divino muito benéfico».

A primeira linha constitui um hexâmetro dactílico. A segunda linha é um pentâmetro. Resulta assim nas duas primeiras linhas um dístico helegíaco. A rima já não se verifica na terceira linha, o que leva a concluir que o autor destes versos, embora usasse um latim correcto, não chegou a ter o talento poético que seria de esperar na formação dos dois primeiros versos.

Transcrição e identificação literária da inscrição pelo Professor Doutor Américo da Costa Ramalho, em Fevereiro de 1999.

Autoria

Nome	Ofício	Tipo
Desconhecido	Pintor	Autor

Produção

Especificações **Renascença nacional**

Datação

Ano(s) **1540 dC - 1550 dC**

► Património Móvel

Informação técnica

Suporte **Madeira de carvalho**
Técnica **Óleo**

Dimensões

Altura **36 cm**
Comprimento **29 cm**
Outras Dimensões **c/moldura:66x46,5x10,5(máxs)**

Conservação

Estado de Conservação

Estado	Especificações	Data
Bom	Restaurada	1998-1-21

Origem/História

História

Segundo o livro de objectos do Museu Nacional de Machado de Castro, de 1915-16, esta pintura foi oferecida pelo canonista Martinho de Azpilcueta (que leccionava na Universidade de Coimbra entre 1538-1555) a sua sobrinha, Ana Azpilcueta, freira bernarda do Convento de Santa Maria de Celas, parálitica, pela cura milagrosa que obtivera (v. «História Popular da Rainha Santa Isabel, protectora de Coimbra», Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1988, pág. 47).

Esta pequena pintura esteve inicialmente no Mosteiro de Santa Maria de Celas, donde foi levada pelo Cônego Prudêncio Quintino Garcia para a sacristia do Mosteiro de Santo António dos Olivais, passando a integrar as colecções do Museu a partir de 1915-16 (v. CARVALHO, Teixeira de, «Uma Imagem da Rainha Santa», in "Resistência", nº 153, Coimbra, 6 de Agosto de 1896).

Incorporação

Data de incorporação 1916 - 1917

Modo de incorporação Outro

Especificações Transferência (Conventos extintos). Mosteiro de Santa Maria de Celas. Esteve como depósito da Junta de F. dos Olivais.

Localização

Tipo	Localização	Data
Exposição	Galeria de Pintura, Sala 2	1997-6-23
Reserva	Reserva de pintura sobre madeira	1999
Reserva	No âmbito do projecto de requalificação e ampliação em curso, o Museu fechou em Janeiro 2004	2011
Exposição	Núcleo evocativo da Rainha Santa - Sala Ourivesaria I	2011-10

Bibliografia

Bibliografia	Páginas
CARVALHO, J. M. Teixeira de - «Uma Imagem da Rainha Santa», in Resistência, Nº153. Coimbra: 6 de Agosto, 1896	-
CHICHORRO, Maria Frederica Ressano Garcia Morão - A Santa Rainha - como exemplo de pintura como objecto de propaganda (trabalho policopiado, no âmbito do Mestrado em História da Arte). FLUC, Coimbra: 1994	-
CORREIA, Vergílio - Secções de Arte e Arqueologia. Coimbra: MNMC, 1941	-
DIAS, Pedro; SANTOS, J.J. Carvalhão - A Pintura Maneirista de Coimbra - ensaio iconográfico. Coimbra: Instituto H.A., FLUC, 1988	pág. 77
Gosto de Mulheres (cat. exp.). Portimão: 2009	12-13
GUSMÃO, Adriano de - Pintura Maneirista do Museu Nacional de Machado de Castro (cat. exp.). Coimbra: Secretaria de Estado da Cultur, 1987	Nº18
Imagen De La Reina Santa - Santa Isabel, Infanta de Aragón y Reina de Portugal (cat. exp.). Zaragoza: Disputación Provincialde Zaragoza, 1999	-

► Património Móvel

Exposições

Título	Local	Início	Encerramento	N.º Catálogo
Pintura Maneirista do Museu Nacional de Machado de Castro	Lisboa, Galeria Almada Negreiros	1987-9-24	1987-10-25	
Santa Isabel, Infanta de Aragón y Reina de Portugal	Igreja de Santa Isabel, Saragoça	1999		
Gosto de Mulheres	Galeria do Arade - Parque de Feiras e Exposições, Portimão	2009-3-21	2009-5-24	

Observações

Edifício em primeiro plano à esquerda da composição: a sua identificação ainda se encontra em estudo; ou se trata de S. Francisco da Ponte, mas deslocado em relação à primeira aguarela sobre Coimbra, realizada no século XVI, ou será o Convento de Santa Clara a Velha, muito menos provável, quer pela sua localização, quer porque os mosteiros femininos das ordens mendicantes não tinham a entrada axial como se vê no edifício representado.

Quanto à autoria da jaculatória inscrita na moldura, uma pista de trabalho é a pesquisa dos concursos de quadras feitos por ocasião das festas da Rainha Santa, a partir da sua beatificação (15 de Abril de 1516).

Outra pista é ler as orações de Frei Joan Perpinhã a Santa Isabel (são três).



MNMC7350;DIV122

Coche de gala – berlinda
Madeira, metal, vidro, cabedal, têxteis
Alt. 250 x Comp. 520 x Larg. 185 cm
Marcas: Braço de D. Francisco de Lemos Pereira Coutinho
Séc. XVIII
Proveniência: Paço Episcopal de Coimbra

Coche de 4 rodas, portas centrais e dois assentos, ostentando na cabine, à frente e atrás, as armas do Bispo D. Francisco de Lemos Pereira Coutinho.

Património Móvel



Inv. : 6584;O272

Denominação: Custódia
Instituição / Proprietário: MUSEU NACIONAL DE
MACHADO DE CASTRO
Super-Categoria: Arte
Categoria: Ourivesaria
Não publicado na internet

Descrição

Estrutura: Escultura de um anjo ajoelhado (substituindo a figura de um atlante) em madeira policromo.

Este anjo sustenta um hostiário esférico envolto por glória de raios e viril protegido por vidraça.

Hostiário em trabalho liso. Viril envolto por placa circular, de perfil convexo. Esta apresenta orla em trabalho liso com aplicação de cabeças aladas. Na zona central, oito cabeças aladas de anjos (em prata dourada) estão aplicadas sobre cartelas em trabalho liso. Completa esta decoração motivos vegetalistas e várias pedras coloridas formando flores . Contorno em torno da placa preenchido por lourel com braçadeiras.

Viril de perfil convexo em trabalho liso com cercadura de símbolos eucarísticos realçados pela policromia de esmaltes. No interior do viril é visível cercadura recortada com motivos vegetalistas (em prata dourada).

O reverso da placa central é preenchido por decoração de tulipas e motivos vegetalistas e o viril, semi-esférico alteado, é de trabalho liso (em prata dourada).

Envolve este hostiário um grupo de raios assimétricos, recortados, em trabalho liso e moldurados.

► Património Móvel

Marcas e Inscrições

Marca
Cidade- L; ourives- LRP

Autoria

Nome	Ofício	Tipo
LRP- não identificado	Ourives	Autor

Produção

Datação

Século(s) 18 dC

Informação técnica

Matéria Prata branca e dourada. Madeira policromada, esmaltes e pedras
Técnica Relevado, inciso, recortado e engastado

Dimensões

Altura 162 cm
Largura 222 cm

► Património Móvel

Conservação

Estado de Conservação

Estado	Especificações	Data
Bom		2001-11-9

Incorporação

Data de incorporação **1915**
Modo de incorporação **Transferência**
Especificações **Museu das Pratas**

Localização

Tipo	Localização	Data
Exposição	Museu Nacional de Arte Antiga	2001-11-9

Bibliografia

Bibliografia	Páginas
Catálogo-Guia da secção de Ourivesaria. Coimbra: MNMC, 1940	50,nº272

Exposições

Título	Local	Início	Encerramento	N.º Catálogo
Triomphe du Baroque	Bruxelles, Europália	1991		

Anexo 7: Grelhas de Transcrição dos registos audio-visuais

Participante A1:
 Estónia E: *Rainha da Rainha*
 1.2.a. 1ª Letura de texto adaptado para SPC | 23.02.2016

Tempo (em minutos) 0000 (início) 0000 (fim)	Intervenção / ação	Transcrição	Notas (Compertamente exposto não verbalmente por A1)
00:00 – 00:04	A1		Sentou-se lado, na direção do dinamizador (V) e não de frente para a vitrine onde se encontra a peça (Fig. X1) ³ . Enquanto espera, sentado, vai compondo os óculos.
00:06 – 00:15	V	Hoje são 23 de fevereiro de 2016, às 11:30H Fevereiro é o meu mês.	
00:16 – 00:20	A1		
00:21 – 00:23	V	É o mês do seu aniversário!	
00:24 – 00:34	A1	São 8 de fevereiro de 1993. Já sou velho!	
00:35	V	Não é uma Coricadal...	
00:36 – 00:42	A1	... Um bocado ao lado! Na Marginal De Vila Nova de Fozcoa	
00:46 – 01:02	V	Senhor A1, hoje vamos falar da peça	
01:03 – 01:10	V	Não está a ver bem, temos que nos aproximar. Ora venha cá, por favor! É esta, que está ao fundo da vitrine.	
01:10 – 00:12	A1		
01:13 – 00:17	V	Venha ver deste lado, que vê melhor	
01:18 – 01:19	A1	É a Rainha Santa? Não é?	
01:20 – 01:34	V	É a Rainha Santa. É a pintura da Rainha Santa que tem um poema à volta, na moldura. Porque é que me disse que é a Rainha Santa?	
01:35 – 01:42	A1	Porque... tenho visto várias e... não quis sempre entre brancas.	
01:43 – 01:48	V	Mas porque?	
01:49 – 01:58	A1	O que é que ela tem representado que o Senhor sabe que é a Rainha Santa?	
01:59 – 02:01	V	Tem a coroa... Tem a coroa, que é de máis	

³ São dois os intervenientes na ação: A1: Participante, com diagnóstico médico referido na pág. XX do anexo XX e V, o investigador do presente estudo.

02-02-0216	AI	De Rainha, sim. E a maneira dela se apresentar, assim, se repre...	Não consegue terminar a frase.
02-17	V	E o que é que ela tem no lado?	Não consegue explicar. Porque parece não conseguir entender o que vê. Demonstrou a explicar o que vê.
02-18-0227	AI	Por aquilo que eu sei, tem que ver com qualquer coisa... com rosas. Com as rosas!	
02-33	V	Mis não estou a ver..	
02-34-0242	V	Não vê ali [aponta na direção da personagem da pintura] que ela está com rosas, ao lado?	
02-46-0251	AI	Que ela está com as duas mãos a segurar uma abóbada de flores. São rosas. Pois eu olhei para aquilo e se não souberse, não tinha que se chamar rosas	
02-52-0303	V	Pois não percebo.	
03-04-0305	AI	E depois a vista de Coimbra ali, de invação. Consegue ver? Ali de lado.	
03-06-0308	V	Ao lado dela... é a vista de Coimbra.	Não consegue ver o que V vê na pintura.
03-09	AI	Ah está lá está!	
03-10-0319	V	E avistam de Coimbra, Aires, Sim. E depois é no Milagre da penia, aqui em baixo: está a Rainha a lavar a perna gangrenada da perna esquerda	
03-20-0323	AI	Essa perna não eu não sabia.	
03-34-0328	V	Então vamos lá. Vamos lá ler.	É difícil-se para as e abstrair que estão em frente à vitrine. AI faz o mesmo.
03-29-0334	AI	Eu não sei se já falei isso mas, já que estamos a ver a pintura...	
03-35	V	Diga-me...	
03-39-0345	AI	Em relação às rosas. Não entra aqui	AI faz o gesto com a mão esquerda na garganta, para dizer que não 'engole' a estória de que D. Dinis não sabia a que a Rainha disse pelo aos pobres. Fez o gesto antes de conseguir verbalizar o que que da dizer. Por isso demonstrou a falar. V correpe a cabeça para AI se sentir.
03-46	V	Não?!	
03-48-0350	V	Então porque? Costuma ler, por favor.	
03-50-0400	AI	...andar a fugir do D. Dinis que foi um último...	
04-01	V	Be!	
04-02-0405	AI	Be!...com os olhos e essa coisa toda... A designada da mulher a fugir do marido...Oh pó, não entra nos meus... não! É impossível!	AI tem dificuldade em explicar, por isso demonstra um pouco entre frases.
04-06-0419	V	Tenho aqui uma pequena pintura da que eu vi ler e ler durante a semana	
04-20-0427	V	Se AI é conhecida ler, para contar AI] (abei, a rainha das rosas. 'babe!, a rainha das rosas'. É o mesmo texto, só que este texto, agora tem imagens. Ou seja, nós vamos ler o texto mas, com a ajuda das imagens. Há símbolos... É a linguagem pictográfica. É por imagens. Esta comunicação chama-se sistema pictográfico para a comunicação (SFC). Há uns textos como este aqui, e outros que aqui estão que pode não reconhecer, mas não lhes ligue. Pode não reconhecer este: (está um 'com', isto é um 'e', estas coisas. Pensa só à frente nas imagens, está bem? Pronot Então agora pode ler, ou só as imagens ou só o texto e depois ver a imagem. Quer tentar?	V mostra a AI o livro com a estória adaptada ao Sise na Fotografia para a Comunicação (SFC). Vai mostrando o livro e virando as páginas, com calma.
05-10-0527	V		
05-23-0532	V		
-----	AI		Dá toda a atenção à explicação e dispõe-se a ler.

05:33 – 05:34	V	Então vamos começar.	
05:38 – 05:40	A1	Então vou ler isto, não é?	
05:41 – 05:45	V	Sim! Ou lê este (as quadrículas das imagens), ou começa por ler este (o texto). O que é que lhe parece que é mais fácil?	
05:46 – 05:48	A1	Se calhar este, não sei!...	Apenas para o texto em escrita fácil, por baixo das quadrículas das imagens.
05:49	V	Então vá!	Encorajando A1 a ler.
05:54 – 05:59	A1	Isabel, rainha... San... Dias... das rosas.	A1 começa por ler sem sublinhar com o dedo, seguindo normalmente com as mãos os lados do livro.
06:16 – 06:19	V	Oh veja agora, aqui, se é mais fácil para si fugue a leitura pelas psicogramas.	
06:20 – 06:22	A1	"Isabel... a rainha... das rosas"	A1 lê as imagens enquanto V vai indicando as quadrículas com o dedo.
06:29 – 06:37	V	Sim. Está muito bem, está a ver Sr. A1? Agora tente só ler por estes aqui (as quadrículas das imagens), a ver se consegue.	
06:46	A1	Estas aqui...	A1 tenta fixar-se e focar bem as imagens, para isso chega mais o livro para si.
06:47	V	Sim	
06:48 – 06:53	A1	Isabel... era	
06:55	V	Em...	
06:56	A1	Isabel... era	
06:57 – 06:59	V	Isabel a e parece a noção de uma princesa.	
07:00 – 07:03	A1	Em... por... princesa de	
07:05	V	E isto são os reinos da Península de Aragão.	
07:08	A1	Muito bem! Muito bem!	
07:09 – 07:20	V	Lê está o "com" lido é para não ligare le só ode cima.	Mudança de folha. V escolhe quando vê A1 a olhar para o símbolo de "com". V apercebe-se que A1 lê melhor (aparentemente) as palavras que estão inseridas nas quadrículas, por cima das imagens. Bergamota A1, apontando para a palavra dentro da quadrícula. Inverte V; porque A1 não começa a dizer.
07:25	A1	Estas aqui?	
07:26	V	Estas, sim!	
07:30 – 07:20	V	Como...	
07:34 – 07:38	A1	Como... Como...	
07:39	V	Penha o dedo, para ajudar	
07:40 – 07:42	A1	Como...	
07:43 – 07:44	V	O que aqui isto é outubro e que?	Indica com a mão os números dentro da quadrícula, como apontados ao 12.
07:45	A1	Dade	A1 está com o dedo a apontar o número 1 mas lê o número 2.
07:46 – 07:47	V	O 1 e o 2.	
07:48 – 07:49	A1	Então é 12.	
07:50	V	12!	
07:51 – 07:56	A1	Dade...	
07:58	V	Com doce anos	
07:59	A1	Dade...	
08:01 – 08:02	V	E aqui está e a sczinha ou está acompanhada?	Na imagem com o texto todos dois, referente ao casamento, que tem os bastos de Isabel

08:03 – 08:12	A1	Célio... que se me que não se está acompanhada	e de Dinis.
08:13	V	Estão cordão: o Rei e ela!	
08:14 – 08:16	A1	Onde é que está o rei?	
08:17 – 08:20	V	Está aqui e é a sua de lado	
08:21	A1	Pois...	
08:22 – 08:27	V	Enfim, 'você disse anos'...	Não se entende.
08:28 – 08:30	A1	Com dez [a menos?]	
08:31	V	Amos	
08:32 – 08:33		Doze anos...	
08:37 – 08:38	A1	Doze anos... com o rei D. Dinis	Não há "você" e há "D.", que não está escrito.
08:41 – 08:45		Com Dinis. E aqui?	
08:46 – 08:58	V	Portanto, com dez anos e noucom Dinis. E agora aqui:	V assinala a linha seguinte. A1 aponta com o dedo a linha e a palavra que vai ler.
09:00 – 09:03		E assim aqui... Dinis	
09:05		Em...	
09:06 – 09:10		Em si de...	
09:11 – 09:12	A1	Tem que ser Portugal!	Pára de olhar para o texto e dirige-se à V enquanto diz que país é.
09:13 – 09:14		De Portugal	Id
09:15 – 09:16	V	Ah! Ah! Ah! Por causa da viagem!	
09:17	A1	Pois é! Não!	
09:24 – 09:27	V	E agora? Este é o sinal de "vi"?	
09:33 – 09:37	A1	... Varam para Portugal...	
09:38 – 09:47		para a cidade de COIMBRA, pois é! Não!	
09:48 – 09:53	V	E ali está a repete: Portugal e ali a ver?	
09:55		Olhe ali: está representada a cidade!	
09:56 – 10:11	A1	E agora está.	
10:11	V	Ficou para o palácio... da mirra	
10:12 – 10:19	A1	Portugal	
10:20		Pois é... pelo... do rio...	
10:21	V	Mundo go	
10:22 – 10:24	V	Dorão Mandega	
10:25	A1	Estamos aqui pelo!	
10:30 – 10:33	V	Estamos mesmo ao lado. E aqui? Lá está a representação de Isabel na imagem.	
10:44	A1	...	A1 esteve 10 segundos a tentar ler a imagem.
11:00	V	Isabel...	Não consegue ler.
11:08	A1	...	Suje e a A1 que lê o texto maior, em baixo.
11:12	V	Quem é aqui em baixo a ver se consegue.	V tenta ajudar, lendo o início da palavra
11:17	A1	Lem...	Mas A1 não consegue.
11:17	V	... Ler aqui? Isabel é	V R para A1
11:17	V	Quando nós nos recordamos de algo é lembrar, não é?	

11:18- 11:21	AI	E lembrada		Consegue AI ler
11:22- 11:25	V	Que é o apelinho do lago. Olhe aqui. O lacinho no dedo como lembra, para não esquecer!		EV aponta para a imagem em quadrícula
11:27- 11:28	AI	AI eu não sabia essa!		
11:29	V	Er, é!! Por...		
11:30- 11:40	AI	É lembrada por... por... Por cuidar		
11:41	V			
11:45- 11:51	AI	Por cuidar dos... pobres		
11:52	V	e		
11:53- 12:08	AI	Dos pobres e... E dos... dos pobres e dos		Tentou ler de novo mas percebe-se V recorda AI na leitura, acasalando com o dedo a palavra a ler.
12:11	V	Aqui		
12:12- 12:17	AI	Dos doces!		
12:30	V	E esta aqui?		
12:39	AI	É aqui, é?		
12:42- 12:51	V	Um dia Isabel e uma		Orientando a leitura para a linha de baixo Indica com o dedo a imagem certa.
12:53	V	Curoa		
12:54- 12:58	AI	Curou a...		
12:59	V	O que é isso?		
13:03	AI	O que?		
13:04	V	Isso aqui?		
13:07	AI	Uma pena?		AI em dificuldade em ser a imagem
13:08- 13:10	V	Uma pena! Curou a pena		
13:11- 13:12	AI	Ea esta nunca ouvi!		
13:14- 13:19	V	Curou a pena a uma mulher		
13:20	V	Isso! Exatamente.		E de seguida muda a folha, para continuar a leitura. Leu "fazer", em vez de "eazar"
13:30- 13:44	AI	Uma mulher que lá fazer		V coloca as mãos juntas. Protege AI, satisfação por ter sabido o que em que a posição de mãos.
13:45	V	Senhor AI, olhe para esta posição das mãos, quando coloca assim as mãos, o que estamos a fazer?		
13:47	V	Aí, aqui!		
13:51- 13:56	V	La eazar a Santiago de Compostela		
14:03- 14:05	V	Agora aí entenda: esta já sabemos que é a figura de Isabel. Não é?		Diz V mostrando a quadrícula com o resto da Bábua, esta foi da panama.
14:06	V	E esta, não é?		
14:07	V	Sim		
14:08- 14:16	V	Isabel é W...		
14:17	V	Olhe o apelinho em o lacinho! Para não esquecer!		
14:19- 14:29	V	Isabel é... lembrada por fazer...		
14:30- 14:37	V	...		
14:38- 14:39	V	Deve ser milagres mas, eu...		
14:40	V	Mas eu não tenho af milagres, não!		
14:42- 14:43	AI	Pois, pois. Ainda não chegou lá!		
14:50	V	Por fazer		
14:51	V	Mã		
14:52	V	Mãgia?		
14:57	AI	Aí é que eu não lá!		
14:58- 15:11	V	A magia foi o equivalente nestes símbolos para falar de milagres. A mãe de milagre é só mágica.		

15:12	A1	E mais nada.	
15:13 – 15:30	V	Só nos católicos é que existe. Nas outras religiões não existe: existe o fado e bem, os feitiços mas, o termo milagre não existe em muitas religiões. Então, é como os símbolos são universais, a única solução que eu tinha para que se acesse fuisse a milagre, era magia.	
15:31	A1	Tá bom.	
15:37 – 15:40	V	Por fazer magia com...	
15:41 – 15:49	A1	Se bem que, não estarei muito convencido disso.	
15:50	V	Não?	
15:51 – 16:03	A1	Magia... A Rainha Santa faz magia, isso é com os magiões, com os magos	
16:04 – 16:07	V	Mas ela faz magia porque? Era neste ser lá: transferia via uma coisa outra.	
16:08	A1	Pois!..	
16:09 – 16:21	V	Não, com a religião católica acreditamos nos magiões mas, de forma geral, é parecido com uma magia, porque se transfere uma coisa na outra, não é?	
		Novo filme:	
00:01 – 00:08	V	Tem que ler, Senhor A1, não ponham causa o meu imbalho, de ad quão das imagens os conhecidos!!	
		[Entre risos]	
00:09 – 00:17	A1	Isso é que é: o aluno a sobrepor-se à Mestre! [entre risos]	
00:18 – 00:23	V	Qual Mestre? Qual Mestre?	
		Vamos lá!	
		"Faz magia..."	
00:24 – 00:25	A1	Já deu para...	
00:26	V	Para de acriminar, pois!	
00:27	A1	Uma galgalhada.	
00:30	V	Para fazer magia com...	
00:35	A1	Com pês.	
00:36 – 00:39	V	Escutem o Que é o chamado:	
00:40 – 00:45	A1	... "Com pês: o Milagre das Rosas"	
00:46	V	A porta já está como o Senhor quer!	
00:47 – 00:54	A1	Tinha que ser! Se não houvesse rosas!	
		Estava imperfeita!	
00:55 – 01:05	V	Estava imperfeita. Só que eu, para pôr o Milagre tive que pôr os dois juntos. Porque não havia o termo milagre.	
		Continuando a leitura: "Um	
01:06	A1	Agul?	
01:07	V	Sim Senhor.	
01:08	A1	Um dia...	
01:09	V	Um dia	
01:10 – 01:14	A1	Isabel... estava...	
01:15 – 01:20	V	Estava.	
		Um dia Isabel estava	
01:21 – 01:27	A1	Estava à [incompreensão] apesar de o som ser parecido com porta: prof? De procura?]	
01:29	V	O que é isso?	
01:32	A1	Porta! Ai, é uma porta!	
01:35 – 01:42	V	Estava à porta do palácio de	
01:43	V	e	
01:44 – 01:48	A1	E D. Din... e D. Din... e D. Din... e D. Din...	

01:49 – 01:52		Como é que é, aqui... Mon...mo...contra	
02:09	V	Monst...me	
02:10 – 02:14	AI	Mosma...me o que levas	
02:21	V	V anos então vero que é que acontece u	V muda a folha
02:22 – 02:28	AI	Depois ler a história, não é?	
02:35 – 02:37	V	São Rosas Senhor!	
02:38 – 02:44	AI	E agora, o que está aqui? "Ok	
02:45	V	E os... pilas na...	
02:47 – 02:52	AI	Não... Ok pilas...es	
02:53 – 02:55	V	"Nãó", está "nãó". O que aqui or laco (o tó):	
02:56 – 03:03	AI	Nãó...nková	
03:04	V	Estou am...	
03:05 – 03:06	AI	Não estou amã!	
03:07 – 03:10	V	Não estou amã! Então o que é que e la le na q?	
03:11 – 03:15	AI	Os pilas não estavam lá!	
03:16	V	E agora aqui e m hátor:	Diz AI pensiveiro.
03:17 – 03:23	AI	Talvez levas rosas.	Diz V para que AI não se esqueça de continuar a leitura.
03:24 – 03:25	V	Rosas. É mesmo isso.	
03:26 – 03:31	AI	"Rosas em Janeiro?" Oh! Como é que é isso?	AI inicia o que se dá a ver do Rei a falar para a Rainha 5 mata, com muita energia.
03:32 – 03:41	V	É... É impossível. Achava de!	Iniciando AI a continuar.
03:44 – 04:03	AI	O que aqui, Senhor AI, aqui, onde eu tenho o dedo. É que se nos...na...na...na...agora isto aqui!	
04:05 – 04:07	V	Na pintura	
04:08 – 04:18	AI	Agora aqui	V indica com o dedo, qual a palavra seguinte.
04:19	V	Na pintura que...je l...	
04:26	AI	Que número é esse, de chor A 17	AI está a denotar bastante cansaço, vê as letras mas não consegue agrupá-las em palavras.
04:29 – 04:35	V	Este número qual é? Este. É o 1. "Que um..."	
04:35 – 04:40	AI	E a seguir é o quê? É um senhor a pintar. É um pintar. "Que o pintar...fez"	
04:42	V	Há muitos...	
04:48 – 04:51	AI	Muitos, muitos... Nko me lembro o quê!	
04:52 – 04:53	V	Ou há muito tempo, ou há muito anos.	
04:54	AI	Talvez não.	
04:55	V	Há muitos anos.	
04:56	AI	Muitos anos.	
05:04	V	E agora, aqui?	Mudança de folha

05:09 – 05:11	AI	Onde é? Aqui?		AI segue como dado a indicação de V
05:11	V	Sim		
05:16 – 05:23	AI	A pin... a pintura era		
05:24	V	E		
05:25 – 05:36	AI	"E para... aqui... agradecer", talvez.		AI está a ler as palavras dentro das quadrículas. Demora mais consegue hab-lo.
05:37	V	Muito bom!		
05:39 – 05:57	AI	"agradece a Susan...! Sabes pela e uma feia... feia?"		
05:58	V	feia		AI E mais não em a certeza do que lê.
05:59 – 06:10	AI	Como de uma... de uma feia, é?		
06:12	V	Da feia		
06:13	AI	AI, da feia!		
06:14	V	Da feia, ..		
06:15 – 06:20	AI	Da feia, ... de feia, pronto		AI aponta e não consegue ler as palavras já não está a conseguir ver as imagens
06:21		Sim Senhor		V não insiste pois que A1 lêia "Aná", percebendo que já se je tu videsveres feia e
06:34	V	Aqui, Sr. A1, por favor		não vai ler mais. Pelo me nos naquela linha
06:35 – 06:38	AI	Aqui?		Mudança de folha
06:42		... "A"		
06:44 – 06:51	V	Isso é o quê, 4 volta da pintura?		
06:52 – 06:58	AI	Este símbolo é de quê?		AI toca com o indicador na imagem, lê a não ao queix o, volta a apontar a imagem do moldum mas não lê o que está repetido e não lê o texto que no na quadrícula.
06:59 – 07:04	V	... É a moldura da pintura. Não é?		
07:05 – 07:20	AI	A moldura... da... da... pintura... da pintura		AI diz ou de ver a imagem e está à procura dela.
07:21		Onde é que está?		Pergunta para onde segue a leitura.
07:22 – 07:26	V	É aqui de lado. O que é esse símbolo? É de kumbuc Ora lê lá aqui		V indica onde está a imagem e aponta a seguinte.
07:29	AI	Lembra		Indica onde ler
07:30	V	Lembra		Indicando o que disse V
07:31	V	Lembra		Corrigindo no presente do indicativo, tal como está no texto.
07:33		Lembra		
07:35 – 07:37	V	É aqui?		
07:38 – 08:02	AI	Ora veja, neste Lembra uma... pronta... com... com muitos... Com muitos quê? Com muitos... [Julio mudre] Não sei o quê!		Descodificando a imagem.
08:03 – 08:06	V	O calendário quer dizer o quê?		
08:08	AI	Anos		
08:09	V	O tempo que vem		
08:12 – 08:17	AI	Exatamente: com muitos anos. Com muitos anos.		
08:18	V	Se não A1, é só mesmo, me sou no fim.		V encoraja a finalizar a leitura

		Agora aqui:	Mudança de folha
08:19 – 08:31	AI	Os...	
08:32 – 08:41	V	O que está escrito, quando escreveres alguma coisa, dizesse que escreveres um...luminoso não é?	
08:41	AI	Texto.	
08:42	V	Escreveres e!	
08:43	AI	Interé texto.	
08:44	V	E texto.	
08:45 – 08:57	AI	"O texto...o texto...na...molida...na molida"	
08:58 – 09:01	V	E...	
09:02	AI	Agora aqui	V mostra que é para mudar de linha.
09:08 – 09:29	AI	E... E...um...poema...pinta...pinta...pint...	AI está a ler mas não vê a palavra. Vê a imagem e deduz que é pintura.
09:30	V	Parado	V esclarece qual a palavra.
09:31 – 09:50	AI	A lá pois é, "pintado". "Poema pintado...pe...pam..."	
09:51 – 09:54	V	"Poema pintado para"	
10:00	AI	E agora esta aqui: Ize...Izbe L	V indica a quadrícula a ler
10:03	V	Izbe!!	
	AI	Se...AI, acabou!	
	V	Obrigada.	
	AI	Foi mais rápido agora, não foi?	Não reagiu à exclamação.
	V	E...	V perguntando se se sentiu melhor com o livro com as imagens \$PC
	AI	E...	
	V	Mas se se habituar a olhar para cima para se imaginar, ajuda um bocado.	
	AI	Se fosse uma coisa que eu nunca tinha visto, era mais difícil. Assim, como muitas das coisas já sabia de cor e tal, e aviaava logo.	
	V	Vai ler este livro para ler toda a semana, todos os dias, sim?	
	AI	Faço que leio livros!	
	V	Se não tiver paciência para ler todos os dias, le quando puder.	
	AI	Eu tenho lá umas bengala boa!	
	V	A Gusa (a mulher)?	
	AI	Sim!	
	V	Pois tem! As Vingadas são muito boas!	
	V	São muito boas pessoas.	
	AI	Ah! Ah! Está boa!	
	AI	Refo me nos se que eu combeço são de vezes a absoluto!	AI desata a rir à gargalhada, percebendo sentido da frase.
11:47	V	Obrigada!	

Participante B1:
Estória 1: *Fabril, a rainha das rosas*
L.2. n. 1ª Leitura de texto adaptado para SPC | 22.02.2016

Tempo (em minutos)	Intervenção / ação	Transcrição	Notas (com portamento expresso não verbalmente por B1)
00:00 (início)			
01:37	B1	Hoje são 22 de fevereiro de 2016. Se algum B1, já pôs de fora o seu texto... Isabel era a princesa de Anjo. Casou com Dinis. Veio para aqui, para o palácio dela, que está além ao pé do rio Mondego. E depois Dinis diz-lhe assim: Foi aí que se deu o Milagre das Rosas. E ela não levava rosas, levava pães para dar aos pobres. E Dinis disse assim: "Que levais aí Senhora?" "Levo rosas". Foi aí que se deu o Milagre!	B1 e só senada, a falar com uma Têcnica do Museu sobre o fim-de-semana. B1 é especialmente ansiosa porque o marido caiu e teve que ir ao hospital, no dia anterior. V. aproxima-se e senta-se junto a B1.
00:49 – 02:19	B1	... Mas porque? Porque o Dinis não gostava que ela desse os pães aos pobres. E depois dá-se o milagre da transformação dos pães em rosas. E depois ela levou os pães a uma senhora que ia rezar a Santiago de Compostela. E o texto na... é dez anos atrás, ... é do século XVI, ou o que é (?) São Sebastião: a pintura é do século XVI. Pois. É tudo isso. E o texto? O texto está onde, na pintura? O texto está aí, na pintura... O texto a dizer que a Rainha se senta só onde? Ele está em latim [para informar B1 que não lê ser um texto em português atual]	Interrompe V e, olhando para a vitrine onde está a peça, diz a catócia, rapidamente, de cóc. Ao falar da loca Inêsão do palácio da minha, faz um gesto com a cabeça, para o lado, a olhar para a catócia. Chegada a este ponto da catócia B1 põe a olhar para V, à espera de reação.
02:20	V	... Mas porque? Porque o Dinis não gostava que ela desse os pães aos pobres. E depois dá-se o milagre da transformação dos pães em rosas. E o texto na... é dez anos atrás, ... é do século XVI, ou o que é (?) São Sebastião: a pintura é do século XVI. Pois. É tudo isso. E o texto? O texto está onde, na pintura? O texto está aí, na pintura... O texto a dizer que a Rainha se senta só onde? Ele está em latim [para informar B1 que não lê ser um texto em português atual]	Discursor rápido, entusiasmado. Quase sem pausas para respirar.
02:57	V	... Mas porque? Porque o Dinis não gostava que ela desse os pães aos pobres. E depois dá-se o milagre da transformação dos pães em rosas. E o texto na... é dez anos atrás, ... é do século XVI, ou o que é (?) São Sebastião: a pintura é do século XVI. Pois. É tudo isso. E o texto? O texto está onde, na pintura? O texto está aí, na pintura... O texto a dizer que a Rainha se senta só onde? Ele está em latim [para informar B1 que não lê ser um texto em português atual]	
02:59	B1	... Mas porque? Porque o Dinis não gostava que ela desse os pães aos pobres. E depois dá-se o milagre da transformação dos pães em rosas. E o texto na... é dez anos atrás, ... é do século XVI, ou o que é (?) São Sebastião: a pintura é do século XVI. Pois. É tudo isso. E o texto? O texto está onde, na pintura? O texto está aí, na pintura... O texto a dizer que a Rainha se senta só onde? Ele está em latim [para informar B1 que não lê ser um texto em português atual]	
03:00 – 03:03	V	... Mas porque? Porque o Dinis não gostava que ela desse os pães aos pobres. E depois dá-se o milagre da transformação dos pães em rosas. E o texto na... é dez anos atrás, ... é do século XVI, ou o que é (?) São Sebastião: a pintura é do século XVI. Pois. É tudo isso. E o texto? O texto está onde, na pintura? O texto está aí, na pintura... O texto a dizer que a Rainha se senta só onde? Ele está em latim [para informar B1 que não lê ser um texto em português atual]	
03:03 – 03:05	B1	... Mas porque? Porque o Dinis não gostava que ela desse os pães aos pobres. E depois dá-se o milagre da transformação dos pães em rosas. E o texto na... é dez anos atrás, ... é do século XVI, ou o que é (?) São Sebastião: a pintura é do século XVI. Pois. É tudo isso. E o texto? O texto está onde, na pintura? O texto está aí, na pintura... O texto a dizer que a Rainha se senta só onde? Ele está em latim [para informar B1 que não lê ser um texto em português atual]	Inclina-se para a frente, ainda senada, para olhar melhor para a pintura.
03:05 – 03:19	V	... Mas porque? Porque o Dinis não gostava que ela desse os pães aos pobres. E depois dá-se o milagre da transformação dos pães em rosas. E o texto na... é dez anos atrás, ... é do século XVI, ou o que é (?) São Sebastião: a pintura é do século XVI. Pois. É tudo isso. E o texto? O texto está onde, na pintura? O texto está aí, na pintura... O texto a dizer que a Rainha se senta só onde? Ele está em latim [para informar B1 que não lê ser um texto em português atual]	
03:20 – 03:23	B1	... Mas porque? Porque o Dinis não gostava que ela desse os pães aos pobres. E depois dá-se o milagre da transformação dos pães em rosas. E o texto na... é dez anos atrás, ... é do século XVI, ou o que é (?) São Sebastião: a pintura é do século XVI. Pois. É tudo isso. E o texto? O texto está onde, na pintura? O texto está aí, na pintura... O texto a dizer que a Rainha se senta só onde? Ele está em latim [para informar B1 que não lê ser um texto em português atual]	Entretanto, B1 levanta-se por iniciativa própria e de repente num dos braços, foi até junto da vitrine, olhar para a pintura. Cabeça a mão no vidro e foca-se no livro que está em primeiro plano, na base da vitrine.
03:24	V	... Mas porque? Porque o Dinis não gostava que ela desse os pães aos pobres. E depois dá-se o milagre da transformação dos pães em rosas. E o texto na... é dez anos atrás, ... é do século XVI, ou o que é (?) São Sebastião: a pintura é do século XVI. Pois. É tudo isso. E o texto? O texto está onde, na pintura? O texto está aí, na pintura... O texto a dizer que a Rainha se senta só onde? Ele está em latim [para informar B1 que não lê ser um texto em português atual]	
03:28	B1	... Mas porque? Porque o Dinis não gostava que ela desse os pães aos pobres. E depois dá-se o milagre da transformação dos pães em rosas. E o texto na... é dez anos atrás, ... é do século XVI, ou o que é (?) São Sebastião: a pintura é do século XVI. Pois. É tudo isso. E o texto? O texto está onde, na pintura? O texto está aí, na pintura... O texto a dizer que a Rainha se senta só onde? Ele está em latim [para informar B1 que não lê ser um texto em português atual]	
03:31	V	... Mas porque? Porque o Dinis não gostava que ela desse os pães aos pobres. E depois dá-se o milagre da transformação dos pães em rosas. E o texto na... é dez anos atrás, ... é do século XVI, ou o que é (?) São Sebastião: a pintura é do século XVI. Pois. É tudo isso. E o texto? O texto está onde, na pintura? O texto está aí, na pintura... O texto a dizer que a Rainha se senta só onde? Ele está em latim [para informar B1 que não lê ser um texto em português atual]	Alguma ansiedade impede-a de olhar em frente e ver a pintura. Não come gas. Entretanto, vai olhando para a pintura.
03:32	B1	... Mas porque? Porque o Dinis não gostava que ela desse os pães aos pobres. E depois dá-se o milagre da transformação dos pães em rosas. E o texto na... é dez anos atrás, ... é do século XVI, ou o que é (?) São Sebastião: a pintura é do século XVI. Pois. É tudo isso. E o texto? O texto está onde, na pintura? O texto está aí, na pintura... O texto a dizer que a Rainha se senta só onde? Ele está em latim [para informar B1 que não lê ser um texto em português atual]	
03:39	V	... Mas porque? Porque o Dinis não gostava que ela desse os pães aos pobres. E depois dá-se o milagre da transformação dos pães em rosas. E o texto na... é dez anos atrás, ... é do século XVI, ou o que é (?) São Sebastião: a pintura é do século XVI. Pois. É tudo isso. E o texto? O texto está onde, na pintura? O texto está aí, na pintura... O texto a dizer que a Rainha se senta só onde? Ele está em latim [para informar B1 que não lê ser um texto em português atual]	
03:44 – 03:46	B1	... Mas porque? Porque o Dinis não gostava que ela desse os pães aos pobres. E depois dá-se o milagre da transformação dos pães em rosas. E o texto na... é dez anos atrás, ... é do século XVI, ou o que é (?) São Sebastião: a pintura é do século XVI. Pois. É tudo isso. E o texto? O texto está onde, na pintura? O texto está aí, na pintura... O texto a dizer que a Rainha se senta só onde? Ele está em latim [para informar B1 que não lê ser um texto em português atual]	B1 aponta para a peça, com o indicador e vai-o abanando. O que diz e para na tabela de identificação que a peça contém em baixo, na parte

¹ São dois os intervenientes na ação: B1: Participante, com diagnóstico médico referido na pág. XX do anexo XX e V, o investigador do presente estudo.

03-49	V	Abi A. Semhom B1 decompõe a antiga tabela de identificação	inferior da moldura. B1 não se estranha a redair ao por na mas à datação da peça na tabela antiga.
03-57	B1	Pois foi	Enquanto V estava a levantar-se para acompanhar junto da vitrine, B1 sentou-se de novo.
03-58 – 04-15	V	E o texto que está na moldura é em latim mas a reconhecer a Rainha Santa como santa, quando ela só tinha sido ainda beatificada.	
04-16	B1	Abi H1	
04-17 – 04-24	V	Mas isso não é importante. O que é importante é a questão de ter vindo pequenina para Coimbra e o Milagre das Rosas	
04-25	B1	Casou com dize moço e lá	
04-26 – 04-45	V	E a palavra é para agradecer uma fração de Co há ter ficado boa da perna que estava com gangrena e podia morrer... Não foi!	V percebe-se que B1 já não está a dar atenção, ou a querer responder, ou falar por sua iniciativa. Por isso resume a está.
04-46	B1	Sim.	B1 responde já a olhar para baixo, um pouco do nada. Olha para o livro como o texto adaptado para SPC.
04-48 – 06-20	V	Se não B1, olhe o peso que eu lhe tongo hoje: tal como tinhamos combinado, mas unite bra a outro. Melhor é impossível! Que rver? Ora que se fale! Esse é o meu texto, sobre o meu assunto.	V explica como usar o livro Inquanto V tira o livro da pasta de arquivo que tinha no colo, B1 olhava fixamente para o livro embora se mantivesse sentada e acostada Recebe o texto adaptado para SPC e olha-o atentamente. Lê primeiro o texto e depois repete a leitura, sendo as imagens sempre com muita rapidez.
06-21 – 06-32	B1	Ora, "Isabel". E um a... "Isabel a minha das rosas". Rainha, rosas	Explica como pode ler, para não repetir a leitura B1 lê primeiro o texto e depois as imagens
06-35 – 06-39	V	"Isabel e a princesa de Aragão". "Pense na Aragão".	
06-44 – 04-46	B1	Ali, não sei o que é que isto quer dizer	Mudança de folha B1 lê primeiro as imagens e refere que não sabe o significado de "bon" em SPC
06-57 – 06-59	B1	"Dize Casou com Di Diniz"	Explica o símbolo B1 está a ler primeiro as imagens. "D." informação escrita nem em símbolos.
07-00 – 07-03	V	Então diga lá outra vez, por favor	B1 está a ler o texto.
07-04 – 07-13	B1	"Com doze anos casou com Diniz" O rei Diniz em rei de Portugal" Rei Portugal	Acentua "o rei" inicial Lê de seguida os símbolos, apontando com o indicador.
07-25 – 07-28	V	"Vieram para Portugal, para a cidade de Coimbra"	Está a ler o texto.
07-32 – 07-40	B1	Foram para o palácio da Rainha, perto do Mondego". Ali está o Mondego bem de sentido direito, na Aragão. Nasce onde, o rio Mondego?	V sabe que o Mondego nasce muito perto da terra de B1, por isso faz esta pergunta.
07-49 – 07-51	B1	Olhe, nasce lá perto da minha terra! Na Serra da Estrela. Eu sou de Seia.	Dá isso conteúdo, e de seguida volta a olhar para o livro para ler. Retorna a conversa mas sempre a olhar para o livro.
	V	E como se chama o sítio onde ele nasce?	
	B1	Mondeginho	Dá B1 com rapidez e genial.

07:38 – 08:19	V B1	E a nascente do Mondeguintos, sim Senhora! E eu sou de Campestre, do conde llo de Se-la. Digo a toda a gente que sou de Se-la, porque Se-la toda a gente conhece. E se disser Campestre la muitas pessoas não conhecem.	Fic e se desabado com a mão esgapeada no ombro de V.
08:24	V B1	Se-la é a cidade que tem Xerna de rescom, não é? E, é!	Confirma B1 a sorrir, contente.
08:39 – 08:47	V	V ressur e leitura feita arde, para que B1 a possa retomar.	V ressur e leitura feita arde, para que B1 a possa retomar.
08:49	B1	"Isabel é lombada por cuidar dos pobres e dos doentes" "Um dia a Isabel curou a perna a uma mulher / que ia rezar a Santiago de Compostela	Na metade das folhas, B1 diz o texto da linha seguinte ao mesmo tempo que está a mudar a folha. Significa que o B1 com, pois ainda não o estava a ler.
08:50 08:54 – 09:03 09:04 – 09:09	V B1	Só agora é que passou para o texto! Mas eu já o disse antes. "Isabel é lombada por fazer magia" Que ela transformou os pés em rosas. E fez o Milagre das Rosas. "Um dia Isabel estava"	Fez um gesto com a mão no ar, significando que já o tinha despatchado, e sorri, continuando a ler, corrigida a rapidez. Continua com os olhos no livro e faz o aparte de explicar o que significa a magia. Mudança de folha, ajudada por V, porque B1 estava a pensar no Milagre das Rosas e deu o jeito para se mudar a folha.
	V	Estava... It vi que estas simbolos [estava, ir, é, para, em SRC] não a assustam.	V constata que B1 já lê os simbolos subliminamente, não parando neles. It se habitua.
	B1	Muito bem! "Porto do pelicione Luís disse: "Mostrá-me o que levas". A li é que está um erro.	B1 diz que é um erro porque leu "Mostrá-me" e em vez de "Mostrá-me" e de pois não há confusão. Fez a observação do erro com a mesma entonação com que lia. E mudou logo de folha.
	V B1	A Senhora B1 disse: "Mostrá-me o que levas" "Isabel levava rosas. E os pés não estavam lá". Porque foi ali que se deu o Milagre.	Resubst V para que fique registado na gravação. B1 recorreu a ordem das linhas: leu primeiro a segunda linha e depois a primeira. Com tanta rapidez que V nem se apercebeu.
09:29	V	E está de baixo?	V volta com a folha antes pois não tinha dado conta da troca da ordem. E insiste para que B1 leia.
09:30	B1	["Isabel levava rosas"]	Repete B1 como se de novo já tinha lido. O que era verdade.
09:32	V	Ah pois! Fez no confissão. Leu primeiro a linha de baixo e depois a de cima.	V volta a mudar folha.
09:33 – 09:39	V	"E o que vamos na pintura", que é o que está a ler na pintura.	A entoação não mudou, entre a leitura e a observação. Aponta para a pintura, que está dentro da vitrina, à sua frente.
09:40 – 09:41 09:42 – 09:44 09:45 – 09:49	B1	"Que um pintor fez há muitos anos". E isto foi no século XVI. A cum da fe in Ana	Facilicos, de cabeça baixa para o livro, enquanto muda a folha. B1 ia ler novamente a linha de baixo, estava com o indicador a apontar para a imagem da feitura.
09:50 09:51 – 09:52 09:54 – 09:56	V B1	Agora é em cima. Aqui, "A pintura é para agradecer e E agora aqui, Isabel cum a feitura Ana.	
10:00	V	Vamos lá ler então:	
10:03 – 10:10 10:11 – 10:14 10:15 – 10:21 10:22 – 10:23 10:24 – 10:31	B1	"A pintura é para agradecer a Isabel a cum da fe in Ana. Que ia rezar a Santiago de Compostela. "O quadro lembra uma porta com muitos anos". Ela ia rezar a Santiago de Compostela. "O texto da moldura é"... Éaque le que está a li: "Um poema pintado para Isabel", que é do século XVI.	Diz B1. Mas não é essa a história. Mudança de folha. A entoação é a mesma. Muda novamente a folha. Esaponta para a pintura.
10:33 10:34	V B1	Sim Senhora. E já acabou. E já acabou.	
	V	Obrigada! As imagens ajudaram-nos!	

		<p>B1 recolhe aos ombros Voltou a fazer a comida do início: o Mando tinha caído no dia anterior foi para o hospital. Referiu também que juntou muito tarde e que o que lhe valeu foram umas sandes com os restos da carne do almoço. Depois da leitura, voltou a fazer novamente focada nesse assunto.</p>
	B1	

Participante B2:
 Esófia I. Isabel, a rainha das rosas
 1.2.8. – 1ª Leitura de texto adaptado para SPC | 22.02.2016

Tempo (em minutos)	Início/revista da ação	Transcrição	Notas (Com portamento e pressão não verbalmente por B1)
00:00 (fim)			
00:48 – 00:49	V	Señhor B2, e sabemos que uma obra de arte do Museu, não é? A Senhora soure a tinha visto esta peça [a casa de seu trabalho].	
00:50	B2	Não, nunca.	
00:51 – 00:58	V	E também nunca tinha feito a visita ao museu remodelado? ¹	
00:59	B2	Pois não.	
01:00 – 01:06	V	Portanto, tendo essa grande vantagem, diga-me lá o que está a ver, por favor?	Diz V levantando-se.
01:07 – 01:29	B2	No plano lá atrás a Rainha a falar contigo e l... A fe que vejo a Rainha com rosas no e grupo. Como rosas no espaço. Eu hoje tive o cuidado de fazer uma coisa para si:	B2 começa a descrever a pintura que está à frente, de arco da vitrine. Inicialmente se m se levanta da cadeira. Simil de que vê bem com os óculos que usa. V dá a B2 a ampliação do espaço da Rainha Santa (em folha A4), da pintura que está à abscida, porque na sessão passada B2 não conseguiu distinguir as rosas da Rainha. B2 aceri satisfeita.
01:30 – 01:35	V	Muito Obrigada! Agora, vê-se mesmo!	
01:36 – 01:39	B2	Agora já se vê que são rosas! E que não se conseguia ver bem da outra vez. Por causa do vidro, a luz, com o foco maior, etc.	
01:40 – 01:48	V	E eu tenho que mudar de óculos	
01:52	B2	E em a luz que estava a incidir A gota vê-se bem as pétalas.	
01:53 – 01:56	V	Vá, agora vê-se muito bem!	Na ampliação da folha A4.
01:57	B2	Essa é para si (...)	
01:58	V	Muito Obrigada.	B2 guardou a folha nas suas coisas.
02:01	B2	Señhor B2, vê em primeiro plano a Rainha e o que é que vê mais?	
02:09 – 02:13	V	Vejo a cidade atrás de la	B2 inclina-se um pouco para a frente, na cadeira, para ver a peça, mas não se levanta.
02:14	B2	Vê a cidade? Do lado...	V trançou-se de pé, para "acertar" B2 a fazer o mesmo.
02:15 – 02:17	V	O casado. Do lado direito da Rainha, atrás dela.	
02:18 – 02:19	B2	Vê a cidade atrás. E o que vê mais?	
02:21 – 02:25	V	Vejo o espaço em segundo plano, atrás do rei e da rainha... Vejo ali...	
02:26 – 02:40	B2	Não se que r'aproximar?	B2 está com dificuldade em ver, porque ainda está a uma certa distância da vitrine. Surg e V.
02:41	V	Vejo pessoas sentadas ali. Com a Rainha Santa a tratar uma pena, de uma península de Santiago de Compostela.	Aponta indicando o "a li".
02:46 – 02:57	B2	E isso é que dá no modo o puno o quadro, não é?	
02:59 – 03:03	V	Sim, sim.	B2 continua a observar com atenção a pintura, através da vitrine. De mãos nos bolsos do casaco.
03:03	B2		
03:04 – 03:06	V	Então este quadro é o quê? É uma pintura...	
03:08 – 03:18	B2	É uma pintura que está a relatar... que está a contar nos e nos factos que se passaram com a Rainha Isabel.	B2 procura as me lhoras para ras p'explicar, mas sem dificuldade, num discurso

¹ São dois os intervenientes na ação: B2: Participante, com diagnóstico médico referido na pág. XX do anexo XX e V, o investigador do presente estudo.

03:21	V	E que foi feito para quê?	finido, e dando atenção à peça. Explica olhando também para V.
03:22 – 03:24	B2	Foi feita para memória das pessoas.	
03:26	V	E para onde ir?	
03:30	B2	A quem da poesia, da letra.	
03:31 – 03:35	V	Mas com relação com os perguntados, com alguém que ela fez. E, lembra-se o que é que tinha na moldura, Senhora B2? A moldura tem uma inscrição, tem texto, que é um texto que ela.	
03:38	B2	Não me lembro.	
04:00 – 04:19	V	Não faz mal. O texto especial da moldura é um agradecimento, é um reconhecimento da Rainha Santa, uma homenagem a ela dizendo que é santa, quando ela tinha acabado de ficar Beata. O texto é um poema à Rainha Santa, para dizer que	
04:20 – 04:25	B2	Que ela é Santa quando aí ela era só beata.	B2 completa a frase iniciada por V.
04:26 – 04:42		Que ela é Santa quando aí ela era só beata.	
04:45	V	Então vamos lá ler.	V vai buscar o livro – texto adaptado para SPC, enquanto B2 continua a observar a pintura, de pé, junto à vitrine.
04:54		Tem alguma pergunta para me fazer, Senhora B2?	Pergunta V, depois de passar que B2 continuamente não está a virar, a olhar para a peça, enquanto V lhe sus a senada.
05:02 – 05:05	B2	Naquele também estão pessoas em cima, nos clarões, não lembro; vejo pessoas lá, Vultos.	
05:11 – 05:19	V	É enganado que aquela variedade que está com uma arquite tina do Museu, aquelas colunas. Lembra-lhe alguma coisa? No Museu Machado de Castro?	
05:20 – 05:21	B2	Lembra-me, lá embaixo, os arcos.	B2 vai andando como cabeça. Está de pé, junto à vitrine, com as mãos encostadas no rebordo do vidro.
05:21	V	Do prédio, ..	
05:22	B2	Ei	Interrupção por causa de um assunto do Museu
05:23 – 05:27	V	Que são êtios o mesmo estilo que esses, que são as chamadas legias.	
05:28	B2	Legias.	
05:30 – 05:42		As legias são aquelas repetidas a fazer uma varanda. É uma legia italiana, do período da Renascença; lá está. Do tempo do qual é	
05:45 – 05:48	V	E a Rainha? Está representada como máia?	
05:50	B2	Ela acho que sim; e lá tem a coroa.	B2 continua de pé, junto à peça.
05:52 – 05:58	V	Exatamente.	
06:00 – 06:02	B2	E tem a referência ao milagre mais conhecido da Rainha Santa?	A resposta de B2 é ser mais próxima.
06:15	V	Hoje tenho outra pergunta para lhe dar.	De seguida, encaminha-se para a cadeira que está perto e de frente para a vitrine da peça, para se sentar junto a V.
06:22	B2	E agora vai-me fazer o favor de ler.	V dá a B2 o livro com a adaptação do texto a SPC
06:24	B2	De ler ficem casa. Posso ler?	Inspeccionando o interior do livro.
06:25	V	De ler agora aqui.	V explica os símbolos
07:35 – 07:36		“Isabel, a rainha das rosas	Leu o título na página de rosto, e não se juntou. Como o título também está a sair, na primeira página com o resto do texto, lá repetiu
07:49 – 07:54	B2	Isabel, Princesa. A rainha	Leu esta linha e depois, primeiro o texto e depois a ficha, e depois os pictogramas.
08:02 – 08:04		Com doce associou com D. Dinis.	Acrescentou o “D.” a Dinis.
08:09	V	Para se-se ler?	De repente, parou de ler
			V intertrive, percebendo que B2 está a com dificuldades a ler os pictogramas

08:11 – 08:15	B2	Diz os anos, caso ou, com D. Dinis Mas isto aqui [o símbolo "cum"] je não sei...	correspondente à linha que já tinha lido. B2 lê não os pictogramas. Continua a acrescentar o D a Dinis
08:16 – 08:22	V	Is é o cum "cum", dos símbolos pictográficos. Ligue na lá imagens que transmitem a mensagem da peça. Sim.	
08:24 – 08:28		"Cum doce anos casou com D. Dinis. Dinís era rei de Portugal. Dinís era rei Portugal	
08:32 – 08:33			
08:50 – 08:58	B2	"Vieram para Portugal, para a cidade de Coimbra e foram para o palácio da rainha, perto do rio Mondego Vieram para Portugal, para a cidade de Coimbra e foram para palácio perto do Mondego".	A segunda leitura é a dos pictogramas. Mudança de folha. B2 ajuda V a mudar.
09:00 – 09:28			A leitura desta frase, em texto fídel ou STC, não foi diferente. Fez as 2 leituras mas não se distraiu porque na dos pictogramas, mesmo hesitando, juntou-lhes preposições e conexões. Exceção quando lê para palácio. Al percebeu que nos pictogramas não havia o artigo para fazer a ligação.
09:30	V	Que nasce onde?	
09:31		N a Serra da Estrela	Lê com entusiasmo, mudando de tom quando fala com V, ou quando faz alguma observação.
09:36 – 09:38	B2	"Isabel é lembrada por cuidar dos pobres e dos doentes".	Risos de satisfação de V e risos de B2 por achar graça à imagem.
09:40 – 09:54		Gosto do "lembrada" [em pictogramas] Que engrasado! O lanchinho! Fica d'ão gl'oi!	
09:55 – 09:59		Portanto, "Isabel é lembrada por cuidar dos pobres e dos doentes".	
10:00	V	Já viu os pobres, qual é o símbolo? Os pobres de fora!	
10:01 – 10:02		Ah pois, estão assim! Na grifa estudantil estão e são! Com o bolso de fora	Risos novamente, de ambos.
10:22 – 10:33	B2	"Um dia Isabel casou uma je ma... pensa de uma mulher	Removendo a le lina. B2 está a ler só imagem. Por isso tentou se fazer a frase e tirou "uma", antes de "pensa".
10:35	V	Pois, falta aqui "uma".	
10:36 – 10:40		"que lá se ar a Santiago de Compostela	
10:41 – 10:44		"lá, rezar, Santiago...Compostela"	Parece antes de dizer "Compostela", porque acrescenta a quantidade mas, depois percebeu que era para dizer junto e acrescentou.
10:50 – 10:55		É a imagem da cidade!	Mudança de folha
11:01 – 11:09		"Isabel é lembrada por fazer magia com pães: o Milagre das Rosas".	B2 explica o enligue das rosas. Esqueceu de ler os pictogramas.
11:10 – 11:11	B2	Transformou o pão em rosas.	Mudança de folha.
11:12 – 11:19		"Um dia Isabel estava à porta do palácio e Dinis disse: Mostra-me o que levas!	Demorou mais um pouco a ler porque esteve a ver as imagens com atenção.
11:20 – 11:31		E os pães não estavam lá.	Mudança de folha. Continua a dar muita atenção aos pictogramas.
11:40 – 11:41	V	Então, o que é que levas?	
11:42		Estão em as rosas!	Parece um pouco e vai mudando lentamente a folha.
11:59	B2	"Isabel levou a moça"	
11:56 – 11:59	V	Exatamente! Não em pães que ela levas. Quando o marido olhou.	
12:01 – 12:04	B2	Pois... Agora eu não sei se quando o marido deixou de olhar ficaram pães outra vez!	De repente, interrompe a leitura e diz: Ambos tiram muito
12:08	V	Mas isso a lida não comul	
12:11		Não nos esquecer!	
12:12	B2	Pois não!	

12:13 – 12:14 12:15	V	"E o que vemos na pintura" "E"...	V corrigido. B2 entendeu.
12:16 – 12:17 12:23 – 12:27 12:28 – 12:31		"E o que vemos na pintura"...Al. que um pintor fez muito...de há muitos anos! [Repete, para dizer direito:] E o que vemos na pintura que um pintor fez há muitos anos"	B2 deu-se a ver as imagens, com atenção. B2 deu-se a ver a imagem, para além da atenção às imagens. Higienou-se nesta área, apesar de também errar de seguida. Como é novo e não tem tempo (que é o que está na quadrícula) percebe-se que está a ler o texto e não os pictogramas. Mudança de folha.
12:44 – 13:07	B2	"A pintura é para agradecer à minha Isabel a cura da febre Am"	Mudança de folha. A partir daqui começou a fazer leituras dadas das imagens. Deixa de ligar ao texto Mudança de folha
13:18 – 13:29		"A moldura da pintura tem uma porta com muitos anos".	
13:30	V	Exatidão!	
13:39 – 13:40:00	B2	"O texto na moldura é um poema pintado para Isabel"	Leu pelas imagens.
14:01	V	Se foram B2, foi difícil!"	
14:02	B2	Nks.	
14:03	V	E gostou das imagens.	
14:03		Gostei, gostei. Achou muito interessante.	
14:26	V	Minha Amiga, já está despojada de mim.	V pede para B2 ler o texto durante a semana. B2 promete.
14:27		It!	B2 fica admirada, com espanto genuíno.
14:32	B2	Ai que bom!! Assim ainda tenho tempo de ir ver o meu neto.	Vai arrumando as coisas, quando menos se espera, confirma o cansaço que já tinha de manhã.
-----		-----	Percebeu uma forte gargalhada em V. E o humor continua nos minutos seguintes. V diz que na semana seguinte demonstramos mais porque vamos ler a esta peça e depois para o colégio e B2 responde que traz os cavalos. Resposta de V: "Tági". EV explica que é um corde com uma tecnologia muito avançada, que depois explica. B2 responde logo: "Deve ser os móveis, suspensão, essas coisas todas!" É o sistema de suspensão. B2 gostou a muito de carnos, como se pode comprovar da ficha de carnos de ação individual.
15:33	V	Muito Obrigada, Senhora B2	
15:35	B2	Sempre que precisar, estouinho com todo o gosto!	

Participante B3:
 Esóda 1: *Isabel, a rainha das rosas*
 1.2.a. Leitura de texto adaptado para SPC | 23.02.2016

Tempo (em minutos)	Intervenção / ação	Transcrição	Notas Comportamento expresso não verbalmente por B3
02:30	V	Senhora B3, diga-me uma coisa, o que está a ver?	V e B3 estão sentadas, as Gabris de Oufvestada, e no filme a pintura <i>Redeadoada</i>
02:32	B3	E a Rainha	
02:33	V	Está a ver a Rainha?	
02:35	B3	Não, não está a ver.	De onde está sentada, com a luz a incidir no vidro da vitrine, de modo a serem mais fáceis para ler, não vê muito bem. E é isso que constata.
02:36 – 02:42	V	Então, tem que se aproximar, por favor Vamos lá	V levante-se e aponta B3 a levantar-se e a aproximar-se da vitrine onde se encontram a pintura
02:43	B3	Ahhhh já vejo!	
02:44 – 02:45	V	A assim já vê? Então o que é?	
02:47	B3	A Rainha Dama Isabel	
02:48 – 02:50	V	Mas, é uma escultura, é uma...	
02:51	B3	E um retrato!	
02:52 – 02:53	V	É um retrato! Em pintura.	
02:54 – 03:03	B3	Em pintura, sim! Que foi isso, quer dizer... o pintor é desconhecido. Não tem lá o nome. Não eram obrigados a pôr nome! Escusamente.	B3 está muito atenta, e que rimar que sabe coisas sobre a peça que está a imbuir
03:04 – 03:11	V	Portanto, não sabemos qual é o pintor mas sabemos que ele fez esta pintura para... Foi por agradecimento das perniças daquela mulher, que estava muito doentes.	B3 quer dizer o que sabe com muita pressa, muito entusiasmo.
03:11 – 03:23	B3	Ela [a Rainha Santa] gostava muito dos pobres!	
03:24	V	Das perniças da feira Ana.	
03:25 – 03:46	B3	Ela [a Rainha Santa] gostava muito dos pobres mas ele [o rei D. Dinis] não gostava de dar! Ela [D. Dinis] um dia chamou: "Que levais aí?" E ela [a Rainha Santa] abria o coelho [o ouro], e estava e com medo! Em muito nosomba ainda!	B3 conta a história com ênfase, com gestos de abrir o manto, de recuar com medo.
03:47	V	Levante-se que idade tinham?	
03:48	B3	Três.	Isabel de Aragão tinha 12 anos quando casou com D. Dinis, rei de Portugal.
03:49 – 03:53	V	Em mesmo muito novo quando casou.	
03:54 – 04:04	B3	E depois foi para Coimbra, e veio-se instalar no palácio que fica para lá do rio. Sim Senhora!	
04:05 – 04:19	V	E então, aqui nesta pintura é o agradecimento pela cura da perna ganganada da feira Ana mas, a representação que está ali acontece da pintura é sobre o quê?	

† São dois os nomes que aparecem no texto: B3 Participante, com diagnóstico médico referido no pág. XX do anexo XX e V, o investigador do presente estudo

04.20 – 04.21	B3	E sobre a... sobre a...	B3 cobra acuradamente para a pintura.
04.22	V	É o retrato dela.	
04.23	B3	O retrato dela...	
04.23 – 04.28		E faz alusão a outra coisa que ela fez.	
04.29 – 04.36	V	É o símbolo principal dela. É aquilo por que nós a conhecemos. O que é que ela tem no regaço?	
04.37 – 04.38	B3	Ah, pôde não se lembrar!	
04.39 – 04.42		Ela mostrou ao marido, e em vez de pôr a tábua rosas.	
04.43 – 04.48	V	Exatamente.	
		Quer fazer alguma pergunta sobre o quadro, Senhora B3?	
04.50 – 04.55	B3	Tenho pena de ele [o pintor] não ter posto o nome!	B3 foi pintora. Parece uma obra de arte deve estar assinada. No caso desta pintura não está porque ela fez na se não assinou, de leitura do texto em escrita fidel por não ter sido assinada.
04.56 – 05.03	V	O nome do autor. Pois a Senhora acha que devíamos conhecer o nome do autor, mas não conhecemos, porque nesta a tua mãe não assinou.	
05.04 – 05.10	B3	Porque foi uma obra de agradecimento e talvez não...	
05.11 – 05.34	V	Porque os pintores na altura ainda não eram e conhecidos como pintores. Trabalhavam em oficinas e era um trabalho quase como o que hoje contadores ou o trabalho do banco, assim. As pessoas não consideravam como obras de arte. Eles não lhes punham o próprio nome. Não em valorizando os próprios pintores. Se lembra B3. Vemo-nos sentar, e não. Tem alguma pergunta para me fazer do quadro?	V ajuda B3 a sentar
05.35 – 05.45	B3	Eu tinha, mas agora não sei o que era...	
06.00	V	Esta é a minha 'prenda' para esta semana!	V entrega a B3 o livro como texto adaptado para SFC. Início da leitura.
06.02	B3	Ah, muito bem!	
06.03 – 06.11	V	E depois vai fazer o mesmo da semana passada, vai ler, se fizer favor, e depois traz-me na próxima vez a feita, sim?	
06.12	B3	Sim.	
06.18 – 06.22	V	Podemos começar já neste [1ª página, ler] que tem também aqui o título.	
06.23 – 06.25	B3	"Isabel, rainha das Rosas"	
06.26 – 06.45	V	Ela vou-lhe explicar, Senhora B3: isto é uma maneira de ajudar à leitura. Chama-se Sistema Psicológico para a Comunicação. É um código que nos ajuda em imagens o que está no texto.	B3 começa a ler mal tem o livro na mão.
06.46	B3	Sim, sim.	
06.47 – 07.08	V	A língua dos símbolos podem não ser conhecidos mas também não são os mais importantes, são os de ligação. O que é importante é a imagem que está associada para se perceber a leitura. Está a ser? Começa lá, se faz favor.	
07.13 – 07.35		"Isabel, a rainha das rosas".	
07.36 – 07.54	B3	Por causa do milagre que ela fez, das rosas. Ela nem sabia, quer dizer, ao princípio ficou assustada, quando ele [D. Dinis] mandou sobre o regaço. É assim a fotografia dela?	B3 está a apreciar as imagens, com muita atenção. E aponta para a pintura, dentro do livro.
		Mas feita por aquele pai.	
		Em um agradecimento dos heróis que ela presta à aquela família. Que está aqui no conteúdo.	
07.55	V	De Celias.	
07.56 – 08.03	B3	De Celias.	
08.04 – 08.08		"Isabel e a princesa de Aragão". Era.	
08.19 – 08.08	V	Está aqui Aragão [na imagem]. Princesa de Aragão. É a Península e em os reinos. É aqui?	Mudança de folha.
08.30 – 08.37	B3	Com dois anos casou com D. Dinis, o Lar maior. Eu acho que é ele chamado o Lar maior?...	Acesso mini "D." e "Lar maior".

08:38 – 08:46	V	Em, em. Além de Lavadora poeta mas, é conhecido por causa da plantação dos pitais e da reforma das terras.	
08:47 – 08:51	B3	E era o rei de Portugal.	Depois desta obra não, B3 a mesma mensagem.
08:53 – 08:59	V	"Dizis era rei de Portugal."	
		Parece que o texto adaptado se usa palavras!	
		[Risos]	
09:00 – 09:08	B3	"Vivam para Portugal, para a cidade Coimbra"	
09:10 – 09:19	V	Está aqui a representação de Coimbra. A representação do país, que todos nós conhecemos, que é esta tira com os legiões e depois a representação de Coimbra.	
09:20 – 09:24	B3	O nome não é que eu não sei muito bem onde é que é!	
09:25 – 09:43	V	O convento é mesmo a seguir à Cruz de Coles. O convento de Santa Clara-a-Velha, aquele que inunda. O que Cruz de Coles, para cima, antes da BCG, antes do antigo Hospital Politécnico.	
09:46	B3	Porque a minha filha [pronuncia o diminutivo da filha] mora lá!	
09:47 – 10:03	V	Ai é? Ai que giro!	
10:04 – 10:06	V	E o convento onde a Rainha morreu depois de vir a em o de Santa Clara-a-Velha, aquele que inunda. O que ultimamente tem estado inundado outra vez. Esse foi onde ela viveu	
10:07 – 10:08	B3	É! Porque eu também me parecia!	
10:07 – 10:08	V	Em esse que que daí! Em desse que me citava.	
10:09 – 10:16	B3	"Para para o palácio da rainha perto do Mondego.	
10:34 – 10:40	B3	Isabel é conhecida por cuidar dos pobres e dos doentes."	
10:41 – 10:57	V	Vi viu os pobres? O que têm eles nos bolsos? Ai! Não é?	
10:57	V	E aqui!	
11:09 – 11:21	B3	"Um dia Isabel contou [o] perna... uma perna a uma mulher e	
11:23 – 11:25	V	Itentá a ler só por cima! Ai que maravilha!	
11:26 – 11:28	V	Eiu mais ou menos se poder mais, de pois esquece.	
11:32 – 11:36	B3	"Inezar a S antago de Composela"	
11:37	V	A mulher!	
11:38 – 11:43	B3	E Isabel! Conte-me-á?	
11:44	V	Diga, diga...	
11:47 – 11:48	B3	Isabel também deveria ler a Composela!	
		Tá lá!	
11:49	V	A mãe, eu não sei se ela lê depois as grinalças a S antago!	
11:50 – 12:07	V	Tanto que esta representação, e a recultura [exposse] muitas coisas, à da pintura da Rainha Santa mostra-a como bondosa de per grina a Santiago. Está a ver? Tem a almafeita com as moças e em na mão o bordado peregóna.	
		Fez a peregrinação a Santiago, fez.	
12:12 – 12:20	B3	"É conhecida [por] fazer magia"	
12:23	V	Qual será a magia?	
12:24 – 12:27	B3	A magia é a das rosas! A transformação	
12:31 – 12:33	V	"com pães...	
12:34 – 12:35	V	Por fazer magia com pães.	
12:37 – 12:39	B3	Mãe... não foi magia! Foi milagre.	
12:40 – 12:57	V	Sim, S6 que, como nos atribuímos o olho milagre, tem que ser 'magia' para dar a entender 'transformação', 'mudança', 'junção' e 'inoperável'. Porque a magia é o mais próximo que nós temos de um milagre. Não é?	
12:58 – 13:03	B3	Pois, Pois é!	
12:59 – 13:06	V	Não é religioso, obviamente, mas a transformação de uma coisa que nós não conhecemos, é semelhante à ideia de um milagre.	

13:11 – 13:26	B3	"Um dia lá fui estar à porta do palácio. Mas eu não conheço o palácio... É um palácio inventado. Como aquele também é [o palácio renasce atrás da pintura]. A que te também é inventado, pois não era o verdadeiro palácio da rainha. Para parecer d... "Espera à porta do palácio?"	Mudança de folha. Neste ponto B3 ficou um pouco confusa.
13:37 – 13:35 13:37	V	"E Luís [uma vez de D. João] disse: Meom-axe! O quê? Meom-axe o que levas! Os pátes não estavam lá! Eu doures lá tão bem! Lá muitos livros!	DM a entoação errada mas, logo de seguida corrige. Mudança de folha.
13:38 – 13:49 13:56 – 14:03	B3	Eu já lhe vou fazer uma pergunta. Pois lá mas, Senhora B3, agora não vê tão bem... E deixei de ler. Háje não acompanho mesmo as legendas da TV	Querendo falar sobre o que achou que é ler pior <i>audine</i> etc.
14:04 – 14:12	V	Ele não muito rápido!	
14:13 – 14:17	B3	Não consigo! Mas eu li a... E agora leio o princípio o fim.	
14:18	V	"Lábel levas asas?"	
14:21 – 14:26 14:30 – 14:31	B3	E a Senhora B3 vai confirmando o texto de baixo. Não é? É.	B3 vai lendo as imagens e confirma no texto abaixo.
14:31	V	"É o que vemos na pintura [é o que está na pintura] que um pintor fez [há] muito tempo... Que um pintor fez há muitos anos?"	Mudança de folha.
14:32 – 14:38	B3	JK tem quatro trinta anos. Mas um be-rlinho do que quarenta anos.	Nesta linha (pág. 10 do livro SNC) há discrepância entre <i>tragan</i> (a de um relógio e com a palavra "tempo" e o texto: "há muitos anos". V só deu conta ao aplicar a B3, porque ela começou a unificar o outro e as arbores.
14:59 – 15:09	V	"A pintura é para agradecer a Isabel a cura da febre [dali do conserto] Ana"	
15:10 – 15:31 15:32	B3	Chama-se Ana "A modorra [da] pintura le nobre"... jaelas antigas! A e portas antigas.	Mudança de folha. Repete 3 vezes a frase
15:38 – 15:49	B3	Pois lembra, com feitiço e banguar. Uma porta com muitos anos.	B3 está a "ler" só os símbolos. Por isso não lê as preposições ou as contrações (é ; de); Interrompeu a leitura para dizer que a modorra le lembra as jaelas antigas.
15:50	V	Não, mas isto é uma pintura feita de memória.	
15:54 – 15:56	B3	Não o filme	
16:20	B3	Sim, é uma vista de Coimbra, de memória.	V explica porque teve que escolher a que a <i>tragan</i> para a seguir fazer antigo. Responde, não abdicando a resposta ao assunto
00:03	V	Sim, sim. "O texto na moldura é um poema pintado para Isabel!"	
00:04 – 00:13	B3	Senhora B3, as imagens ajudam a ligar a coisa na leitura?	
	V	Ajudamos, ajudamos.	
	B3	Então, vai-lhe pedir que durante a semana vá lendo por favor. E depois traz o livro, para termos aqui...	
	V	Em uma semana!	Continua a apreciar o livro e a olhar para o texto para as imagens.
	B3	Tinha 12 anos quando casou. Na altura casou um muito novo	
	V	E casou como quem eles [os pais] mandavam	
	B3	Senhora B3, muito Obrigada.	
	V	Obrigada eu.	

Anexo 8: Grelhas de Observação de Comportamentos

A1							
ESTÓRIA 1: <i>Isabel, a Rainha das Rosas</i>				LEITURA: Texto em escrita fácil – 2.1.1.1.			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	1	SORRI / RI	Descontraído	1	1
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	3
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3	3	CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	5		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	5
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6			Sem consistência motora	6	2
	Não	7	1	INDICA	A obra de arte	7	1
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8			Os símbolos SPC	8	
	Não	9	3	OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	1
CONEXÕES	Sim	10	4		DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10
	Não	11		POSTURA		Braços relaxados	11
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12	2		Pernas relaxadas	12	
	Não	13			Curvado (tensão)	13	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14	24	POSTURA	Chegar à frente	14	
	Texto adaptado em SPC	15			Reação de impaciência	15	2
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	01'40'' [100'']
	Emocionais	b)	2	Iniciativa	b)		01'00'' [60'']
Tempo de leitura / Minutos: 17'15'' [1035'']							

Observações:

A1, de um modo geral, fala muito baixo.

Quando olha a primeira vez para a pintura associa a coroa à Rainha Santa.

Não toma a iniciativa de falar sobre a obra de arte, só quando solicitado.

Muitas vezes parece que não vê bem, por exemplo para designar o que a Rainha tinha no regaço, não via as rosas!

Demonstra dificuldade de fluidez da frase. Faz muitas pausas na leitura e hesita muito a verbalizar o que lê.

Demora muito tempo a ler. Parece que está a focar uma palavra (mesmo indicando com o dedo por baixo da palavra) mas lê a seguinte, quase sempre, sobretudo na leitura do texto em escrita fácil.

Esforça-se por ler, nunca demonstra cansaço.

Repete várias vezes que o tema desta estória é fácil, porque lhe é conhecido.

Ao ler no 1º parágrafo a palavra Aragão, mesmo demorando a proferi-la, A1 observa que foi mais rápido do que nas palavras anteriores e no título porque já sabia o que ia acontecer – alusão à abordagem à obra de arte, feita antes da leitura e que com A1 demorou 14 minutos –; de salientar que, entre o título e o fim do 1º parágrafo a leitura demorou 44 segundos. Na leitura do 4º parágrafo, depois de ler a palavra “cidade” deduziu a palavra “Coimbra”.

Ao acabar de ler o 7º parágrafo, A1 observou: “Metade disto é porque eu já tenho cada dentro [o conhecimento do que lê] senão não ia lá tão depressa!”

Registou dois momentos de impaciência: num deles, a investigadora quis ajudar, colocando melhor a folha para delimitar a linha de leitura; o outro quando a investigadora lhe perguntou se estava cansado, para parar um pouco a leitura.

Ao ler interrompe para dizer, relativamente a uma parte da estória: “Ai aconteceu?”, ou: “Essa é nova!”, ou: “Nunca me tinha lembrado disso!”. Estas frases parecem adequadas ao contexto mas, por vezes, já se tinha falado do assunto, mesmo durante a sessão.

Relativamente à recuperação de experiências de vida, regista-se a ativação da memória emocional (C. b.) duas vezes: ao ler o parágrafo 9º conta que D. Dinis dissera: “Rosas em Janeiro?”. Esta frase não está na estória; era a lenda que integrava os livros da escola primária antes do 25 de Abril de 1974. A1 foi professor do ensino primário nesse período. A segunda situação de recuperação de memória emocional relaciona-se também com o Milagre das rosas mas com a perspectiva de que, para A1, D. Dinis, sendo um rei que tinha fama de boa pessoa não podia ser sovina ao ponto de obrigar a mulher (a rainha) a esconder as esmolas que levava para os pobres. A1 refere que tal atitude “Não me passa aqui”, reforçando a frase com o gesto de mão no seu pescoço, como se algo não passasse da garganta para baixo; e reforça “Custa engolir essa história”.

Os momentos em que se regista recuperação de memórias [C] são preenchidos por frases longas e verifica-se maior articulação verbal.

Apesar do esforço evidente, apresenta-se muito pouco focado, 01'40'' dos 17',15'' da leitura.

A1							
ESTÓRIA 1: <i>Isabel, a Rainha das Rosas</i>				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.1.1.2.a)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	1	SORRI / RI	Descontraído	1	5
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3	2	CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	4		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	2		Sem consistência motora	6	
	Não	7	4	INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	3		Os símbolos SPC	8	166
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	
CONEXÕES	Sim	10	6	DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11		POSTURA	Braços relaxados	11	1
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12	1		Pernas relaxadas	12	1
	Não	13		Curvado (tensão)	13	1	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14		Chegar à frente	14	1	
	Texto adaptado em SPC	15	5	Reação de impaciência	15		
MEMORIA DE VIDA C				MEMORIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)	2	Atenção	a)	Minutos	19'17''
	Emocionais	b)	3	Iniciativa	b)		11'00''
Tempo de leitura / Minutos: 19'17''							

Observações:

Ao fazer a primeira leitura em SPC A1 não sentiu dificuldade com a abordagem a símbolos que não conhecia.

Nos primeiros quatro minutos esteve menos focado e sem iniciativa. Quando começou a sentir o reforço pelas conexões que fazia através das imagens – Rainha Santa, D. Dinis, a cidade de Coimbra, o rio Mondego, Santiago de Compostela, as rosas, etc. – começou a descontraír a postura e a focar mais.

As frases longas acontecem quando se refere ao Milagre das Rosas, ou à sua terra.

Indica sempre com o dedo por baixo da imagem.

Tem tendência a ligar intuitivamente as imagens com as preposições, as contrações e os artigos.

Verifica-se que, quando olha para as quadrículas de SPC vê o texto mas interpreta a imagem em simultâneo.

Constatou-se um maior número de conexões, a partir dos símbolos.

Verificou-se um desempenho mais fluido e de maior qualidade na presença.

Da recuperação de experiências de vida, quando a investigadora observou (para registo do vídeo) que a sessão estava a decorrer no mês de Fevereiro, A1 referiu que era o seu mês de nascimento, acrescentando a data e o local.

Leu sempre “Dinis” como “D. Dinis”, como era usual referir os reis na sua geração.

Retomou a memória emocional da contradição que para ele é o Milagre das Rosas, por não acreditar que um rei de tão boa fama fosse tão mesquinho e obrigasse a mulher a esconder o que levava para dar (A1 e a sua cuidadora informal têm uma educação de partilha e por várias vezes acolheram pessoas com necessidades económicas; são ambos voluntários na ERGUE-TE!, estrutura de emprego para ex-profissionais do sexo, em Coimbra).

No final da leitura a investigadora encorajou A1 comentando que demoraram 10 minutos, no máximo.

A1 respondeu: “Brincámos 10 minutos aqui!”

A1							
ESTÓRIA 1: <i>Isabel, a rainha das rosas</i>				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.1.1.2.b)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Rf ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	8	SORRI / RI	Descontraído	1	9
	Inadequado (impreciso)	2	3		Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3	3	CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	4		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	5
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	6		Sem consistência motora	6	
	Não	7	1	INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	4		Os símbolos SPC	8	162
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	
CONEXÕES	Sim	10	15		DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10
	Não	11		POSTURA	Braços relaxados	11	2
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12	2		Pernas relaxadas	12	2
	Não	13			Curvado (tensão)	13	2
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14		POSTURA	Chegar à frente	14	4
	Texto adaptado em SPC	15	4		Reação de impaciência	15	
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)	1	Atenção	a)	Minutos	15'56''
	Emocionais	b)	2	Iniciativa	b)		15'56''
Tempo de leitura / Minutos: 15'56''²⁹							

²⁹ Com este participante o “tempo de leitura” registado engloba diálogo e motivação, para além da leitura.

Observações:

Antes da leitura do texto adaptado em SPC a investigadora e A1 fizeram a abordagem à obra de arte junto da vitrina onde se expõe o pequeno retábulo “Rainha Santa Isabel”. A1 identificou de imediato a figura representada ao centro da composição com a Rainha Santa Isabel e justificou querendo explicar que tem a coroa na cabeça mas, só conseguiu dizer que tem uma coisa redonda na cabeça.

Das observações que foi fazendo fora da leitura, ou em complemento a ela, A1 usou maioritariamente frases curtas; as longas aconteceram quando se referiu ao que para si é à contradição do Milagre das Rosas, quando lembrou que o rio Mondego nasce em Portugal e, à despedida. As frases longas correspondem a momentos em que são ativadas as memórias.

Ao ler acerca da peregrina a Santiago de Compostela opinou: “la longe!” e sabia a localização.

Relativamente à recuperação de memórias emocionais, voltou a salientar, duas vezes, que lhe custava aceitar que D. Dinis fosse tão sovina que levasse a mulher a esconder o que levava de esmolas aos pobres. Para ele era a justificação para o Milagre, não a realidade. Assim, quando leu “Não estavam lá!” (pág. 9, 1ª linha) brincou, rindo: “Não estavam lá! Quem é que os guardou?”

Quando leu na pág. 10, a 2ª linha – “que um pintor fez há muitos anos” – observou pensativo: “Uma pintura da Rainha, provavelmente!”, desconhecendo o tema da estória e os pormenores.

Na pág. 13, 1ª linha teve muita dificuldade em perceber o signo e a palavra escrita. De repente disse: “Texto”; e explicou: “um ‘X’ e um ‘coiso’, só pode ser ‘texto!’”

Ainda na pág. 13, 2ª linha, ao ler que o poema foi pintado para Isabel remata: “Só podia ser, para a Isabelinha!” E riu satisfeito.

Ao cumprimentar a investigadora à saída, A1 recordou que sempre tivera as mãos frias (C.a.)

A1							
ESTÓRIA 2: <i>Dona Berlinda, do Bispo Francisco</i>				LEITURA: Texto em escrita fácil – 2.1.2.1.			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	3	SORRI / RI	Descontraído	1	16
	Inadequado (impreciso)	2	1		Nervoso	2	2
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3		CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	5		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	5
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6			Sem consistência motora	6	2
	Não	7	7	INDICA	A obra de arte	7	2
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	4		Os símbolos SPC	8	
	Não	9	1	OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	9
CONEXÕES	Sim	10	13		DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10
	Não	11		Braços relaxados		11	
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12	3	POSTURA	Pernas relaxadas	12	
	Não	13			Curvado (tensão)	13	6
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14	22	POSTURA	Chegar à frente	14	4
	Texto adaptado em SPC	15			Reação de impaciência	15	
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	28'07'' ³⁰
	Emocionais	b)		Iniciativa	b)		00'33''
Tempo de leitura / Minutos: 28'07''³⁰							

³⁰ Com este participante, o “tempo de leitura” engloba acompanhamento sistemático, estabelecendo correlações e comparações.

Observações:

A1 demora muito tempo a ler. Parece que está a focar uma palavra (mesmo indicando com o dedo por baixo da palavra) mas lê a seguinte, quase sempre, sobretudo na leitura do Texto em escrita fácil.

Faz longas pausas na leitura e hesita muito a verbalizar o que lê. Precisa ser encorajado, o que resulta numa demora acentuada a executar tarefa.

Apesar da grande dificuldade em focar e entender as letras para as verbalizar e do cansaço evidente, mantém o sentido de humor. Ao ler que a avó da berlinda nasceu na Prússia, brincou primeiro: “Já vai nos antecedentes [antepassados]” e a seguir rematou: “Veio de longe, sim senhora! Os bispos na altura, alto lá com eles! [05'00']”.

Não se pode considerar desatento; está presente e focado mas devido à doença não consegue ler.

Só consegue ler palavra a palavra, com extrema dificuldade, mas depois de o fazer, por vezes, conjuga tudo e transmite o significado da frase.

Alegra-se sempre quando lê algo que nomeie a Universidade de Coimbra (“Tinha de ser!”) ou o Museu (no último parágrafo: “Este Museu que”) e A1 interrompe a leitura para dizer a sorrir e em tom mais alto: “Tem de ser! O melhor, claro!”.

A1							
ESTÓRIA 2: <i>Dona Berlinda, do Bispo Francisco</i>				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.1.2.2.a)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	10	SORRI / RI	Descontraído	1	13
	Inadequado (impreciso)	2	1		Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3	5	CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4			Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	5
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	2		Sem consistência motora	6	
	Não	7	1	INDICA	A obra de arte	7	2
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	4		Os símbolos SPC	8	191
	Não	9	3	OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	1
CONEXÕES	Sim	10	14	DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11		POSTURA	Braços relaxados	11	1
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12	2		Pernas relaxadas	12	1
	Não	13			Curvado (tensão)	13	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14		Chegar à frente	14	1	
	Texto adaptado em SPC	15	6	Reação de impaciência	15		
MEMORIA DE VIDA C				MEMORIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	24'35''
	Emocionais	b)	4	Iniciativa	b)		04'08''
Tempo de leitura / Minutos: 24'35''							

Observações:

Quando a investigadora chegou à sala do coche, já A1 lá estava, sentado a assobiar, olhando para a peça.

Na leitura constata-se a dificuldade a verbalizar o que está a ler: foca a palavra mas não a profere corretamente.

No entanto, com o texto adaptado, mesmo sendo demorada, a leitura é possível e poucas são as pausas, ou trocas de palavras.

Durante esta leitura A1 assobiou, sorriu, riu, deu gargalhadas soltas, cantou, por duas vezes, canções diferentes, adequadas aos assuntos. Observou-se no entanto duas inexactidões na informação: na canção do Zeca Afonso cantou “Venham mais 3”, e é “venham mais 5”. A segunda inexactidão ocorreu pouco depois, quando viu o pictograma com o perfil de Coimbra, cantou um excerto de “Coimbra Menina e Moça” ligado à música de outro fado.

A propósito do convite da Berlinda para que traga três amigos, leu bem a palavra ‘três’ (mal sucedida no texto em escrita fácil) e fez uma recuperação de experiência de vida, emocional – C b) –, a partir dessa palavra: “Venham mais três...” e começou a cantar a música “Venham mais cinco” de Zeca Afonso com o número 3.

Fica sempre contente quando vê o pictograma com a imagem de Coimbra. Desta vez cantou a esse propósito “Coimbra Menina e Moça”, o início de um dos fados de Coimbra [C b)].

Ao minuto 16’02” do segundo filme, A1 lê que a Berlinda teve um patrão e, de imediato comenta com humor: “Patrão!? Não pode ser, porque é bispo: cai em pecado mortal!”.

Este comentário é uma recuperação de memória emocional – C b) – que traduz o modo de ver o Mundo que o guiou ao longo da vida.

Quase no início da leitura, à página 4, 2ª linha, enquanto a Berlinda contava como era constituída, por correias de cabedal... A1 pediu para fazer uma pausa e contou que o Pai lhe batera na adolescência com correias de cabedal, por ter desobedecido. Fora iludido pela promessa de uma bola e saiu de casa sem autorização. Tinha 14 ou 15 anos. Remata dizendo: “Ainda hoje estou à espera da bola!”. Outra situação de recuperação de memória emocional [Cb)], (01’38” do segundo filme desta leitura).

Nesses momentos de recuperação de memória emocional as frases são longas, acompanhadas de grande fluidez verbal e secundadas por sorrisos ou risos e até gargalhadas de felicidade (Fig.1).

A1 realizou a leitura desta história em texto adaptado para SPC apoiando-se nas imagens, ora lendo o texto das quadrículas, mais compartimentado, ora suportando-se na imagem para os códigos numéricos ou visuais, e.g. “Brasão pintado a verde, vermelho e laranja” – disse, quando lia a página 12, 2ª linha. A palavra no pictograma e o do texto em escrita fácil é ‘dourado’ (02’48” do segundo filme da leitura).

A1							
ESTÓRIA 2: <i>Dona Berlinda, do Bispo Francisco</i>				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.1.2.2.b)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Rfe ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	8	SORRI / RI	Descontraído	1	6
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3	1	CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	11		Tristeza	4	1
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	1
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	2		Sem consistência motora	6	
	Não	7	4	INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	3		Os símbolos SPC	8	213
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	2
CONEXÕES	Sim	10	10	DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11		POSTURA	Braços relaxados	11	
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12			Pernas relaxadas	12	
	Não	13	9		Curvado (tensão)	13	1
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14		Chegar à frente	14		
	Texto adaptado em SPC	15		Reação de impaciência	15		
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	25'08''
	Emocionais	b)	2	Iniciativa	b)		01'20''
Tempo de leitura / Minutos: 26'08''							

Observações:

A1 estivera doente (com gripe) e manifestou grande dificuldade em ler as imagens, articular as palavras e verbalizar os significados do que lia.

A leitura foi pontuada por hesitações e pausas, apesar de as conexões fluírem (10 vezes).

Recorreu à sua memória emocional para voltar a referir a canção de Zeca Afonso “Venham mais cinco”, a propósito do convite da Berlinda para trazer mais três amigos para viajar com ela (pág. 5, 2ª linha).

Ao ler que a berlinda é forrada de tecidos vermelhos sorriu e recordou: “Porque é bispo; como convém!” revelando o conhecimento de que os Bispos vestem vermelho (14’16”, do filme).

Apoiou-se na imagem e isso foi evidente algumas vezes, significando que consegue apoiar-se nos símbolos para ler.

No final da leitura foi invadido por grande tristeza e a postura curva, tensa, que assumira todo o tempo desenvolveu-se em choro curto com comentário pela leitura mal sucedida, para A1.

A1							
ESTÓRIA 3: <i>O Anjo que mostra a grande custódia: a Custódia do Sacramento</i>				LEITURA: Texto em escrita fácil – 2.1.3.1.			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	3	SORRI / RI	Descontraído	1	1
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	3
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3	1	CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	3		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	1
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6			Sem consistência motora	6	
	Não	7	1	INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	1		Os símbolos SPC	8	
	Não	9	2	OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	5
CONEXÕES	Sim	10			DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10
	Não	11	3	POSTURA	Braços relaxados	11	
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12	5		Pernas relaxadas	12	
	Não	13			Curvado (tensão)	13	2
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14	11	Chegar à frente	14	3	
	Texto adaptado em SPC	15		Reação de impaciência	15		
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	16'45''
	Emocionais	b)	1	Iniciativa	b)		0'15''
Tempo de leitura / Minutos: 16'45''³¹							

³¹ Só foi lida a frente da folha, metade do texto.

Observações:

A1 está nervoso, com o rosto corado e tenso (crispado). Está sentado junto ao varandim do Piso 2 do Museu e olha para a Custódia do Sacramento.

Apesar de esta estória ser mais difícil e menos apelativa, a leitura do texto em escrita fácil não está a ser tão difícil como a dos textos anteriores. A1 está muito focado no texto e na peça. Mesmo assim há palavras que não reconhece: “bola” e “raios”. No entanto, questionada sobre o que são essas formas responde: “Custódia” e “resplendor”.

A partir do minuto 11’ a leitura começa a complicar-se e arrasta-se bastante quando é lida a parte do hostiário central.

A1 não gosta que a custódia (a esfera) seja referida como uma bola, e por isso, a cada vez que a palavra bola está escrita, é difícil lê-la. “Uma bola não é uma custódia!”, diz A1. E, um pouco depois: “Eu nunca ia à bola!” (faz o trocadilho com a situação! – 11:48’) – C b).

Toma a iniciativa de falar que bola não era palavra apropriada para custódia.

Repete várias vezes as palavras depois de as conseguir ler.

Agita-se várias vezes na cadeira, numa atitude não usual em si.

A investigadora decide interromper a leitura, que da primeira parte do texto (frente da folha) demorou 16:45’ e, a partir desse momento tudo muda no semblante de A1: descontrai, sorri, e diz que estar ali “é giro, é um privilégio que eu tenho. Poucas pessoas podem ver assim uma obra destas. É uma maravilha!”

O discurso flui, a frase é longa, a postura é descontraída. Esta mudança dá nota do que era constrangedor ler.

A investigadora pede à Cuidadora Informal para lerem o texto em casa durante a semana e trazerem na sessão seguinte (uma semana depois) nota relativa a esta leitura:

Assim, segundo o relato da Cuidadora Informal apresentado uma semana depois, “A1 sente cada vez mais dificuldades na leitura. Os textos acompanhados de gravuras, parece-me que os interpreta mais facilmente, apesar de não reconhecer muitos dos símbolos.

O texto [em escrita fácil] da Custódia do Sacramento foi particularmente difícil. É difícil focar-se na palavra e ler.”

Saliente-se que, uma semana depois foi experimentada uma segunda leitura deste texto em sala, do qual existe registo vídeo. Foi ainda mais difícil: A1 tossia, mordida os lábios, ruborescia, agitava-se na cadeira. A tentativa durou 8 minutos e ficou no segundo parágrafo (em “raios”). A investigadora decidiu desistir, para não tomar penosa uma tarefa e experiência que se querem de prazer.

A1							
ESTÓRIA 3: <i>O Anjo que mostra a grande custódia: a Custódia do Sacramento</i>				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.1.3.2.a			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^o	Frequência	Índices de Análise		Ref ^o	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	6	SORRI / RI	Descontraído	1	7
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3	3	CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	2		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	2
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	3		Sem consistência motora	6	
	Não	7	1	INDICA	A obra de arte	7	1
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	1		Os símbolos SPC	8	313
	Não	9	3	OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	1
CONEXÕES	Sim	10	12		DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10
	Não	11		Braços relaxados		11	1
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12		POSTURA	Pernas relaxadas	12	1
	Não	13			Curvado (tensão)	13	3
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14	5	POSTURA	Chegar à frente	14	1
	Texto adaptado em SPC	15			Reação de impaciência	15	
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	29'00''
	Emocionais	b)	2	Iniciativa	b)		01'28''
Tempo de leitura / Minutos: 29'00''							

Observações:

No início da leitura A1 encontra-se muito curvado, até torto na cadeira. Tenso!

Depois, lentamente vai relaxando, à medida que há sucesso na leitura e, a meio da leitura a sua postura muda para descontraída.

Lê lentamente no início, ganhando mais fluidez de discurso à medida que avança na leitura.

Toma a iniciativa de perguntar (07'07'') o tempo que a equipa do Museu esteve a montar a Custódia do Sacramento na prateleira da fachada posterior da Igreja de S. João de Almedina.

Quase no final da leitura, quando lê que a Custódia veio para Coimbra ("Pois claro! Diz A1), na pág. 10 observa: "Eu não sei como deixaram fugir aquilo – e aponta para a Custódia – não sei de onde, para vir para cá! Ainda bem que veio. Se não viesse, não tínhamos esta maravilha à nossa frente (minuto 02'52'' – 03'23'' do terceiro filme desta leitura)!".

Ainda na pág. 10, ao ler "quando construíram" vê o pictograma do Museu e comenta com carinho, apontando à volta: "O Machadito", referindo-se ao Museu.

No final da leitura faz um comentário de que leva o livro SPC para parecer um doutor – alusão ao provérbio de que 'um burro carregado de livros é um doutor'.

Depois da leitura, ao descer do Piso 2 para o Piso 0, para sair do Museu, A1 disse que muitas vezes desceu a Serra de Janeanes para ir dar aulas ao Furadouro (de Condeixa) e contou a história (registada em filme – 05'00'') que depois foi corroborada e complementada pela Cuidadora Informal (noutro filme de 11'05''). Este foi o segundo exemplo de mais remota memória emocional [C b)] de A1 recuperada no Museu, ao longo deste estudo.

A1							
ESTÓRIA 3: <i>O Anjo que mostra a grande custódia: a Custódia do Sacramento</i>				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.1.3.2.b)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^o	Frequência	Índices de Análise		Ref ^o	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	4	SORRI / RI	Descontraído	1	3
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	1
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3		CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	2		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6			Sem consistência motora	6	
	Não	7	1	INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8			Os símbolos SPC	8	283
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	2
CONEXÕES	Sim	10	7	DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11			Braços relaxados	11	
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12	3	POSTURA	Pernas relaxadas	12	
	Não	13			Curvado (tensão)	13	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14		POSTURA	Chegar à frente	14	2
	Texto adaptado em SPC	15	14		Reação de impaciência	15	
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	25'45''
	Emocionais	b)	1	Iniciativa	b)		00'00''
Tempo de leitura / Minutos: 25'45''							

Observações:

Leitura bastante difícil, talvez devida a A1 ter estado doente.

Trocou bastantes palavras, não demonstrou iniciativa, a articulação das frases foi arrastada.

Levou a leitura até ao fim mas sempre com encorajamento da investigadora, que ia fazendo correlações e dando incentivo para que lesse com maior facilidade.

Apesar disso e de se ter percebido desde o início que estava tenso, quando a investigadora chegou estava a assobiar; não esteve curvado, sorriu descontraído acenou para a peça.

Relativamente ao Sacramento comentou que “Eu costumo pôr mais: o Santíssimo Sacramento” (08’00” do segundo filme), o que pode considera-se uma memória emocional [C b].

No final, quando a investigadora agradeceu, A1 respondeu: “Eu brinco com isto! [com os livros SPC]. É um privilégio estar aqui no Museu. Poucos têm isto [estar no Museu quando está encerrado ao público]”.

B1							
ESTÓRIA 1: <i>Isabel, a rainha das rosas</i>				LEITURA: Texto em escrita fácil – 2.2.1.1.			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1		SORRI / RI	Descontraído	1	
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3		CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	1		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	1		Os símbolos SPC	8	
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	
CONEXÕES	Sim	10		DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11		POSTURA	Braços relaxados	11	1
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12			Pernas relaxadas	12	1
	Não	13			Curvado (tensão)	13	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14	1	Chegar à frente	14		
	Texto adaptado em SPC	15		Reação de impaciência	15		
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	01'10''
	Emocionais	b)		Iniciativa	b)		00'00''
Tempo de leitura / Minutos: 01'10''							

Observações:

B1 lê corretamente o texto, sem entoação nem distrações. Não olha para a obra de arte. Lê rapidamente, de seguida.

Demorou um minuto e dez segundos. Não leu o título e trocou palavras uma vez: disse Luís, em vez de Dinis.

Antes das leituras (*cf.* “Grelha de transcrição” dos registos audiovisuais das sessões – v. Anexo---), a propósito da pintura em análise B1 falou sobre Santiago de Compostela, sobre o Vaticano e sobre o santuário de Fátima, recordou algumas das viagens que fez, durante largos minutos.

B1							
ESTÓRIA 1: <i>Isabel, a rainha das rosas</i>				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.2.1.2.a)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	3	SORRI / RI	Descontraído	1	1
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3	1	CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4			Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	1
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	3
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	1		Os símbolos SPC	8	3
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	3
CONEXÕES	Sim	10	5	DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11			POSTURA	Braços relaxados	11
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12		Pernas relaxadas		12	1
	Não	13		Curvado (tensão)	13		
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14	3	POSTURA	Chegar à frente	14	
	Texto adaptado em SPC	15			Reação de impaciência	15	
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	04'12''
	Emocionais	b)	2	Iniciativa	b)		01'35''
Tempo de leitura / Minutos: 04'12''							

Observações:

Quando recebeu o livro em SPC começou por ler o texto em escrita fácil e repetia as palavras com a linha de quadrículas em SP C. Ex: “Isabel, a rainha das rosas. Isabel / Rainha / rosas”. Pouco depois deixou de o fazer e foi alternando a leitura entre as linhas em SPC e o texto em escrita fácil.

Lê com destreza, sem dificuldade, os dois sistemas. Por duas vezes diz o texto antes de o ler.

Aparentemente, BI decorou o texto em casa, durante a semana, e tenta lê-lo obsessivamente, de seguida.

Repete quatro vezes que se trata de uma pintura do século XVI e três vezes que a freira ia rezar a Santiago de Compostela.

Recupera duas memórias emocionais e uma factual. Ao ler que Isabel e Dinis ‘vieram para o palácio da rainha, perto do rio Mondego’, BI recorda: “O rio Mondego nasce na Serra da Estrela, ao pé da minha terra [C b)],” e “ a minha terra é Carragozela da Beira, junto de Seia [Ca]) e finaliza “Eu nunca digo que sou da Carragozela, porque ninguém conhece a minha terra; é mais fácil dizer que sou de Seia, que toda a gente conhece [Cb])

B1							
ESTÓRIA 1: <i>Isabel, a rainha das rosas</i>				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.2.1.2.b)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	1	SORRI / RI	Descontraído	1	1
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3		CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	1		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	1
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	1		Os símbolos SPC	8	2
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	
CONEXÕES	Sim	10	2	DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11			POSTURA	Braços relaxados	11
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12		Pernas relaxadas		12	1
	Não	13		Curvado (tensão)		13	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14		Chegar à frente		14	
	Texto adaptado em SPC	15		Reação de impaciência		15	
MEMORIA DE VIDA C				MEMORIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	03'50''
	Emocionais	b)	1	Iniciativa	b)		00'10''
Tempo de leitura / Minutos: 03'50''							

Observações:

B3 começa a dizer o título antes de o ler, porque olhou para os SPC.

Toma a iniciativa de falar do Milagre das rosas antes de o ler.

Repete a leitura do texto em escrita fácil com os SPC 14 vezes mas, a certa altura (1 minuto depois de começar a leitura) passa a ler só os símbolos.

Ao ver o símbolo de agradecer para ligeiramente e a investigadora pergunta se a posição da figura de mãos postas à mesa lhe lembra de agradecermos a refeição. Disse que sim e que ainda hoje o faz. Que a filha aprendeu mas não usa [C b]

Quando termina a leitura, a investigadora pergunta se gostou de ler os livros SPC. Respondeu “Assim está melhor, porque assim a gente vê!”

B1							
ESTÓRIA 2: <i>Dona Berlinda, do Bispo Francisco</i>				LEITURA: Texto em escrita fácil – 2.2.2.1.			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1		SORRI / RI	Descontraído	1	1
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3		CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4			Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6			Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8			Os símbolos SPC	8	
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	
CONEXÕES	Sim	10		DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11		POSTURA	Braços relaxados	11	
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12			Pernas relaxadas	12	
	Não	13			Curvado (tensão)	13	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14	3	POSTURA	Chegar à frente	14	1
	Texto adaptado em SPC	15			Reação de impaciência	15	
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	01'30''
	Emocionais	b)		Iniciativa	b)		00'00''
Tempo de leitura / Minutos: 01'30''							

Observações:

Previamente à leitura do texto em escrita fácil desta segunda estória, B1 esteve com a autora a fazer a abordagem histórico-artística da Berlinda, tendo B1 falado, procurado pormenores, referindo outros.

Na leitura do texto em escrita fácil foi rápida, esteve sempre focada mas sem dar entoação à leitura e, trocou três palavras, devido à pressa.

B1							
ESTÓRIA 2: <i>Dona Berinda, do Bispo Francisco</i>				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.2.2.2.a)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	1	SORRI / RI	Descontraído	1	9
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3	1	CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4			Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	14
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	1		Os símbolos SPC	8	9
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	21
CONEXÕES	Sim	10	7	DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	2
	Não	11			POSTURA	Braços relaxados	11
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12		Pernas relaxadas		12	1
	Não	13		Curvado (tensão)	13		
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14		Chegar à frente	14	1	
	Texto adaptado em SPC	15	1	Reação de impaciência	15		
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	06'45''
	Emocionais	b)	2	Iniciativa	b)		05'05''
Tempo de leitura / Minutos: 06'45''							

Observações:

B1 lê o título da estória 2 adaptada em SPC primeiro pelo texto em escrita fácil e depois em pictogramas.

Passa a ler o texto dentro das quadrículas de SPC e olhando para as imagens, como refere pouco depois. Lê e salta algum tempo com o dedo em cima das quadrículas.

Ao ler a 2ª linha da pág. 6 “Sou muito moderna!” e questionada se gosta de carros, B1 responde que o neto é que gosta e começa a falar do neto, e dos desportos que gosta de praticar (cerca de 2 minutos) [C b)].

Na página seguinte, enquanto lê sobre os materiais que constituem a berlinda, vai demonstrando, olhando para a peça e indicando com o dedo onde se encontra cada tipo de material; levanta-se duas vezes para mostrar melhor.

Ri, divertida, enquanto lê.

Ao minuto 9’45”, ao tocar na mão da investigadora, B1 apercebe-se que a tem quente e conta o provérbio, com todo o vigor: “Mãos quentes coração frio, amor vadio! Mãos frias, coração quente, amor para sempre! [C b)]”. E fica, carinhosa a olhar. A investigadora comenta que tem andado com as mãos frias mas ficou quente quando a viu. B3 expressa um grande sorriso e olha para a câmara de filmar. De seguida, sorridente, continua a ler.

Na página 13, 1ª linha, B1 manifesta o seu desacordo quanto à imagem escolhida para o termo “inclinadas” (ao minuto 11’00”). Diz que assim é uma escadaria e não rua inclinada, não associando a imagem anterior a essa. Enquanto vira a página volta a comentar, indicando a imagem com o dedo: “Isto aqui é uma escada, não são ruas inclinadas!”

B1							
ESTÓRIA 2: <i>Dona Berlinda, do Bispo Francisco</i>				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.2.2.2.b)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	1	SORRI / RI	Descontraído	1	2
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3		CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	1		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	1		Os símbolos SPC	8	
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	3
CONEXÕES	Sim	10	3	DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11			POSTURA	Braços relaxados	11
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12		Pernas relaxadas		12	1
	Não	13		Curvado (tensão)		13	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14		Chegar à frente		14	
	Texto adaptado em SPC	15	1	Reação de impaciência		15	
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	02'37''
	Emocionais	b)		Iniciativa	b)		00'50''
Tempo de leitura / Minutos: 02'37''							

Observações:

Mais uma vez, B1 começa a leitura da estória adaptada em SPC lendo primeiro o texto em escrita fácil e repetindo de seguida com a leitura em SPC.

Na página seguinte passa a ler somente os pictogramas, e assim se mantém até ao final desta leitura.

Leitura focada, muito rápida, interrompida por acenos para a peça, demonstrando a localização dos elementos referidos na estória.

Explica para que serve o banco que está à frente da cabine e explica onde está o braço.

Volta a assinalar que o pictograma das “ruas inclinadas” corresponde a uma escadaria e não a rua inclinada.

No final, pergunta: "Não me quer dar outro?"

B1							
ESTÓRIA 3: <i>O Anjo que mostra a grande custódia: a Custódia do Sacramento</i>				LEITURA: Texto em escrita fácil – 2.2.3.1.			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^o	Frequência	Índices de Análise		Ref ^o	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	1	SORRI / RI	Descontraído	1	2
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3		CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	1		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	1		Os símbolos SPC	8	
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	4
CONEXÕES	Sim	10		DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11			Braços relaxados	11	1
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12		POSTURA	Pernas relaxadas	12	1
	Não	13			Curvado (tensão)	13	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14	3	POSTURA	Chegar à frente	14	
	Texto adaptado em SPC	15			Reação de impaciência	15	
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	02'16''
	Emocionais	b)		Iniciativa	b)		00'14''
Tempo de leitura / Minutos: 02'16''							

Observações:

B1 está ainda mais focada do que o costume.

Lê ainda com menor entoação do que nas sessões anteriores.

No entanto, ao ler o último parágrafo da página 1, observa: “Isso eu já tinha dito antes de começar a ler” – [quando se fez a abordagem histórico-artística].”

B1							
ESTÓRIA 3: <i>O Anjo que mostra a grande custódia: a Custódia do Sacramento</i>				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.2.3.2.a)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^o	Frequência	Índices de Análise		Ref ^o	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	1	SORRI / RI	Descontraído	1	1
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3		CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	1		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8			Os símbolos SPC	8	
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	1
CONEXÕES	Sim	10		DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11			Braços relaxados	11	1
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12		POSTURA	Pernas relaxadas	12	1
	Não	13			Curvado (tensão)	13	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14		POSTURA	Chegar à frente	14	3
	Texto adaptado em SPC	15	2		Reação de impaciência	15	
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	03'25''
	Emocionais	b)		Iniciativa	b)		00'00''
Tempo de leitura / Minutos: 03'25''							

Observações:

B1 desenvolveu a leitura de uma forma mais arrastada do que nas sessões anteriores.

Leu só os pictogramas, e estava muito focada, quase não apresentando alterações de expressão facial.

Na página 6, 1ª linha, trocou “brilho” por “luz”, devido à imagem da lâmpada.

Algumas vezes não lê os assentos nas vogais, *e. g.*, lê “e”, em vez de “é”.

B1							
ESTÓRIA 3: <i>O Anjo que mostra a grande custódia: a Custódia do Sacramento</i>				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.2.3.2.b)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^o	Frequência	Índices de Análise		Ref ^o	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	1	SORRI / RI	Descontraído	1	1
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3		CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	1		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8			Os símbolos SPC	8	4
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	1
CONEXÕES	Sim	10		DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11			Braços relaxados	11	1
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12		POSTURA	Pernas relaxadas	12	1
	Não	13			Curvado (tensão)	13	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14		POSTURA	Chegar à frente	14	
	Texto adaptado em SPC	15	3		Reação de impaciência	15	
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	02'45''
	Emocionais	b)		Iniciativa	b)		00'00''
Tempo de leitura / Minutos: 02'45''							

Observações:

B1 leu os signos em SPC sem recorrer à leitura do texto por baixo das quadrículas.

Trocou novamente o “é” pelo “e”, como na leitura anterior.

Na página 11, 2ª linha, trocou de novo “D. João V”, por “D. Pedro V”.

Tinha-se manifestado relativamente à peça antes da leitura. Durante a leitura não o fez.

B2							
ESTÓRIA 1: <i>Isabel, a rainha das rosas</i>				LEITURA: Texto em escrita fácil – 2.3.1.1.			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	1	SORRI / RI	Descontraído	1	1
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3		CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4			Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	1		Os símbolos SPC	8	
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	2
CONEXÕES	Sim	10		DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11			Braços relaxados	11	1
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12		POSTURA	Pernas relaxadas	12	1
	Não	13			Curvado (tensão)	13	
Chegar à frente					14		
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14			Reação de impaciência	15	
	Texto adaptado em SPC	15					
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	02'10''
	Emocionais	b)		Iniciativa	b)		00'00''
Tempo de leitura / Minutos: 02'10''							

Observações:

Durante a leitura do texto em escrita fácil da estória 1, *Isabel, a rainha das rosas*, B2 esteve focada, presente, dando a entoação certa, e cumprindo as pausas da pontuação.

Olhou duas vezes para a obra de arte e só se deslocou na sua direção depois da leitura, ficando largos minutos a apreciá-la, sentada.

B2							
ESTÓRIA 1: <i>Isabel, a rainha das rosas</i>				LEITURA: Texto em escrita fácil – 2.3.1.2.a)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	5	SORRI / RI	Descontraído	1	5
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3		CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	1		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	1
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	5		Os símbolos SPC	8	85
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	1
CONEXÕES	Sim	10	7		DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10
	Não	11		POSTURA		Braços relaxados	11
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12			Pernas relaxadas	12	1
	Não	13		Curvado (tensão)	13		
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14		Chegar à frente	14	2	
	Texto adaptado em SPC	15	1	Reação de impaciência	15		
MEMORIA DE VIDA C				MEMORIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	06:12'
	Emocionais	b)	1	Iniciativa	b)		00:50'
Tempo de leitura / Minutos: 06:12'							

Observações:

B2 inicia a leitura pelo texto em escrita fácil, repetindo a linha lendo os signos em SPC.

Cerca de 4 minutos depois já lê exclusivamente os signos e acrescenta nessa leitura as preposições, artigos e contrações.

Revela grande sentido de humor e detém-se por isso mais em alguns signos que noutros, a apreciá-los. Por exemplo: “Gosto do lembrada! (pág. 5, 1ª linha)”; ou: “Os pobres estão tesos! (pág. 9, 1ª linha)” e acrescenta, recuperando uma memória emocional [C b]]: “Como se usa na gíria estudantil!”. B2 foi estudante de Coimbra e o vocábulo “tesos” só era admitido no seu tempo entre os estudantes; uma senhora não devia proferir esse termo.

O sentido de humor é também manifesto quando, ao ler sobre o Milagre das Rosas, na pág. 9, 1ª linha, observa: “Agora não sei se quando o marido deixou de olhar ficaram pães outra vez!”

Troca o verbo “É”, pela conjunção coordenativa “e” (pág. 10, 1ª linha).

Indicou sempre os signos SPC: ora usou o indicador para se orientar nas linhas, ou ainda para se deter a apreciar os signos.

B2							
ESTÓRIA 1: <i>Isabel, a rainha das rosas</i>				LEITURA: Texto em escrita fácil – 2.3.1.2.b)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	1	SORRI / RI	Descontraído	1	2
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3		CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	1		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	1
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	1
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	3		Os símbolos SPC	8	58
	Não	9	1	OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	
CONEXÕES	Sim	10	4		DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10
	Não	11		Braços relaxados		11	1
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12		POSTURA	Pernas relaxadas	12	1
	Não	13			Curvado (tensão)	13	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14		POSTURA	Chegar à frente	14	1
	Texto adaptado em SPC	15	1		Reação de impaciência	15	
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	04'04''
	Emocionais	b)	1	Iniciativa	b)		04'04''
Tempo de leitura / Minutos: 04'04''							

Observações:

B2 referiu que gostou de ler a estória em SPC pois tinha piada, era “a história contada aos quadrinhos!”.

B2 fez esta leitura só através dos signos SPC.

Reinventou a história, conforme ANEXO XX (transcrição da leitura sobre o livro adaptado em SPC)

Fez conexões, acrescentou dados.

Só com o estímulo da investigadora quanto ao signo do agradecimento da refeição (pág. 11, 1ª linha) confirmou que se rezava a agradecer e acrescenta que era no início e no final da refeição [C b)].

B2							
ESTÓRIA 2: <i>Dona Berinda, do Bispo Francisco</i>				LEITURA: Texto em escrita fácil – 2.3.2.1.			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	1	SORRI / RI	Descontraído	1	
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3		CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	1		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8			Os símbolos SPC	8	
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	
CONEXÕES	Sim	10		DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11		POSTURA	Braços relaxados	11	1
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12			Pernas relaxadas	12	1
	Não	13			Curvado (tensão)	13	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14		Chegar à frente	14		
	Texto adaptado em SPC	15		Reação de impaciência	15		
MEMORIA DE VIDA C				MEMORIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	01'23''
	Emocionais	b)		Iniciativa	b)		00'00''
Tempo de leitura / Minutos: 01'23''							

Observações:

Durante a leitura do texto em escrita fácil B2 não se distrai, nem faz comentários.

Lê pausadamente, com entoação.

No final da leitura, questionada sobre que estória leu, respondeu: “É a história desta berlinda. É ela própria que a está a contar”.

B2							
ESTÓRIA 2: <i>Dona Berlinda, do Bispo Francisco</i>				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.3.2.2.a)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	1	SORRI / RI	Descontraído	1	5
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3	1	CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4			Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	1
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	7		Os símbolos SPC	8	27
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	12
CONEXÕES	Sim	10	7	DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11			POSTURA	Braços relaxados	11
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12		Pernas relaxadas		12	1
	Não	13		Curvado (tensão)		13	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14		Chegar à frente		14	
	Texto adaptado em SPC	15		Reação de impaciência		15	
MEMORIA DE VIDA C				MEMORIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	05'17''
	Emocionais	b)	1	Iniciativa	b)		05'17''
Tempo de leitura / Minutos: 05'17''							

Observações:

B2 começa por fazer a leitura do texto adaptado em SPC da Estória 2 descrevendo os signos: “Aqui temos a D. Berlinda, e ali o Bispo Francisco (pág. 2).

Ao ler a pág. 3 já não descreve as imagens mas continua a ler só os signos em SPC, explicando-os pontualmente.

Até à pág. 7 usa o dedo indicador virado de costas para a folha de modo a servir de régua, para a orientar na leitura dos signos, depois, pontualmente indica os signos, apontando.

Explica também que é a própria berlinda que conta a história.

Reinterpreta as frases: “Senteste-te voar” (ao ler “Senteste que voas”, pág. 6, 1ª linha) e acrescenta recordando: “Aquilo é uma maravilha, atrote por aí adiante! [C b]”

Observa também que, para definir moderna “pôs um carro potente, de corrida.”

E segue lendo e explicando: “Depois aqui diz-nos como é que ela é construída”.

Mais à frente, explica quem foi o patrão da berlinda, ainda antes de ler essa parte.

Adequa palavras “frente e retaguarda” para substituir “à frente e atrás” que estão no texto (pág. 12, 1ª linha).

Ao ler na pág. 13, 2ª linha “Estou há 100 anos no Museu para ajudar”, enquanto volta a folha deduz: “a compreender os transportes. Deve ser!”. Era o que estava escrito na folha seguinte.

De salientar que esta participante é conhecida pela família por ser muito preguiçosa e por estar prostrada depois da morte do marido, em setembro de 2015, daí que fosse provável não ter feito leitura continuada do texto durante a semana. Por outro lado, se o fez, teve aqui a iniciativa de falar.

B2							
ESTÓRIA 2: <i>Dona Berlinda, do Bispo Francisco</i>				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.3.2.2.b)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	1	SORRI / RI	Descontraído	1	1
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3		CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	1		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	1		Os símbolos SPC	8	2
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	4
CONEXÕES	Sim	10		DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11			Braços relaxados	11	
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12		POSTURA	Pernas relaxadas	12	
	Não	13			Curvado (tensão)	13	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)		Texto escrita fácil	14			Chegar à frente	14
	Texto adaptado em SPC	15			Reação de impaciência	15	
MEMÓRIA DE VIDA C					MEMÓRIA DE TRABALHO D		
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	03'24''
	Emocionais	b)		Iniciativa	b)		00'10''
Tempo de leitura / Minutos: 03'24''							

Observações:

Leu pausadamente e com entoação. Esteve focada todo o tempo da leitura.

No final, a investigadora perguntou a B2 se, ao falar na berlinda, se lembrava de alguma coisa na sua vida?

Respondeu que sim, das charretes de Cacia, de quando era pequena [C b)], que o Pai alugava, como um táxi, para ir buscar os amigos ao comboio que vinha do Porto.

Falou que nessa altura ainda não conduzia e a autora lembrou que sabe que B2 gostava muito de conduzir e aí começou uma recuperação de memória emocional [C b)] que demorou 3 minutos. Contou como e porquê o Pai lhe ofereceu o primeiro carro, a marca, a cor, etc.

Contou que o transformou para o capacitar com mais potência e que por isso os escapes estavam sempre a cair, mas nunca contou a ninguém.

Durante esses 4 minutos pós-leitura as frases tomaram-se longas, a articulação verbal ainda mais fluida, com grande exatidão de informação, associados a uma postura descontraída, de riso fácil e franco, olhar maroto, e iniciativa a contar as experiências.

No final, desafiou: “Qualquer dia vou conduzi-la (olhando de novo para a berlinda), vou aí dar uma volta na cidade”.

B2							
ESTÓRIA 3: <i>O Anjo que mostra a grande custódia: a Custódia do Sacramento</i>				LEITURA: Texto em escrita fácil – 2.3.3.1.			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^o	Frequência	Índices de Análise		Ref ^o	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	1	SORRI / RI	Descontraído	1	4
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3	1	CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	1		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	2		Os símbolos SPC	8	
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	2
CONEXÕES	Sim	10	2	DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11			Braços relaxados	11	1
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12		POSTURA	Pernas relaxadas	12	1
	Não	13			Curvado (tensão)	13	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14		POSTURA	Chegar à frente	14	1
	Texto adaptado em SPC	15			Reação de impaciência	15	
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	03'46''
	Emocionais	b)		Iniciativa	b)		00'45''
Tempo de leitura / Minutos: 03'46''							

Observações:

Mais uma vez B2 leu o texto com as pausas certas da pontuação e com a entoação adequada.

Entrecortou a leitura com algumas observações, a propósito do texto e da obra de arte abordada: a Custódia do Sacramento.

No final do 3º parágrafo, B2 acrescentou à frase a conjunção coordenativa “e” que não estava no texto, por lapso. Quando reforçada pela investigadora, dizendo que fez bem em acrescentar a conjunção, B2 respondeu: “Não fazia sentido de outra maneira”.

Ao minuto 02'27" ao ler o 5º parágrafo, na pág.2: “O Anjo olha para cima, para ver o brilho encantador da grande custódia”, B2 observa com ar maroto: “Na posição em que está não consegue ver bem! Tinha que virar mais a cabeça [para trás – e exemplifica imitando a posição da cabeça do anjo em relação à custódia, torcendo-se toda para trás e provando que o anjo não veria a custódia na posição em que está].

B2							
ESTÓRIA 3: <i>O Anjo que mostra a grande custódia: a Custódia do Sacramento</i>				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.3.3.2.a)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^o	Frequência	Índices de Análise		Ref ^o	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	1	SORRI / RI	Descontraído	1	2
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3		CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	1		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	1
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	2		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8			Os símbolos SPC	8	
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	8
CONEXÕES	Sim	10	2	DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11			POSTURA	Braços relaxados	11
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12		Pernas relaxadas		12	1
	Não	13		Curvado (tensão)	13		
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14		Chegar à frente	14		
	Texto adaptado em SPC	15		Reação de impaciência	15		
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	02'14''
	Emocionais	b)		Iniciativa	b)		00'15''
Tempo de leitura / Minutos: 02:14''							

Observações:

B2 realizou esta leitura da forma usual: pausadamente, com a entoação correta. Esteve atenta e descontráida todo o tempo da leitura.

Olhou algumas vezes para a custódia, no final de cada frase.

Não se percebe bem se está a orientar-se pelo SPC ou pelo texto em escrita fácil, em baixo.

Começou por reinterpretar o título: “O anjo que mostra a custódia: a grande custódia do Sacramento” (capa).

Ao ler a pág.5, 2ª linha, comenta: “ É do esforço!”

B2							
ESTÓRIA 3: <i>O Anjo que mostra a grande custódia: a Custódia do Sacramento</i>				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.3.3.2.b)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^o	Frequência	Índices de Análise		Ref ^o	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	1	SORRI / RI	Descontraído	1	1
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3		CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	1		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	1
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8			Os símbolos SPC	8	
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	5
CONEXÕES	Sim	10		DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11			Braços relaxados	11	
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12		POSTURA	Pernas relaxadas	12	
	Não	13			Curvado (tensão)	13	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14		POSTURA	Chegar à frente	14	
	Texto adaptado em SPC	15			Reação de impaciência	15	
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	02'04''
	Emocionais	b)		Iniciativa	b)		00'05''
Tempo de leitura / Minutos: 02'04''							

Observações:

Desta leitura de B2 nada há registar de relevante. Fez a leitura pausadamente e com entoação. Olhou de vez em quando para a peça tendo somente observado, ao minuto 06'22", a propósito do signo sobre os raios de prata (pág. 3, 2ª linha) que os raios "Dá para ver um bocadinho, mas estão muito escuros". Não fez mais observações, nem tomou a iniciativa de outros comentários.

B3							
ESTÓRIA 1: <i>Isabel, a Rainha das rosas</i>				LEITURA: Texto em escrita fácil – 2.4.1.1.			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	1	SORRI / RI	Descontraído	1	4
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3		CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4			Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	1
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8			Os símbolos SPC	8	
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	
CONEXÕES	Sim	10	2	DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11		POSTURA	Braços relaxados	11	
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12			Pernas relaxadas	12	
	Não	13		Curvado (tensão)	13		
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14		Chegar à frente	14	1	
	Texto adaptado em SPC	15		Reação de impaciência	15		
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	2'12''
	Emocionais	b)	1	Iniciativa	b)		1'00''
Tempo de leitura / Minutos: 02'12''							

Observações:

B3 não apresenta dificuldade a ler (tem problemas de visão, que supera com os óculos e uma boa iluminação).

Focada, presente, lê fluentemente, dando entoação às palavras, ênfase nos diálogos e olhando para quem está presente quando faz as pausas da pontuação.

Leu rapidamente, com a postura descontraída e um pouco chegada à frente.

Fez conexões, sorriu carinhosamente quando falou de Santa Clara e da filha morar naquela zona e comentou o quanto gosta de ir ver as árvores da Quinta das Lágrimas (02'32'') – era pintora amadora e tinha paixão por pintar árvores [C b]

B3							
ESTÓRIA 1: <i>Isabel, a rainha das rosas</i>				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.4.1.2.a			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	4	SORRI / RI	Descontraído	1	4
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3	1	CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4			Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	2
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	2
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	3		Os símbolos SPC	8	
	Não	9	1	OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	1
CONEXÕES	Sim	10	5	DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11			Braços relaxados	11	
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12		POSTURA	Pernas relaxadas	12	
	Não	13			Curvado (tensão)	13	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14		POSTURA	Chegar à frente	14	
	Texto adaptado em SPC	15	1		Reação de impaciência	15	
MEMORIA DE VIDA C				MEMORIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	10'15''
	Emocionais	b)	1	Iniciativa	b)		00'57''
Tempo de leitura / Minutos: 10'15''							

Observações:

Explica logo no início da leitura porque é que Isabel é a rainha das rosas: por causa do Milagre.

Quando lê a primeira vez sobre o rei acrescenta que D. Dinis era “O Lavrador,”

Leu maioritariamente os SPC.

Leitura fluída, muito rápida e entendível.

B3							
ESTÓRIA 1: Isabel, a rainha das rosas				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.4.1.2.b)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	1	SORRI / RI	Descontraído	1	3
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3	1	CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4			Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	1
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	2		Os símbolos SPC	8	
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	
CONEXÕES	Sim	10	4	DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11		POSTURA	Braços relaxados	11	1
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12			Pernas relaxadas	12	1
	Não	13		Curvado (tensão)	13		
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14		Chegar à frente	14	1	
	Texto adaptado em SPC	15	2	Reação de impaciência	15		
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	04'00''
	Emocionais	b)		Iniciativa	b)		04'00''
Tempo de leitura / Minutos: 04'00''							

Observações:

B3 esteve sempre focada.

Quis falar sobre os SPC, durante e depois da leitura: “Isto é lembrança? – acerca do símbolo ‘lembrar’ . “Que graça!”

Sobre a pintura, pergunta sempre: “Não chegaram a saber quem era o pintor?”.

Questionada sobre se os SPC ajudaram na leitura, respondeu: “Ajudou! Tenho pouca memória mas...”

B3							
ESTÓRIA 2: <i>Dona Berlinda, do Bispo Francisco</i>				LEITURA: Texto em escrita fácil – 2.4.2.2.			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	1	SORRI / RI	Descontraído	1	3
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3	1	CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4			Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	1
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8			Os símbolos SPC	8	
	Não	9		OLHAA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	3
CONEXÕES	Sim	10	3	DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11		POSTURA	Braços relaxados	11	1
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12			Pernas relaxadas	12	1
	Não	13			Curvado (tensão)	13	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14	2	POSTURA	Chegar à frente	14	
	Texto adaptado em SPC	15			Reação de impaciência	15	
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	4:00'
	Emocionais	b)	1	Iniciativa	b)		4:00'
Tempo de leitura / Minutos: 04:00'							

Observações:

B3 lê com grande fluidez verbal.

No final de cada frase olha para a investigadora, acompanhando a pausa da pontuação.

Vai lendo o texto e conferindo o que lê olhando para a peça.

Revela iniciativa constante: intervém, coloca questões, faz observações pertinentes.

Nesta leitura usou a sua experiência para comentar, na pág. 13, acerca da 1ª linha: “Para um coche, Coimbra é uma terra difícil!”.

Reflete sobre o que se diz., *e.g.* no final comenta que a Berlinda “é vaidosa mas, não sei se os outros carros são tão valiosos!...(01’40” do segundo filme)”.

B3							
ESTÓRIA 2: Dona Berlinda, do Bispo Francisco				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.4.2.2.a)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	1	SORRI / RI	Descontraído	1	5
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3	1	CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4			Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	1
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	3
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8			Os símbolos SPC	8	4
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	4
CONEXÕES	Sim	10	2	DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11			POSTURA	Braços relaxados	11
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12		Pernas relaxadas		12	1
	Não	13		Curvado (tensão)		13	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)		Texto escrita fácil	14			Chegar à frente	14
	Texto adaptado em SPC	15	2	Reação de impaciência		15	
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	04'58''
	Emocionais	b)	2	Iniciativa	b)		00'20''
Tempo de leitura / Minutos: 04'58''							

Observações

B3 reagiu muito positivamente quando recebeu o livro com a Estória 2 adaptada para SPC: “Ah! Vem fazer uma viagem!”

É rápida a ler, no entanto, troca algumas palavras.

Diz que prefere ler o texto em escrita fácil, por debaixo dos pictogramas, porque não vê bem as imagens. Pouco depois avalia as imagens enquanto lê o texto, o que quer dizer que está a vê-las enquanto lê.

Ao ler que a Berlinda afirma que é muito moderna, olhando para a imagem em SPC – um Ferrari – B3 observa: “Um Ferrari!” e indica a berlinda: “Tem mais vista que um Ferrari!”

Esteve focada durante toda a leitura, tomando por breves instantes, mais do que uma vez, a iniciativa de estabelecer conexões ou comentar aquilo de que se lembra acerca da leitura inicial do texto em escrita fácil [C b)].

Normalmente, lê uma linha e olha para a investigadora, como quem está a fazer uma leitura para uma plateia.

Na última linha, ao ler: “Como eu, que sou a Dona Berlinda!”, imita a personagem e faz o gesto no peito como se estivesse a falar de si.

Acaba a leitura observando que “ Mais ou menos estava decorado, mas pelas minhas palavras”.

B3							
ESTÓRIA 2: <i>Dona Berlinda, do Bispo Francisco</i>				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.4.2.2.b)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^a	Frequência	Índices de Análise		Ref ^a	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	5	SORRI / RI	Descontraído	1	3
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3		CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	1		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	1
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	1
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	3		Os símbolos SPC	8	
	Não	9	2	OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	5
CONEXÕES	Sim	10	7		DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10
	Não	11		POSTURA		Braços relaxados	11
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12	1		Pernas relaxadas	12	
	Não	13		Curvado (tensão)	13		
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14		Chegar à frente	14		
	Texto adaptado em SPC	15	4	Reação de impaciência	15		
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	
	Emocionais	b)	1	Iniciativa	b)		01'55''
Tempo de leitura / Minutos: 06'40''							

Observações:

Nesta leitura, B3 na pág. 3, linha 1, respondeu à personagem da estória: “Já sabemos!”

De seguida fez um aparte e conta que esteve muito tempo para se recordar do nome da peça. Questionada porque não pegou no livro, disse que queria treinar sem ele.

Noutra passagem, comenta a atitude de vaidade da Berlinda. Como se quisesse representar e interagir com a protagonista da estória.

Alterna a leitura entre os dois registos: os pictogramas e o texto em escrita fácil, sendo complicado discernir qual dos dois está a seguir em alguns momentos da leitura. Comenta a certa altura: “Já olho mais para estes que para o texto (...) São mais fáceis!”

Sempre focada, tem frequentemente a iniciativa de contar partes da história antes de as ler, ou de reinterpretar excertos, e.g. na pág. 12, 2ª linha reinterpreta: “Pintado em várias cores”. Na pág. 14, 1ª linha, contou as cabeças representadas no pictograma e comentou: “Aqui tem quatro e quatro: oito. Conta o cocheiro!”[D b) e C b)]

Deslocou-se para demonstrar na cabine da berlinda o brasão do Bispo D. Francisco de Lemos, quando estava a referi-lo na leitura.

A leitura foi cortada com bastantes observações de B3, relativas à estória, por isso demorou mais do que os habituais 4/5 minutos.

B3							
ESTÓRIA 3: <i>O Anjo que mostra a grande custódia: a custódia do Sacramento</i>				LEITURA: Texto em escrita fácil – 2.4.3.1.			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^o	Frequência	Índices de Análise		Ref ^o	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1		SORRI / RI	Descontraído	1	3
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3		CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4	1		Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8			Os símbolos SPC	8	
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	4
CONEXÕES	Sim	10	1	DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11			Braços relaxados	11	
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12		POSTURA	Pernas relaxadas	12	
	Não	13			Curvado (tensão)	13	1
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14	5	POSTURA	Chegar à frente	14	
	Texto adaptado em SPC	15			Reação de impaciência	15	
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	03'18''
	Emocionais	b)		Iniciativa	b)		00'00''
Tempo de leitura / Minutos: 03'18''							

Observações:

B3 sabia exatamente o que é e para que serve uma custódia.

Não leu o título.

Realizou a leitura de forma articulada, cumprindo as frases curtas do texto mas sem a entoação, ou a energia que revelou em leituras anteriores.

Sorriu sem grande manifestação de alegria ou de entusiasmo.

Enquanto lia, olhou diretamente para a custódia quatro (4) vezes.

B3							
ESTÓRIA 3: <i>O Anjo que mostra a grande custódia: a custódia do Sacramento</i>				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.4.3.2.a)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^o	Frequência	Índices de Análise		Ref ^o	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	2	SORRI / RI	Descontraído	1	3
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3	1	CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4			Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8	2		Os símbolos SPC	8	51
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	5
CONEXÕES	Sim	10	4	DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10	
	Não	11			Braços relaxados	11	
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12		POSTURA	Pernas relaxadas	12	
	Não	13			Curvado (tensão)	13	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14	3	POSTURA	Chegar à frente	14	1
	Texto adaptado em SPC	15			Reação de impaciência	15	
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	07'40''
	Emocionais	b)	3	Iniciativa	b)		02'40''
Tempo de leitura / Minutos: 07'40''							

Observações:

B3 fala muito baixo.

Olha para o interlocutor no final da leitura de cada linha, sobretudo quando se trata do livro com o texto adaptado para SPC.

Iniciou a leitura guiando-se somente pelos pictogramas; a meio do tempo começou a ler o texto, confirmando sempre com as imagens e a partir do minuto 6' começou a ler as imagens. Sempre que lê somente os pictogramas, indica-os com o dedo.

Ao ler ver o pictograma relativo a “encantador”, na pág. 6, 1ª linha, refere que começou naquele dia a Primavera e apesar de estarmos em Março recorda: “Abril, águas mil!” (...) “A minha Avó sabia essas coisas” [C b)]. Pouco depois, na pág. 7, 2ª linha, ao ler “custódia” acrescenta: “Eu chamo-lhe a ‘Santa Custódia’ [C b)].”

Ao ver o pictograma com a foto do perfil da cidade de Coimbra (pág. 10, 1ª linha) revive: “Da minha casa, ex-casa, vê-se a Torre da Universidade [C b)].”

B3							
ESTÓRIA 3: <i>O Anjo que mostra a grande custódia: a custódia do Sacramento</i>				LEITURA: Texto adaptado em SPC – 2.4.3.2.b)			
EXPRESSÃO VERBAL A				EXPRESSÃO GESTUAL E CORPORAL B			
Índices de Análise		Ref ^o	Frequência	Índices de Análise		Ref ^o	Frequência
VOCABULÁRIO	Adequado	1	1	SORRI / RI	Descontraído	1	
	Inadequado (impreciso)	2			Nervoso	2	
TAMANHO DAS FRASES	Longas	3	1	CHORA	Alegria	3	
	Curtas	4			Tristeza	4	
	Monossílabos	5		GESTICULA	Com consistência motora	5	
ARTICULAÇÃO VERBAL	Sim	6	1		Sem consistência motora	6	
	Não	7		INDICA	A obra de arte	7	1
EXATIDÃO DA INFORMAÇÃO	Sim	8			Os símbolos SPC	8	38
	Não	9		OLHA/ACENA	Em direção à obra de arte	9	4
CONEXÕES	Sim	10	1		DESLOCA-SE	Em direção à obra de arte	10
	Não	11		POSTURA		Braços relaxados	11
REPETIÇÃO DE FINAIS DE FRASES DO INVESTIGADOR	Sim	12	1			Pernas relaxadas	12
	Não	13			Curvado (tensão)	13	
TROCA PERSISTENTE DE PALAVRAS (LEITURA)	Texto escrita fácil	14			Chegar à frente	14	1
	Texto adaptado em SPC	15	3		Reação de impaciência	15	
MEMÓRIA DE VIDA C				MEMÓRIA DE TRABALHO D			
Recuperação de experiências de vida	Factuais	a)		Atenção	a)	Minutos	05'50''
	Emocionais	b)		Iniciativa	b)		00'25''
Tempo de leitura / Minutos: 05'50''							

Observações:

B3 lê animada, embora se queixe que não está a ver bem.

Logo de início observa que “as duas coisas é que fazem a custódia”, ou seja, o conjunto do anjo e da custódia é que formam a Custódia do Sacramento.

Lê só os pictogramas, apoiando por vezes com a confirmação no texto em escrita fácil, que está abaixo.

Segundo B3” o Anjo tem a cara rosada do esforço que faz para segurar tão grande peso”.

Ao ler na pág. 10, 1ª linha “Veio para Coimbra” pergunta de imediato: “É para ficar cá?!” e remata: “Esta parede é dela!”

Questionada no final da leitura sobre a utilização dos SPC respondeu que sim e “Até porque eu não conhecia este código e é interessante (...) Estive a ver se percebia bem as imagens e foi fácil”.

B3 ouve mal (usa aparelhos mas de vez em quando nota-se que tem dificuldade a ouvir) e vê com dificuldade, sobretudo ao longe, apesar dos óculos estarem atualizados. Foi-lhe difícil perceber certos pormenores decorativos da Custódia do Sacramento.

Anexo 9: Estória 2 – *D. Berlinda, do Bispo Francisco*,
com reinterpretação pela participante B2 (2.2.a)

Leitura B2
2.3.2.2.a) | 1ª leitura SPC | 07.03,2016



Dona Berlinda, do Bispo Francisco



Mestrado de Educação Especial –
Domínio Cognitivo-motor | 2014 / 2016
2º Ano | Projeto – Dezembro de 2015
Orientadora: Prof. Doutora Célia Sousa
Discente: Virgínia Gomes

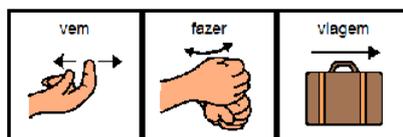


Museu Nacional de Machado de Castro



Dona Berlinda, do Bispo Francisco

Aqui temos a Dona Berlinda, e ali o Bispo Francisco



Vem fazer uma viagem!

Os símbolos para ir fazer uma viagem: Vem, fazer, e a mala de viagem.



Museu Nacional de Machado de Castro



2

Eu 	sou 	berlinda 	bispo 	Francisco 
---	--	---	--	--

Eu sou a berlinda do bispo Francisco.
 Eu sou berlinda bispo Francisco.

A 	minha 	avó 	nasceu 	Alemanha 	Prússia 
--	--	--	---	--	--

A minha avó nasceu na Alemanha, a antiga Prússia.
 A minha avó nasceu [o berço do nascimento] na Alemanha, na antiga Prússia.

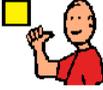




3

Eu 	sou 	carro 	antigo 	coche 	festa 	com 
---	--	--	---	--	--	--

Eu sou um carro antigo, coche de festa, com
 Eu sou um carro antigo um coche de festa com

correias de cabedal 	molas 	seguram 	minha 	cabine 	em cima 	rodas 
--	--	--	--	---	--	--

correias de cabedal e molas que seguram a minha cabine em cima das rodas.
 correias, molas que seguram a minha cabine em cima de rodas.





4

Na	minha	cabine	cabem	4	peças
----	-------	--------	-------	---	-------

Na minha cabine cabem quatro pessoas.
Depois diz que na cabine da Berlinda cabem quatro pessoas.

Traz	mais	três	amigos
------	------	------	--------

Traz mais três amigos!
Como ele [a quem se dirige a estória] é uma pessoa só, diz-lhe para trazer mais três amigos!



5

Dentro	minha	cabine	sentem	voas
--------	-------	--------	--------	------

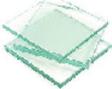
Dentro da minha cabine sentem que voas!
Depois diz que dentro da cabine da Berlinda sentem-te voar! [Aquilo é uma maravilha, não é? A trote, por aí fora!]

Sou	muito	moderna
-----	-------	---------

Sou muito moderna!
Diz que é muito moderna!



6

Sou	construída	madeira	ferro	cabedal	vidro
					

Sou construída em madeira, ferro, cabedal e vidro.
 Aqui diz pelo que é que ela é constituída: por madeira, ferro, cabedal e vidro.

Dentro	sou	feita	tecidos vermelhos
			

Por dentro sou feita de tecidos vermelhos.
 Dentro sou feita de tecidos vermelhos.

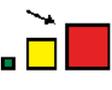




7

Tenho	quatro	rodas	duas	mais	pequenas	à frente
	4		2			

Tenho quatro rodas, duas mais pequenas à frente
 Depois a Berlinda diz que tem quatro rodas, duas mais pequenas

duas	muito	grandes	atrás
2			

e duas muito grandes atrás.
 e duas maiores. As mais pequenas são à frente e as maiores são atrás.





8

Tenho	à frente	um	banco
-------	----------	----	-------

Tenho à frente um banco
Diz que tem à frente um banco

homem	conduz	cavalos	para	eu	andar
-------	--------	---------	------	----	-------

do homem que conduz os cavalos para eu andar.
do homem que conduz os cavalos para ela andar.

9

Há muitos anos	five	um	patrão	bispo	Coimbra
----------------	------	----	--------	-------	---------

Há muitos anos tive um patrão que foi bispo de Coimbra
Há muitos anos teve um patrão bispo de Coimbra, era o Bispo francisco.

nome	Francisco de Lemos	Era	muito	importante	fez	construir
------	--------------------	-----	-------	------------	-----	-----------

com o nome de Francisco de Lemos. Era muito importante e fez construir
Com o nome de Francisco de Lemos. Era muito importante e fez construir

10

multos	edifícios	Universidade	Coimbra
--------	-----------	--------------	---------

muitos edifícios da Universidade de Coimbra.
muitos edifícios novos na Universidade de Coimbra.

Para	eu	lembrar	dele	fez	colocar
------	----	---------	------	-----	---------

Para eu me lembrar dele fez colocar
Para eu me lembrar dele fez colocar



11

brasão	na	minha	cabine
--------	----	-------	--------

o seu brasão na minha cabine,
na frente e na retaguarda o seu brasão, na minha cabine,

pintado	verde	vermelho	dourado
---------	-------	----------	---------

pintado a verde, vermelho e dourado.
pintado a verde, vermelho e dourado.



12

Já	fiz	muitas viagens	ruas	inclinadas	Coimbra
----	-----	----------------	------	------------	---------

Já fiz muitas viagens nas ruas inclinadas de Coimbra.
Já fez muitas viagens nas ruas inclinadas de Coimbra.

Estou	cem anos	Museu Nacional de Machado de Castro	para	ajudar
-------	----------	-------------------------------------	------	--------

Estou há cem anos no Museu para ajudar
Estou há cem anos no Museu Machado de Castro para ajudar [a compreender os transportes, deve ser!]

13

peças	compreender	transportes	patrão	este	Museu Nacional de Machado de Castro
-------	-------------	-------------	--------	------	-------------------------------------

as peças a compreender os transportes, o meu patrão e este Museu,
as peças a compreender os transportes, o meu patrão e este Museu,

melhor	como	eu	D. Berlinda
--------	------	----	-------------

que é o melhor, como eu, Dona Berlinda!
que é o melhor, como eu, Dona Berlinda!

14

Ficha de versão SPC

Ficha Técnica

Título

"Dona Bertinda, do Bispo Francisco"

Texto a partir da bertinda (coche de gala) do século XVIII, com o brasão de D. Francisco de Lamos | Proveniente do Paço Episcopal | Museu Nacional de Machado de Castro | MNMC7350

Autor

Virgínia Gomes

Créditos fotográficos

João Paulo Ruas – ADF / DGPC

Ana Alcolorado – MNMC

Raul Mendes – MNMC

Tradução e adaptação para pictogramas (SPC)

Virgínia Gomes

Communication Symbols, 1981-2002,

Mayer-Johnson, Inc.

All rights reserved. Used with permission.

Mayer-Johnson, Inc.

PO Box 1579

Solana Beach, CA 92075

USA

Ph: [858-550-0084](tel:858-550-0084)

Fax: [858-550-0449](tel:858-550-0449)

www.mayer-johnson.com

maverj@johnson.com



Museu Nacional de Machado de Castro



Anexo 10: Imagens dos Participantes, durante as leituras



A1 durante a primeira leitura em SPC da Estória 2 – *Dona Berlinda, do Bispo Francisco* (2.2.a).



B1 a assinalar a cobertura de cabedal da Berlinda, durante a primeira leitura em SPC da Estória 2 – *Dona Berlinda, do Bispo Francisco* (2.2.a).



B2 a admirar o retábulo da Estória 1 – *Isabel, a rainha das rosas* (1.1.).



B3 durante a segunda leitura em SPC da Estória 3 – *O Anjo que mostra a grande custódia – a Custódia do Sacramento* (3.2.b).